



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA – USFB
CENTRO DE FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTADO E SOCIEDADE**

Roberto do Amaral Santos Júnior

**INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS NO
MUNICÍPIO DE PORTO SEGURO, BAHIA, BRASIL:
DEFICIENTES OU DIFERENTES?**

Porto Seguro
2021

ROBERTO DO AMARAL SANTOS JÚNIOR

**INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS NO
MUNICÍPIO DE PORTO SEGURO, BAHIA, BRASIL:
DEFICIENTES OU DIFERENTES?**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, como requisito do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES), na linha Sociedade, Cultura e Ambiente, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Christianne Benatti Rochebois.

Porto Seguro
2021

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia – Sistema de Bibliotecas

S237i Santos Junior, Roberto do Amaral, 1982 -
Interações sociais de não surdos com surdos no município de Porto
Seguro, Bahia, Brasil: deficientes ou diferentes? / Roberto do Amaral
Santos Junior. – Porto Seguro, 2021.
239 f.

Orientadora: Christiane Benatti Rochebois
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Sul da Bahia.
Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade. Campus
Sosígenes Costa.

1. Deficiência. 2. Diferença. 3. Interações Sociais. 4. Porto Seguro, BA.
5. Surdos. I. Rochebois, Christiane Benatti. II. Título.

CDD – 362.42

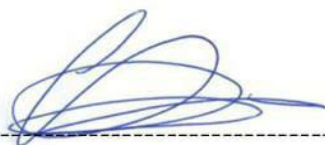
ROBERTO DO AMARAL SANTOS JÚNIOR

**INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS NO
MUNICÍPIO DE PORTO SEGURO, BAHIA, BRASIL:
DEFICIENTES OU DIFERENTES?**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, como requisito do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES), na linha Sociedade, Cultura e Ambiente, para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 05 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra Christianne Benatti Rochebois (UFSB / PPGES)
Presidente da banca



Prof^a. Dra. Lilian Reichert Coelho (UFSB / PPGES)
Membra interna



Prof^a. Dra. Michelle Nave Valadão (UFV)
Membra externa

DEDICATÓRIA

À inteira comunidade surda, sem fronteiras.

AGRADECIMENTOS

À Jeová Deus, que deu aos humanos a capacidade de pensar e discernir o melhor modo de viver e que promete acabar com todas as formas de injustiça em breve, por meio de seu Reino, sob a administração de seu Filho, Cristo Jesus;

À Organização das Testemunhas de Jeová, através da qual passei a conhecer e me aproximar das pessoas surdas;

Aos surdos e surdas, que tanto admiro, especialmente àqueles que dividiram comigo suas vivências, as quais tornaram possível esta pesquisa;

À minha querida esposa Jennifer, que me apoiou em todos os momentos nesta trajetória;

Aos meus pais, que me proporcionaram uma educação secular e me apresentaram a verdadeira educação superior – a divina;

À professora Christianne, que abraçou comigo este desafio;

Enfim, àqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para que eu chegasse até aqui.

SANTOS JÚNIOR, R. A. **Interações sociais de não surdos com surdos no município de Porto Seguro, Bahia, Brasil: Deficientes ou diferentes?** Dissertação de mestrado em Estado e Sociedade pela Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB/PPGES/CSC, Porto Seguro, 2021.

RESUMO

Esta pesquisa investiga as interações sociais de não surdos com surdos na cidade de Porto Seguro/BA, Brasil. São elas, culturalmente, deficientes ou diferentes? A resposta está ligada ao ponto de vista adotado sobre a pessoa surda e se revela no desenrolar destes acontecimentos no cotidiano. O estudo parte das duas perspectivas sobre os indivíduos com surdez que mais se destacam na atualidade: a da deficiência e a da diferença. Considera os debates contemporâneos em torno da surdez e dos com surdez (1) dispondo os pilares que sustentam os pontos de vista da deficiência e da diferença, (2) discorrendo sobre a importância da língua de sinais nas interações linguísticas, sociais e culturais dos surdos e (3) destacando as principais barreiras às interações sociais de não surdos com surdos. Posteriormente, descreve as interações sociais cotidianas de moradores surdos com os não surdos em cenários de constantes trocas no mundo social, como no ambiente familiar, na instituição de ensino, no local de trabalho e em estabelecimentos locais, públicos ou privados. Em seguida, considerando estas ocorrências, analisa: (1) as recepções experimentadas pelos surdos, (2) as estratégias de comunicação adotadas pelos surdos e não surdos, (3) e as percepções dos entrevistados sobre suas vivências com não surdos na localidade. Na conclusão, a presente investigação verificou que os não surdos agem com desconhecimento ou conhecimento parcial das singularidades culturais dos surdos. É um exame qualitativo, aplicado e exploratório, ancorando no campo dos Estudos Surdos, viés dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: Deficiência. Diferença. Interações sociais. Porto Seguro/BA. Surdos.

SANTOS JÚNIOR, R. A. **Social interactions of non-deaf with deaf in the Porto Seguro city, Bahia, Brazil: Disabled or different?** Master thesis in State and Society from the South Bahia Federal University– UFSB/PPGES/CSC, Porto Seguro, 2021.

ABSTRACT

This research investigates the social interactions of the non-deaf with the deaf in Porto Seguro city/BA, Brazil. Are they culturally deficient or different? The answer is linked to the point of view accepted on the deaf person and is revealed through the everyday events. The study starts from the two perspectives on deaf people, that stand out the most today: that of disability and that of difference. It considers contemporary debates around deafness and the deaf (1) showing out the pillars that support the points of view of disability and difference, (2) discussing the importance of sign language in linguistic, social and cultural interactions of the deaf and (3) highlighting the main barriers to social interactions between non-deaf and deaf people. Posteriorly, it describes the daily social interactions of deaf residents with the non-deaf in scenarios of constant interchange in the social world, such as in the family context, in the educational institution, in the workplace and in local, public or private establishments. Then, considering these occurrences, it analyzes: (1) the receptions experienced by the deaf, (2) the communication strategies take in by the deaf and non-deaf, (3) and the interviewees' perceptions about their experiences with non-deaf people in the locality. In conclusion, the present investigation found that the non-deaf act with ignorance or partial knowledge of the deaf cultural singularities. It is a qualitative, applied and exploratory examination, anchoring in the Deaf Studies area, bias of Cultural Studies.

Keywords: Disability. Difference. Social interactions. Porto Seguro / BA. Deaf.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01:	O autor e seu encontro com os surdos	17
Quadro 02:	Algumas representações do outro ouvinte para os surdos	72
Quadro 03:	Especificações desta pesquisa	81
Quadro 04:	Esquema utilizado no roteiro de entrevista para associar os recursos de comunicação mais utilizados pelos surdos em suas interações sociais com grupos de não surdos	89
Quadro 05:	Perfis dos participantes da pesquisa	96
Quadro 06:	Resultado global dos recursos para comunicação mais utilizados pelos surdos em suas interações sociais com não surdos	97
Quadro 07:	Recomendações e almejos dos surdos em Porto Seguro/BA, Brasil, para suas interações sociais com não surdos	145

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASI	Aparelho de Amplificação Sonora Individual
AESOS	Associação Educacional Sons no Silêncio
BA	Bahia
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CODA	<i>Children of Deaf Adult</i>
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FENEIDA	Federação de Educação e Integração do Deficiente Auditivo
Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Implante Coclear
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PROLIBRAS	Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras
SODA	<i>Sibling of Deaf Adult</i>
TILS	Tradutor e intérprete da Língua de Sinais
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 JUSTIFICATIVA	19
1.2 DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS	22
1.2.1 Objetivo Geral	22
1.2.2 Objetivos Específicos	23
2 SINGULARIDADES DOS INDIVÍDUOS COM SURDEZ: DISCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS	24
2.1 PELA VIA DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA: O XAROPE PARA UMA GRIPE	24
2.2 PELA VIA DA DIFERENÇA CULTURAL E IDENTITÁRIA SURDAS: SOCIÁVEIS A QUE PONTO?	31
2.3 A LÍNGUA DE SINAIS: MEIO NATURAL PARA AS INTERAÇÕES LINGUÍSTICAS, SOCIAIS E CULTURAIS DOS SURDOS	45
2.4 DESAFIOS ÀS INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS: O ESTIGMA AINDA HEGEMÔNICO	63
3 PERCURSOS METODOLÓGICOS	80
3.1 ESPECIFICAÇÕES DESTA PESQUISA	81
3.2 SELEÇÕES DO OBJETO DE ESTUDO E DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	84
3.3 ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA	88
3.4 MOSTRA E ANÁLISE DOS DADOS	91
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS	94
4.1 VIVÊNCIAS SURDAS DE INTERAÇÕES SOCIAIS COM NÃO SURDOS EM PORTO SEGURO - BA, BRASIL	99
4.1.1 No ambiente familiar	100
4.1.2 Na instituição de ensino	104
4.1.3 No local de trabalho	109
4.1.4 Nos estabelecimentos locais, públicos e privados	113
4.2 INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS EM PORTO SEGURO- BA, BRASIL: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA CULTURAL	125
4.2.1 As recepções experimentadas pelos surdos	126
4.2.2 As estratégias de comunicação adotadas pelos surdos e não surdos	132
4.2.3 As percepções dos entrevistados sobre suas vivências com não surdos na localidade	139
4.2.4 Deficientes ou diferentes?	146
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	152
APÊNDICES	161
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	161
APÊNDICE B – TERMO DE ANUÊNCIA	163
APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DO SERVIÇO DE PSICOLOGIA	164
APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES	165
APÊNDICE E – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S1	167
APÊNDICE F – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S2	176

APÊNDICE G – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S3	185
APÊNDICE H – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S4	189
APÊNDICE I – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S5.....	198
APÊNDICE J – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S6	205
APÊNDICE L – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S7.....	213
APÊNDICE M – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S8	223
APÊNDICE N – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S9	230

1 INTRODUÇÃO

“Surdez? Não conheço nenhuma pessoa surda. Nunca pensei muito sobre isso. Não há nada de interessante na surdez, há?”. Essa teria sido minha própria resposta alguns meses atrás”. – Sacks, [1989] 2010, p.15.

As palavras acima, citadas pelo pesquisador Olivier Sacks, revelam a estranheza, a ignorância e a indiferença em torno da surdez e da pessoa com surdez que permeavam a maior parte da sociedade nos anos 80. Mas, afinal, os surdos são deficientes ou diferentes? Até o presente, estas abordagens em torno das pessoas surdas coexistem e são discutidas, gerando não apenas estudos, mas, também, formas de olhar e interagir socialmente com elas. A primeira perspectiva parece a mais lógica, num primeiro momento. A segunda requer, logicamente, um pouco mais de atenção!

Pensar esta questão se faz ainda necessário uma vez que as representações e os imaginários sociais guiam os comportamentos e as ações humanas nos contatos com sujeitos ou grupos sociais. Assim, as práticas sociais se dão à base das crenças, dos costumes e dos valores legitimados, em determinada época, pela ordem social. Então, a sociedade funciona em torno do sentido que atribui àquilo com que se relaciona (THOMA, 2013). A difusão social de ideias tidas como legítimas produz uma rede imaginária construída historicamente. E, muitas vezes, enquanto seres sociáveis, nossos contatos são guiados quase de forma automática pelas ideias prevalecentes a respeito de um indivíduo ou de sua coletividade.

Num raciocínio similar, Sá (2010) aponta que a sociedade é permeada por mecanismos de relações de poder e conhecimento, afirmando que “são estas relações que determinam quem deve ser “incluído”, quem deve ser “excluído”, quem deve ser considerado “anormal”, quem deve “falar” e quem deve “calar”” (p. 306). Segundo a autora, o ordenamento social é traçado pela sociedade à base de um sistema de representações – formas de atribuição de sentido a um objeto. Estas representações são modeladas pelos sistemas linguístico e cultural predominantes (p. 308). Por esses olhares, “significamos as pessoas, os outros, os objetos, as relações e até a nós mesmos”. Consequentemente, “as relações sociais são regidas por significados e interpretações. E esses significados são justamente o que dá forma e sentido à vida em sociedade” (p. 323). Portanto, “as representações geram consequências na vida dos nominados, dos enunciados, dos representados” (p. 324).

Por conseguinte, as interações sociais que vivemos são constantemente orientadas, de forma consciente ou não, por uma associação entre o saber e o poder, que geram representações predominantes na sociedade. Entendemos aqui “saber” como o conjunto de conhecimentos que significam e interpretam os envolvidos nestas relações dando origem a ideias sobre eles – às representações. Já o “poder”, se refere à capacidade de imposição social dessas ideias – dessas representações. Este poder pode ser exercido por agentes centrais ou difusos na sociedade. As ideias assim geradas e difundidas criam representações que moldam o imaginário e as práticas sociais.

Neste sentido, Skliar e Quadros (2000) alertam para a naturalização de algumas construções discursivas onde o outro, muitas vezes desconhecido, se torna um repositório de todos os males e um portador das “falhas” sociais. “Este tipo de pensamento supõe que a pobreza é do pobre, a violência, do violento, o fracasso escolar, do aluno, a deficiência, do deficiente” (p. 6).

Inferimos, a partir dessas considerações iniciais, que a configuração/ordem social se estabelece pelas representações sociais vigentes – geradas pelas crenças, costumes e valores legitimados. Estas ideias circulam e podem se tornar hegemônicas à medida que a sociedade prefere esses significados em detrimento de outros. Esse processo pode resultar em estigmatizar e alienar socialmente indivíduos ou grupos que não correspondem ao padrão social estabelecido.

Considerando este encadeamento, aos surdos¹ foram e são atribuídas ideias preconcebidas e empobrecidas que geraram e geram estereótipos e, conseqüente, discriminação social. Segundo Perlin (2013, p. 55), “o discurso de poder do ouvinte² mantém-se firme e controla estes estereótipos [...]. Qualquer comportamento negativo de sua parte

¹ Neste trabalho usamos os termos “pessoa surda”, “sujeito surdo” e “surdo/a” para nos referir àquele/a que vivencia uma medida de não audição que o/a impede de adquirir naturalmente a língua oral/auditiva da comunidade ouvinte majoritária e que não a utiliza preferencialmente em seus contatos sociais. Ele/a interage com o mundo social especialmente por meio da visualidade. Aprende uma língua de sinais, considera-a como sua primeira língua e a usa predominantemente para se expressar. Sua construção identitária se baseará principalmente nesta diferença, levando-a a desenvolver estratégias cognitivas e manifestações comportamentais e culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem. “Surdo/a” é palavra utilizada por preferência da própria pessoa surda e, ao contrário do que possa parecer, não soa depreciativa, nem ofensiva. Já a expressão “pessoa com surdez” está pontualmente empregada no sentido biológico, para qualquer indivíduo que tenha dificuldade em captar sons, em algum grau, que o leve a ser considerado um deficiente auditivo.

² Para efeitos deste trabalho fazemos referência aos ouvintes utilizando a definição em Quadros (2019, p. 34). “Ouvinte” é a pessoa não surda. O termo se refere aos que não são surdos biológica ou culturalmente e “também pode ter uma conotação de não pertencimento à comunidade surda no sentido de oposição”.

provoca distorções e estereótipos dentro de uma situação de dominação”. Esse quadro, que repercute ainda em nossos dias, tem raízes históricas no ouvintismo³.

Contemporaneamente, duas diferentes formas de conceber a surdez se destacam: de um lado, patologicamente – na qual se focaliza um deficiente com o mal da perda auditiva que deve ser reparado – e de outro, culturalmente – onde é encarada como traço distintivo atrelado ao uso de uma língua gestual-visual. Pelo olhar milenário, voltado a uma deficiência focada na disfunção auditiva, os com surdez são encarados como desvalidos e impossibilitados de viver de forma completa em sociedade, nesta condição. Noutra perspectiva, mais recente, que corresponde a da diferença, são percebidos com traços culturais singulares, podendo viver plenamente em sociedade – sujeitos completamente comunicáveis, capazes e sociáveis.

Com este novo horizonte aberto, o tema da surdez, anteriormente quase que exclusivo das áreas científicas médicas, como a da Fonoaudiologia, ganha discussões voltadas para as outras áreas como a da Educação, da Linguística, da Antropologia e da Sociologia. Estas novas práticas discursivas ganham impulso, historicamente, com os chamados Estudos Culturais. Este campo teórico se desenvolveu em meados do século XX, na Universidade de Birmingham, Inglaterra, quando da criação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, estando entre seus primeiros diretores o teórico cultural Stuart Hall. As primeiras análises produzidas questionavam a compreensão de “cultura” que predominava na literatura britânica da época. A ideia era problematizar os conceitos hierarquizantes entre as culturas popular e erudita. A partir de então, rompeu-se com a visão discriminatória sobre a concepção de cultura em busca de abranger e valorizar os significados e as práticas culturais ocorridas nos contextos sociais de pessoas ou grupos comuns. Assim, o tema da cultura passou a ser tratado de um espectro mais amplo - o popular (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003). No campo dos Estudos Culturais, portanto, a cultura é “uma ferramenta de transformação, de percepção, da forma de ver diferente, não mais de homogeneidade, mas de vida social constitutiva de jeitos de ser, de fazer, de compreender e de explicar” (STROBEL, 2018, p. 23).

³ O ouvintismo alude a um tipo de relação entre ouvintes/não surdos e surdos. Nela, o ouvinte sempre está em posição de superioridade em comparação ao outro com surdez. Para Skliar (2013, p. 15) trata-se de “um conjunto de representações de ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte...; é nesse olhar, e neste narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte”. Assim, o ouvinte ou não surdo, a quem nos referimos nesta pesquisa, “estabelece uma relação de poder, de dominação em graus variados, onde predomina a hegemonia através do discurso e do saber” (PERLIN, 2013, p. 59). O ouvintismo, posto assim, pode ser praticado discursiva ou atitudinalmente, quer as partes envolvidas nesta relação se apercebam ou não disso.

O campo dos Estudos Surdos é considerado uma ramificação dos estudos culturais mais recentes por tratar questões pertinentes à formação cultural e identitária dos com surdez, o que conduz a discussões sobre os diferentes aspectos de seu desenvolvimento social. Configura-se, desta forma, como uma área multi e interdisciplinar. Desenvolve-se com os movimentos sociais de pessoas surdas, impulsionados pelas pesquisas desenvolvidas e influenciadas pela nova teoria cultural. Neste prisma, objetivam a compreensão em torno da pessoa surda, dando-lhe visibilidade social ao desnudar as relações de poder que resultam em opressão e exclusão para elas. A Universidade Gallaudet, inaugurada em 1857 e localizada em Washington, D.C., Estados Unidos, se destaca na atualidade, como um dos principais centros de pesquisa e difusão desses estudos. Mesmo que a maioria das pesquisas nesta esfera se concentre na área da Educação⁴, outras demandas sociais afins são investigadas. Estes trabalhos vêm desconstruindo binarismos e estereótipos sobre a surdez pela veia da diferença cultural (ROMÁRIO, 2018).

Desse modo, dos movimentos acadêmicos que produziram novas teorias através dos Estudos Culturais, os estudos contemporâneos sobre a surdez e os surdos trouxeram reflexões que inovaram os olhares sobre as pessoas surdas. A partir dos estudos voltados para elas, uma perspectiva cultural, antropológica, reinterpreta sua condição – não mais pelo corpo danificado, mas como via para compreendê-las integralmente. Com eles, dá-se um início gradual a uma transformação socioideológica, trazendo à tona uma visão sociocultural que critica a hegemonia normalizadora e corretiva (SKLIAR, 2013).

No Brasil, há cerca de quatro décadas, a ideia conceitual de uma cultura surda ganha um caráter mais científico e legítimo. A partir de então, os com surdez ali também começaram a ser observados de um ponto de vista socioantropológico - pautado na noção de serem diferentes, contrário a uma visão clínico-terapêutica, ainda predominante e que trata a estes como deficientes – buscando remediar a disfunção auditiva. A experiência da surdez passa a ser observada, não como deficiência – que define estes indivíduos como doentes e sofredores, mas como traço cultural, tem uma língua de sinais como elemento marcante (MONTEIRO, 2006).

Dessa maneira, sabendo que os com surdez são observados por diferentes ângulos na sociedade, que esse olhar se reflete na forma em que são tratados nas suas interações sociais cotidianas com não surdos e que o tratamento dado a eles, nestas ocasiões, influi

⁴ Muitos trabalhos dizem respeito a questões linguísticas, como a aquisição de linguagem dos surdos e o direito a uma educação bilíngue. Por esta razão, e levando em conta a linha do PPGES, localizamos autores/as brasileiros que caminharam mais detalhadamente pelo tema da cultura surda em suas obras e os citamos mais vezes como referências neste trabalho. São eles Gesser, Gomes, Nacagawa, Sá, Skliar e Strobel.

significativamente na sua vida social, esta pesquisa se propõe investigar as interações sociais de não surdos com surdos adultos, usuários da Língua Brasileira de Sinais, no município de Porto Seguro/BA, Brasil. Podemos considerar que elas culturalmente são deficientes ou diferentes?

Mas antes, convém explicar, brevemente, a rota que nos conduziu à presente pesquisa. De onde fala um dos pesquisadores? Julgamos importante informar, uma vez que “a cada recomeço, não podemos pressupor e exigir que todos saibam onde estamos e de onde falamos, saibam em que paradigma nos movimentamos, saibam quais são as peças do nosso quebra-cabeça” (VEIGA-NETO, 2007, p. 46). Segue, portanto, uma breve apresentação de sua trajetória, em suas palavras, no quadro abaixo:

Quadro 01 - O autor e seu encontro com os surdos

Cheguei a esta cidade conterrânea, vindo de Salvador, em 2013. Atualmente atuo como professor de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos e como tradutor/intérprete de Libras. Muitos me perguntam como entrei em contato com a Língua Brasileira de Sinais e com os surdos. Digo que, na minha adolescência, tive um amigo, irmão de uma surda. Ele e sua família ainda não conheciam uma língua de sinais. No entanto, sua mãe se esforçou em ajudar sua irmã a aprender a escrita da língua portuguesa. Por isso, quando conversava com ela, além de gestos e mímicas, palavras escritas faziam parte de nosso diálogo. Conseguíamos assim algum grau de comunicação. Diante daquela situação, pensava comigo: “Coitada dela”. Com o tempo, pelos rumos da vida, nos distanciamos. Alguns anos mais tarde, reencontrei este amigo, que me informou sobre o desenvolvimento social de sua irmã surda após a mesma começar a frequentar reuniões religiosas, realizadas integralmente em Língua Brasileira de Sinais. Fiquei curioso para revê-la e isso aconteceu, numa dessas reuniões. Ao entrar no Salão do Reino, como são chamados os locais de adoração mantidos pelas Testemunhas de Jeová, me senti como um estrangeiro, que não sabe falar a língua do país onde está. Mãos, gestos faciais e corporais ocupavam todo o espaço. Fiquei acuado em um cantinho, observando. Porém, havia praticado uma saudação e um enunciado em Libras referindo-me a um versículo bíblico que cita os surdos (Isaías capítulo cinco, versículo seis), que sinalizei para a amiga surda que não via há tempo. Observar surdos e não surdos se comunicando livremente naquele ambiente de plena interação social me cativou tanto que decidi aprender mais.

Então, a partir de 2002, me envolvi com o trabalho voluntário desenvolvido pelas Testemunhas de Jeová com a comunidade surda. As atividades incluíam visitar pessoas surdas em suas residências para ensiná-las a Língua Brasileira de Sinais – Libras e a mensagem da Bíblia através dela, bem como intermediar a comunicação de surdos usuários desta língua com os não surdos em contextos familiar, jurídicos, de tratamento de saúde e outros. Este trabalho não era pautado num ponto de vista assistencialista, mas no respeito à língua e a cultural das pessoas surdas. Os surdos eram estimulados, quais utentes da língua, para se qualificarem como instrutores atuantes tanto nas reuniões congregacionais, quanto nas atividades correlatas, fora delas.

Com o tempo e a prática, fui aperfeiçoando a comunicação em Libras, o que me abriu as portas para o mercado de trabalho junto a associações de assistência às pessoas surdas e seus familiares. A segunda delas, a AESOS – Associação Educacional Sons no Silêncio, foi na qual permaneci por mais tempo (2004 a 2012), atuando como intérprete da língua. Ali se mantém uma escola que oferta uma educação bilíngue⁵ para surdos, razão pela qual a considero minha escola profissionalizante no campo da Educação para surdos.

⁵ Na modalidade de educação bilíngue a escola assume uma política linguística em que as duas línguas passarão a coexistir no espaço escolar (QUADROS; SCHNMIEDT, 2006). Na AESOS, estas línguas são a Libras e a Língua Portuguesa.

Em 2006, o Ministério da Educação – MEC realizou o primeiro exame de proficiência em Libras conhecido como PROLIBRAS, por força do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005⁶, para certificar os profissionais em campo. Fui aprovado na categoria “USUÁRIOS DE LIBRAS, ouvintes, com escolaridade de nível médio”. Realizei o exame mais duas vezes. Em 2007, obtive o certificado em “Proficiência em Libras” e, em 2009, de “Proficiência no uso e no Ensino da Língua Brasileira de Sinais”. Esta certificação trouxe mais reconhecimento aos profissionais bilíngues e aos poucos, abandonei a área de saúde, como Técnico em Radiologia, para mergulhar neste campo me envolvendo cada vez mais pessoal e profissionalmente.

As qualificações profissionais me levaram ao serviço público no sul da Bahia. Primeiro, em 2013, como Instrutor de Libras, na Prefeitura de Santa Cruz Cabralia. Depois, como Tradutor e Intérprete de Libras no Instituto Federal de Educação – IFBA, em Porto Seguro, no mesmo Estado. Ali também, mais recentemente, atuo como professor de Língua Portuguesa para Surdos.

Como não poderia deixar de ser, fui em busca e encontrei aqui nesta cidade um grupo de surdos e ouvintes, Testemunhas de Jeová, que realizam o mesmo trabalho voluntário em que participei na minha cidade de origem. Embora não participe ativamente nele, por hora, fico contente em saber da existência deste espaço de interação de não surdos com surdos e, de vez em quando, faço uma vista às suas reuniões.

Observei, desse modo, que existem surdos que se comunicam em Libras na cidade de Porto Seguro/BA, não só os frequentes no grupo religioso, mas, também, em outros espaços, como em escolas e nas redes de supermercados. Deste ponto, o conhecimento teórico e prático acumulado pelo serviço voluntário e profissional me levou à pergunta desta pesquisa: Como eles são tratados nas interações sociais cotidianas com não surdos? Como deficientes ou diferentes?

Por estas razões, este trabalho representa para o pesquisador – intérprete, tradutor e professor da Língua Brasileira de Sinais (Libras) – a materialização de uma contribuição justaposta aos desafios enfrentados pela comunidade surda⁷ e o povo surdo⁸ no convívio social com não surdos, em seus estratos.

Fonte: O autor.

Para conduzir este trabalho, ainda nesta introdução pontuamos o que cientificamente justifica esta investigação, bem como seus objetivos, geral e específicos. Em seguida, dedicamos um capítulo à revisão bibliográfica, considerando predominantemente autores brasileiros que tratam o tema da surdez nos âmbitos da cultura e da sociedade. Nela, abordamos as discussões contemporâneas sobre a surdez e as formas de se considerar as pessoas surdas a partir de suas singularidades. Ademais, discorreremos sobre a língua de sinais como meio natural para as interações socioculturais dos sujeitos surdos. Por fim, explanamos quais as principais barreiras à interação social⁹ de não surdos com surdos ainda existem. Já o

⁶ Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

⁷ O termo “comunidade surda”, tal como em Nakagawa (2012, p. 31), diz respeito a “um espaço de trocas simbólicas em que as línguas de sinais, a experiência visual e os artefatos culturais surdos são partilhados entre sujeitos Surdos (e ouvintes) que congregam interesses comuns e projetos coletivos”. Nestes espaços, as possibilidades de existir e vivenciar as diferenças surdas estão para além das práticas e discursos ouvintistas.

⁸ O “povo surdo” se compõe, segundo Strobel (2018, p. 31), de sujeitos surdos que podem não habitar uma mesma localidade, mas que “estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços”.

⁹ O Dicionário Houssais da língua portuguesa define “interagir” como: “exercer ação mútua (com algo), afetando o desenvolvimento ou a condição do outro”; e “Ter comunicação, diálogo (com outrem) em dada situação

capítulo dois detalha os percursos metodológicos escolhidos: a abordagem proposta, a seleção do objeto de estudo de análise, a construção do instrumento de pesquisa e os procedimentos para a mostra e análise dos dados colhidos em campo. No terceiro capítulo, a pesquisa chega ao que consideramos seu ponto central. Apresentamos os dados, globais e individuais, obtidos. Mostramos os resultados alcançados pelas entrevistas com moradores surdos da localidade sobre as suas interações sociais cotidianas com não surdos em cenários de constantes trocas no mundo social: como na ambiente familiar, na instituição de ensino, no local trabalho e em estabelecimentos locais, públicos ou privados. Então, a partir desses relatos, buscamos responder à pergunta desta pesquisa analisando: (1) as recepções experimentadas pelos surdos, (2) as estratégias de comunicação adotadas pelos surdos e não surdos, (3) e as percepções dos entrevistados sobre suas vivências com não surdos na localidade. À base desses elementos, as interações sociais de não surdos com os surdos na dinâmica local serão verificadas culturalmente deficientes ou diferentes. As consideramos deficientes – quando estabelecidas nos moldes do ouvintismo ou diferentes – dadas pelo reconhecimento e valorização das singularidades culturais das pessoas surdas.

Assim, consideramos este trabalho uma contribuição científica para que as interações de não surdos com surdos sejam culturalmente diferentes neste território e em outros espaços em que as ocorrências verificadas neste trabalho sejam semelhantes. Nas palavras da professora surda Ana Regina e Souza Campello, que sejamos “mais tolerantes, compassivos, abertos a tratar os surdos com mais consciência, respeito e humanização” (CAMPELLO, 2019, p. 20).

1.1 JUSTIFICATIVA

Vivemos diante e imersos nas transformações humanas em várias dimensões, dentre as quais, a social e a cultural. Visto que a sociedade contemporânea é tão diversificada, trabalhos de pesquisa e crítica ajudam a compreender o momento atual dando margem a novas interpretações sobre o homem e a sociedade – sua cultura e linguagem.

No caso dos surdos, aspectos de sua vida em sociedade são alvos de pesquisas na contemporaneidade. As investigações versam sobre: como eram encarados em tempos

(familiar, profissional, etc.); comunicar-se, relacionar-se”. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1632). Assim, temos a interação social como os contatos entre pessoas, ocorridos em espaços sociais, com o potencial de haver ações recíprocas que modelem o desenvolvimento ou condição social dos envolvidos neles.

remotos; como são vistos na sociedade moderna; o desenvolvimento de métodos para viabilizar sua comunicação; sua luta como sujeitos de direitos ignorados; a existência da(s) cultura(s) e identidade(s) surdas; e, os entraves em seu processo de socialização, provocados pelo desconhecimento destas questões (SKLIAR, [1998] 2013; QUADROS, 2004; MARIN & GÓES, 2006; GESSER 2006, 2009; LODI, 2006; STROBEL, 2007, 2018, dentre outros). Desse modo, pesquisas sobre e em torno dos sujeitos com surdez, como seres sociais e culturais, continuam gerando discussões. E os resultados já obtidos impactam nos processos de sociabilidade que os envolve.

Nesse ínterim, as ideias (representações sociais) criadas e assimiladas pela sociedade sobre suas singularidades refletem em como são tratados por ela durante o percurso de sua vida social, em diferentes ambientes de convivência. Valem alertas neste sentido, pois:

Pode ocorrer que, pelos sujeitos surdos estarem em contato com a comunidade ouvinte, acomodem-se externamente aos valores e normas hegemônicas dessa comunidade como uma maneira de se adaptarem às situações porque pensam que assim é mais fácil ter sucesso social. (STROBEL, 2018, p. 100).

Referindo-se às identidades e diferenças culturais surdas, Romário (2018, p. 34) ainda afirma que “a sociedade encontra dificuldade em aceitá-las e respeitá-las, haja vista que o essencialismo e as velhas concepções estão fortemente enraizados no discurso social”. O autor aponta para o outro que sofre em meio aos jogos de poder, onde a identidade e a diferença são constantemente negociadas. Dessa maneira, a alteridade (o que é diferente no outro) permanece controlada e regulada por meio de estratégias explícitas e/ou subliminares em função dos discursos homogeneizantes e normalizadores que ganharam força na modernidade. Para o pesquisador:

Essa perspectiva, por muito tempo hegemônica, impacta ainda hoje, mesmo quando temos disponível uma gama de vertentes culturais. Num contexto em que perdura a ótica biológica, que põe em questão o corpo surdo, e não a pessoa surda, a cultura surda – caracterizada especialmente pela experiência visual, pela língua de sinais e pelas identidades surdas – encontra dificuldades de ser compreendida pelo conjunto da sociedade. (p. 35)

Sobre isso, ainda Perlin e Quadros (2006) dizem que:

Há muitos séculos, prevaleceu e prevalece o conceito de ser surdo como ser inferior, anormal, deficiente. Ainda hoje está fortemente presente, em alguns lugares mais radicais, esse conceito que oprime e exclui o surdo da participação social. Então, parece que o que define o processo de ser surdo não é especificado como um tempo de formação ou de transformação, que se desenrola continuamente a partir da experienciãõ do estar sendo surdo. Mas sim, prevalece o ato de ser deficiente, de ser um perverso, de não conseguir a normalidade e de violá-la (p. 169).

Dessa maneira, um conhecimento incompleto sobre as particularidades que envolvem as pessoas surdas, seja no campo da saúde ou das ciências sociais, pode fazer perdurarem distorções sobre suas reais capacidades de viver em sociedade, quando não fomentar outras mais graves. Os efeitos colaterais disso se revelam na corrente do tempo. De fato, a história dos surdos foi narrada com representações “mascaradas” das identidades surdas “sendo concebidos como seres ouvintes, em uma dimensão histórica, no contexto agradável e aceitável para a sociedade” (STROBEL, 2007, p. 19).

Outrossim, por usarem uma língua que é estranha por muitos, os surdos são muitas vezes discriminados e subestimados pelos seus concidadãos, sendo considerados como “estrangeiros” em seu próprio país (OLIVEIRA, 2014). Este panorama lhes impõe condições análogas às dos refugiados no que diz respeito à sua inserção social frente a questões linguísticas e de colocação no mercado de trabalho (SANTOS JÚNIOR; ROCHEBOIS; RABBANI, 2020). Por exemplo, aponta-se que concorrem em desvantagem por vagas no mundo do trabalho uma vez que não são dadas oportunidades equitativas de capacitação profissional para eles (VIANA, 2010). Obstáculos assim podem gerar marginalização social. Pode-se entender, deste cenário, que ‘o ouvintismo e o oralismo ainda hoje fazem-se presentes nos discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo’ (SKLIAR, 2013, p. 15). Ou seja, o não reconhecimento das singularidades culturais dos surdos leva ao não reconhecimento deles como sujeitos sociais.

Similarmente, Lopes e Veiga-Neto (2006) afirmam que:

Na relação com o ouvinte, o surdo foi ensinado a olhar-se e narrar-se como um deficiente auditivo. A marca da deficiência determinou, durante a história dos surdos e da surdez, a condição de submissão normal ouvinte. Dessa história de submissão, criaram-se práticas corretivas de saberes que informam e classificam os sujeitos dentro de fases de desenvolvimento linguístico, cronológico e de perda auditiva (p. 85).

Esses fatores tornam adequado desenvolver estudos sociais voltados a essa população, principalmente levando em conta que, no momento atual, se propõe a superação de barreiras atitudinais e de comunicação¹⁰ no lidar com os surdos como indivíduos socioculturais. Existem poucas pesquisas que se atêm às dinâmicas sociais sob este tema em localizações territoriais específicas, como nesta investigação. Ela se torna ainda mais pertinente quando sabemos que, no último censo, em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificou 4.010 deficientes auditivos em Porto Seguro/BA, dos quais 160 dizem não conseguir ouvir de modo algum (BRASIL, 2010).

Com base nos estudos referenciais já citados e os que ainda aqui citaremos, pressupomos que, também nesta localidade, “os ouvintes negam oportunidades intelectuais, econômicas e sociais aos surdos, e que essas negações raramente são reconhecidas; muitas até inconscientes” (WRIGLEY, 1996, p. 6 APUD SÁ, 2010, p. 23). Ou seja, mesmo não se apercebendo disso, os cidadãos não surdos em Porto Seguro,/BA, podem ser considerados ouvintistas no sentido de propagarem o ouvintismo em palavras e/ou ações. Isso tornaria suas interações com os surdos culturalmente deficientes.

Portanto, estudar as interações dos não surdos com os surdos em cenários sociais, nesta cidade, constitui uma ação chave para compreender sua natureza. O relato das experiências surdas desses contatos torna possível, em certa medida, perceber os saberes e poderes que impulsionam as atitudes dos não surdos envolvidos nelas e quais representações/imaginários sociais os guiam. Através deles, é possível discutir as consequências desses posicionamentos na vida social das pessoas surdas. Podemos, assim, associar o (des)conhecimento dos traços culturais dos surdos aos processos de socialização das pessoas com surdez da localidade, despertando reflexões para que sejam culturalmente diferentes.

1.2 DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

¹⁰ Para efeitos deste trabalho, consideramos “comunicação” como o processo que consiste na transmissão de informação entre um emissor e um receptor, como apregoa a Teoria da Comunicação. Neste, há decodificações (interpretações), a partir de um código em comum que, por sua vez, viabiliza uma determinada mensagem (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 781).

Avaliar as interações sociais de não surdos com surdos, no município de Porto Seguro/BA, Brasil, como culturalmente deficientes ou diferentes.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Dispor os pilares que sustentam os pontos de vista da deficiência e da diferença em torno da surdez e dos com surdez;
- Discorrer sobre como a comunicação em uma língua de sinais como meio natural para as interações linguísticas, sociais e culturais dos surdos;
- Destacar as principais barreiras às interações sociais de não surdos com surdos;
- Saber sobre as interações sociais de surdos com não surdos, em Porto Seguro/Ba, Brasil, em cenários de constantes trocas no mundo social: como na ambiente familiar, na instituição de ensino, no local trabalho e em estabelecimentos locais, públicos ou privados;
- Ponderar sobre (1) a recepção experimentada pelos surdos, (2) as estratégias de comunicação adotadas pelos surdos e não surdos e (3) e as percepções dos entrevistados sobre suas experiências de interação social com não surdos.

2 SINGULARIDADES DOS INDIVÍDUOS COM SURDEZ: DISCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS

Esta seção se volta às discussões contemporâneas em torno da surdez e da pessoa surda. Ao longo do tempo, muito se debateu sobre o lugar dos surdos na sociedade. Não pretendemos aqui cobrir todos os fatos históricos envolvidos neste enredo, mas destacamos os que entendemos serem os principais. Focalizamos como os saberes e poderes foram modelando e remodelando as representações e imaginários sociais sobre os surdos até os nossos dias. Embora saibamos que a história da Educação voltada para os surdos está intrínseca aos acontecimentos citados a seguir, preferimos falar mais a respeito dela quando versarmos sobre o desenvolvimento linguístico das pessoas surdas, no capítulo dois.

2.1 PELA VIA DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA: O XAROPE PARA UMA GRIPE

Atualmente duas formas de considerar as pessoas com surdez se destacam: patologicamente ou culturalmente. No primeiro caso, a surdez é encarada como um problema clínico-terapêutico. A literatura médica produziu muitas informações dadas a partir do conhecimento adquirido sobre a “perda” auditiva. À base delas, são indicadas várias causas para a surdez, como as congênitas. Segundo estas pesquisas ela pode ocorrer durante a vida de uma pessoa por doenças como meningite bacteriana, dentre outras circunstâncias. Os estudos também apontam tratamentos de habilitação ou reabilitação para pessoas com surdez, que vão das terapias fonoaudiológicas às intervenções cirúrgicas (SANTOS, LIMA, ROSSI, 2003; LIMA, BOECHAT, TEGA, 2003)

Para descrever o quadro clínico do paciente surdo, também há uma classificação de sua surdez por tipo, sendo condutiva – que envolve alteração na orelha externa ou média, neurossensorial – quando compromete o funcionamento da cóclea e/ou nervo auditivo ou a mista – em que os dois tipos são concomitantes. Em graus, é escalonada de leve a profunda, medida por decibéis. Partindo destes paradigmas, a área médica desenvolveu exames diagnósticos e recursos para tratar a surdez, visando uma recuperação do padrão de audição considerada clinicamente normal (TEFILI, *et al.*, 2013). Por este prisma, qualquer indivíduo que a apresente é qualificado como deficiente auditivo, sendo sua deficiência atribuída à falha, à insuficiência e à imperfeição pela ausência da audição. Como afirma Lulkin (2013):

a ciência biomédica, tomando como centro do problema a maior ou menor capacidade auditiva, encarrega-se de traduzir em diagnósticos os níveis de déficit, e gerar uma série de providências para correção, reabilitação e normalização do indivíduo avaliado (p. 40).

Dessa forma, a medicina posicionou a surdez num campo patológico, onde o pouco ou ausente sentido auditivo fica aquém de uma estabelecida normalidade. Este posicionamento colocou a pessoa surda no vitral das anomalias. “Com a ideia da norma, institui-se simultaneamente o desvio – aquele que se encontra nas extremidades da curva normal e que faz parte, portanto, de uma minoria” (BISOL; SPERB, 2010, p. 8). Assim, ao estabelecer padrões de “normalidade”, a área médica consolidou a surdez como um desvio (e não só anatômico, funcional, mas também social).

Entretanto, a surdez a ser tratada como um mal não é assunto apenas da atualidade. Na Antiguidade, no mundo ocidental, as bases aristotélicas relacionavam a voz, a fala, o pensamento e a linguagem. Devido a não comunicação oral, os surdos eram tidos como sub-humanos. Nakagawa (2012, p. 11-12) destaca que, ao se acreditar que não tinham a capacidade da fala (*voz/phoné*) e nem mesmo uma língua, “eram (des)tratados como párias – seres não educáveis, bestiais, improváveis para quaisquer atividades intelectivas”. Argumenta que estas interpretações deram base a premissas que colocaram o indivíduo surdo numa condição marginal. A pessoa com surdez foi posta numa relação de subjugação e opressão, devendo ser curada ou domada, quando não abandonada ou sacrificada. Em alguns casos, era tutelada pelo “homem normal” – sem defeitos físicos ou sensoriais – ficando aos seus cuidados caridosos. Segundo a pesquisadora, ainda na Idade Média e, também, na Moderna, olhares difusos estavam sobre os surdos. Ela conclui que “se, em alguns contextos, foram marginalizados, apequenados e tidos como não educáveis, em outros passaram a contar com esforços assistenciais, caritativos e instrucionais”.

Falando sobre o olhar para os com surdez, na Idade Média (século VI), Duarte et. al. (2013) explicam que:

A classificação da surdez em cinco categorias¹¹ trouxe uma mudança socioantropológica e marcou a diferença de tratamento entre os surdos que falavam e os que não falavam. Os que não falavam estavam impedidos por lei de celebrar contratos, reclamar herança, possuir propriedades, elaborar testamentos e conviver em sociedade. Essas regras não valiam para os surdos

¹¹ As cinco categorias foram: surdo-mudez natural; surdo-mudez adquirida; surdez natural; surdez adquirida; mudez natural ou adquirida (DUARTE et. al., 2013).

que falavam, pois, em sua maioria, eram aqueles que adquiriram primeiro a linguagem e só depois a surdez (p. 1718).

Ademais, nos séculos XIX e XX, os com surdez também foram alvos de um movimento eugênico aconteceu em vários países buscando a instauração de leis para exterminar futuras gerações tidas como incapazes. Estavam neste grupo os doentes físicos, mentais, indivíduos de raças indesejadas e os pobres. Buscava-se o banimento destes pela proibição do casamento, pela esterilização por coerção, pela eutanásia e pelo genocídio. As pessoas surdas ficaram sob ataque por pessoas de destaque social. Um exemplo foi Alexandre Graham Bell (1847 – 1922), que pregava a surdez como uma “aberração da humanidade, pois perpetuava características genéticas negativas”. Como resultado, a surdez como patologia levou os surdos daquela época aos internatos. Para “salvar” a raça humana dessa doença, casamentos entre eles eram proibidos, assim como qualquer tipo de contato (GESSER, 2009, p. 51, 71, nota).

Avançando mais na corrente do tempo, a dificuldade na aquisição de uma língua oral pelos surdos também os colocou em desvantagem nos estudos fundamentados nas ideias desenvolvidas por Piaget. Em seus estudos, a formulação de hipóteses de raciocínio sobre proposições tinha como papel fundamental a linguagem. Assim, ao serem comparados com não surdos em testes deste tipo, os adolescentes surdos eram avaliados como tendo um pensamento mais ligado àquilo que era diretamente percebido, ou seja, o mais concreto e com menor capacidade de pensamento, aparentando dificuldades no abstrato e hipotético. Por isso, dizia-se que manifestavam atrasos e não atingiam o estágio das operações formais de pensamento (MARCHESI, 1995, apud SILVA, 2003).

Essas premissas sobrevivem desde então. Por exemplo, Góes (2003) fala das visões que ainda circulam sobre a inteligência e as características de comportamento de surdos. São imagens negativas e generalizantes, enraizadas na matriz crítica de pensamento e na perspectiva psicométrica. Para ela, ainda hoje, as “avaliações, diagnósticos e intervenções decorrentes são marcadas por caracterizações errôneas e inconstantes das esferas do intelecto e do afeto dos sujeitos surdos”, perpetuando simplificações e concepções equivocadas, materializadas na atuação de profissionais da saúde (p. 11).

Lane (1992, apud SILVA, 2003) destacou que os 20 anos de psicométrica com surdos deram origem a uma lista de características cognitivas dos mesmos, os considerando pouco inteligentes, de raciocínio concreto, confusos no pensamento, pobres na linguagem, fracos no discernimento, bem como cépticos e ingênuos. Nas avaliações psicológicas dentro dos aspectos emocionais e comportamentais, foram denominados pejorativamente “agressivos,

imaturos, impulsivos, com falta de iniciativa, possessivos, rígidos, teimosos desconfiados, emocionalmente perturbados, facilmente irritáveis, caprichosos, temperamentais, sem sentimentos, explosivos, com personalidade pouco desenvolvida” (p. 92). Para mais, Silva (2003) aponta como consequências dessas afirmações a rotulação de surdos, mesmo pela própria família, como nervosos, agressivos e agitados. Dessa maneira, os saberes clínicos sobre a surdez foram produzidos relacionando-a a diversos transtornos de saúde. Estas características são, até hoje, facilmente associadas aos surdos.

Esse cenário se dá, muitas vezes, pelo sentido da audição ser encarado como imprescindível à comunicação. Certo que a audição desempenha um papel importante no desenvolvimento global do indivíduo, uma vez que permite a aquisição de conhecimento ao possibilitar a aquisição de uma língua oral, viabilizando uma interação com a comunidade ouvinte pelo canal oral-auditivo. Deste ângulo, Lima, Boechat e Tega (2003) preconizam que “qualquer alteração auditiva na primeira infância compromete o desenvolvimento da criança como um todo, nos aspectos intelectual, social e cultural linguísticos, pois existe um período crítico para a aquisição de uma língua” (p. 41).

No caso da surdez, uma das manifestações mais visíveis é a fala ausente ou comprometida. Entretanto, relacionar esta ocorrência a um impedimento para haver comunicação é o grande equívoco. A mudez não acomete a maioria dos que apresentam a surdez – quando o aparelho fonador está em condição fisiológica considerada normal. Por conseguinte, surdos não são incondicionalmente mudos. Eles podem desenvolver a oralidade. Mas a maior parte dos surdos não tem a oportunidade de adquirir uma língua oral. Além disso, também pode haver a escolha pessoal de não aprender uma língua assim por questões de identidade cultural.

O que ocorre é que a língua oral é legitimada como meio convencional de se comunicar. Com isso, outra forma de interação, fora dos moldes orais, soa inferior e inadequado. Então, o não domínio da fala vocalizada é assimilado por muitos não surdos como um entrave a uma comunicação clara. A pesquisadora Silva sinaliza que afirmações sobre a incapacidade de surdos adquirirem uma língua “parecem fundamentar-se numa concepção logocêntrica, ou seja, a de que é a fala que vai possibilitar ao homem, seja ouvinte ou surdo, o desenvolvimento cognitivo e as relações sociais nas quais os aspectos afetivos e emocionais vão se estruturando” (SILVA, 2003, p. 89).

Essas (in)compreensões em torno da surdez relacionam o não ouvir a um estado de incapacidade de desenvolvimento da pessoa enquanto ser social pleno. Isso repercute negativamente no convívio com os surdos que vivem no seio de uma sociedade

caracteristicamente de comunicação oral. Consequentemente, seu desenvolvimento cognitivo e afetivo fica prejudicado e passam a serem vistos como problemáticos nestes aspectos.

Entretanto, com o passar do tempo, segundo Witchs e Lopes (2015, p. 40), “a percepção de que os surdos são capazes de ingressar na esfera produtiva possibilitou à medicina empreender infinitos recursos para minimizar ou reverter os efeitos da surdez”. Com isso, o termo “deficiência auditiva” emerge num contexto onde a surdez precisava ser cada vez mais conhecida para ser administrada e controlada. Ou seja, as pessoas surdas não seriam mais encaradas como incapazes e improdutivas pela sociedade desde que pudessem ouvir e falar em uma medida satisfatória que viabilizasse a comunicação oral. Daí surgem os enunciados sobre a necessidade de cura, intervenção e normalização a qualquer custo, pois:

Sob a égide desses argumentos, uma série de práticas foram – e são – postas em ação pelo “bem-estar” e pela “inclusão” do sujeito surdo. Em nome de sua felicidade, muitos esforços são tomados para a cura e para a superação da surdez: práticas de oralização (ortopedias da fala), treinamentos auditivos, escolas-clínicas centradas em pedagogias e terapias de reabilitação, processos cirúrgicos de cura, desenvolvimentos de próteses, e outros vários dispositivos que “tratam” a surdez por meio de projetos e expectativas ouvintes (NAKAGAWA, 2012, p. 36).

Especialmente no século XIX o avanço da medicina faz com que os saberes clínicos a respeito da surdez se solidifiquem em um patamar quase irrefutável. Os argumentos médicos legitimaram decisões sobre como lidar com os surdos. Para citar, no campo da Educação para surdos, prevaleceu por um tempo considerável, o método oral puro¹² (WITCHS; LOPES, 2015, p. 40). Porém, esse não era um caminho tão promissor. Referindo-se aos estudos realizados por Wrigley (1996), Duarte et. al. (2013, p. 1714) explicam que não é uma via natural a aquisição da língua oral para alguém com surdez, uma vez que a “diminuição da percepção auditiva faz com que necessitem de atendimento diferenciado e suporte clínico sistematizado, caso queiram adquirir habilidades de comunicação *lato sensu* na modalidade oral”.

Com a reabilitação da surdez em foco, outros aspectos do tratamento clínico foram relegados provocando problemas colaterais. Gesser (2009) expõe que:

A oralização deixou marcas na vida da maioria dos surdos. Pode-se dizer que

¹² Oralização é um treinamento, com orientação de fonoaudiólogos, para que uma pessoa com surdez possa produzir os sons vocais da língua oral. Essa prática é realizada juntamente com a prática da leitura labial. (GESSER, 2009, p. 22, nota)

a busca desenfreada pela recuperação da audição e promoção do desenvolvimento da fala vocalizada pelo surdo são objetos que se traduzem em vários sentimentos: desejo, dor, privação, aprovação, opressão, discriminação e frustração. *Oralizar* é sinônimo de negação da língua dos surdos. É sinônimo de correção, de imposição de treinos exaustivos, repetitivos e mecânicos da fala (p. 50).

Dentre os dispositivos eletrônicos propostos pela área médica que fazem parte do processo da pretensa habilitação ou reabilitação do indivíduo com surdez está o aparelho auditivo (Aparelho de Amplificação Sonora Individual – AASI). Esta prótese auditiva amplifica as ondas sonoras que podem ser percebidas pela audição *residual* da pessoa. Isso quer dizer que não é um recurso milagroso que uma vez obtida fará com que seu usuário ouça bem. A percepção dos sons dependerá do quanto a pessoa ainda consegue ouvir. Muitos surdos com surdez profunda, oralizados e não oralizados, de diferentes faixas etárias, que se submeteram ao uso destas próteses afirmam perceber apenas ruídos que vibram na orelha. A escuta auditiva e o discernimento dos sons não são prontamente identificados com o uso de próteses auditivas. Segundo Bisol e Valentini (2011, p. 2):

O uso de uma prótese auditiva, também conhecida como aparelho auditivo, não resolve magicamente todas as dificuldades, devendo ser entendida como um recurso a mais e não o único a ser utilizado para melhorar as condições para a comunicação. Quando utilizada, traz benefícios diferentes dependendo do tipo de perda auditiva e do momento da vida do indivíduo em que ela ocorreu (antes, durante ou após a aquisição da fala), da qualidade do aparelho, da adequação da prótese ao tipo de perda e às características do indivíduo, da regulagem e manutenção, e do trabalho de adaptação ao uso da prótese que deve ser feito com fonoaudiólogos (reabilitação auditiva).

Também sobre este recurso, Gesser (2009, p. 74-75) comenta que “os aparelhos não atuam na decodificação instantânea da linguagem apenas ao serem agregados ao ouvido, do mesmo modo como uma pessoa completamente cega, por exemplo, não passa a enxergar utilizando óculos ou lentes de grau”. Isso mostra que os resultados em conseguir captar os sons por este meio dependem de cada caso.

Em outras tentativas de corrigir a surdez há proposta de intervenções cirúrgicas, como no Implante Coclear (IC), também conhecido como “ouvido biônico” – método invasivo para colocação de um dispositivo interno substituindo a cóclea: órgão responsável por transformar as ondas acústicas em sinais elétricos perceptíveis ao cérebro. Existem discursos científicos que defendem os benefícios desta cirurgia. Por esta via, o IC é eleito o estado-da-arte para tratar as consideradas perdas auditivas severas e profundas. Defende-se ser este o meio para tornar a pessoa com surdez ativa socioeconomicamente. Seus apoiadores afirmam que a

capacidade de se comunicar através da fala é essencial, podendo esta dificuldade resultar em isolamento social e diminuição da qualidade de vida (TEFILI *et al.* , 2013).

Entretanto, Rezende (2010), ao problematizar os discursos sobre o implante coclear, sinaliza que esta intervenção cirúrgica é uma forma de sujeitar os surdos pela correção do corpo danificado quando:

Os surdos como sujeitos a serem corrigidos pela medicina, pela biotecnologia e pelo implante coclear estão enredados dentro do jogo de normalização do padrão ouvinte. São discursos científicos e saberes médicos, ciência à qual somos assujeitados e ainda mesmo resistentes para uma tecnologia de controle dos corpos surdos (p. 38).

Muitos surdos se opõem a esta intervenção a considerando uma forma violenta e colonizadora de cunho ouvintista. Além disso, existem outros fatores que impactam na recuperação da audição por meio do IC como: a idade, o tempo de surdez, condições do nervo auditivo, quantidade de eletrodos implantados, situação da cóclea, fisioterapia com fonoaudiólogo e constante acompanhamento médico (OLIVEIRA, 2005). Ainda outro fator envolve a condição econômica daqueles que se apresentam como pacientes. Um estudo no Brasil denuncia que, como número insuficiente de aparelhos disponibilizados pelo Sistema Único de Saúde, os profissionais podem recuar eger pacientes de baixa renda por temer que os implantes não sejam utilizados por falta de manutenção e baterias (GONTIJO, 2012).

Portanto, notamos que a sociedade, em sua maior parte, historicamente enxerga a surdez como uma deficiência. Os saberes neste viés propagaram que ela deve ser erradicada por recursos neurocirúrgicos, pela façanha da engenharia genética ou pela prevenção e combate às doenças. É possível inferir, diante desses fatos, que a proposta clínica-médica para o tratamento da surdez funcionou para as pessoas surdas como o xarope para uma gripe. Ela ofereceu ações paliativas que mascararam os maiores problemas enfrentados pelos surdos – uma patologia social traduzida em preconceito, estigma e discriminação. Por certo, as reais barreiras para essas pessoas são aquelas que restringem a sua vida em sociedade. Como veremos, os maiores obstáculos para elas não são nem cognitivos nem comportamentais e sim, linguísticos e atitudinais. Estes últimos têm a ver com o reconhecimento de suas singularidades culturais. Por isso, concordamos com Duarte *et. al.* (2013, p. 1714) quando denuncia que “o imaginário e as representações sociais da deficiência contribuem para que a atenção à saúde dessa população torne-se ainda mais complexa”.

Para ilustrar, podemos refletir pontualmente sobre a questão linguística, uma vez que muitos profissionais que lidam com a surdez ainda tendem a desprestigiar a aquisição de

uma língua de sinais pela criança surda. Essa postura acaba por atrasar significativamente o desenvolvimento da “fala” – aqui significando a capacidade de entender e de se fazer entendida: de ser comunicável. Silvia (2003), ao tratar da linguagem cita a premissa em Marchesi (1995) de que através dela a criança (e aqui incluímos todo ser humano) percebe o mundo. Por sua vez, a linguagem “serve para planejar e regular a ação humana e assim, a criança surda pode ter capacidade intelectual semelhante à da ouvinte, se adquirir e internalizar uma língua desde pequena” (p. 91). Dessa forma, não é a capacidade de desenvolver uma linguagem que limita os com surdez e, sim, o acesso ao aprendizado de uma língua que possibilite sua plena interação comunicacional e social.

Das informações colhidas até aqui podemos perceber, assim como em Gesser (2009, p. 67) que “a surdez como deficiência pertence a uma narrativa assimétrica de poder e saber; uma “invenção/produção” do grupo hegemônico que, em termos sociais, nada tem a ver com a forma como o grupo se vê ou se representa”. Olhar a surdez a partir da deficiência nos coloca sob o “paradigma da normalidade ouvinte” rejeitando outras formas de se relacionar com um mundo de culturas e identidades construídas pelos seus indivíduos, incluindo surdos. É sobre isso que discutiremos agora.

2.2 PELA VIA DA DIFERENÇA CULTURAL E IDENTITÁRIA SURDAS: SOCIÁVEIS A QUE PONTO?

Para falarmos sobre diferença cultural e identitária faremos um breve resgate histórico sobre o tema geral da cultura. A partir de 1980, mais fortemente, a humanidade vive um momento histórico e cultural de questionamento e insatisfação, marcando assim o movimento da Pós-Modernidade. Para a anterior teoria moderna, a cultura era única, elitizada e perfeita. Naqueles termos a alteridade e a diferença eram encaradas como mancha para a sociedade, traços indesejáveis. Daí a necessidade de transformar o outro “diferente” para torná-lo “igual” a maioria “normal”. Até então, o homem naquela sociedade tinha uma identidade bem delimitada no mundo cultural e social. Mas, avançando na corrente do tempo, o conceito de cultura foi redefinido, deixando de ser uma apropriação eurocêntrica.

Para os analistas pós-modernos a cultura não é fechada em si mesma como se pudéssemos identificá-la puramente. Ela é composta por diversos elementos simbólicos que cercam um grupo, um povo, compondo seus traços culturais. Neste sentido, não há uma distinção rígida ou um limite preciso entre culturas diferentes, mas, sim, um intercâmbio entre

elas. A identidade cultural do sujeito pós-moderno é vista como fragmentada – traços culturais são absorvidos e ressignificados, produzindo novos traçados. Assim, a cultura e a identidade dele passa a ser construída pelas práticas vividas e compartilhadas (HALL, 2019).

Com isso, os autores da pós-modernidade rejeitam aquela definição hegemônica e defendem a existência de múltiplas culturas, se dedicando à pluralidade cultural. Podemos citar, por exemplo, ainda, Hall (2009), que discute classe, raça e gênero diante do conceito de nação e do que era culturalmente ser britânico, quebrando paradigmas. Segundo o autor, os deslocamentos de massas de pessoas, sendo territorialmente interno ou externo, criam raízes rizomáticas em sentido cultural. A partir disso, argumenta que a hegemonia predominante, que estabelece um paradigma superlativo de cultura, estiliza “o homem desenvolvido” e faz com que outros modelos, não condizentes com o padrão imposto, saiam de determinada comunidade, por serem oprimidos dentro deste sistema. Estes novos estudos reconfiguram as pesquisas sobre a constituição cultural e de identidade na humanidade.

Na mesma direção, Teske (2013, p. 144) considera o termo “cultura” como adverso à unificação, sendo “a ordem simbólica por cujo intermédio homens determinados exprimem, de maneira determinada, suas relações com a natureza, entre si e com o poder, bem como a maneira pela qual interpretam essas relações[...]”. De modo que, na contemporaneidade, “é difícil falarmos em um sujeito constituído por uma única cultura, pois somos interpelados por diferentes atravessamentos culturais que nos constituem” (GOMES, 2011, p. 31).

Neste contexto surge um novo campo de atenção identificado como Estudos Surdos. Ele reúne movimentos que produzem outros sentidos sobre a surdez, contrapondo-se ao que era discutido e aceito sobre ela. Faz emergir, com isso, a noção de cultura surda, provocando mudanças no modo de enxergar os surdos nas esferas sociais, políticas e acadêmica (WITCHES; LOPES, 2018). Para Gomes (2011, p. 86): “Durante anos, os surdos foram narrados como deficientes, como sujeitos da falta, e o discurso cultural vem proteger, socorrer, subverter essa natureza deficiente da surdez”. Com os Estudos Surdos, os termos que faziam referência à pessoa surda foram também ressignificados.

Por exemplo, a expressão “deficiente auditivo” é muito usada na perspectiva médica para se referir às pessoas com surdez. Mas no panorama cultural assume outro significado¹³. Os surdos que frequentam as comunidades surdas e se comunicam em língua de sinais não utilizam este termo para si, preferindo se identificar como “surdos”. Quando o surdo não

¹³ Alguns autores surdos destacam a ideia do “*deaf gain*” – ganho surdo (literalmente) numa tentativa de contrapor o termo “deficiência auditiva”. Buscam, com isso, desfocar a surdez da perda e enfatizar o ganho e as vantagens para a espécie e sociedades humanas advindos dos contributos da Surdez (NAKAGAWA, 2012).

aprende uma língua de sinais e se submetem à oralização, não compartilhando dos traços culturais singulares a este grupo, são referidos “deficientes auditivos” (QUADROS, 2019). São reconhecidos assim por estarem mais próximos dos padrões e representações ouvintes e não adotarem as práticas simbólicas surdas, ligadas à visualidade realçada. Eles reproduzem, assim, as expectativas e os padrões de vida dos ouvintes, às vezes porque a tipologia de sua surdez, clinicamente explicando, o aproxima mais desses modelos¹⁴ ou por rejeitar conscientemente assumir uma identidade surda.

Outro termo que ainda sobrevive rotulando pessoas com surdez é “surdo-mudo”. Mas Quadros (2019) afirma que essa expressão está ultrapassada. Atualmente, os surdos não aceitam ser referidos “mudos”, o que para eles indica a impossibilidade de falar, de ter voz ativa – no sentido de poder se expressar. A língua de sinais sim é o meio pelo qual muitos surdos conseguem se expressar livremente sobre vários assuntos, de maior ou menor profundidade intelectual. Por este motivo, a identificação considerada mais apropriada entre os surdos que usam uma língua de sinais é mesmo “surdo” ou “surda”. Ademais, o surdo pode escutar, no sentido metafórico, ao voltar toda a sua atenção ao que lhe é dito por meio da visão, que capta as palavras¹⁵, ou do tato, através da língua de sinais tátil (para os surdocegos). A escuta solicita uma atitude de disponibilidade de todos os sentidos, ainda que o ouvir não se materialize como sentido fisiológico. Neste sentido, “Podemos dizer que as pessoas surdas escutam sem ouvir. O mesmo se pode dizer do falar”. (LULKIN, 2013, p. 40).

Nas últimas décadas, alguns grupos usam a palavra “Surdo”, com “S” numa referência de autoidentificação cultural e “surdo”, sem a inicial maiúscula, quando se fala da deficiência auditiva. Mas, o termo “surdos” é também utilizado para se referir àqueles que, “pela impossibilidade de acesso natural à língua da comunidade majoritária, formam uma minoria diferente, com características linguísticas, cognitivas e comunitárias específicas” (SÁ, 2010, p. 104, 105). Essas particularidades formam seus os traços culturais e deram origem à locuções como “cultura surda”, “identidade surda”, “povo surdo” e “comunidade surda”. Estas são discutidas também cientificamente e aqui tentaremos falar das ideias nelas contida.

Com a inauguração dos estudos surdos, o tema da cultura surda passa a circular e se fortalecer. Desde então, está presente nos cenários educacionais, políticos e sociais da atualidade. O entendimento do que vem a ser a cultura surda é objeto de pesquisa em muitos

¹⁴ Neste caso, o termo “deficiente auditivo” tem relação com o grau da perda auditiva, geralmente, a classificada como leve ou moderada.

¹⁵ As pessoas que utilizam uma língua de sinais na comunicação se referem às palavras que a compõem seu vocabulário como ‘sinais’. Dessa forma, os ‘sinais’ correspondem às ‘palavras’ de sua língua (QUADROS, 2019, p. 34).

trabalhos acadêmicos e tem se tornado um conceito legitimado pela comunidade surda. Muitos pesquisadores, ao considerá-la, tecem novas contribuições para seu significado. Por exemplo, Gomes (2011) investiga o processo de legitimação dela.

Quadros (2019) considera a cultura surda como o conjunto de todas as manifestações culturais produzidas a partir das experiências surdas. Essas experiências se dão pela visualidade e por isto estão intimamente relacionadas a uma língua de modalidade visual-espacial que usa as mãos e o corpo para se expressar. Ainda de acordo com a autora, a cultura surda é “constituída por manifestações e experiências que partem de um mundo surdo. [...] Os surdos explicam o mundo dos ouvintes a partir de sua experiência e, a partir desse lugar, se expressa a cultura surda” (p. 30). Para ela a cultura surda é principalmente marcada pela língua de sinais como forma de comunicação natural para indivíduos surdos estabelecerem comunicação entre si e com o mundo que os rodeia.

Strobel (2018), pesquisadora surda, define a cultura surda como:

[...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e hábitos do povo surdo (p. 29).

A surdez como uma experiência visual também é defendida por Skliar (2013, p. 28). Em suas palavras isto significa que “todos os mecanismos de processamento de informação, e todas as formas de compreender o universo entorno, se constroem como experiência visual”. Argumenta o pesquisador que, embora o fato de os surdos usarem um sistema linguístico seja muito relevante, este não retrata todas as suas potencialidades e capacidades visuais. A língua de sinais, portanto, é uma das experiências visuais vividas pelos surdos. Assim, embora experiências visuais aconteçam também com não surdos, falamos de uma específica vivida pela pessoa surda – aquela que se dá na ausência da experiência auditiva.

A experiência visual é significada por Perlin e Miranda (2003, p. 218) como “a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação”. Segundo os autores, é desta experiência visual que surge a cultura surda – expressada “pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico”. Os sujeitos surdos percebem o mundo por meio de seus olhos atentos a tudo que ocorre em sua volta devido à ausência de audição e a não captação do som. Os latidos de um cão, por exemplo, não são percebidos prontamente pelo barulho, mas pelos movimentos de sua boca, acompanhados da expressão corpóreo-facial-

bruta. Em outras situações, como quando estoura uma bomba, objetos caem, os surdos percebem estes acontecimentos pela mudança no ambiente que estremece com as ondas sonoras (STROBEL, 2018). Por conseguinte,

Na cultura surda, o barulho/ som tem outros significados – é o caso da luz que acende quando a campainha toca em sua casa, a vibração do despertador colocado embaixo do travesseiro ou mesmo os ruídos acústicos percebidos através dos aparelhos auditivos para sentir o som da campainha da porta, do telefone, da ambulância (LANE, 1984, APUD GESSER, 2009, p. 48).

Neste ponto, acreditamos ser necessário salientar algumas ressalvas trazidas nas discussões sobre o surdo como ser cultural. Pensar em uma cultura surda, em um modelo surdo, em uma identidade surda no singular não deve nos levar a pensar uma uniformidade nestes aspectos, embora esse discurso tenha um lado estratégico. Na visão de Gesser (2009) se assim fosse, seriam apagadas as particularidades que nos distinguem enquanto indivíduos com marcas de orientações sexuais, religiosas, étnicas, de gênero, classe e idade, exemplificando algumas (p. 55). Por outro lado, os surdos se exprimirem como tendo uma cultura é extremamente significativo para sua afirmação coletiva enquanto grupo minoritário¹⁶. Segundo a autora, falar de uma cultura surda própria, como uma “pseudo” uniformidade, distingue os surdos da maioria ouvinte. Este posicionamento essencialista visa à afirmação, valorização e reconhecimento cultural do surdo uma vez que a coesão e a uniformidade, implícitos na expressão, dão ao grupo visibilidade diante daqueles que os exclui (GESSER, 2006).

Nesta seara, outro fator indicado no estudo de Gomes (2011) é a existência da ideia de “um sujeito surdo discursivamente inventado, produzido em grande parte por enunciados de um discurso cultural, ao invés da ideia de um sujeito transcendental que desde sempre existiu e que manteve sua essência cultural” (p. 14). Ela aborda a centralidade do conceito de cultura surda que nos últimos anos tomou “uma revolução conceitual, ou melhor, tornou-se um conceito” (p. 32). Em seu trabalho se voltou a pesquisar imperativo deste termo procurando entender como os saberes e a produção do conhecimento acerca da cultura surda foram constituídos ao longo do tempo e ainda são, inventados e reinventados. Observa que, nas últimas décadas, ele opera assegurando e constituindo muitas conquistas para o povo surdo.

¹⁶ Sodré (2005) aponta como características de um grupo minoritário a vulnerabilidade jurídico-social, a manutenção de lutas contra hegemônicas e a criação de estratégias discursivas de resistência. Já a noção de minorias “refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder – aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidas com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social” (p. 11).

(p. 66). Para a pesquisadora “a noção de cultura, nos últimos anos, ganhou dimensão tão ampla e voraz em discursos tão prolixos, estando estes intimamente ligados à constituição do eu-surdo” (p. 86). Por isso, acredita que existe um “amalgama de regras socialmente autorizadas pelos surdos” que tornaram o termo Cultura Surda um imperativo conceitual. Adverte, então, que o conceito “cultura surda” pode ditar um padrão surdo essencialmente cultural em se tornando fechado, universal. Em suas palavras:

O que acontece é que, no afã da perpetuação de uma cultura surda, se produzem padrões de comportamentos surdos que, se não são seguidos à risca, são vistos como uma ameaça à comunidade surda. É criado, dentro desse processo, um surdo-padrão – qual seja: político, envolvido nas causas surdas –, nomeando-se uma série de atributos que caem na mesma armadilha da normalização do sujeito, agora não mais em relação ao ouvinte, mas em relação ao próprio surdo. [...] Quando falo em normalização, refiro-me a uma norma instituída que por vezes tem seu amparo na cristalização da cultura surda, num discurso engessado e delimitado. Sendo assim, naturalizemos menos e problematizemos mais. O engessamento da cultura, tanto pelos discursos inclusivos quanto pela resistência surda, tende a enclausurá-la, a classificá-la e a conceituá-la, impossibilitando os questionamentos, as problematizações, as inferências que são primordiais na produção do sujeito surdo. (Gomes, 2011, p. 77 e 78)

De fato, se reconhece que os surdos assimilam também a cultura dominante ao seu redor, pois, assim como os não surdos, vivem em sociedades onde compartilham leis, costumes, tradições com os ouvintes. Como exemplos disso, temos as festas comemorativas, os sistemas político e econômico, os valores morais implícitos nas relações sociais em família, na escola e no ambiente de trabalho etc. (TBENEDETTI, 2016). O ponto é que estes acontecimentos são experimentados e compreendidos a partir da experiência legítima, nativa e visual da surdez. Neste panorama Sá (2010) vê o surdo dentro da cultura maior para ele, onde organiza seu comportamento quanto ao modo de vestir, de comer, de andar e acrescentamos, de viver. Compreendemos, desta forma, que os surdos têm outros códigos de cultura que dão sentido às suas vidas, que lhe dão valores simbólicos diferenciados enquanto pessoa surda.

Karin Strobel (2018), em sua obra intitulada “As imagens do outro sobre a cultura surda” destaca as peculiaridades da cultura surda através dos “artefatos culturais” – termo utilizado nos Estudos Culturais para designar as produções culturais de um grupo social. A autora entende como artefatos da cultura surda, não só os materialismos culturais (objetos ou produtos definidos da mão de obra humana), mas todas as produções do sujeito surdo onde estão impressos seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. Os artefatos

culturais surdos, como categorizados pela autora, são: a experiência visual, o desenvolvimento linguístico, a família, a literatura surda, a vida social e esportiva, as artes visuais, a política, os materiais. Na sua percepção, mesmo os materiais que auxiliam a acessibilidade no dia a dia dos surdos são considerados bens culturais, como: a lâmpada que acende toda a vez que a campainha toca alertando a chegada de uma visita (que também pode ser adaptada com algum objeto pendurado, preso a uma corda, que balança indicando que tem alguém à porta), despertadores com vibradores, legendas, nos programas de TV, sinalizadores luminosos, etc.

Como artefato cultural político, Strobel (2018) ainda cita o Dia Nacional dos Surdos, comemorado no Brasil no dia 26 de setembro, onde a comunidade surda celebra as suas conquistas e luta pela inclusão dos surdos na sociedade. O dia foi oficialmente reconhecido pela Lei 11.796, em 29 de outubro de 2008. Essa data é memorada na história nacional da Educação para surdos, pois nela foi fundada a primeira escola de surdo no Rio de Janeiro, em 1857, conhecida atualmente como Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Até hoje o INES é considerado uma referência na Educação para surdos e podemos o considerar também um patrimônio histórico e cultural.

Outras manifestações culturais dos surdos são expressas de várias formas. Na literatura, a língua de sinais – sinalizada e na forma escrita, as expressões faciais e movimentos corpóreos compõem poesias visuais e reproduzem contações de histórias do imaginário popular. Estas produções carregam a marca da experiência visual surda. Em especial, estes materiais ganham uma roupagem didática nos espaços escolares. Por meio deles, crianças, jovens e adultos têm acesso ao patrimônio histórico e cultural dos universos onde transitam, incluindo o do povo surdo¹⁷. Assim, são trabalhados a autoestima, o autorreconhecimento e o desenvolvimento da língua ao tempo que “o modelo hegemônico (e quase incontestável) de personagem ouvinte, por alguns minutos, cede espaço para heróis, princesas, detetives, enamorados, monstros e outros vários protagonistas Surdos”. (NAKAGAWA, 2012, p. 74).

O teatro é outro campo de produção artística surda. Nas peças teatrais “a expressão através das feições, corpo e língua de sinais é constantemente praticada pelos sujeitos surdos; por isso eles têm grande talento para expressar as suas identidades culturais através de desenhos no ar: as poesias, as narrativas e contações de histórias”. (STROBEL, 2018, p. 84).

¹⁷ No Brasil, as editoras LSB Vídeo e Arara Azul têm vinculado uma série de publicações como estas, em Libras. Além delas, temos produções realizadas pelo INES em forma de documentários, curtas-metragens, materiais didáticos, e filmes que abordam o universo surdo, onde os artistas, em sua maioria são surdos.

E, diferentemente do que pensa a maioria, existem surdos que também “dançam, apreciam e ouvem música a seu modo, têm sensações de barulho, constroem seus mundos e suas subjetividades na e através da língua de sinais, enfim, concebem e redefinem seu mundo através da visão” (GESSER, 2009, p. 50). Na dança, os surdos são estimulados e guiados pela vibração do som estremeando em cada parte de seus corpos e tomam seu lugar na pista no compasso da música (NAKAGAWA, 2012).

Mas os surdos também usam as artes para denunciar a opressão que vivem pela não aceitação da condição da surdez na sociedade, bem como, para retratar as lutas e almejos da comunidade surda. O ouvintismo (também referido como audismo), as experiências a partir da visualidade, as línguas de sinais e as expressões faciais e corporais comumente aparecem nestas obras com matérias e técnicas diversas com extensão, beleza e harmonia. Elas expõem revoltas com as muitas discriminações sofridas pelo povo surdo, reveladas em desenhos, pinturas e esculturas.

E as manifestações artísticas surdas tendem a aumentar não só em qualidade, mas também em quantidade devido à relativa facilidade para a aquisição e manutenção de equipamentos de filmagem e ao acesso mais facilitado aos variados recursos para edição e distribuição de mídias. Como um exemplo disso, podemos citar os inúmeros vídeos caseiros produzidos por surdos e veiculados através do YouTube¹⁸. Ali os *youtubers* surdos mostram sua criatividade usando recursos cinematográficos para gravação e edição de imagem. Eles se expressam através da língua de sinais para esclarecer algumas questões relacionadas ao viver sendo surdo, muitas vezes compartilhando episódios de seu cotidiano. Além disso, também usam este meio para comentar atualidades e denunciar violação de direitos como a falta de acessibilidade para pessoas surdas a diferentes tipos de serviços e informações voltados ao cidadão.

Por conta disso, Strobel (2018) aponta que os ouvintes não podem produzir a cultura surda já que ‘os membros dela se comportam como sujeitos surdos e compartilham as crenças de sujeitos surdos entre seus pares, sendo estes membros pertencentes ao povo surdo’. O “povo surdo”, segundo a investigadora, é o conjunto de sujeitos que compartilham os costumes, história, tradições em comum e pertencentes às mesmas peculiaridades culturais. Eles constroem sua concepção de mundo através do artefato cultural visual. Estes sujeitos podem não habitar no mesmo local, mas estão ligados por um código de formação visual

¹⁸ O YouTube é um *site* que possibilita aos seus usuários carregarem, assistirem e compartilhem vídeos em formato digital gratuitamente. Permite, também, que os conteúdos produzidos sejam colocados em *blogs* e *sites* pessoais. O que é postado pode ser acessado por pessoas no mundo inteiro. Avalia-se que cerca de vinte mil novos vídeos são carregados e trinta milhões são assistidos todos os dias (DANTAS, 2020).

independentemente do nível linguístico. Perlin (2013), ao tratar sobre as identidades surdas, já trazia a expressão “povo surdo” como um conceito abrangente que engloba a população total de surdos sejam usuários de línguas de sinais, sejam oralizados, envolvidos ou não com comunidades surdas.

Observando os estudos sobre a constituição cultural dos surdos, vemos que um ponto central nas discussões está atrelado à questão da visualidade. A experiência da surdez implica explorar outros sentidos como o da visão. As experiências visuais, por sua vez, marcam profundamente os surdos nas maneiras de ser, de estar e de se relacionar com o mundo. Pelos olhos os surdos podem ouvir e com suas mãos, podem falar¹⁹. O povo surdo se reconhece primariamente por esta condição.

Ainda sobre os termos surgidos a partir dos Estudos Surdos encontramos a expressão “comunidade surda”. Diferentemente da anterior, nela cabem outros além dos surdos, pois é composta por:

[...] um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos em comum dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar (PADDEN & HUMPHRIES, 2000, p. 5, apud STROBEL 2018, p. 37).

Fazem parte dessas comunidades sujeitos ouvintes como: familiares de surdos, cônjuges, amigos, intérpretes de línguas de sinais, profissionais que trabalham com a surdez, entre outros que tomam parte nas diferentes atividades nelas²⁰. Lopes e Veiga-Neto (2006, p. 82) citam condições necessárias para que um grupo se constitua e se configure como uma comunidade. Dentre elas estão: ‘as *afinidades* entre os diferentes indivíduos do grupo, os *interesses* comuns que conduzem as ações do grupo, a continuidade das relações estabelecidas e *tempo e espaço* comuns, em que os encontros do grupo possam acontecer’. Verdade, então, que muitos ouvintes fazem parte das comunidades surdas.

Porém, participar de uma comunidade não significa necessariamente ter experienciado o ser surdo. Gomes (2011, p. 38), fazendo referências aos ouvintes, sinaliza que “mesmo que

¹⁹ Existem também os surdos-cegos. Neste caso, desenvolvem toda sua comunicação através do tato.

²⁰ Surgem, neste universo, siglas como os termos CODA – *Children of Deaf Adult* para designar os filhos de pais surdos, bem como SODA – *Sibling of Deaf Adult* para os irmãos de surdos e TILS – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais. Autores como Lane, Hoffmeister e Bahan (1996) descartam “comunidade surda” por considerarem a expressão muito inclusiva, preferindo “mundo surdo”, composto por apenas àqueles que usam a língua de sinais e se identificam com a cultura surda (MAGNANI, 2007, p. 31).

falemos sobre a cultura surda ou estejamos inseridos em contextos de educação de surdos, nunca vamos experienciar o ser surdo. Essa é uma experiência única e de cada um”. Estes são espaços simbólicos de partilha linguística e cultural espalhados em várias cidades no mundo. Ali os surdos se reúnem e dividem interesses, expectativas, histórias, olhares e costumes comuns. Embora muitas comunidades surdas de diversos tipos estejam localizadas territorialmente, o termo “comunidade surda” pode extrapolar a questão geográfica ao congregar sujeitos surdos com interesses comuns e propostas coletivas de abrangência mundial. Desta maneira,

Embora espalhadas por diferentes cidades do mundo, inseridas em culturas e contextos bastante distintos, as milhares de comunidades surdas apresentam uma série de afinidades, de bandeiras, práticas e projetos comuns. A população global de Surdos é atualmente estimada em algumas dezenas de milhões de indivíduos, o tamanho de um país mediano; “no entanto, é um ‘país’ sem um ‘sítio’ próprio. É uma cidadania sem uma origem geográfica” (WRIGLEY, 1997, apud NAKAGAWA, 2012, p. 33).

Assim sendo, as comunidades surdas têm um impacto positivo particular para os surdos. Em contato com seu espaço cultural, o ser humano surdo interage, assimila e constrói sua identidade. Esta construção é coletiva e não isolada. Nesse ambiente, o sujeito recebe dos membros do grupo social onde está inserido conhecimento, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamento entre outros valores, através do aprendizado e da convivência. Assim, de geração em geração e de sujeito a sujeito, a herança cultural é passada, se amplia e modifica. Nestes ambientes, as crianças e os jovens surdos, no contato com adultos surdos, encontram referências e modelos de comportamento podendo elaborar suas próprias expectativas, desejos e emoções. Neste convívio, internalizam naturalmente práticas surdas num processo contínuo de aprendizado e ajustamentos (NAKAGAWA, 2012).

Perlin e Miranda (2003) destacam a importância das comunidades surdas ao promover a interação com o outro-surdo e com mundo ouvinte. Para os pesquisadores, as diferentes trajetórias, a multiplicidade de vozes e de sinais recriam as identidades, as narrativas pessoais, os marcadores culturais, as lutas e os discursos que envolvem os grupos surdos e, dessa forma,

Os próprios conceitos subjacentes ao “ser Surdo” são produzidos e reconstruídos, em partes, na experiência das diferentes comunidades: alguns enfatizam mais os aspectos políticos, outros os aspectos referentes à língua de sinais e artes, alguns mantêm um tipo ‘ser surdo’ como minoria, como comunidade, como povo (p. 220).

Diante disso, as associações voltadas para os surdos tem importante papel no seu desenvolvimento global deles. Muitas tomam iniciativas para promover as línguas de sinais e as práticas culturais das comunidades surdas em meio ao grande público ouvinte. São agremiações políticas, culturais, religiosas e desportivas que proporcionam o encontro presencial, a troca de informações e a convivência²¹. Por meio delas, promovem campanhas, eventos, palestras onde, em geral, se firmam contra as “boas intenções” de “normalizá-los”. Os surdos, assim, ficam organizados e unidos em defender, além das questões linguísticas, outros interesses voltados à ressignificação e à revalorização da surdez como traço cultural e identitário.

Outra maneira de unir e fortalecer o povo surdo se constitui mesmo à distância. Mais recente, os avanços tecnológicos e a o uso cada vez mais crescente das redes sociais têm reconfigurado a forma de contato entre os surdos (QUADROS, 2019). Na era digital em que vivemos, há um número quase infinito de possibilidades para a comunicação. Com novas ferramentas de difusão, as comunidades surdas “divulgam-se, empoderam-se, reconfiguram-se, re-territorializam-se, ganham novas e movediças fronteiras, tendo a Internet como uma das mais importantes interfaces de afirmação identitária” (NAKAGAWA, 2012, p. 34).

Os recursos eletrônicos e a internet se sobrepõem às formas convencionais de comunicação entre os surdos²² facilitando o acesso e as trocas de informações, conhecimento, registros e produções culturais voltadas para o público surdo. No ambiente virtual correm textos, vídeos, imagens e discussões sobre as particularidades surdas. Estas possibilidades dinamizam, estreitam e fortalecem os vínculos entre as partes do povo surdo, ultrapassando até mesmo as fronteiras geográficas.

Ademais, utilizando-se dos recursos virtuais de comunicação, os surdos podem combinar encontros em acontecimentos socioculturais, como cerimônias de casamentos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros. Com isso, bares, cafeterias, restaurantes, casas noturnas, cinemas e shoppings são tomados de mãos em movimento. Percebemos um ponto salutar nisso, pois, à medida que os surdos saem do

²¹ No Brasil, podemos destacar a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis). Uma entidade filantrópica sem fins lucrativos de apoio à Comunidade Surda. Surgiu em 1977, como a FENEIDA – Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos. Propõe-se a fomentar políticas linguísticas voltadas à educação, cultura, saúde e assistência social para a Comunidade Surda. Atua em defesa dos direitos da pessoa surda, na busca de garantir maior inclusão da Comunidade Surda na sociedade (CRISTIANO, 2020).

²² Dentre eles estão os telefones públicos acessíveis para o público surdo, conhecidos como TDD – *Telecommunications Device for the Deaf* ou TS – Telefone de Surdos.

“confinamento social” (cultural e linguisticamente falando), ocupam espaços onde a presença maciça era de ouvintes. Ali, se misturam as experiências e vivências sociais. Nestes cenários, não raro surgem as primeiras interações de muitos ouvintes com os surdos. Os menos familiarizados têm a chance de conhecer o universo cultural dos surdos.

Assim, com o surgimento de novos recursos tecnológicos são remodeladas as interações surdo/surdo e surdo/não surdo, tanto numa determinada localidade, quanto a nível mundial. Concluímos que esses são efeitos positivos da tecnologia sobre as interações sociais. Sobre isso, Sá (2010) enfatiza que:

A sociedade da pós-modernidade é também caracterizada por inúmeras inter-relações culturais geradas pelos meios de comunicação e transportes. Estas inter-relações geram traços interculturais, possibilitando que diferentes formas de significação sejam trocadas em muito maior escala e em tempo presente (p. 37).

Todos os aspectos mencionados até aqui constroem e transformam a subjetividade em sujeitos surdos, ou seja, conferem a eles uma formação identitária surda. Essa questão é um campo de recente exploração por parte de pesquisadores de áreas interdisciplinares. Psicólogos, pedagogos, antropólogos, teólogos, professores, dentre outros profissionais discutem o assunto buscando entender melhor este processo. Cada vez mais, pesquisadores surdos e não surdos publicam estudos sobre esta temática. Estes contribuem para aumentar a compreensão em torno da subjetividade surda e defender o lugar dos indivíduos surdos como plenos sujeitos sociais – como grupo social.

Nos estudos pós-modernistas, por exemplo, a identidade assume aspectos transitório, contraditório, impermanente, contingente e não-essencializado. Segundo Hall (2019) ela está em constante movimento, sendo formada e transformada, na medida em que o sujeito é representado e interpelado, dentro dos sistemas culturais que o rodeiam. De modo que, para o pensador a identidade é constituída histórica e não biologicamente. Assim, um sujeito pode assumir identidades diferentes em momentos diferentes respondendo ao momento de transformação cultural vivido.

Similarmente, Louro (2000) aponta que somos sujeitos de muitas identidades. Para ele existem múltiplas identidades sociais que, em um determinado momento, nos são atraentes e, em outros são rejeitadas e descartadas. Sobre os aspectos transitórios e contingentes da identidade, o autor comenta que:

Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias (p. 6).

Nesta direção, Castells (2001, p. 3) fala da identidade como “fonte de significado e experiência”. O pesquisador aponta ela é uma construção de significados ligados aos elementos culturais como atributos inter-relacionados. Estes atributos prevalecem sobre outras fontes de significado, ou seja, sobre outras marcas culturais. No caso dos surdos, a formação da identidade é moldada pelas mudanças de paradigmas sociais em andamento – de clinicamente deficientes para identitariamente diferentes. Nasce, assim, como um grupo de minoria linguística e cultural.

Nakagawa (2012, p. 24) preconiza que a afirmação da(s) identidade(s) surda(s) não advém imediata e inexoravelmente da condição biológica do não ouvir - a surdez inscrita no corpo. Para a autora a base da qual se constrói a identidade, no caso dos surdos, consiste em “uma série de pressupostos políticos e culturais (e, por isso, históricos) que permitem aos sujeitos surdos novas, e possíveis, representações, significados e categorias sociais”.

Já Perlin (2013), pesquisadora surda brasileira, nos remete a construção de uma identidade surda dentro de uma cultura visual que possui suas próprias marcas. Usando Hall (1997), a investigadora situa o sujeito surdo como tendo uma identidade fragmentada – “em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições”. Um das características que a autora destaca sobre a identidade cultural surda é não ser ela determinada pelo local em que se nasce ou vive, mas sim, pela forma como o sujeito é interpelado por expedientes culturais. Afirma os surdos dentro da cultura ouvinte como “um caso onde a identidade é reprimida, se rebela e se afirma em questão da original” (p. 53). Daí defende que essa identidade é formada no contato com os pares e compara esta dinâmica a “um abrir do baú que guarda adornos que faltam aos personagens” (p. 54).

Quadros (2019, p. 32), pesquisadora e filha de pais surdos, comenta a identidade surda como ligada “à identificação da pessoa dentro da comunidade surda, com o sentimento de pertencimento ao grupo sociocultural de surdos de determinado local, região ou país, e até mesmo internacionalmente”. Nesta relação o encontro com uma comunidade surda parece imprescindível para a formação de uma identidade que poderia ser considerada como surda. Ela se desenvolve espontaneamente quando os sujeitos surdos se encontram com os outros membros surdos nas comunidades surdas (STROBEL, 2018). Disso percebemos que a

formação de identidades surdas se dá a partir de referências culturais surdas.

As identidades surdas são, assim, produzidas dentro de um contexto histórico onde existem relações de poder e de saber que se estabelecem nas sociedades. Portanto, permanecem num contínuo processo de redefinição de caráter transitório, contraditório, contextual e contingente. Desta forma, podemos considerar a existência de várias identidades surdas e não uma absoluta, permanente, monocromática. Elas são constructos históricos e sociais, esculpidas pelo conjunto das experiências visuais, das referências culturais e das interações sociais. Portanto, são também esculpidas no encontro com o mundo ouvinte, nas encruzilhadas com os discursos dominantes e na convivência com o outro-surdo. (NAKAGAWA, 2012).

A identidade surda, a essa maneira, é uma construção inacabada, modelada em grande parte pelas estruturas discursivas e pelos sistemas de representações e imaginários sociais. Em razão disso, “o que se diz dos surdos, e para os surdos, contribui para a formação de sua(s) identidade(s). Também por isso se diz que a identidade tem estreita ligação com as relações de poder, pois a sociedade traça políticas de identidade” (SÁ, 2010, p. 307).

Neste ponto, vale ressaltar que a surdez, no viés da identidade cultural, continua a incomodar alguns, visto que, na maioria das vezes, se prefere negar as diferenças a aceitá-la e correspondê-la. A história registrada dos surdos evidencia que, durante os séculos, o poder do discurso ouvintista tenta impor as marcas da cultura próprias dos ouvintes aos povos surdos para mantê-los sob sua influência. Por muito tempo, os surdos foram rotulados como deficientes, sendo proibidos de falar a sua própria língua, sofrendo por ter que abrir mão de sua essência. Até que surge o discurso cultural como escape salvacionista que legitima o “ser surdo” como sendo elemento fundamental, a base da diferença surda (GOMES, 2011). De modo que, tanto as novas compreensões sobre a surdez quanto as velhas visões e posturas ouvintistas exercem forte efeito sobre os sujeitos surdos e impactam na sua formação cultural e de identidade. Daí a importância de difundir questões culturais e de identidade surdas, pois os indivíduos com surdez servir-se-ão desses saberes para produzir seu modo específico de subjetividade.

Desta breve consideração é possível enxergar que os surdos são plenamente sociáveis. E o serão ainda mais à medida que a sociedade os aceitar como diferentes, não só os reconhecendo passivamente como sujeitos culturais e de identidade, mas abrindo oportunidades para a sua sociabilidade. E, na interação social com estes sujeitos, conhecer a língua de sinais praticada pela comunidade surda local pode fazer uma grande diferença. Sobre isso falaremos agora.

2.3 A LÍNGUA DE SINAIS: MEIO NATURAL PARA AS INTERAÇÕES LINGUÍSTICAS, SOCIAIS E CULTURAIS DOS SURDOS

A linguagem, na visão da pós-modernidade, assume um propósito diverso daquele da modernidade. No entendimento modernista, era encarada como veículo de representação da realidade – um meio transparente e neutro de reproduzi-la. Já para os pós-modernistas a linguagem é instituidora da realidade, ela a cria e a transforma ao produzir novos saberes, desconstruindo paradigmas. Não à toa, antropólogos e estudiosos socioculturais consideram a língua qual componente determinante na construção de identidades, uma vez que ela permite a interação entre os indivíduos.

Quando os Estudos Culturais se consolidam como campo de conhecimento, a comunicação sinalizada, praticada por surdos, passa a ser entendida como uma língua natural²³, estrutural e gramaticalmente constituída. As línguas de sinais ganham, a partir de então, reconhecimento linguístico (WITCHES; LOPES, 2018).

Historicamente, na década de 1960, a complexidade e a riqueza da língua de sinais foram comprovadas por meio das pesquisas linguísticas do americano Willian Stoke. Elas mostraram que a comunicação gestual praticada por surdos na verdade era uma língua complexa, plenamente configurada em sua morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, conforme os estudos descritivos do linguista. Assim, foi conferida à língua de sinais o status de língua e, até hoje, muitos investigadores se dedicam aos estudos e a promover o uso dela (SACKS, 2010)²⁴.

Esse reconhecimento e legitimação consolidaram a marca linguística nas discussões sobre a surdez. Para Gesser (2009, p. 9), esta conquista conferiu ao surdo alguma “libertação”, o distanciando dos moldes e representações que, até então, eram unicamente patológicos. A autora diz que, uma vez ganhando visibilidade, “a língua desvia a concepção da surdez como deficiência – vinculada às lacunas na cognição e no pensamento – para uma concepção de surdez como diferença linguística”.

Faz-se oportuno, então, afirmar e reafirmar que a língua de sinais:

[...] é uma língua visuogestual, criada pela comunidade de surdos. É

²³ As línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surge da interação entre pessoas. Sua estrutura permite a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (BRITO, 2015).

²⁴ Alguns estudos similares, no Brasil, sobre a estrutura linguística da Libras – Língua Brasileira de Sinais – são Ferreira Brito (1995), Quadros & Karnopp (2004), Xavier (2006), Leite (2008) e Quadros (2019).

composta de movimentos e formatos específico de mãos, braços, olhos, face, cabeça e postura corporal, que combinados fornecem as características gramaticais necessárias para a formação de uma língua (fonológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas). É o meio natural de comunicação entre os surdos [...] (LIMA; BOECHAT; TEGA, 2003, p. 46).

Foram os surdos que “criaram, desenvolveram e transmitiram, de geração em geração, uma língua, cuja modalidade linguística de recepção e produção é visuogestual” (SKLIAR, 2013, p. 24). Como mostra a fala acima, as mãos não são o único meio de projetar informações linguísticas. São utilizados extensivamente os marcadores não manuais como as expressões faciais e os movimentos corporais. Estas expressões possuem carga sintática e semântica sendo consideradas como elementos gramaticais que fazem parte da estrutura da língua (QUADROS; PIZZO; REZENDE, 2008). Longe de serem muito simplistas, as línguas de sinais (LS) são sistemas de linguagens complexos²⁵. Configuram um meio de interação cinésico-visual cheio de possibilidades para os seus usuários. E, ao contrário do que muitos imaginam, não é mímica!

Outro equívoco comum sobre esta língua é o de pensar ser ela universal. Assim como outras línguas, as línguas de sinais não são estáticas e imutáveis. Fatores como a extensão e a descontinuidade territorial, além dos contatos com outras línguas favorecem a diversificação e a mudança da língua dentro de uma comunidade linguística (GESSER, 2009). Com a língua de sinais não é diferente! Elas mudam de acordo com: as regiões em que são sinalizadas – as chamadas variações diatópicas; os diferentes estratos socioculturais de seus usuários – conhecidas como variações diastráticas; e, também, os momentos e circunstâncias da enunciação – as variações diafásicas. “São sistemas dinâmicos, vivos, que a cada dia se refazem. Uma língua-rio que corre nas mãos de surdos e ouvintes, desaguando em diversos idioletos”. (NAKAGAWA, 2012, p. 52). O que é universal é a vontade de se comunicar.

Existem dezenas de línguas de sinais espalhadas pelo mundo. Elas se encontram em fases diferentes de estatuto e representação sociais que oscilam num contexto político, econômico e cultural territoriais. Em alguns Estados são reconhecidas como línguas oficiais ou reguladas por uma série de dispositivos constitucionais. Em outros países não são nem sequer mencionadas nos pré-projetos de leis.

A língua de sinais utilizada no Brasil pelas comunidades surdas urbanas é a Língua

²⁵ Para ilustrar, surdos e integrantes da comunidade surda recebem um sinal pessoal (como um nome próprio) e passam a ser identificados por ele. Numa primeira apresentação, os interlocutores primeiro dizem seus nomes próprios usando o alfabeto manual e depois se identificam pelo sinal pessoal. Este sinal é o nome visual dado quando se passa a pertencer à comunidade surda. “Trata-se do nome em sinais que cada um de nós recebe por integrarmos a comunidade surda, por pertencermos a esse grupo social” (QUADROS, 2019, p. 43).

de Brasileira de Sinais, também denominada Libras, e também referida como Língua de Sinais Brasileira – LSB. Como veremos adiante, passou a ser referenciada oficialmente e está espalhada por todo o território nacional. Ainda, de acordo com Quadros (2019, p. 25):

Tanto quanto a língua portuguesa, é uma língua pulverizada por todo o país, especialmente nas grandes cidades brasileiras e usada onde há concentração de surdos brasileiros que compartilhem espaços em comum, tais como escolas, associações, pontos de encontro de surdos, igrejas, entre outros (p. 25).

Mas a estrada percorrida para a língua de sinais ganhar o espaço de aceitação que tem hoje no Brasil e no mundo foi longo. Este reconhecimento da língua não foi e não é um caminho fácil, visto que ainda é preciso afirmar e reafirmar esta legitimidade linguística. Neste interim, as conquistas no campo da Educação de surdos tiveram grande relevância em afirmar sua validade. Vejamos a seguir um breve resumo.

Sacks (2010) escreveu que, ainda em 1950, a língua de sinais não era considerada como uma língua propriamente dita. Era tida como uma espécie de pantomima ou código gestual. Nem mesmo aqueles que a empregavam consideravam que era uma verdadeira língua, com gramática própria. Embora já no século XVI houvesse uma noção de que a compreensão das ideias não dependia de ouvir palavras, os surdos eram ignorados, com terríveis consequências. O autor aponta que sofreram uma ‘destituição íntima – a destituição do conhecimento e do pensamento pela ausência de qualquer comunicação ou de medidas reparadoras’. Por exemplo, descreve como uma verdadeira calamidade a situação das pessoas com surdez pré-lingual²⁶ antes de 1750, por serem consideradas:

[...] incapazes de desenvolver a fala, e portanto “mudos”, incapazes de comunicar-se livremente até mesmo com seus pais e familiares, restrito a alguns sinais e gestos rudimentares, isolados, exceto nas grandes cidades, até mesmo da comunidade de pessoas com o mesmo problema, privados de alfabetização e instrução, de todo o conhecimento do mundo, forçados a fazer os trabalhos mais desprezíveis, vivendo sozinhos, muitas vezes à beira da miséria, considerados pela lei e pela sociedade como um pouco mais que imbecis – a sorte dos surdos era evidentemente medonha (p. 24).

Apesar desta visão negativa sobre os surdos, ao longo da História houve educadores

²⁶ A literatura se refere aos indivíduos com perda auditiva total, como o surdo pós-lingual ou o pré-lingual. O primeiro se refere ao que experimentou a audição durante algum período de sua vida e mantém relações com a língua sonora – de ordem neurológica ou por associações baseadas na experiência de quando ouvia. No segundo caso, não há experiência auditiva. A surdez ocorre antes da aquisição de uma língua (OLIVEIRA, 2005).

e pesquisadores que investiram na socialização dos surdos por meio da educação. Falando sobre o tratamento dado aos surdos durante a Idade Média destaca-se o trabalho educativo do monge beneditino Pedro Ponce de León (1520-1584), um dos primeiros educadores de surdos, no mundo ocidental, de que se há registros. Naquela época, os ideais do período renascentista – que provocaram transformações sociais, culturais, econômicas e religiosas – trouxeram novas formas de se olhar a surdez, “enredando novos pressupostos para os esforços tomados em relação aos surdos-mudos”. O monasticismo²⁷ e a o uso de sistemas gestuais de comunicação deram a base para o eclesiástico atuar no ensino da leitura, da escrita e da oralidade para jovens e crianças surdas visando à sua salvação (NAKAGAWA, 2012). Promoveu, desta forma, novas perspectivas para aprendizado das pessoas surdas que influenciam sua educação ainda hoje. De acordo com Lodi (2005):

Seu trabalho não apenas influenciou os métodos de ensino para surdos no decorrer dos tempos, como também demonstrou que eram falsos os argumentos médicos e filosóficos e as crenças religiosas da época sobre a incapacidade dos surdos para o desenvolvimento da linguagem e, portanto, para toda e qualquer aprendizagem (p. 411).

Assim, a busca de possibilidades para tratar e curar o indivíduo surdo começou a ser abandonada, se deslocando do terreno do sobrenatural, do imperfeito, para ir ao encontro de bases pedagógicas em favor do seu desenvolvimento educacional. O cientista italiano Girolamo Cardano (1501-1576) trouxe, também, contribuições para a forma de olhar o surdo naquele contexto histórico. Afirmou publicamente que os surdos tinham a habilidade do raciocínio uma vez que sua escrita representaria os sons da fala ou as ideias do pensamento (SILVA, 2006).

Certamente, para estes filósofos e educadores, a privação do universo sonoro não era um impedimento para o acesso à linguagem, ao pensamento lógico e ao raciocínio. Na Idade Média esses esforços eram “comumente assumidos por iniciativas religiosas, e destinavam-se a um (muito) restrito grupo de crianças e jovens, membros das nobrezas locais”. (NAKAGAWA, 2012, p. 14). Em meio a isso, não podemos esquecer que a instrução para surdos acontecia numa sociedade marcada por desigualdades e privilégios. Para além da caridade, estavam os interesses econômicos. Objetivava-se a preservação dos bens das

²⁷ O monasticismo surgiu como nova forma de martírio e devoção para os que professavam ser cristãos. Em muitos mosteiros, além dos votos de pobreza, castidade e obediência, zelava-se pelo voto do silêncio. Consequentemente, os ali tinham que se comunicar entre gestos e expressões não vocais.

famílias “infortunadas” com integrantes “surdos-mudos” (TBENEDETTI, 2016, p. 10). Pode-se concluir, com isso, que existiam, como existem, surdos mais instruídos que outros.

Com o tempo, mais transformações sociais afetaram a vida dos surdos e o uso da língua de sinais entre eles a partir de XVIII. Elas acompanharam as mudanças sócio-políticas e culturais da época iluminista. Com os discursos universalizantes atingindo também o campo da Educação, educadores voltaram sua atenção para os surdos. Ocorre neste período uma separação mais nítida entre profissionais oralistas e gestualistas.

Dentre eles estava Samuel Heinicke (1729-1790), fundador das bases usadas na contemporaneidade para as abordagens oralistas. Ele inaugurou a primeira escola pública para surdos na Alemanha. Para ele, os indivíduos surdos precisavam aprender a fala pelo exercício da oralidade²⁸, a fim de acessar ao mundo letrado (TBENEDETTI, 2016). O oralismo puro era preferido às “linguagens de sinais”. Assim, a ortopedia da fala e a articulação dos fonemas impunham a adesão de um modelo ouvinte. O uso de gestos era banido por se pensar (e ainda alguns pensam até hoje) que o aprendizado da língua oral majoritária seria prejudicado. O alvo era a desmutização das crianças e jovens surdos (NAKAGAWA, 2012).

Paralelamente, o abade Charles-Michel de l’Eppé (1712–1789) percebeu que os surdos pobres que vagavam por Paris haviam desenvolvido uma língua de sinais nativa. Ele a encarou não com desprezo, mas com reverência e talvez tenha sido o primeiro ouvinte a aprender a língua dos surdos. Então, “associando sinais a figuras e palavras escritas, o abade os ensinou a ler; e com isso, de um golpe, deu-lhes o acesso aos conhecimentos e à cultura do mundo” (SACKS, 2010, p. 26). Criou o que chamou de “sinais metódicos” – uma combinação da língua de sinais nativa com a gramática francesa traduzida em sinais. Este sistema não correspondia exatamente às “linguagens” correntes nas comunidades surdas da época. Entretanto, visto que seguia a estrutura da língua francesa, facilitava o ensino, a leitura, a escrita e a fala da língua dominante (CARVALHO, 2012, p. 17).

Entretanto, de um outro ponto de vista sobre as práticas acima, a pesquisadora Sá (2010) alude que:

Na verdade, por trás de uma história na qual se glorifica o abade l’Épée e seus sucessores está o início das práticas de agrupamento de surdos em instituições, primeiramente chamadas asilos e, depois, escolas. A história da perspectiva dos benfeitores destaca pessoas e feitos, mas esconde a prática social de colocar à margem os diferentes e isolá-los (p. 70).

²⁸ Oralização é um treinamento, hoje sob a orientação de fonoaudiólogos, para que uma pessoa surda possa produzir os sons vocais da língua oral. Essa prática é realizada juntamente com a prática da leitura labial (GESSER, 2009, p. 22, nota).

De toda forma, a escola fundada por l'Épée, em 1755, foi a primeira que obteve auxílio público. Funcionou, também, como um centro de treinamento de professores para surdos, espalhando 21 escolas entre França e a Europa. Foi transformada, em 1791, no National Institution for Deaf-Mutes, em Paris (SACKS, 2010). Colocava-se, desta forma, contra a “instrução elitista e proselitista dada por preceptores e ordens monásticas a alguns poucos privilegiados nos séculos XVI e XVII”. Os esforços de l'Épée buscavam popularizar a educação para o povo surdo, em grande parte marginalizado, possibilitando, desta maneira, a inclusão de surdos nas esferas de uma produção econômica capitalista industrial que se organizava (NAKAGAWA, 2012). Esta Instituição surgiu como “centro irradiador de um ideário científico e modelo educacional para diversos países, contextualizado pelo projeto de uma instrução pública para todos” (LULKIN, 2013, p. 34). Como desdobramentos, novas políticas de inclusão e de assistência aos surdos surgiram e eles foram mais acolhidos pela sociedade. Assim, podiam alcançar sua emancipação, exercer sua cidadania e assumir posições de destaque profissional tornando-se escritores, engenheiros, filósofos, entre outros (CARVALHO, 2012).

Sobre este tempo, Sacks (2010) relata que:

Esse período que agora se figura como uma espécie de era dourada na história dos surdos marcou o rápido estabelecimento de escolas para surdos, geralmente mantidas por professores surdos, em todo o mundo civilizado, a emergência dos surdos da obscuridade e da negligência, sua emancipação e aquisição de cidadania e seu rápido surgimento em posições de importância e responsabilidade – escritores surdos, engenheiros surdos, filósofos surdos, intelectuais surdos, antes inconcebíveis, subitamente eram possíveis (p. 30).

A partir de então, junto com o desenvolvimento das grandes cidades, os vínculos entre os sujeitos surdos é fortalecido e a língua de sinais da época se faz presente nas trocas comunicativas. Como um grupo mais coeso, surgem novas comunidades surdas urbanas. Todavia, se neste sentido havia mais encontros, o campo da Educação de surdos se dividia cada vez mais. O embate entre as propostas gestualistas e oralistas se dilatou em toda a Europa. Uma parte cada vez maior de educadores defendia o uso da língua de sinais como o melhor caminho no processo de ensino e de aprendizagem, enquanto outros tornavam a fala um dos principais objetivos pedagógicos. No seio da disputa, as escolas para surdos, fossem calcadas nas abordagens gestualistas de l'Épée ou inspiradas nas exigências oralistas de Heinicke, se multiplicam para além do território europeu, abrindo novos postos de trabalho

para professores e outros profissionais surdos, como nos Estados Unidos e no Brasil (NAKAGAWA, 2012).

No Brasil, na época do segundo reinado, houve o primeiro investimento público registrado direcionado para a educação de surdos. A convite do Imperador D. Pedro II, um surdo francês chamado Ernest Huet chegou ao Brasil, em 1855, para criar a primeira escola para surdos brasileiros. Em setembro de 1857, no Rio de Janeiro, foi fundado o atualmente conhecido Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Este centro educacional é considerado referência nacional para a formação dos indivíduos surdos (DUARTE, 2013)

Destarte, aqui e no mundo, a educação de surdos e a língua de sinais caminhavam juntas até que na segunda metade do século XIX foram brutalmente separadas. Referindo-se a um momento crítico da história humana, a partir de 1870, que também reverberou sobre a aceitação social das línguas de sinais, Sacks (2010) nos conta:

De fato, o que estava acontecendo com os surdos e a língua de sinais era parte de um movimento geral (e, para quem preferir, “político”) da época: uma tendência à opressão e ao conformismo vitorianos, à intolerância com as minorias e com as práticas das minorias de todos os tipos – religiosas, linguísticas, étnicas. Foi nessa época, por exemplo, que as “pequenas nações” e as “pequenas línguas” do mundo (por exemplo, o País de Gales e o galês) viram-se pressionadas a incorporar-se ou submeter-se (p. 33).

Naquele tempo, na América do Norte, as cisões entre os que defendiam as formas manualistas (as línguas de sinais) para educar os surdos e os que primavam pela língua oral como principal meio de instrução para eles aumentavam. O desacordo pedagógico, por fim, se transformou numa guerra pelo melhor método de ensino para os surdos, resultando em uma crise na educação e na vida social deles.

Podemos destacar a atuação de professores e investigadores como o próprio Alexander Graham Bell, entusiasta de abordagens oralistas²⁹. Em seus escritos se posicionava com veemência sobre os efeitos negativos do agrupamento de crianças surdas. “Tais ideias escondiam (ou talvez declarassem) uma tentativa de eugenia – busca da melhoria de espécies humanas por meio do cruzamento controlado” (SÁ, 2010, p. 73). Seus discursos contra a perpetuação das línguas de sinais no ensino de surdos tiveram um desfecho vitorioso no Congresso Internacional de Educadores Surdos, em Milão, no ano de 1880 – conhecido como Congresso de Milão. Nele professores surdos foram excluídos da votação entre o melhor

²⁹ O oralismo diz respeito à imposição exclusiva da língua na modalidade oral. Preconiza a integração do surdo na cultura ouvinte e seu afastamento da cultura surda.

método de educar pessoas com surdez: o oralismo ou o uso da língua de sinais nas escolas. O oralismo saiu vencedor (SACKS, 2010). Skliar (2013, p. 16) comenta sobre isso que “apesar de algumas oposições individuais e isoladas, o referido congresso constituiu não o começo do ouvintismo e do oralismo, mas sua legitimação oficial”. Nesta época, o oralismo ganhou força. Tendo como resultado, Moura (2000) aponta:

“A educação dos Surdos entrou no século XX, portanto, sob o domínio do oralismo. Um oralismo que defendia a oralização dos surdos por questões eugênicas, ideológicas e políticas e que tinha como objetivo principal a destruição de uma minoria linguística e cultural que ameaçava a hegemonia dos ouvintes na concepção de seus defensores” (p. 51).

As consequências daquele desfecho são consideradas nefastas para o povo surdo. Lulkin (2013) mostra que as instituições passaram a não permitir mais a circulação da língua de sinais. As expressões corporais, manifestação espontânea significativa nas narrativas, dramatizações e artes surdas também foram proibidas pelo discurso da sanidade normalizadora mediante os padrões de ouvintes. Junto ao banimento da língua de sinais do espaço escolar, professores surdos adultos, referências enquanto produtores e reprodutores dos aspectos culturais para as comunidades surdas foram demitidos. Desta forma, a língua de sinais foi tolhida na balança dos poderes e em seu lugar ficaram as próteses, implantes, cirurgias, treinamento auditivo, articulação de fonemas, audiometrias, exercícios respiratórios, aquisição de vocabulário oral e o que mais estivesse relacionado ao propósito de torna o surdo ouvinte.

Skliar (2013) denuncia que a partir das decisões impostas pelo Congresso:

Foram mais de cem anos de práticas engeguecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade de controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos (p. 7).

Gesser (2009) também ataca a filosofia oralista imposta naquele evento. Desponta como grande problema colateral herdado para a comunidade surda marcas emocionais e sociais profundas. Sentimentos de indignação, frustração, opressão e discriminação entre os usuários de sinais se espalharam. As sessões de fala e treinos repetitivos pregados pelo oralismo do passado baniram a língua de sinais em prol do uso exclusivo da língua oral.

Sacks (2010, p. 37) afirma que “o oralismo e a supressão da língua de sinais

acarretaram uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas e na instrução dos surdos em geral”. Um dos fatores que contribuiu para essa defasagem foi, segundo o autor, a pobreza de conteúdo de informação educativa em comparação aos das crianças ouvintes, visto que se gasta muito tempo dedicado ao desenvolvimento da fala (entre cinco a oito anos de ensino individual intensivo) restando quase nada para transmitir e abordar a cultura, treinar habilidades complexas, etc.

Podia até parecer que as línguas de sinais estavam fadadas à extinção. Entretanto, elas sobreviviam e ganhavam fôlego às escondidas, a cada encontro de surdos, pois:

Nos segredos dos gestos, nos encontros em associações, nas práticas desportivas, nos momentos privados em espaços escolares e em instituições “especiais”, nas lutas e nos movimentos sociais, as línguas de sinais mantinham-se vivas, assim como práticas culturais próprias perpetuavam-se entre gerações. Desse modo, as comunidades surdas se fortaleceram, pouco a pouco, (re)criando espaços próprios e comuns em que a diferença não os subalternizava, permitindo articulações e promoções de lutas por direitos e reconhecimento (NAKAGAWA, 2012, p. 22).

Durante aquele período de trevas para a história do povo surdo, nenhum linguista ou cientista deu atenção à língua de sinais até que o medievalista e linguista Willian Stokoe ingressa na Gallaudet College³⁰ nos fins da década de 1950. Naquela década, a língua de sinais não era ainda considerada uma língua propriamente e, sim, uma espécie de pantomima ou código gestual. Stokoe genialmente percebeu e provou que a língua de sinais “satisfazia todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico e na sintaxe, na capacidade de gerar um número infinito de proposições”. A partir deste entendimento publicou, em 1960, seus estudos em *Sign Language structure* e, posteriormente com seus colegas surdos Doroty Carterline e Carl Croneberg, em 1965, o *Dictionary of American Sign Language* (SACKS, 2010, p. 70).

Em poucos anos, depois dos estudos linguísticos de Stokoe comprovarem o status da língua de sinais, o clima da opinião pública, como um todo, mudou e começou uma dupla revolução. Sacks (2010, p. 71) indica que ocorreu “uma revolução científica, atentando para a língua de sinais e seus substratos cognitivos e neurais, como ninguém jamais pensara antes em fazer, e uma revolução cultural e política”. As pesquisas de Stokoe reavivaram a luta pelo

³⁰ No ano de 1864, em Washington – EUA, surgiu a Columbia Institution for the Deaf and the Blind – a primeira instituição educacional de ensino superior especificamente para surdos. Seu primeiro reitor foi Edward Gallaudet, filho de Thomas Gallaudet que levou o professor surdo francês Laurent Clerc, em 1816, aos Estados Unidos para impulsionar a educação de surdos ali. Posteriormente, esta faculdade foi batizada Gallaudet College, atualmente Gallaudet University (SACKS, 2010).

reconhecimento das línguas de sinais ao redor do mundo.

Voltando ao Brasil, um dos considerados grandes marcos a favor do povo surdo brasileiro, em razão de estudos procedentes de pesquisadores nativos surdos e ouvintes, aliados a luta das comunidades surdas, se deu em 2002 com a Lei nº 10.436 que oficializou a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão oriunda das comunidades de pessoas surdas do país. Três anos depois, o Decreto 5.626 de 2005, regulamentou o direito de uso e a sua inclusão em instituições e concessionárias de serviços públicos no Brasil. Com estes respaldos legais, a promoção da língua de sinais ganhou novo fôlego. Estes dispositivos reforçaram a luta e resistência contra os esforços de proibição ou negação da língua de sinais como forma de comunicação. Como consequência, novos cursos de formação e capacitação, bens e serviços, entre outros, são criados visando o atendimento ao público surdo. Nakagawa considera que:

O reconhecimento oficial das línguas gestuais não é meritório pelo simples fato de pôr em plano superior – com a chancela do governo – o prestígio das L.S., mas pelos desdobramentos práticos e políticos que implica. Ancorado em um substrato legal, desdobra-se na criação e no fomento de medidas (físicas e simbólicas) que asseguram a difusão e a efetivação das L.S.: como a regulamentação de novas profissões (formadores, consultores, instrutores, intérpretes de línguas de sinais, etc.), a exigência de recursos de acessibilidade para o público Surdo (como as janelas de tradução em emissões televisivas ou os *video relay services* – VRS66), a criação e a valorização de espaços de ensino e investigação (cursos, oficinas, programas, exames e licenciaturas específicas), entre outras. Um corolário de novos direitos, aos poucos – e com muita luta –, desdobra-se a partir de novas disposições legais, pavimentando o caminho para uma vida mais cheia de possibilidades para o povo surdo, em todas as suas diferenças (2012, p. 55)³¹.

Dos pontos aqui sublinhados, observamos o impacto da língua de sinais no desenvolvimento integral do sujeito surdo, pois ela possibilita uma relação interessante e produtiva com o mundo ao seu redor. Além do desenvolvimento cognitivo, a língua de sinais assume na vida do surdo uma importância sociocultural e, por sua vez, na formação de sua identidade.

Silva (2003) frisa a importância da aquisição de uma linguagem para a vida do sujeito surdo, uma vez que ao ter “uma linguagem interiorizada, o surdo poderá manifestar seus pensamentos, desejos, sentimentos e se comportar como qualquer pessoa. Enfim, a única

³¹ O VRS é um serviço básico de telecomunicações criado no Canadá que permite que pessoas com surdez se comuniquem com os usuários de telefone através de chamadas de voz. O usuário de uma língua de sinais se conecta a um operador por videoconferência. O operador faz uma chamada telefônica de voz para a outra parte e retransmite o conteúdo da conversa da língua de sinais para a voz e vice-versa.

diferença do surdo seria fazer parte de uma minoria linguística” (p. 94). Como afirmam muitos pesquisadores atuais, a Língua de Sinais “é a única língua que permite à pessoa surda acessar a todas as características linguísticas da fala” (LIMA; BOECHAT; TEGA, 2003, p. 46).

Hall (2005, p. 40) define a língua como um sistema social e não individual. Portanto, a língua não possibilita apenas o se expressar, mas “significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”. Corroborando com isto, Gesser (2009, p. 59) afirma, considerando a relação entre indivíduo com surdez profunda e a língua oral, que “a incorporação da língua de sinais é imprescindível para assegurar as condições mais propícias nas relações intra e interpessoais que, por sua vez, constituem o funcionamento das esferas cognitivas, afetivas e sociais [...]”.

Em verdade, sem um meio para se expressar, o ser humano fica tolhido, restrito e acuado em uma prisão no silêncio, o que pode trazer sérias consequências para ele. No caso dos surdos esta expressividade se dá naturalmente por meio da língua de sinais. Sacks (2010, p. 10) preconiza que “um ser humano não é desprovido de mente ou mentalmente deficiente sem uma língua, porém está gravemente restrito no alcance de seus pensamentos, confinado, de fato, a um mundo imediato, pequeno”. Em contraste, as línguas de sinais viabilizam a comunicação livre em duas vias, sobre quaisquer assuntos, sem perdas de conteúdo e sentido para quem a utiliza. Mesmo áreas técnicas de conhecimentos, com nomes ou conceitos específicos, são acessíveis por meio desta língua.

Disso inferimos que a língua de sinais é um veículo de transmissão e construção de realidades e de valores culturais. Permite aos surdos, além de convívio social, trocas de conteúdos comunicativos que são significados, produzindo sentidos de ser e estar no mundo, a partir de uma referência em comum. Esse pensamento encontra respaldo em Costa (2007, p.102), ao afirmar que “quando indivíduos, grupos, tradições, descrevem ou explicam algo em uma narrativa, discurso, temos a linguagem produzindo uma realidade”.

É nesse processo que a língua apresenta realidades, podendo as transformar. Gomes (2011, p. 35) alude que “a produção e circulação do processo de significação de mundo passam pela linguagem. É através dela que construímos os significados”. A autora aponta que além de ser essencial para o processo de significação, a linguagem não só relata, mas constitui uma realidade, criando e inventando a verdade sobre algo. Retomamos aqui as palavras que cita a pesquisadora, inspiradas nos estudos de Hall (1997):

Nessa perspectiva, é inevitável não atrelar a cultura ao que se refere a

sentimentos compartilhados utilizando-se da linguagem. Conforme Hall (1997), a linguagem é o meio privilegiado através do qual “damos sentido” às coisas, onde o significado é produzido e trocado. Dessa forma, o acesso comum à linguagem produz significado no que tange à cultura. Ainda Hall (1997) afirma que a linguagem é capaz de construir significados porque ela opera num sistema representacional; portanto, a representação através da linguagem é central para o significado produzido (p. 36).

De fato, ter uma língua para se comunicar é essencial à formação cultural e identitária do ser humano. Conforme defende Strobel (2018, p. 52), para “o sujeito surdo ter acesso às informações e conhecimentos, e para construir sua identidade, é fundamental criar uma ligação com o povo surdo em que se usa a sua língua em comum: a língua de sinais”.

Sobre o processo de aquisição da língua de sinais, o contato com outro fluente é fundamental. Sacks (2010) arrazoa que nossos sentidos são naturais – nascemos com eles e podemos desenvolvê-los sozinhos a exemplo das habilidades motoras. Entretanto, contrapõe que não podemos adquirir sozinhos uma língua, pois essa capacidade se insere numa categoria única. Ou seja, o ser humano tem uma capacidade inata essencial para desenvolver uma língua, mas ela só é ativada por outra pessoa que já adquiriu capacidade e competência linguística. O autor conclui: o “corolário disso tudo é que, se a comunicação for imprópria, haverá consequências para o crescimento intelectual, o intercurso social, o desenvolvimento da linguagem e as atitudes emocionais, simultânea e inseparavelmente” (p. 59, 60).

Além da língua de sinais ser uma base linguística importante para sujeitos surdos, é considerada também um traço distintivo que modela grande parte de suas práticas simbólicas. Ela é um dos principais marcadores culturais das comunidades surdas, funcionando como uma espécie de fronteira entre as culturas surdas e as culturas de ouvintes. Strobel (2018) defende a língua de sinais também como uma das principais marcas da identidade de um povo surdo por ser uma peculiaridade da cultura surda.

Com o acesso à língua de sinais, a participação ativa em uma comunidade surda acontece. Neste processo os surdos podem desenvolver maior confiança, autoestima e sua identidade. A valer, saber se comunicar em Libras é indicativo de que a pessoa entende aspectos de sua história, pelo menos os básicos. Assim, é possível o transmitir e o captar das experiências. Por isso, entre os surdos o importante no outro com surdez não é saber prioritariamente sobre o que a causou ou grau de anacusia (ausência de audição). Eles se mostram muito mais interessados no seu conhecimento e fluência em na língua de sinais.

Portanto, a língua de sinais é de suma importância para o processo de formação social, cultural e de identidade para os surdos. Consequentemente, a presença ou não dela

impactará nas interações cotidianas entre surdo/surdo ou surdo/não surdo em diferentes cenários sociais. Por exemplo, estudos indicam que os problemas afetivos e psicológicos, frequentemente atribuídos aos surdos, podem ter suas raízes na ausência de uma comunicação recíproca e satisfatória dentro do contexto familiar durante os primeiros anos de vida. A qualidade da interação da família com a criança surda tem influência direta na formação de sua autoimagem (SILVA, 2003).

Na maioria das vezes, por não aprenderem na tenra idade a língua de sinais e ter assim seu acesso à comunidade surda e ao povo surdo bloqueado a maioria das crianças surdas nesta situação tem seu desenvolvimento comprometido em muitos campos, como no psicológico, emocional e cognitivo. O pesquisador Longman (2007, apud NAKAGAWA, p 27) comenta que a “ausência de uma língua competente, por mais de dez anos, leva muitos desses sujeitos a pensarem que estavam sozinhos no mundo, impossibilitando a construção do seu passado e futuro”.

Por outro lado, Silvia (2003) faz referência às observações apontadas por Skliar (1997) o qual observou que os surdos de famílias cujos pais eram também surdos tinham uma melhor aceitação e o processo de aquisição da língua de sinais já começava bem cedo. Como resultado, filhos surdos de pais surdos alcançavam maiores níveis acadêmicos, melhores habilidades para aquisição da língua oral e escrita, tinham a leitura semelhante aos do ouvinte. Além disso, construíam uma identidade equilibrada, não apresentando menos problemas sociais e afetivos em relação aos filhos de pais ouvintes.

Fato interessante, mas não surpreendente é que, dentro das comunidades surdas são muito comuns os casamentos endogâmicos – entre pares surdos. E, quando nasce um bebê com surdez, diferentemente de muitas famílias ouvintes que encaram passam por um momento de luto e frustração, os pais surdos geralmente recebem o novo integrante com alegria por terem mais um surdo na família. Em casos assim, o ambiente familiar se torna um espaço de compartilhamento linguístico. Ali, adultos e crianças trocam, sem grandes barreiras, conversas, conselhos, ralhos, piadas, ensinamentos interagindo por meio de uma língua em comum, sem grandes obstáculos de comunicação, por meio de uma língua comum (NAKAGAWA, 2012).

No tocante à prática da Libras dentro do contexto familiar, comumente ela é substituída por sinais “caseiros”³². Neste sentido, Quadros (2019) faz um alerta, ao revelar

³² Sinais “caseiros” são gestos ou construções simbólicas inventados no âmbito familiar. É comum em famílias onde há filhos surdos de pais ouvintes. Diferente da Libras, se estabelece um outro sistema convencional de comunicação entre mãe-ouvinte e criança-surda. Alguns familiares preferem usar este recurso por imaginar que a

que existem ameaças à perpetuação da Libras:

Os riscos que ameaçam a vida da Libras decorrem de sua forma de transmissão. O fato de ela não ser transmitida de pai para filho – a grande maioria das crianças surdas nasce em famílias de ouvintes que não a conhecem – torna a Libras suscetível a constantes reinvenções. As crianças surdas crescem sem um a língua estabelecida. Em alguns casos, no afã de se comunicarem, usam com outras pessoas produções que podem se tornar verdadeiras línguas emergentes. No entanto, muitas vezes, terão contato tardio com uma língua de sinais já estabelecida (p. 41).

Para além do contexto familiar, outro campo em que podemos considerar a Libras como fundamental para o desenvolvimento dos surdos é o da Educação. Como vimos, somente a partir do século XVIII é que surgem as informações sobre os surdos em situações educacionais. Já sabemos também que o oralismo e a supressão da língua de sinais acarretaram uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas e dos surdos em geral. Nos últimos anos, todavia, as línguas de sinais passaram a ser reconhecidas e utilizadas como instrumento para educação de surdos. Com isso, constatou-se que os surdos, ao adquirir a competência linguística na língua de sinais, conseguem se desenvolver como qualquer outra criança globalmente nos aspectos linguísticos, emocionais, sociais e cognitivos (SILVA, 2003).

Mas, mesmo hoje, alguns questionam a capacidade intelectual dos surdos. Muitas vezes são tidos como incapazes de aprender ler e escrever bem na língua oral. Arelado a isso estaria o aparente baixo rendimento escolar da maioria dos estudantes surdos. Mas, segundo Gesser (2009, p. 57, 58) “era mesmo de se esperar que a experiência com a escrita da língua portuguesa tivesse relações diretas com o sentimento de impotência, baixa autoestima, e aversão ao idioma”. Segundo a autora, este quadro não retrata uma dificuldade intelectual e sim, a falta de oportunidades. Quando o surdo tem a oportunidade de acesso a uma escola que reconheça as diferenças linguísticas com professores proficientes na língua de sinais, sendo alfabetizados na sua língua primeira e natural o acesso à língua padrão é aplainado. De modo que frisamos como Skliar (2013):

O que fracassou na educação dos surdos foram as representações ouvintistas acerca do que é o sujeito surdo, quais são os seus direitos linguísticos e de cidadania, quais são as teorias de aprendizagem que refletem as condições cognitivas dos surdos, quais as epistemologias do professor ouvinte na sua aproximação com os alunos surdos, quais são os mecanismos de participação

aprender e usar a Libras atrapalhará o desenvolvimento da fala do seu filho (ALBRES, 2007).

das comunidades surdas no processo educativo etc. (p. 18).

Em consequência, para muitos sujeitos surdos – jovens, adultos e crianças – um texto em língua portuguesa ou escrito em outra língua vernácula se apresenta como um desafio como um enigma a ser decifrado. Problemas considerados crônicos na educação de surdos como o desconhecimento sobre suas peculiaridades linguísticas e comunicacionais, comuns em muitos espaços educacionais, fazem com que a língua hegemônica cause desconfortos e estranhamentos. Como resultado os surdos não se familiarizam com as línguas escritas e têm baixos hábitos de leitura (NAKAGAWA, 2012).

Dois casos contrastantes nas oportunidades de acesso a uma língua de sinais por surdos são trazidos à atenção por Sacks (2010) e os citamos aqui. No primeiro o escritor narra suas impressões após conhecer um menino surdo, recém-chegado em uma escola para surdos, que “era uma criança de onze anos sem língua de espécie alguma”. Segue o trecho:

Anteriormente privado de oportunidades – pois ele nunca fora exposto à língua de sinais – e prejudicado em sua motivação e estado de espírito (sobretudo no que se refere ao prazer que a brincadeira e a linguagem deveriam proporcionar), Joseph estava então apenas começando a aprender um pouquinho da língua de sinais, começando a ter alguma comunicação com outros. Isso manifestamente o deleitava; ele queria ficar na escola o dia inteiro, a noite inteira, o fim de semana inteiro, o tempo todo. Dava muita pena ver sua aflição ao sair da escola, pois ir para casa, para ele, significava voltar ao silêncio, retornar a um vácuo de comunicação sem esperanças, onde ele não podia conversar, comunicar-se com os pais, vizinhos, amigos; significava ser deixado de lado, torna-se novamente um ninguém (p. 42, 43).

Por outro lado, lemos a experiência em que uma família valoriza a língua de sinais a conhecendo e utilizando mesmo antes do ingresso da criança surda na escola que, por sinal, estava voltada a desenvolver metodologias apropriadas para educar surdos:

Charlotte, uma menina de seis anos, também é, como Joseph, surda congênita. Mas ela é muitíssima animada, brincalhona, curiosa, vividamente orientada para o mundo. É quase indistinguível de qualquer outra criança de seis anos... Qual é a razão dessa diferença? Assim que os pais de Charlotte perceberam que ela era surda – quando ela estava com poucos meses de vida -, decidiram aprender uma língua de sinais, sabendo que ela não teria condições de assimilar facilmente a língua falada. Aprenderam, e o mesmo fizeram vários de seus parentes e amigos [...] Em vez de impor seu mundo auditivo à filha, como fazem tantos pais de crianças surdas, eles a incentivaram a ingressar e progredir em seu próprio mundo (visual), que eles foram então capazes de compartilhar com ela (p. 64 e 65).

Desta forma, é o não acesso a uma língua, como a língua de sinais, conforme

observado pelo pesquisador nas narrativas acima, que prejudica as crianças surdas quanto a percepção de sua inteligência. Sem conseguir se comunicar bem permanecem passivas e tímidas, sem espontaneidade e segurança, tendo sua desenvoltura social e cultural comprometidas. Este quadro pode se agravar ao longo da vida de um o indivíduo com surdez. O inverso, porém, se estabelece: se a criança surda adquire sua língua natural poderá, à base dela, se desenvolver cognitivamente, o que lhe dará, inclusive, condições para aprender uma segunda língua. Mas, do que isso, ela terá ótimas condições para construir e fortalecer sua autoestima, sua identidade e sua afiliação cultural.

Como em Gomes (2011) a língua não só viabiliza nossa comunicação linguística, mas, através dela, também ativamos nossos sistemas culturais. Portanto, é necessário que os indivíduos de uma cultura de língua oral não depreciem a língua de sinais usada na localidade em que nos encontramos por ser ela uma diferente enquanto canal comunicativo visuogestual. A modalidade não anula sua naturalidade, complexidade e genuinidade enquanto língua. Frisamos, mais uma vez, que possui as mesmas características que legitimam qualquer língua natural³³ – nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Sá (2010, p. 130) sinaliza que “a língua de sinais e a língua na modalidade oral não constituem oposição; são, na verdade, línguas que se utilizam de canais diferentes para a recepção e transmissão da capacidade humana e mental da linguagem”. Entretanto, em alguns casos, “a língua de sinais ainda é utilizada como instrumento para se atingir a oralização ou a língua escrita na tentativa de transformar o surdo em ouvinte, o que, em geral, é sinônimo de fracasso” (GESUELI, 2003, p. 147).

Por outro lado, Góes (2003, p. 11) cita que alguns trabalhos, os quais tomam iniciativa de explorar a audição e exercitar o aprimoramento da fala, privilegiam a vivência da Língua de Sinais visando a um propósito maior de “promover o desenvolvimento da criança surda, em especial a produção e compreensão da linguagem”. Na percepção de Gesser (2009, p. 52) encontramos uma visão bastante equilibrada sobre a presença do par língua oral/língua de sinais na vida de surdos. Ela arrazoar que devemos respeitar o direito do surdo ser educado

³³ Ainda um dos aspectos que podemos considerar sobre uma língua natural é que ela não é artificial. Gesser (2009, p. 12) define como artificial uma língua que “foi construída e estabelecida por um grupo de indivíduos com algum propósito específico”, citando como exemplos o Esperanto (língua de modalidade oral, planejada inicialmente pelo médico judeu Ludwik L. Zamenho, em 1887, com a intenção de que servisse como língua franca internacional para toda a população mundial) e o Gestuno (uma tentativa similar de universalizar uma língua de sinais). Diferentemente, uma verdadeira língua “emerge – biologicamente – de baixo, da necessidade irreprimível que tem o indivíduo humano de pensar e se comunicar. Mas ela também é gerada, e transmitida – culturalmente – de cima, uma viva e urgente incorporação da história, das visões de mundo, das imagens e paixões de um povo” (SACKS, 2010, p. 105).

na língua de sinais, bem como o direito dos que optam por também falar (oralizar) a língua portuguesa. “O perigo está quando certas decisões são impostas, e as imposições e opressões, sabemos, vêm de todos os quadrantes”.

A linguagem, a língua, a cultura e a identidade estão entrelaçadas numa relação de constituição mútua. Quadros (2019, p. 43) enfatiza que a “língua é uma prática social que carrega cultura e estabelece identidades. Os surdos herdaram a Libras no coração da comunidade surda, entre surdos adultos”. Sacks (2010) corrobora com papel relevante da língua para a construção da visão de mundo dos indivíduos, e, por extensão, de sua formação cultural e identitária, quando afirma:

É certo que a realidade não nos é “dada”, que precisamos construí-la por conta própria, à nossa própria maneira, e que, ao fazê-lo, somos condicionados pela cultura e pelo mundo em que vivemos. É natural que nossa língua personifique nossa visão de mundo – o modo como percebemos e construímos a realidade. (p. 162, nota 30).

Nas últimas décadas, um movimento a nível mundial surgiu para a defesa da constituição da subjetividade de surdos enquanto indivíduos bilingües³⁴. A mola motriz para a mobilização é a “convicção de que a língua de sinais e o convívio com outros surdos têm um papel fundante em seu processo de formação subjetiva” (MARIN; GÓES, 2006, p. 232). Nakagawa (2012, p. 37) se refere às línguas gestuais como ‘um bem simbólico que marca um processo descolonizador diante da oralização e imposição da fala, um elemento de pertença identitária que resgata a autodeterminação dos grupos Surdos em relação ao jugo ouvintista’.

Esses posicionamentos se contrapõem às crenças de tempos remotos em que a fala assumia o papel protagonista na estrutura do pensamento. Novas formas de entender o processo de linguagem em seres humanos se ligam essencialmente à existência de uma língua, quer ela seja de modalidade aural/oral, quer seja na modalidade visual/espacial. Hoje se desfez a confusão entre língua e fala e entende-se que é o aspecto cognitivo que permite ao sujeito acesso ao pensamento lógico, à razão e aos esquemas mais complexos de cognição.

Dito isso, aceitar a Língua de Sinais implica aceitar a surdez como diferença. Na visão de Skliar (2013) o que os surdos sofreram foi um holocausto linguístico, cognitivo e

³⁴ Atualmente o bilingüismo – abordagem através da qual a Língua de Sinais é considerada a língua de instrução e a Língua Portuguesa, como segunda língua na modalidade escrita – se mantém como a mais apropriada para educar surdos, por privilegiar o meio natural de comunicação dos surdos em sua modalidade gestual-visual (QUADROS, 1997). No entanto, a adjetivação “bilingüe”, como abordagem de educação para surdos, é, segundo Sá (2010, p. 83), uma adjetivação incompleta, pois, “embora desejável por negar a ideologia oralista dominante e por pressupor a língua de sinais como primeira língua, nada diz quanto à questão das culturas envolvidas, das identidades surdas, das lutas por poderes, saberes e territórios”.

cultural comparado aos que viveram outras comunidades, definidas como subalternas, como, por exemplo, os indígenas, os negros, as mulheres, os loucos etc. Felizmente, apesar de, por mais de um século de proibição na educação de surdos, sendo alvos de preconceito e marginalização na sociedade, as línguas de sinais sobreviveram, mostrando sua resistência.

No Brasil, a oficialização da Libras no ano de 2002, é considerada pelo povo surdo uma conquista na luta pela sua legitimação linguística. Entretanto, para além do aspecto linguístico, a busca continua pelas práticas recorrentes que não atentam para o fator cultural (GOMES, 2011). O povo e a comunidade surdos ainda almejam:

Por uma educação bilíngue-bicultural de qualidade, por intérpretes de línguas de sinais (em repartições públicas, aparelhos de cultura, produções fílmicas, centros de ensino, etc.), por produções culturais em L.S. (teatro, dança, literatura, eventos, etc.), por espaços de formação e ensino de/em línguas gestuais, pela difusão e valorização das culturas surdas, entre outras iniciativas, foram – e são – bandeiras levantadas por boa parte dos movimentos e associações de surdos, que fortalecem ainda mais a coesão e a emancipação das comunidades surdas em relação ao poder/saber ouvinte. (NAKAGAWA, 2012, p. 38)

Destas formas, as línguas de sinais têm muitos e novos espaços para fazer florescer a acessibilidade linguística e cultural de seus usuários. De fato, as línguas de sinais “fazem parte da experiência vivida da comunidade surda. Como *artefato cultural*, ela também é submetida à significação social” (SÁ, 2010, p. 106). Enfim, como menciona Gesser (2009, p. 60) o surdo, enquanto sujeito ativo na sociedade não sobrevive se “lhe for tirado o direito de usar sua língua primeira em seus ambientes de convívio social”.

Portanto, podemos afirmar que a pessoa surda pode interagir e se desenvolver linguística, social e culturalmente. Não é a surdez o impedimento para as práticas socioculturais dos surdos. O comprometimento se dá quando não há interação por meio de sua língua natural de expressividade – a língua de sinais. Como explanamos, a comunicação por meio desta língua supre a carência linguística destes, evitando consequências gravíssimas como serem indivíduos solitários, tendo minguadas suas capacidades, findando marginalizados socialmente. Em contraste, pela língua de sinais ganham a oportunidade de serem humanos mais plenos, que se comunicam com os seus semelhantes, adquirem e compartilham pensamentos, compreendendo o mundo que os cerca e se posicionando perante ele.

2.4 DESAFIOS ÀS INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS: O ESTIGMA AINDA HEGEMÔNICO

As interações sociais são meio de conhecer e interiorizar as culturas que nos circundam nos constituindo cultural e identitariamente. Sim, as relações cotidianas que estabelecemos transformam nossos comportamentos, valores, costumes e as formas de pensamentos, ou seja, modelam nossa subjetividade. No caso dos contatos de não surdos com surdos não é diferente. Neste cenário, uma interação motivadora e duradoura dependerá de esforços mútuos de aproximações e trocas em ambientes de contatos sociais formais e informais. Nesta seção consideramos alguns dos entraves que podem impedir a aproximação social entre ambos.

Muitos discursos foram construídos historicamente pela sociedade ouvinte em torno da surdez e dos surdos. Infelizmente, neles os focos foram colocados sobre a deficiência. Mas pouco se considerou as práticas discursivas e condições sociais como estratégias de definição e até controle sobre a pessoa surda. Essas falas produziram ideias estigmatizadas sobre este grupo social, que se mostram, até o presente, hegemônicas, como percebemos neste comentário:

O direcionamento dado por profissionais da saúde e da educação se centra na reabilitação: a perda auditiva traz consequências ao desenvolvimento psicossocial do surdo, diminuindo consideravelmente sua capacidade de adaptação social. Deve-se tentar a cura do problema auditivo (implantes cocleares, próteses) e a correção dos defeitos da fala por meio da aprendizagem da língua oral (BISOL; SPERB, 2010, p 8).

Desta forma, na grande maioria das vezes, a surdez ainda é associada a uma condição patológica. Partindo desse entendimento dominante, é possível deduzir que os não surdos têm uma dificuldade maior de estabelecer e manter uma interação social positiva com pessoas surdas. Sim, recorrentemente, o discurso da deficiência ainda sobressai ao da diferença! O “normal” é ouvir. Esta ideia amplifica os preconceitos sociais e a estigmatização de não surdos sobre a pessoa surda. Os estudos citados aqui demonstram essa realidade, mas apontam também que tratamento social mais adequado é possível. Muito dependerá da via pela qual os não surdos escolhem olhar para estes sujeitos.

Os surdos vivem a surdez de diferentes modos, de acordo com suas experiências ao longo da vida. No caso dos que já nasceram surdos, por exemplo, Silva (2003, p. 95) afirma que eles não se veem imersos em um mundo de silêncio, pois “esse é um problema que não se

coloca para ele. Ele só o percebe indiretamente, secundariamente, como resultado da sua vivência social, o que acaba refletindo nele mesmo”. A autora, citando Lacerda (1996), diz que o que torna a vida da criança surda difícil não é a surdez em si, mas a forma como as pessoas reagem a esta condição.

Tomemos o ambiente da família como exemplo. Sá (2010, p. 125) menciona que “A imagem e as representações sociais sobre a surdez e os surdos começam a se constituir desde as primeiras experiências na família e sob forte influência dos especialistas”. Em consequência disso, a autora aponta que muitas crianças surdas acabam ficando à própria sorte, não tendo expectativas de desenvolvimento reais na educação e fadada ao insucesso na vida, principalmente em regiões mais carentes. O pretexto da deficiência auditiva a coloca numa posição de inferioridade frente a sua “incompletude”.

Diante do diagnóstico da surdez, Lima, Boechat e Tega, (2003) afirmam que as reações dos pais ouvintes variam de acordo com sua experiência de vida, educação, fatores socioeconômicos, culturais e religiosos e, naturalmente, de suas personalidades. Em geral, de início, recusam-se a acreditar que sua progênie tem surdez. Alguns tratam os profissionais de saúde envolvidos com hostilidade, exigindo a reversão do quadro clínico. Outros, mais resignados diante do fato, assumem o compromisso para cumprirem as etapas terapêuticas recomendadas. De acordo com as autoras, estas diferentes atitudes, escondem os fortes sentimentos negativos dos genitores acerca da surdez que posteriormente se desencadearão por meio de conflitos. Consoante, Sacks (2010, p. 63) escreveu que muitos pais ouvintes “talvez não saibam como se dirigir à criança e, se chegarem a se comunicar, podem usar formas rudimentares de diálogo e linguagem que não favorecem o progresso da mente da criança”. Isso impediria seu avanço.

Vendo por este lado, a pessoa surda pode ficar isolada socialmente mesmo vivendo no seio de uma família. Parentes que desconhecem as singularidades sobre a surdez ou são mal orientados clinicamente podem acabar privando a criança surda do acesso a uma língua de sinais, impondo a oralização. Esta aparente preocupação e cuidado possivelmente retardarão seu desenvolvimento linguístico, emocional, social e cognitivo. Por outro lado:

Tendo a linguagem interiorizada, o surdo poderá manifestar seus pensamentos, desejos, sentimentos e se comportar como qualquer pessoa. Se o surdo pertencer a uma comunidade de surdos, poderá se identificar com ela e ter os mesmos pontos de vista, se percebendo pertencente ao mundo dos surdos, mesmo sabendo que pode circular e ter os mesmos direitos no mundo dos ouvintes (SILVA, 2003, p. 94).

Nesta direção, Teske (2013, p. 146) diz que é “o parentesco cultural, e não o familiar consanguíneo, que forma uma relação social surda autêntica, a não ser que toda a família seja surda”. E não é de admirar que seja assim. Na maioria das famílias ouvintes onde nasce um surdo, poucos parentes não surdos se interessam em aprender a comunicação em língua de sinais, que dirá sobre a cultura que ela representa. Desde muito cedo, portanto, muitas pessoas com surdez começam a conviver com as barreiras linguística e atitudinal, infelizmente.

Daí percebermos que a dificuldade humana maior reside em aceitar e conviver com as diferenças. Por isso, ao longo da vida, pessoas com surdez podem se ver e serem vistas a partir da “perda” e do “défice” auditivos. Esta visão impacta fortemente nas interações de não surdos com surdos. Por um lado, a busca de autonomia pelo surdo é relativamente lenta em face das representações da surdez já construídas e fortemente inculcadas neles pela sociedade desde cedo (THOMA, 2013). De outro, reconhecer e valorizar a surdez como diferença – uma expressão identitária ancorada em atributos culturais próprios é, ainda, um obstáculo para muitos ouvintes. Grande parte disso pode é, ainda, reflexo dos discursos enviesados pelo ouvintismo³⁵.

Esse é um problema histórico construído em cima de metanarrativas³⁶ pelos não surdos ouvintistas. A Modernidade buscou a unificação e a centralização de todas as culturas, com explicações generalizantes. Este empenho acabou por desconsiderar outras formas de ser e estar no mundo, gerando indiferença, discriminação e opressão para os que destoavam dos padrões estabelecidos, principalmente os ligados às culturas consideradas periféricas. E, como vimos, os surdos foram grandemente afetados ao terem suas singularidades culturais desconsideradas.

Aprofundando essa discussão para os aspectos culturais e de identidade dos surdos, as representações de “normalidade” construíram estruturas para a manutenção e disseminação do preconceito contra eles. Neste campo até hoje surgem forças opostas em falas que persistem em discutir a melhor forma de assimilar a surdez. Sá (2013, p. 174) menciona que “a legitimidade do discurso surdo foi (e ainda é) questionada, visto que os ouvintes não reconhecem o poder de sua argumentação por vários motivos [...]”. Dentre os porquês está, segundo a autora, a visão que se têm do indivíduo surdo, ligada primordialmente à “deficiência” – no sentido de “ineficiente”, “defeituoso”. Em segundo plano vem o

³⁵ Perlin e Quadros (2006, p. 170) usam também o termo “ouvicentrismo”, o concebendo epistemologicamente “no sentido de que ele existe na medida em que o ouvinte seja centro de toda metodologia da normalidade”.

³⁶ Metanarrativa se refere a “[...] qualquer sistema teórico ou filosófico com pretensões de fornecer descrições ou explicações abrangentes e totalizantes do mundo ou da vida social. A mesma coisa que “grande narrativa” ou “narrativa mestra”” (SILVA, 2000, APUD. STROBEL, 2018, p. 109).

desconhecimento (ou conhecimento parcial, quando não, distorcido) acerca da língua de sinais. Os estudos linguísticos que levaram ao seu recente reconhecimento como uma língua não são conhecidos pela maioria. Em terceiro lugar, como grupo minoritário, socialmente excluído, os surdos não têm espaço garantido onde os argumentos para seu discurso sejam amplamente divulgados. Em resumo, a representação social da pessoa surda como deficiente ainda esta fortemente incorporada à estrutura social atual através dos discursos de normalização e medicalização.

Tal concepção reflete negativamente na vida social dos surdos como um todo. Podemos ilustrar, analisando o surdo no mercado de trabalho. Neste espaço, o preconceito histórico contra o surdo fica evidente. Ali, muitas vezes, precisam usar estratégias de comunicação ao invés de sua língua natural. Para se fazer entender, recorrem a mímicas, desenhos ou palavras soltas escritas de improviso em pedaços de papel e à leitura labial³⁷. Esta situação constrangedora rende a estes trabalhadores a imagem de que são seres com menos competências e habilidades intelectuais. Com isso, os com surdez não raro ocupam postos de trabalhos braçais, com baixa remuneração como verificado no último relatório levantamento sobre a ocupação de pessoas com surdez no mercado de trabalho brasileiro do Ministério da Economia e a Secretaria de Trabalho, em 2017:

[...] a surdez é a segunda deficiência com maior nível de empregabilidade no mercado formal. Entre as profissões mais agregadoras do público surdo estão auxiliar de escritório com 6.898 trabalhadores, seguido por alimentador de linha de produção (5.341); assistente administrativo (4.205); faxineiro (3.815); repositor de mercadoria (2.473); almoxarife (1.878); trabalhador de serviços de limpeza e conservação de áreas públicas (1.314); e operador de máquinas fixas em geral (872). Em outras profissões, o número de surdos é um pouco menor: atuando como engenheiros aeronáuticos são 39 pessoas nessa atividade; advogados, 55; engenheiros agrônomos, 72; cirurgiões dentistas, 21 (BRASIL, 2017).

O não enxergar as potencialidades do trabalhador surdo acarreta uma oferta diminuta da formação profissional de qualidade para este público, implicando na ocupação de postos de empregos abaixo de suas reais competências. Viana (2010, p. 79), em seu estudo sobre o surdo no mercado de trabalho, menciona que o treinamento preparatório para sua inserção no mundo do trabalho “não aproveita as verdadeiras habilidades dele, o que implica em continuar despreparado para atender as demandas do mercado produtivo, aliado a falta de motivação ou

³⁷ A leitura labial não é considerada uma habilidade natural de linguagem, pois todos os estudos referentes a este recurso estão vinculados aos treinamentos fono-articulatórios, que são sistemáticos e artificiais (GESSER, 2009).

vocação para uma determinada prática profissional”. Consoante, ao falar sobre os empreendimentos comerciais que contam com “colaboradores” surdos, Nakagawa (2012) denuncia que:

[...] alguns, de forma controvertida, beneficiam-se da contratação (por vezes precária) de mão-de-obra barata que ainda lhes permite um verniz filantrópico e um ajustamento às novas demandas “éticas” da responsabilidade social empresarial; outros, projetados e dirigidos por ouvintes, são fundados em preceitos assistencialistas de ajuda e caridade, pautados pela óptica do surdo-deficiente (p. 67).

Ademais, em seu estudo, Marin e Góes (2006, p. 237) analisam depoimentos de sujeitos surdos sobre os modos como participam de esferas de atividade, nas quais diferentes segmentos da população circulam em eventos do dia-a-dia. Dentro de seus achados, relatam que o “local de trabalho é apresentado como mais um espaço em que há o predomínio ou a exclusividade da língua oral, além do desafio do surdo para “provar que é bom”, que “pode” tanto quanto os trabalhadores ouvintes”. A referência sobrepujante ali é o modelo ouvinte. Conseqüentemente, diante de comparações, o sujeito surdo se anula e passa a se comportar como um trabalhador “não ouvinte” (ou ouvinte imperfeito), forjando uma identidade sem pertencimento. Desapercebidamente, então, “configuração do ser ouvinte pode começar sendo uma simples referência hipotética de normalidade, mas se associa rapidamente a uma normalidade referida à audição e, a partir desta, a toda uma sequência de traços de outra ordem discriminatória” (SKLIAR, 2013, p. 21). Enfim, o campo discursivo do trabalhador surdo se liga a uma lógica de deficiência³⁸ a ser superada para a integração dela na sociedade ouvinte, tendo o trabalho como via de libertação e conquista da autonomia (KLEIN, 2013). Para que o trabalho seja uma via de escape à marginalização desses sujeitos, a “inclusão de sujeitos surdos no mercado de trabalho depende das acessibilidades adaptadas às necessidades culturais deles com o local e dos relacionamentos com seus colegas” (STROBEL, 2018, p. 121). E este é somente mais um campo de análise onde percebemos o estigma que recai sobre a pessoa surda.

Estes fatos corroboram com o elucidado em Perlin e Quadros (2006), ao explicarem que:

Na verdade, os surdos vivem com os ouvintes, fazem intercâmbio de

³⁸ Os dispositivos legais trabalhistas, a exemplo da Constituição Federal, em seu Artigo 37º, inciso VIII e a Instrução Normativa Nº 5 de 30/08/1991 do Ministério do Trabalho e da Previdência (que institui o programa de treinamento profissional de pessoas com deficiência junto às empresas) tratam o surdo a partir de sua deficiência, promovendo ações que remetem à reabilitação e à normalização.

conhecimento com eles e não negam isso. Percebemos sim que os surdos passam a ser alvo de críticas ao assumirem uma postura surda, pois as representações do outro ouvinte continuam neste domínio de superioridade enquanto “normal” diante do “anormal”. Assim, os surdos continuam sendo ignorantes e favorece-se a escravidão e os interesses pessoais (p. 183).

O relato em Oliveira (2014) traz à atenção sobre outros campos em que os surdos ainda encontram barreiras, sendo as mais frequentes aquelas relacionadas à atitude das pessoas (barreiras atitudinais) e as ligadas a acessibilidade a informações e aos serviços educacionais. Ela narra sua história de vida e os inúmeros obstáculos que precisou transplantar, por ser surda, diante do desconhecimento das causas surdas por parte das pessoas com que teve que lidar, inclusive no ambiente de trabalho. Para ela, a falta de percepção do outro diferente – o surdo – não o prejudica somente no trabalho. Cita que as dificuldades de interação³⁹ com não surdos também se fazem presentes de outras maneiras, como quando de atendimentos médicos, dentro dos relacionamentos afetivos e ao participar de atividades socioculturais.

À base desses dados, inferimos que o preconceito, criado diante da diferença dos traços culturais e identitários dos surdos, interfere diretamente na carreira profissional desses sujeitos e no seu acesso promissor ao mercado de trabalho. Um reflexo visível disso é que a grande maioria de surdos trabalha como embaladores ou repositores de mercadorias em supermercados, executando serviços gerais de limpeza em hospitais e lanchonetes, ganhando muitas vezes, alguma gorjeta em sinal de caridade. Não estamos aqui desmerecendo estas profissões. Sem dúvida, elas têm sua relevância social. O que pretendemos é mostrar, por meio desses dados, a leitura que se faz da capacidade de surdos ocuparem outras vagas de trabalho que exijam maior grau de formação educacional.

Para além dos contratos formais, existem os que estão na informalidade, como cambistas, vendedores de artigos diversos ou simplesmente pedintes medicando esmolos. Perguntamos, pois, seriam estes reflexos de uma mentalidade similar a presente no regime escravocrata? Destacamos aqui o comentário de Perlin e Quadros (2006, p. 184), quando afirmam: “O que torna os surdos escravos dos ouvintes favorece as atitudes déspotas que se aproveitam da ignorância alheia, explorando-a”. De fato, o campo do mercado de trabalho demonstra como as representações construídas em torno da surdez e dos surdos distorcem a

³⁹ Ao corroborar com a legitimidade da língua de sinais, não podemos negar “os vários arranjos e formas de usos linguísticos estabelecidos nas interações surdo-ouvinte, uma vez que o interesse e a vontade do surdo de travar uma conversa com o ouvinte extrapolam as barreiras linguísticas” (GESSER, 2009, p. 80).

forma de não surdos os encarar e tratar, por serem, mesmo sem perceber, influenciados pelos discursos hegemônicos sobre a surdez – concentrados na patológica perda auditiva.

Cabe-nos destacar aqui a persistente dificuldade da formação profissional do surdo quando, ao ingressar em cursos de diversas modalidades e níveis da Educação, esbarram com a falta de preparo institucional para recebê-los. Passados quase vinte anos desde que a Libras foi oficializada, muitos frequentam espaços educacionais onde faltam intérpretes de Libras⁴⁰ e outros profissionais qualificados para atendê-los. Sem muitas alternativas, vários estudantes surdos frequentam escolas onde não lhes são oferecidas as condições para seu desenvolvimento acadêmico. Suas singularidades não são consideradas e suas necessidades específicas de aprendizagem pouco são consideradas. Faltam-lhes a acessibilidade linguística e as adaptações metodológicas e didáticas. Conseqüentemente, o não êxito pelo método oral e o não alcance dos objetivos pedagógicos propostos por este modelo contribuíram para que a imagem do surdo ficasse condicionada muito mais ao “insucesso”. (SILVA, 2003, p. 95). Isso evidência como os discursos a partir da materialidade do corpo surdo, significam e constituem verdades sobre os indivíduos surdos, levando os não surdos a adotarem determinadas atitudes frente a eles. “A partir do discurso da norma, o sujeito surdo passa a ser colonizado pela maioria ouvinte, que muitas vezes impõe práticas oralistas não condizentes com os processos linguísticos de surdos [...]”. (GOMES, 2011, p. 82).

Torna-se necessário, diante desse desconhecimento linguístico, expandir o conceito do que são realmente as línguas humanas, derrubando conceitos arcaicos. A sociedade, de um modo geral, entende hegemonicamente a habilidade da fala num sentido muito restrito de produção-vocal. Não à toa, os surdos são comumente referidos como “mudinhos” ou “surdos-mudos”. Por isso, em muitos casos, permanecem sem voz nem vez na sociedade, quando são capazes de “falar”. O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1.301) traz 23 acepções para a palavra, dentre elas estão: ‘expor pensamentos, discorrer, conversar, contar; comunicar-se com outro(s) falante(s) segundo um sistema definido próprio de uma comunidade linguística, ou seja, por meio de uma determinada língua’. Dessa forma, podemos afirmar que o surdo “fala” por um canal viso-gestual quando se expressa, se posicionando discursivamente utilizando a língua de sinais.

⁴⁰ O intérprete é o profissional “que traduz de forma verbal para outra língua algo que foi dito. No caso dos surdos, quem executa este trabalho é o intérprete de Língua de Sinais, ou seja, uma pessoa ouvinte bilíngue, que domina o português na modalidade oral e a Língua de Sinais” (ROSA e DALLAN, 2002, APUD. LABORIT, 2003, p. 237). No Brasil, a profissão é regulamentada pela Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.

Estas e outras situações podem ser superadas à medida que a sociedade enxergar o surdo como sujeito social e cultural. Essa condição pode ser reconhecida e promovida através de ações citadas por Nakagawa (2012) ao dizer que:

Reconhecer e promover as culturas surdas é, por conseguinte, lutar por escolas/salas de ensino bilíngue-biculturas, pela inclusão e difusão das produções Surdas nos inúmeros circuitos culturais, pela valorização do Surdo no mercado de trabalho (para além de contratos precários em empregos muitas vezes braçais), pela preservação e perpetuação de práticas e costumes que caracterizam essas comunidades e pelo reconhecimento de uma língua visual-espacial possível. Em um contexto histórico em que próteses (como o Implante Coclear) e práticas de reabilitação insinuam-se cada vez mais como caminho único, os espaços para a alteridade precisam, dia a dia, ser conquistados e expandidos (p. 113).

Esta conquista e expansão da alteridade⁴¹, entretanto, encontram alguns percalços. Desconstruir os mitos sociais em torno da surdez não é um caminho simples. As falas sobre a surdez, que negam as singularidades em torno da pessoa surda, se propagam fortemente, ainda mais quando se mesclam a outros rótulos estigmatizantes. Pelo senso comum, é ligada a um mal, uma doença contagiosa. É ligada também à falta de cuidados familiares e médicos, especialmente dentre os de classe economicamente desfavorecida, que vivem sob desfavoráveis condições sanitárias. Há, ainda, ideias populares mais enigmáticas, como a de que a surdez pode ser consequência de um castigo divino. Por estas crenças a surdez é geralmente associada de maneira pejorativa a uma falha, uma culpa, uma pobreza.

Outra crença distorcida embutida na mentalidade da sociedade tem a ver com a expressão “grupo minoritário”. A maioria das pessoas que são classificadas dentro de grupos minoritários, como é o caso dos surdos, tem sua situação social muitas vezes vinculada à pobreza e a privação/ineficácia no atendimento aos seus direitos sociais. Neste cenário, “a exclusão baseada na desigualdade social pode sobrepor-se, agravando e aprofundando outras exclusões fundamentadas na diferença” (KAUCHAKJE, 2003, p. 57).

Ainda com respeito ao modo como os surdos são vistos, citamos novamente Thoma (2013). Ele analisa as falas veiculadas na mídia sobre os surdos. Seu estudo indica que há um imaginário social⁴² constituído a partir de crenças e valores individuais que modelam o

⁴¹ A palavra alteridade tem raiz no vocábulo latino *alteritas*, que significa ser o outro. Ela se refere ao exercício de colocar-se no lugar do outro, percebendo-o como uma pessoa singular e subjetiva (PORFÍRIO, 2020). Esse conceito pressupõe que todo indivíduo social é interdependente dos demais sujeitos de seu contexto social. Ou seja, o mundo individual somente existe quando há o contraste com o mundo do outro (RODRIGUES, 2019).

⁴² O autor utiliza o conceito de imaginário social desenvolvido por Cornélius Castoriadi, que define o termo como “a união de símbolos a determinados significados impostos, criados, legitimados, sancionados

tratamento social dado ao surdo a partir desta constituição. Neste processo, segundo o investigador, são estabelecidas categorizações e classificações à base das potencialidades e limites que interessam a uma maioria. Com isso, o valor das subjetividades nas práticas sociais é suprimido, dando margem à exclusão social (p. 125). Na prática, se distinguem a inferioridade e incapacidade “natural” da superioridade e capacidade de outros. Como exemplos, a autora cita os pensamentos de que uma criança de uma classe econômica baixa tem cognição relativamente aquém da criança da classe economicamente maior; que o negro é inferior biologicamente ao branco e, por isso, não ascende a um lugar social privilegiado. Assim, o surdo é encarado como inútil e/ou improdutivo por não conseguir se comunicar nos moldes ouvintes (p. 122).

Vale ressaltar, neste ponto, que os ouvintes filhos de pais surdos, que vivem de berço as manifestações culturais de seus genitores, muitas vezes adquirem a língua de sinais como sua língua materna. Mesmo assim, podem ter sua concepção de surdez modelada pelas representações e imaginário social sobre a pessoa surda. Perlin e Quadros (2006, p.183) dizem que tanto estes como os demais familiares, que compartilham muito das experiências cotidianas dos parentes surdos, podem ser indiferentes às questões culturais e identitárias deles “devido às características do colonialismo que os ouvintes lhes infundiram”.

Além disso, mesmo entre as pessoas envolvidas com as comunidades surdas germinam, de vez em quando, expressões que estereotipam os surdos, o que pode fazer perpetuar conceitos distorcidos sobre eles, mesmo que este não seja o desejo. Por exemplo, muitos dizem que os surdos são conversadores, têm bom gosto, têm visão apurada etc. Essas características pessoais tornam-se atributos culturais que rotulam e generalizam os com surdez, criando folclorizações acerca do povo surdo (NAKAGAWA, 2012). Ocorre algo similar com os profissionais especializados no atendimento às pessoas com surdez. Desta maneira, se contribui, mesmo inconscientemente, para que uma série de estereótipos sejam associados às pessoas com surdez. Uma relação de superioridade, mesmo que de forma sutil e velada, pode se propagar dessa maneira.

Interessante é que, em contraste, os surdos também constroem imagens sobre os ouvintes à base de como eles e as questões que os envolve são tratados por eles. Perlin e Quadros (2006) ainda propõem uma inversão de papéis ao nos sugerir ficar na posição de um surdo ao olhar para o ouvinte. Esta é uma estratégia interessante diante das teorias pós-modernas. Neste caso, o ouvinte (não surdo) passa a ser o sujeito da alteridade, da diferença e

socialmente: dá-se a um objeto o sentido que se deseja, fazendo valer os interesses de quem comanda” (THOMA, 2013, p. 122).

de identidade “estranha”. As autoras mencionam como surdos veem o outro ouvinte nas possíveis interações sociais com eles, como demonstramos no quadro abaixo:

Quadro 02 - Algumas representações do outro ouvinte para os surdos

<ul style="list-style-type: none"> • os que nem sequer se preocupam em dominar a língua de sinais, sua necessidade é transmitir de si; • os que não entendem nada dos surdos, não entendem nada de língua de sinais; • os que introduz algumas mudanças, à base da diferenciação, porém estas são sedimentadas na dicotomia normalidade-anormalidade; • os que são indiferentes – desconhecem os surdos. Para eles, os surdos são “anormais”. Para os surdos, esses ouvintes são os mais complicados de se discutir e refletir sobre o Ser surdo, pois a visão do surdo está diretamente associada com incapacidade, incompetência, impossibilidade dentro de uma concepção determinista da condição do ser com base na normalidade ouvinte; • os que se impõem, pois se acham superiores aos surdos; • os que buscam perceber o “eu” do outro, o “eu” dos surdos, que geralmente são poucos e que, também, se constituem de diferentes formas. Entre eles, estão aqueles que tentam aprender um pouco a língua de sinais para se comunicar com os surdos. Esses ouvintes, então, são ouvintes especiais; • aqueles outros ouvintes que admitem a alteridade, a diferença de “ser surdo”. Junto a esses, os surdos estão alcançando uma maior tolerância e encontram mais espaço para a produção simbólica da cultura surda e possibilidades maiores para continuar sua distinção social como surdos.
--

Fonte: Adaptado pelo autor de Perlin e Quadros (2006, p. 183)

Observamos, a partir disso, que as construções sociais e culturais em torno da surdez e das pessoas com surdez são barreiras reais as interações de não surdos com surdos, pois enfatizam mais o que elas não têm do que suas outras potencialidades. Para Strobel (2018, p. 99), a sociedade tem grande dificuldade em entender os surdos de um ponto de vista da diferença cultural e, conseqüentemente, de identidade, porque as pessoas baseiam-se no “universalismo”. Para ficar mais claro, a pesquisadora diz que a “representação social julga a cultura dos surdos pela cultura ouvinte e tem a pretensão de achar que só aquilo que as pessoas ouvintes fazem é que está correto”.

Outro desafio para a interação social de não surdos com surdos, atrelado intimamente à questão cultural e de identidade, está no preconceito linguístico ainda presente na mente de muitos ouvintes. Sacks (2010) diz que os surdos são vistos pelas pessoas, também, como deficientes na linguagem. Quando pensam na surdez, é comum muitos considerar que ela seja menos grave que a cegueira. Ela é comentada mais como uma desvantagem, um incômodo ou como uma invalidez, não sendo necessariamente um obstáculo devastador para se a vida a pessoa com surdez. Entretanto, não é bem assim. Uma das conseqüências mais graves dessa ideia é acredita que podem conquistar uma maior autonomia funcional sobre a sua vida, em comparação com os cegos ou outros considerados deficientes, mesmo sem o desenvolvimento a aquisição de uma língua. Do contrário, o autor alerta que a privação de uma linguagem é uma das calamidades mais terríveis para um ser humano, visto que:

[...] é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. Se não pudermos fazer isso, ficaremos incapacitados e isolados, de um modo bizarro – sejam quais foram nossos desejos, esforços e capacidades inatas (p. 19).

No capítulo anterior discutimos sobre a importância da língua de sinais para o desenvolvimento dos surdos, pois, por meio dela eles exercem a linguagem. Porém, a crença de que a língua de sinais é uma expressão em forma de mímicas e pantomimas ainda está fortemente arraigada na sociedade ouvinte, produzindo uma ideia distorcida sobre os surdos. A língua de sinais é posta, então, num status menor, inferior e teatral. Por conta disso, a forma mais comum de se pensar o indivíduo com surdez é através de:

uma visão embasada na anormalidade, segundo a qual o máximo que o surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível entre eles. Não à toa, as nomeações pejorativas *anormal*, *deficiente*, *débil mental*, *mudo*, *surdo-mudo*, *mudinho* têm sido equivocadamente atribuídas a esses indivíduos. (GESSER, 2009, p. 21).

Foi isso o que aconteceu a Joseph, citado na seção anterior. Sacks (2010, p. 42) relata que por não falar e não entender o que lhe falavam na idade considerada normal para isso foi considerado “retardo”, depois associado ao “autismo”. Mas quando sua surdez finalmente foi percebida, outros rótulos o perseguiram como “surdo-mudo” e “idiota”. Em todas essas facetas de sua vida “nunca houve um verdadeiro empenho em ensinar-lhe uma língua”. Infelizmente, podemos deduzir que muitas pessoas surdas passam hoje pela mesma situação.

Apesar de a oficialização da Libras, através de Lei, em abril de 2002, e de Decreto, em 2005, ter aberto novos espaços para o povo surdo antes inacessíveis, o uso da língua de sinais ainda encontra resistência. Alguns profissionais que trabalham com pessoas surdas e alguns surdos que foram oralizados (conseguiram desenvolver a oralidade) procuram minar sua legitimação enquanto língua. Defendem que ela é limitada e primitiva, desaconselhando seu uso. Para eles, aprender a língua de sinais atrapalha no treinamento da fala e na integração dos sujeitos surdos à sociedade (STROBEL, 2018).

Ademais, Skliar (2013, p. 22), aponta que, é bastante comum se definir a comunidade surda como uma minoria linguística (uma representação social). Entretanto, embora essa definição não esteja de todo errada, o autor menciona que, na lógica discursiva implícita, soa, no ouvido de muitos, que a língua de sinais está restrita a seus principais usuários – os surdos ou ouvintes em contextos específicos como o tradutor intérprete de Libras. Diante de tal espaço limitado de uso, pensam, portanto, que os surdos “vivem uma situação de

desvantagem social, de desigualdade, e participam, limitadamente, na vida da sociedade majoritária”.

Ao considerar estas informações, podemos concluir, assim como Strobel (2018, p. 107), que “o problema não são os sujeitos surdos, não são as identidades surdas, nem a língua de sinais e sim as representações estereotipadas e hegemônicas sobre a cultura surda”. A representação estereotipada rouba do surdo seu lugar social como ser cultural e de identidade. Por conseguinte, esse estereótipo faz com que as pessoas se oponham, mesmo que disfarçadamente, e evitem aceitar a identidade surda, que aos que não se aproximam, parece distorcida e inadequada (PERLIN, 2013). É comum dizerem que o surdo é irritado, agressivo, nervoso e até débil mental. Como resultado, para muitos ouvintes a interação com surdos é tida como limitada, confusa e emocionalmente difícil.

Falando sobre disfarces por trás de enunciados que, aparentemente, favorecem à interação social de não surdos com surdos, os discursos inclusivistas merecem atenção. Segundo Nakagawa (2012) eles estão respaldados por ideários médicos, dispositivos de reabilitação e discursos ouvintizadores. Ou seja, aos surdos são abertas oportunidades de convívio com a sociedade ouvinte majoritária desde que se adequem aos seus padrões hegemônicos. Dessa maneira, a condição de gozo de uma vida plena está atrelada a um estabelecido estado de normalidade. Assim, embora se pregue uma valorização da diversidade pelo discurso da inclusão ⁴³ associada aos sentidos de justiça, solidariedade, pluralidade, respeito mútuo e democracia, a diferença ⁴⁴ acaba asfíxiada. Como resultado, aponta a autora:

[...] nesse ímpeto de incluir (achatador, totalitário e normalizador), bem como na dinâmica que produz e reforça práticas e discursos incapacitantes, vê-se – em vários aspectos – a “inclusão perversa” de grupos que se apontam como excluídos. Tal exclusão é, vale ressaltar, produto de um modelo de

⁴³ Gomes (2011, p. 83) denuncia que a política da inclusão foi capturada pela lógica da diversidade e do pluralismo e vem criando estratégias a favor da diferença somente ao inserir nos currículos dos Cursos de Licenciaturas a obrigatoriedade da disciplina de Libras. Esta é ofertada, na maioria dos casos, dentro de um modelo metodológico tecnicista “que se restringe ao ensino de uma pequena quantidade de sinais, sem trazer elementos teóricos e problematizações sobre cultura”. Como resultado, há um reducionismo da diferença cultural na formação de professores.

⁴⁴ Uma educação baseada nas diferenças que envolvem o sujeito surdo não deve se concentrar apenas na necessidade do uso de duas línguas. Uma proposta educacional bilingue-multicultural, além disso, precisa criar um espaço privilegiado e prioritário a língua natural dos surdos, tendo sua identidade e a cultura como eixos fundamentais (SÁ, 2010). Similarmente, Skliar (2013) aponta que o fato de aceitar a língua de sinais não propicia o reconhecimento da diferença. No ambiente educacional, por exemplo, ela pode conviver com outra língua num mesmo espaço correspondendo, porém, a dois grupos distintos com suas próprias representações de mundo. Neste caso, “a educação dos surdos continuará sendo um projeto assimétrico de poderes e saberes” (p. 25).

sociedade fundada sob a égide (consensuada e naturalizada) do ouvir, e que – em muitos momentos – não reconhece diferentes formas de se (con)viver e de se experimentar o mundo. (p. 95).

No entanto, mesmo com todas estas desvantagens, o ponto a ser destacado é: os desafios identificados até aqui, os quais levam os não surdos a uma interação inadequada com surdos (podemos dizer “deficiente” – no sentido de carente de saberes acertados sobre suas singularidades culturais) podem ser superados. como já dissemos, se houver uma aproximação contínua pelo viés cultural. Sá (2010, p. 314) preconiza que as identidades de surdos e ouvintes “são formadas pela fusão de elementos de diversos sistemas culturais, e esse entendimento deveria ajudar a considerar os valores e instrumentos da cultura surda”.

Como passos para uma melhor interação social com surdos, os não surdos precisam, por exemplo, aprender a língua de sinais. Isso servirá como um primeiro passo para despertar olhares sobre as singularidades culturais dos surdos. Além disso, podem conhecer e se envolver com as comunidades surdas, estar em contato com o mundo dos surdos. Estas iniciativas vão subsidiar uma melhor compreensão a respeito do surdo como sujeito cultural e de identidade, desfazendo estigmas e preconceitos arraigados historicamente na sociedade.

A ideia de um não surdo aprender a língua de sinais para, depois, interagir satisfatoriamente com a comunidade surda parece óbvia, mas ela fica evidente no estudo de Magnani (2007). Em seu trabalho etnográfico, realizado no ano de 2002, em São Paulo, ele investiga festas de/para surdos, intrigado pela questão: “Vai ter música?”. Sua narrativa mostra como uma das principais barreiras à interação com surdos o não saber se comunicar através da língua de sinais, mesmo o pesquisador estudando previamente sobre as singularidades destes sujeitos. Após ir a uma Festa de Cowboys promovida e organizada por surdos em uma Associação paulista, ele conclui:

A experiência valeu, paradoxalmente, pela absoluta falta de comunicação, pela estranheza mais completa. Se a etnografia sempre permite experimentar a vivência do outro, quem sabe é dessa forma que um surdo se sente quando está no meio de ouvintes que nem ao menos se dão conta de sua particularidade (MAGNANI, 2007, p. 19).

O relato de Magnani enfatiza uma fronteira a ser percebida e ultrapassada nas interações sociais de não surdos com surdos – a da comunicação. Aqui vale salientar uma confusão muito comum entre os ouvintes que buscam quebrar a barreira da comunicação com

surdos. Muitos deles imaginam que, ao decorar o alfabeto manual⁴⁵ e o executar com rapidez similar aos usuários fluentes em uma língua de sinais, interagirão satisfatoriamente com os surdos. Porém, este recurso tem uso específico. É utilizado para soletrar manualmente nomes próprios de pessoas ou lugares, siglas, e algum vocábulo não existente na língua de sinais que ainda não tenha sinal. Para que o soletramento manual seja compreensível tanto quem o produz como quem o visualiza devem ser letrados. Isto significa que “o soletrante que não for alfabetizado (escrita/leitura) na língua oral de sua comunidade de fala, por exemplo, terá as mesmas dificuldades de um indivíduo iletrado para lançar mão deste recurso” (GESSER, 2009, p. 29 e 30).

Outra confusão muito comum, dado o desconhecimento da língua, é tentar associar a estrutura frasal do português brasileiro com a da Libras. Muitos ouvintes tentam “sinalizar” uma frase escrita em português na mesma ordem em as palavras aparecem. Falta-lhes saber que “as verdadeiras línguas de sinais, são, de fato, completas em si mesmas: sua sintaxe, gramática e semântica são completas, possuindo, porém, um caráter diferente de qualquer língua falada ou escrita” (SACKS, 2010, p. 37). Por este motivo, não se deve transliterar a língua portuguesa falada para a Libras (ou qualquer língua oral para uma língua de sinais). Muitos desavisados já tentaram (e tentam) usar um dicionário impresso ou digital para buscar os sinais de cada palavra em uma frase em português, oral ou escrita. Como resultado ficaram (ficam) frustrados ao não serem correspondidos satisfatoriamente pelos surdos, pelo fato de não perceberem que as suas estruturas linguísticas são essencialmente diferentes. Deixaram de aprender que ‘as propriedades formais da língua de sinais e da língua falada são paralelas, bem como a intenção comunicativa’, mas suas estruturas, não (SACKS, 2010, p. 103). E aos surdos envolvidos em situações assim resta usarem uma “simulação de compreensão”, como explica Botelho (2002):

[...] muito frequentemente os surdos usam a “simulação de compreensão”, isto é, fingem que compreendem e que sabem, para evitar constrangimento na tensão da comunicação e para que passem despercebidos, aprendem a ocultar o sofrimento pelo temor e vergonha de não ser como todo mundo [...] (p. 19).

Estas ocorrências só comprovam que “Por um lado, a singularidade do surdo é respeitada, mas, por outro, se acredita que ele é quem precisa se adaptar *ao mundo dos ouvintes*, aprendendo a língua utilizada por estes” (THOMA, 2013, p. 123). De qualquer

⁴⁵ Também conhecido como soletramento digital ou dactologia. No Brasil, o alfabeto manual se compõe de 27 formatos da mão que correspondem às letras do alfabeto do português brasileiro, incluindo o grafema “ç”.

modo, reconhecer esta singularidade poderá favorecer a uma interação social positiva de não surdos com surdos pois, quando a experiência da diferença acontece ela relativiza às posições. Os ouvintes passam ‘a não ser vistos como colonizadores – por identificarem o outro surdo como uma falta, uma deficiência, uma minoridade, uma menos valia social, e, si, como aquele que tem uma cultura diferente na qual é possível o raciocínio, a escrita’. Tudo o que os circunda, como as leis, as identidades, as representações, as determinações não se baseará mais somente na fala e na audição. A partir disso, “Surdos e ouvintes, por meio da experiência da alteridade, refazem-se, aprendem, transformam-se, apuram o olhar, a sensibilidade e a compreensão sobre uma série de assuntos e vivências” (NAKAGAWA, 2012, p. 109).

Para ilustrar, com o advento da pandemia da corona vírus (Covid-19) sobre a população mundial neste ano de 2020, muitos precisaram seguir protocolos de segurança, entre eles o isolamento social. Sem a possibilidade de aglomerações em shows, muitos artistas da música brasileira estão entretendo seu público alternativamente através das conhecidas “lives”. Nessas ocasiões, ganha notoriedade a presença dos tradutores intérpretes de Libras⁴⁶ que aparecem sinalizando em janelas durante as transmissões desses eventos. O feito não só torna os shows acessíveis, aproximando os surdos das expressões culturais dos não surdos, mas também chama a atenção ao fato de que muitos com surdez apreciam, ao seu modo, produções musicais. Além disso, comprova que através da língua de sinais é possível expressar sentimentos, emoções e quaisquer ideias e conceitos abstratos. Assim como os falantes de línguas orais, os que se comunicam através de uma língua de sinais também discutem temas relacionados com filosofia, política, literatura e outros assuntos cotidianos. Através desta língua, eles podem “transitar por diversos gêneros discursivos, criar poesias, fazer apresentações acadêmicas, peça teatrais, contar e inventar histórias e piadas, por exemplo” (GESSER, 2009, p. 23).

Para além do gosto musical, as interpretações em Libras das letras das músicas, sejam elas de cunho poético ou de crítica social, situam os surdos nas discussões sobre os valores e dinâmicas sociais. Dessa maneira, sejam motivadas pelos imperativos éticos, por questões legais ou pelos esforços de *marketing*, as intervenções mediadas em língua de sinais nos shows, teatros, museus, cinemas e produtos audiovisuais, tornam essas produções culturais mais próximas e mais acessíveis ao público surdo a cada dia (NAKAGAWA, 2011).

⁴⁶ Os intérpretes de língua de sinais ouvintes podem, também, transitar entre as culturas surdas e ouvintes. “Dependendo de sua competência profissional, as identidades dos intérpretes podem tomar formas híbridas, identificando a alteridade surda. A partir desse reconhecimento e entendimento profundo do outro, o intérprete consegue realizar com mais competência o processo de tradução” (PERLIN; QUADROS, 2006, p. 183).

Evidentemente, as vias artísticas não são a única forma de o surdo acessar informações que circulam na sociedade ouvinte, mas apontam que uma interação mais próxima entre eles é possível. Nestes, e em outros meios, o que se percebe é um gradual confronto entre velhos postulados sobre a os surdos como deficientes e os novos olhares e formas de interagir com estes sujeitos. Por este caminho, os prejuízos já instalados poderão ser combatidos, minorados e até mesmo eliminados, pois:

Nesse estágio, em que a diferença é reconhecida, os ouvintes objetivam dar lugar às experiências surdas. A lógica da civilização ouvinte não é mais a que impera. A lógica passa a ser a de reconhecimento de que há a civilização da fala, da escuta, da leitura, e que há, também, a civilização dos surdos, da língua de sinais, da expressão corporal, do olhar (PERLIN; QUADROS, 2006, p. 175).

O caminho da aproximação aos surdos pela diferença é o mais promissor. Concordamos que, como aponta Kauchakje (2003, p. 63), mesmo com leis e a implementação de políticas que contemplem o almejo dos movimentos sociais, “isso não é suficiente, pois a garantia do seu exercício e sua efetividade reside, principalmente, na mudança de valores e atitudes”. Sabemos que as especificidades da surdez não significam obstáculos para que os surdos convivam em sociedade com os não surdos. Esta convivência deve se dar de forma que “a sociedade reconheça nos surdos a mesma capacidade de comunicação linguística e a mesma potencialidade pra realizações e participação em tarefas sociais comuns nos dois grupos” (LABORIT, 2003, p. 236). Mas, por enquanto, parece predominar o quadro descrito em Souza (1999), a saber:

O pouco conhecimento que ainda temos dos surdos, enquanto personagens constitutivos de vários grupos sociais minoritários, pertencentes, pois, a comunidades tão legítimas quanto tantas outras, tem colaborado, e em muito, para a exclusão de gerações e gerações de surdos pela assimilação da diferença, pelo assujeitamento das alteridades à lógica da igualdade descabida de uns poucos (p. 1).

Desse modo, apropriar-se criticamente da condição do outro, pela janela do conhecimento sobre cultura e identidade, pode ser uma experiência inovadora tanto para não surdos quanto surdos. “É importante que os sujeitos surdos e ouvintes possam ampliar sua compreensão de si mesmos e do mundo onde interagem e, a partir destas ações, transformar o próprio presente” (TESKE, 2013, p. 142). Certamente, se o que se quer é conhecer e entender o surdo como sujeito de cultural, a convivência com a comunidade surda é imprescindível (STROBEL, 2018). Desta maneira, é possível fugir das metanarrativas e visualizar novas

concepções a respeitando da realidade multicultural existente nas relações sociais (SKLIAR, 1997, p. 263 APUD TESKE, 2013).

Diante dos pressupostos até aqui considerados, entendemos que as relações sociais entre não surdos e surdos já foram bastante conturbadas historicamente e mesmo no passado recente. Atualmente, com os ideais de reconhecimento às culturas existentes, pelo olhar da diferença, as discussões em torno da surdez e da pessoa surda são intensificados. O campo dos Estudos Surdos apresenta a sociedade uma forma mais salutar de tratar o sujeito surdo, por estabelecê-lo como ser plenamente sociável, cultural e identitariamente constituído, e legitimar as línguas de sinais como sua forma de comunicação. Conseqüentemente, muitos ouvintes envolvidos em diversos contextos sociais estão percebendo os surdos a partir de suas singularidades culturais e de identidade. Gradativamente, portanto, percebemos que uma transformação positiva, não deficiente, mas diferente, está ocorrendo nas interações sociais de não surdos com surdos.

Ao mesmo tempo, sinalizamos que os percalços nos contatos cotidianos entre eles, originados por uma visão patológica, por muito tempo predominante discursivamente, ainda perduram. Este ponto de vista pode se revelar no tratamento que ouvintes lhes dão no dia a dia – quer seja adotando atitudes discriminatórias para com estes indivíduos, em cenários sociais diversos, ou pelo comportamento impulsionado pela caridade ou assistencialismo.

Embora até este ponto do nosso trabalho tenhamos explanado globalmente sobre o relacionamento entre não surdos e surdos, mediados pelas representações e pelo imaginário social que perpassam a sociedade, existem poucas pesquisas que se atêm às dinâmicas sociais sob este tema em localizações territoriais específicas. Assim, consideramos relevante usar estas informações para verificar, em alguma medida, as interações de não surdos com surdos no município de Porto Seguro/BA. Partindo das discussões apresentadas até aqui é possível as considerar como culturalmente deficientes – quando guiadas por preconceitos disseminados pelo ouvintismo, ou diferentes – firmadas no reconhecimento e valorização das singularidades culturais e identitárias dos surdos, que trazem a comunicação por meio da visualidade e de língua de sinais como uma forte marca. Como buscamos fazer este exercício é o que explicaremos no capítulo que segue.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo pretendemos expor os caminhos para o desenvolvimento deste trabalho. Epistemologicamente, “a comunicação, em ciência, implica a apresentação do acervo de informações com as quais estamos lidando, dos passos da análise e da interpretação a que chegamos” (LIMA; SPINK, 1999, p. 93-94, APUD SÁ, 2010, p. 143). Nessa perspectiva, explicamos e justificamos as escolhas metodológicas que nos permitem responder à pergunta central da pesquisa: as interações sociais de não surdos com surdos no município de Porto Seguro/BA são culturalmente deficientes ou diferentes?

Entretanto, antes de prosseguir com esses passos, achamos por bem dar mais informações sobre o pesquisador para situar o seu lugar de fala quando da execução deste projeto. Como já mencionado, o pesquisador é motivado pela sua condição de professor e tradutor-intérprete de Libras. Mas, acima disso, fala como um ouvinte que passou a enxergar os surdos para além da condição do comprometimento da audição e, ainda, se esforça para combater pensamentos e posturas preconceituosas, uma vez que estes se infiltram de formas sutis no dia a dia da sociedade. Devido às experiências vividas nas interações social, religiosa e profissional com surdos – acumuladas ao longo do tempo – acredita ser possível se considerado como membro da comunidade surda, tal qual é definida como “um espaço de trocas simbólicas em que as línguas de sinais, a experiência visual e os artefatos culturais surdos são partilhados entre sujeitos Surdos (e ouvintes) que congregam interesses comuns e projetos coletivos”, nos termos de Nakagawa (2012, p. 31). Embora não se posicione militante ativo das causas surdas – politicamente falando – apoia e se envolve em atividades, de natureza educativa, que promovam a suplantação das barreiras atitudinais e linguísticas nas interações do cotidiano que envolvem pessoas com surdez. Em algumas dessas ações, experimentou especialmente conjugar o fazer social com o profissional, por exemplo, nas ocasiões em que atuou, como coinstrutor, ministrando cursos de capacitação para o atendimento ao público surdo para profissionais da Educação e da esfera jurídica, junto a instrutores surdos. Enquanto tradutor e intérprete de Libras o marcam as ocasiões em que, como perito, participou em audiências na Justiça do Trabalho em que surdos estavam envolvidos.

Daí, o desafio, nesta investigação, de o pesquisador exercitar o afastamento do objeto para compreendê-lo melhor. Sabemos não ser possível uma condição totalmente neutra, pois quem pesquisa também carrega uma série de vivências que, naturalmente, o formam e

impulsionam. Mesmo assim, sinalizamos que a resposta da pesquisa não esteve preestabelecida, mesmo que parcialmente. Ela se configura a partir da relação entre os relatos colhidos e o arcabouço teórico antes apresentado, como explicamos a agora.

3.1 ESPECIFICAÇÕES DESTA PESQUISA

Este estudo se propõe investigar as interações sociais de não surdos com surdos no município de Porto Seguro/BA a partir das premissas estabelecidas pelos Estudos Surdos – alinhavadas aos Estudos Culturais. Está situado no campo científico-social, que lida com pessoas em suas realidades histórico-culturais construídas e localizadas. Em vista deste propósito, entendemos que essas ocorrências não são capturáveis e controláveis preferencialmente pelos métodos quantitativos. Não visamos, aqui, saber quantas vezes elas ocorrem, mas *como* ocorrem: se se dão pelo ponto de vista da surdez como deficiência ou diferença?

Com este entendimento, seguimos os conceitos metodológicos em Gerhardt e Silveira (2009), conforme especifica o quadro abaixo:

Quadro 03 – Especificações desta pesquisa

ASPECTOS	CARCTERÍSTICA	DEFINIÇÃO
Abordagem	Qualitativa	Embora números possam ser citados, compreende e explica a prática das relações sociais estudadas à base de questões que não podem ser quantificadas.
Natureza	Aplicada	Gera conhecimentos para aplicação prática, levando em conta verdades e interesses locais.
Objetivo (Finalidade)	Exploratório	Aprofunda o entendimento sobre o objeto da pesquisa, fornecendo informações para verificar a hipótese.
Procedimentos	Revisão Bibliográfica	Permite conhece o que já se estudou acerca do assunto.
	Estudo de caso coletivo	Apresenta, pelo ponto de vista do investigador, uma perspectiva pragmática (global), a mais completa e coerente possível, do objeto de estudo.
Técnica para coleta de dados	Entrevista semiestruturada	O pesquisador organiza um conjunto de questões (um roteiro de perguntas) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.
Instrumento de coleta de dados	Questionário com perguntas abertas ou de múltipla escolha	Roteiro de questões onde se busca saber aspectos referentes ao objeto de estudo com o fim de responder a pergunta da pesquisa.

Fonte: o autor com base em Gerhardt e Silveira (2009).

Neste trabalho, preferimos adotar métodos qualitativos que viabilizassem uma aproximação das vivências sociais dos sujeitos da pesquisa. Com eles, os pesquisadores “buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não

quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos...” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32).

Tendo em vista o explorar para qualificar, primeiramente, experimentamos um mergulho mais profundo nas discussões contemporâneas acerca da surdez e do sujeito surdo. Sistematizadas as referências selecionadas, utilizamos fichamentos e resumos para estabelecer a congruência entre conteúdos e o tema que norteia a pesquisa. A revisão bibliográfica se concentrou na relação entre a produção de significados sociais sobre a surdez e as pessoas com surdez. Atemo-nos às consequências dessas representações na vida social dos surdos. Desta maneira, mergulhamos nas práticas discursivas em torno destes indivíduos por acreditar que elas se concretizam em ações, ou seja, fazem as pessoas construírem sentidos sobre o objeto tratado e se posicionarem frente a ele, nas relações sociais cotidianas (MEDRADO; SPINK, 1999). Sendo assim, consideramos o tema pelo viés epistemológico, o qual “requer um descentramento do sujeito surdo, passando a perguntar sobre as práticas discursivas e não discursivas que constituem esse sujeito” (KLEIN, 2013, p. 90).

Com isso em mente, abordamos as interpretações teóricas, apresentadas neste trabalho, para salientar as construções sociais sobre a surdez e os surdos ao longo da História até a época atual. O alvo foi desvendar quais ideias perpassaram a vida em sociedade de indivíduos com surdez nos períodos conhecidos como Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna. Conhecer melhor e cronologicamente os campos discursivos afetos à surdez e aos surdos fundou uma base mais sólida para as escolhas que se seguiram nesta pesquisa.

Um passo que consideramos importante foi detalhar os pressupostos sobre este tema que surgiram com a vigente perspectiva da Pós-Modernidade. Neste contexto, a linguagem institui realidades – representações que se estabelecem discursivamente como regimes de verdades. A estratégia dos autores pós-modernos é identificar os argumentos que sustentam um discurso e os propósitos embutidos neles. O esquadrihar dos discursos e das argumentações implícitas nos mesmos gerou novas interpretações também sobre o lugar das pessoas surdas na sociedade. Assimilar estas discussões contemporâneas em torno das singularidades dos indivíduos com surdez contribuiu para desenharmos este projeto. Seguindo este espírito crítico tratamos o problema da pesquisa, a saber: as interações sociais de não surdos com surdos na cidade de Porto Seguro/BA, Brasil são culturalmente deficientes ou diferentes?

Consideramos como maior realização deste estudo o *contribuir para que as interações sociais de não surdos com surdos sejam dadas pelo reconhecimento e valorização dos traços culturais das pessoas surdas*. Almejamos fazer isso por oferecer junto a este

trabalho investigativo a possibilidade de ouvintes (não surdos) gerarem novos significados e reinterpretações sobre os surdos, divergentes daqueles preconceituosos e estigmatizadores predominantes. Desejamos, assim, que melhorem, em alguma medida, a forma como tratam as pessoas com surdez e surdas nas oportunidades de contato com elas que surgem no cotidiano.

Para alcançar as metas acima, escolhemos enveredar pelo estudo de caso coletivo sobre as interações sociais locais de surdos com não surdos. Este método de pesquisa é indicado, segundo Yin (1984, apud ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 643), quando “o caso em pauta é crítico para testar uma hipótese ou teoria previamente explicitada”. O procedimento não visa a uma precisão absoluta no conhecimento dos traços sociais dessa uma população. Antes, apresentamos uma perspectiva pragmática e interpretativa desses acontecimentos. O propósito é o “de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados” (GIL, 2007, p. 55). Entendemos que:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33, APUD GERHARTDT & SILVEIRA, 2009, p. 39).

Ainda, Alves-Mazzotti (2006), que realizou uma pesquisa comparando os critérios de dois reconhecidos especialistas para classificar esse tipo de pesquisa – Robert Yin e Robert Stake – sublinha, diz especificamente sobre o método do estudo de caso coletivo, que:

[...] o pesquisador estuda conjuntamente alguns casos para investigar um dado fenômeno, podendo ser visto como um estudo instrumental estendido a vários casos. Os casos individuais que se incluem no conjunto estudado podem ou não ser selecionados por manifestar alguma característica comum. Eles são escolhidos porque se acredita que seu estudo permitirá melhor compreensão, ou mesmo melhor teorização, sobre um conjunto ainda maior de casos (p. 642).

Uma vez definidos os aspectos da abordagem, da natureza, da finalidade e dos

procedimentos para esta pesquisa, procedemos à seleção do objeto de estudo e dos participantes.

3.2 SELEÇÕES DO OBJETO DE ESTUDO E DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A partir da revisão bibliográfica e impulsionados pelos ventos da virada cultural, fizemos como os historiadores mencionados por Burke (2005, p. 8-9) que “abandonaram os esquemas teóricos generalizantes para se concentrar sobre os valores de grupos particulares, em locais e períodos específicos”. Anteriormente, explanamos o panorama do relacionamento de não surdos com surdos, mediado pelas representações e pelo imaginários sociais que perpassam a sociedade. Entretanto, existem poucas pesquisas que se atêm às dinâmicas sociais sob este tema em localizações territoriais específicas. Então, consideramos relevante verificar, em alguma medida, a qualidade das interações sociais de não surdos com surdos no município de Porto Seguro/BA para saber se culturalmente são deficientes ou diferentes. A partir dessa definição, pensamos as três questões sugeridas em Gerhardt e Silveira (2009): O que coletar? Com quem coletar? Como coletar? Agora, tratamos as duas primeiras delas e, na próxima seção, a terceira.

Primeiramente, tomamos como objeto de estudo *as interações sociais de surdos com não surdos em cenários de constantes trocas no mundo social*. Interessou-nos compreender estes fenômenos sociais através das lentes dos surdos participantes dando-lhes vez e voz. Acreditamos que, dessa forma, construímos melhor os dados para uma avaliação, sabendo que:

O rigor científico precisa estar presente para possibilitar a transformação da curiosidade espontânea numa curiosidade epistemológica. No processo investigativo precisam estar presentes a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, comparar e compreender o objeto e sua razão de ser (FREIRE, 1997, pp. 97, 98, apud TESKE, 2013, p. 141).

Com isso em mente, abordamos a questão partindo de dados colhidos de moradores surdos. Elegemos alguns cenários onde há constante interação social, como no ambiente familiar (mais particularizado, fechado) e, na instituição de ensino, no local de trabalho e em estabelecimentos públicos ou privados locais (mais abertos, em que estes contatos ocorrem muitas vezes pela procura de bens e serviços). Também, centralizamos o campo das análises

empíricas em um espaço geográfico – a cidade de Porto Seguro/BA, Brasil.

Em seguida, foi necessário encontrar e contatar previamente possíveis participantes: moradores/as surdos/as da cidade de Porto Seguro/BA, Brasil. Valemo-nos, para este momento, da prerrogativa em Doxsey & De Riz (2002-2003, pp. 44-45), quando afirma que, na pesquisa qualitativa, “o pesquisador seleciona os sujeitos de acordo com o problema da pesquisa”. Tencionamos uma amostra ilustrativa da população de surdos nesta cidade crendo que, com seus relatos de experiências vividas na sociedade, entendemos mais acertadamente como são vistos e tratados pelos não surdos ali.

Como parte deste processo investigativo, e não menos importante, seguimos os procedimentos éticos que envolvem o campo da pesquisa científica-social, tendo como suporte o exame crítico dos riscos e benefícios envolvidos no levantamento dos dados. Estas informações foram detalhadas e expostas para cada participante.

Dentre os possíveis riscos para os participantes entrevistados foram de desconfortos emocionais ligados às informações pessoais por eles fornecidas. Especialmente os relatos de interações sociais com não surdos poderiam fazer ressurgir sentimentos de inferioridade associados à discriminação e/ou exclusão social. Para prevenir estas ocorrências, cuidamos de que as perguntas elaboradas não fossem invasivas. Vale salientar que, caso esses incômodos surgissem, os participantes seriam prontamente encaminhados ao serviço de psicologia fornecido em parceria com Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA (Campus Porto Seguro). Ali, um profissional psicólogo, previamente contatado esteve pronto para dar a assistência necessária.

Ainda como estratégia para minimizar possíveis danos, todos os participantes foram informados do seu direito de não responder a quaisquer das perguntas elaboradas, bem como, de deixar de fazer parte da pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos para si. Em todo o caso, ficaram assegurados do direito à indenização por possíveis danos à saúde mental e emocional provocados pela participação na pesquisa, caso fossem devidamente justificados. O mesmo se aplicaria a acidentes físicos provocados pelo deslocamento até o local previsto para a entrevista.

Por outro lado, ressaltamos que, como benefício social, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para despertar reflexões sobre as interações sociais de não surdos com surdos na dinâmica local, para que sejam diferentes - impulsionadas pelo reconhecimento e valorização dos traços culturais singulares dos surdos.

Então, tendo em conta as características desta pesquisa, estabelecemos alguns critérios para a inclusão de participantes com surdez, como seguem:

- Ser maior de idade – em razão dos ambientes sociais a serem investigados;
- Ter a Libras – Língua Brasileira de Sinais – como principal meio de comunicação – visto que parece ser o desconhecimento dessa língua um dos principais fatores que barram a aproximação social de não surdos com surdos; e,
- Ser morador da cidade de Porto Seguro, Bahia – localidade escolhida para concentrar o desenvolvimento do estudo.

De outro modo, as seguintes condições limitaram a participação de indivíduos, independente das condições de sua surdez:

- Ter comprometimentos cognitivos ou limitações físicas que impeçam o pesquisador de obter respostas claras às perguntas propostas no roteiro de entrevista;
- Não comparecer no dia e hora previamente agendados para entrevista;
- Não se comunicar em Libras – Língua Brasileira de Sinais; e,
- Se negar a conhecer e a assinar o TCLE.

Por conseguinte, a fim de atender as exigências éticas da pesquisa social adotamos os seguintes procedimentos:

1. Desenvolvemos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e o traduzimos para a Libras;
2. Prepararmos o Termo de Anuência (Apêndice B), solicitando ao Instituto Federal de Educação – IFBA, campus Porto Seguro, permissão para realizar as entrevistas com os voluntários surdos participantes em suas dependências;
3. Formulamos a Declaração do Serviço de Psicologia (Apêndice C) para assegurar o atendimento psicológico aos participantes da pesquisa, caso necessário;

4. Submetemos o projeto completo desta pesquisa para a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP/UFSB⁴⁷.

Considerando estes parâmetros, buscamos possíveis participantes em espaços de convívio social pela cidade. Em Porto Seguro/BA é mais frequente observar surdos trabalhando em supermercados ou conversando em Libras pelas ruas do centro comercial. Junto a esta observação, levamos em conta que “Há grande variedade de comunidades surdas e cada grupo é organizado de maneira diferente, de acordo com os mesmos interesses, tais como raça, religião, profissão e outras características distintivas...” (STROBEL, 2018, p. 32). Em nosso caso, apuramos que, na cidade ainda não existe uma associação representativa somente de/para surdos. Porém, já havíamos localizado surdos filiados a uma associação religiosa local, onde as reuniões são realizadas em Libras. Nela, não surdos, fluentes em Libras, também participam como membros. Decidimos por este grupo começar e conseguimos alguns contatos. Entretanto, visando diversificar as “vozes” dos participantes, para além do âmbito religioso, outros participantes foram identificados e convidados como os frequentes em uma escola da localidade.

No passo seguinte, realizamos os contatos explicando o propósito da pesquisa e enviando previamente em forma digital o TCLE e o Roteiro para Entrevista com os Participantes (Apêndice D) nas versões em Língua Portuguesa e em Libras. Os critérios pré-estabelecidos para participação, a disponibilidade dos convidados e do tempo de execução do trabalho, determinaram o número de participantes. Inicialmente, pensamos em entrevistar 10 (dez) pessoas surdas. Tivemos em mente que, de acordo Deslauriers (1991, p. 58, *apud* GERHARTDT & SILVEIRA, 2009, p. 32), a amostra da pesquisa deve ser aquela pela qual o pesquisador pode colher novas informações, aprofundadas ou ilustrativas, seja ela grande ou pequena numericamente.

Infelizmente, devido ao quadro de pandemia pelo Coronavírus (Covid-19), não foi possível um contato presencial com os participantes. E, acatando as orientações das autoridades sanitárias internacionais e locais, todas as entrevistas foram realizadas por videoconferência, de dentro de suas casas ou de outro local seguro preferido. Com isso, recursos para conectividade à distância (como de equipamentos e de acesso a internet) passaram a entrar na lista dos critérios para participação, embora estes efetivamente não

⁴⁷ A Plataforma Brasil é um sistema eletrônico criado pelo Governo Federal para sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa, que envolvam seres humanos, nos Comitês de Ética em todo o país. Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), sob o parecer de número: 4.109.782.

tenham representado impedimentos significativos à execução das entrevistas. Utilizamos a plataforma do Zoom Meetings para realizá-las e gravá-las com o consentimento dos participantes.

3.3 ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Esta pesquisa mergulha em um plano cultural. E por ser de natureza exploratória, este tipo de investigação,

[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GERHARTDT & SILVEIRA, 2009, p. 35).

Desta forma, após o passo “a”, planejamos os passos “b” e “c”. Utilizamos um roteiro de entrevista semiestruturada⁴⁸ como técnica de coleta de dados. Procuramos selecionar os recursos mais apropriados, visto que “é importante que, na pesquisa qualitativa, os instrumentos sejam flexíveis, possibilitando ao pesquisador ou à pesquisadora acrescentar novas questões ou elementos a serem investigados durante o processo” (ROMÁRIO, 2018, p. 63). Buscamos, com isso, coletar informações úteis para testar a hipótese de que as interações sociais dos não surdos com surdos são culturalmente deficientes. Porém, enfatizamos que:

Os recursos escolhidos não são intrinsecamente bons ou ruins, sua eficácia está ligada a aspectos tais como: a concepção que temos a respeito do instrumento com que estamos trabalhando, suas possibilidades e limites; a maneira como o utilizamos; e o uso que se pretende fazer das informações obtidas (MENEGON; SPINK, 1999, p. 223 apud SÁ, 2010, p. 151).

Desse modo, alicerçados no capítulo teórico, elaboramos 15 (quinze) questões, que foram divididas em três blocos: (I) Dados Pessoais Pontuais, (II) Recursos comunicacionais

⁴⁸ De acordo com Gerhartdt & Silveira (2009, p. 71), a entrevista é “uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação”. Ser ela semiestruturada significa que “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal”.

nas interações sociais com não surdos e (III) Experiências de interações sociais de não surdos com surdos.

A primeira e a segunda seções foram voltadas a conhecer o sujeito surdo que nos fala. Entendemos ser relevante para a pesquisa saber sua idade, sua escolaridade, sua profissão, sua estrutura familiar (quem e quantos familiares moram com ou próximo a ele), seus dados e histórico sobre a surdez e como aprendeu uma língua de sinais. Sondamos, também, de quais os recursos os entrevistados lançam mão para se comunicar em seus contatos cotidianos com não surdos dentre os quais: a escrita em Língua Portuguesa, gestos e mímicas, a leitura labial, a Língua Brasileira de Sinais – Libras e a oralidade. Para isso, definimos alguns grupos de pessoas não surdas com as quais as interações sociais são bem prováveis, como mostra o quadro abaixo e pedimos que apontassem o/os recurso/os que utilizam para este fim. Acreditamos que estes dados são relevantes para compreender melhor os relatos de experiências alcançados, criando um mosaico de informações analíticas.

Quadro 04 – Esquema utilizado no roteiro de entrevista para associar os recursos de comunicação mais utilizados pelos surdos em suas interações sociais com grupos de não surdos

	Escrita em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Com familiares					
b) Com amigos					
c) Com pessoas no local onde estuda					
d) Com pessoas no local onde trabalha					
e) Com pessoas nos locais públicos ou privados na cidade					

Fonte: O autor.

No terceiro bloco de perguntas nos dedicamos a captar as experiências reais, passadas ou presentes, destes moradores surdos sobre seus contatos com não surdos, em alguns cenários de constante interação social. Direcionados pela revisão bibliográfica, selecionamos os ambientes que entendemos apresentar mais recorrentemente barreiras, linguística e atitudinal, como: no ambiente familiar, na instituição de ensino, no local de trabalho e em estabelecimentos públicos ou privados locais. Reconhecemos que, embora cada um destes ambientes tenha suas próprias especificidades e dinâmicas sociais têm em comum o bastante previsível encontro de surdos com não surdos. Desejamos saber não da totalidade nem de todas estas ocorrências, mas aquelas que mais impactaram positiva ou negativamente os

sujeitos participantes. Compreendemos que seriam estas as selecionadas por eles para relatar. São estas que nos deram elementos para responder à pergunta desta pesquisa.

Na elaboração das questões abertas, tomamos o cuidado de que não conduzissem a respostas reducionistas ou que, de alguma forma, direcionassem o participante tendenciosamente. Evitamos estabelecer dualidades condicionais não propondo uma simples escolha de variáveis sobre essas interações, como se são guiadas pela visão para a deficiência ou para a diferença. Preferimos o *como* ao *qual* em busca de respostas mais confiáveis. As perguntas são interdependentes, nenhuma delas trata exclusivamente de um ponto ou de outro. Almejamos captar seus sentimentos e percepções por meio do que compartilham quando entrevistados. Dessa forma, está imbricado nas respostas dos participantes o desenho de um quadro global das interações de não surdos com surdos na localidade.

Isso corrobora com o que Alves-Mazzotti (2006) comenta sobre a escolha do tipo de questões que distinguem os estudos de casos de outras modalidades de pesquisas nas ciências sociais. A autora faz referência à indicação de Stake (2000) defendendo que um estudo de caso se organiza em torno de um número pequeno de questões sobre relações complexas, situadas e problemáticas. Fazendo referência a Yin (1984), enfatiza que:

[...] a estratégia é geralmente usada quando as questões de interesse do estudo referem-se ao como e ao porquê; quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos; e quando o foco se dirige a um fenômeno contemporâneo em um contexto natural (p. 643).

O verbo predominantemente usado para construir as questões neste bloco é “interagir”. Preferimos não sinalizar outro, como “tratar”, e explicamos a razão desta escolha vocabular. O Dicionário Houssais da língua portuguesa define “interagir” (p. 1632) como: “1. exercer ação mútua (com algo), afetando o desenvolvimento ou a condição do outro”; e “2. Ter comunicação, diálogo (com outrem) em dada situação (familiar, profissional, etc.); comunicar-se, relacionar-se”. Já o verbete “tratar” (p. 2757) tem como acepções: “4. Manter relações de convivência com, ou entre si”; e “5. Comportar-se ou agir em relação a (alguém ou algo) de determinada maneira” (HOUAISS; VILLAR, 2001). Desta averiguação percebemos que, ambas as expressões, aplicadas no contexto da pesquisa, convergem para um mesmo sentido, considerando a semântica delas na língua portuguesa. Em Libras, porém, os sinais comumente realizados para estes termos divergem no significado. O sinal para “tratar”, por exemplo, assume um primeiro sentido de “cuidar”, “assistir” ou “tomar conta”. Usar este último termo em Libras poderia confundir os participantes sobre o sentido das indagações os

conduzindo ao entendimento de que as perguntas seriam no rumo de encontrarem-se de alguma forma cuidados, assistidos ou protegidos pelos não surdos. Em razão disso, optamos em usar o sinal para “interagir/interação”⁴⁹.

Após conceber o instrumento para colher os dados, seguimos as operações sugeridas em Gerhartdt & Silveira (2009, p. 56), a saber:

1. Testar o instrumento antes de utilizá-lo sistematicamente para se assegurar de seu grau de adequação e de precisão⁵⁰; e,
2. Colocá-lo sistematicamente em prática procedendo, assim, à coleta de dados pertinentes.

3.4 MOSTRA E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta investigação, a resposta à pergunta da pesquisa é construída levando em consideração os relatos colhidos com os moradores surdos da localidade. Lamentamos comunicar que, embora tenhamos conseguido realizar as dez entrevistas como proposto aqui, um dos entrevistados desistiu de participar. Assim, excluímos os dados fornecidos por ele das análises desta pesquisa. Apesar disso, obtivemos as respostas dos outros nove e as utilizamos para compor este estudo de caso coletivo. Para tanto, para tratarmos analiticamente as informações alcançadas por videoconferência, seguimos quatro etapas:

1. Tradução⁵¹ de todas as entrevistas da Libras para a Língua Portuguesa;
2. Levantamento e apresentação dos dados globais;
3. Levantamento e apresentação dos dados das experiências vividas;
4. Análise das informações levantadas.

Como dados globais, elencamos os seguintes:

⁴⁹ Para verificar a sinalização dos verbos “interagir” e “tratar” consultamos o aplicativo Hand Talk, disponível pela plataforma do Google Play.

⁵⁰ O primeiro participante surdo foi entrevistado por duas vezes, o que permitiu averiguar a construção das perguntas antes de proceder as demais entrevistas.

⁵¹ Segundo Pereira (2008): “Pode-se dizer que a tradução é o termo geral que se refere a transformar um texto a partir de uma língua fonte, por meio de vocalização, escrita ou sinalização, em outra língua meta. A diferenciação é feita, em um nível posterior de especialização, quando se considera a modalidade da língua para qual está sendo transformado o texto. Se a língua meta estiver na modalidade escrita trata-se de uma tradução; se estiver na modalidade vocal (também chamada de oral) ou sinalizada (presenciais ou de interação imediata), o termo utilizado é interpretação” (p. 136).

- Aspectos do trabalho de tradução das informações de Libras para a Língua Portuguesa escrita: o desafio, o método e o tempo dedicado;
- O perfil geral dos participantes: quantidade de homens e mulheres, média de idade, média de anos morando na cidade de Porto Seguro/BA, escolaridade, trabalho/profissão, grau clínico da surdez, uso de Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI), acompanhamento para terapia de fonoaudiologia, e o conhecimento de uma ou mais línguas de sinais.

Em seguida, mostramos as informações alcançadas pelas entrevistas com moradores surdos da localidade sobre as suas interações sociais cotidianas com não surdos nos cenários de constantes trocas no mundo social selecionados. As associamos às respostas apontadas pelo bloco II do Roteiro para Entrevista que procurou saber quais recursos para comunicação eles mais utilizam nestes contextos e trouxe mais alguns detalhes sobre estes contatos. Acima de tudo, quer respondessem completamente ou não às perguntas, respeitamos suas falas, às vezes limitantes outras, muitíssimo reveladoras.

Preferimos mencionar as respostas, de acordo aos quatro contextos sociais selecionados, e assim, proporcionar um estudo de caso coletivo, uma vez que o objeto de análise não são os sujeitos surdos em si, mas suas interações locais com não surdos. Organizamos as expressões de cada participante combinando-as com outras delas a partir das questões em pauta. Também, por uma questão de correspondência com a diferença cultural surda, adotamos nas seções à frente a inicial S, seguida de um número que identifica os participantes.

Por fim, a partir desses relatos, buscamos responder à pergunta desta pesquisa analisando: (1) as recepções experimentadas pelos surdos, (2) as estratégias de comunicação adotadas pelos surdos e não surdos, (3) e as percepções dos entrevistados sobre suas vivências com não surdos na localidade. À base desses elementos, as interações sociais de não surdos com os surdos na dinâmica local foram verificadas culturalmente deficientes ou diferentes.

Consideramos que, mesmo os dizeres baseados no senso comum teceram significados que revelaram a dinâmica da ordem social em que vivem. Na análise desses relatos, buscamos compreender que olhar sobre os surdos guia a dinâmica das interações sociais de não surdos com eles. Os pressupostos pós-modernos nos permitem tratar de temas contemporâneos assim através dos dizeres de pessoas que vivenciam os episódios sociais estudados. Isto abre a oportunidade do registro das percepções de minorias e de grupos ignorados. Tais dados

muitas vezes não são considerados pelo saber formulado de maneira mais tradicional. “Se na postura verificacionista busca-se a *explicação*, na nova postura interpretativa busca-se a *compreensão* (a hermenêutica)” (SÁ, 2010, p. 141). A nova produção de sentidos se dá, então, pela mescla do fazer ciência com as ações praticadas no cotidiano da sociedade.

Embora as questões iniciais sejam as mesmas para cada participante, as respostas não são fixas ou previsíveis. Não visamos trazer uma resposta definida/fechada para não incorrer no erro de generalizar e/ou universalizar o conhecimento de fenômenos sociais e culturais. Antes, nos empenhamos em tornar mais visíveis e alcançáveis as demandas que, a nosso ver, precisam ser objetos de ponderações e críticas.

Aplicar os passos acima nos permite dar acurada atenção aos significados produzidos pelos dados empíricos coletados nas entrevistas durante o processo analítico das informações. Reconhecemos, porém, a improbabilidade de explorar cabalmente todos os ocorridos sociais ligados ao tema da pesquisa. Esgotar o tema não é o que buscamos aqui. Antes, esta pode ser uma primeira oportunidade de dar vez e voz aos desta população na cidade, partindo de um panorama global sobre suas interações sociais com uma sociedade majoritariamente de não surdos. Desejamos causar inquietudes aos leitores. A partir delas, transformações podem ocorrer, mesmo que individualmente, em prol de interações “diferentes” de não surdos com surdos.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Chegamos, neste capítulo, ao ponto central deste trabalho. Iniciamos apresentando aspectos ligados à realização das entrevistas e ao trabalho de tradução das “falas” dos convidados, colhidas durante os encontros com os participantes da pesquisa. Em seguida, destacamos pontos, que tivemos como relevantes, dos perfis global e individual dos participantes. Na sequência, mostramos os resultados alcançados pelas entrevistas com moradores surdos da localidade sobre as suas interações sociais cotidianas com não surdos nos espaços de constantes trocas no mundo social escolhidos. Então, a partir desses relatos, buscamos responder à pergunta desta pesquisa: podemos considerar as interações sociais de não surdos com surdos na cidade de Porto Seguro/BA, Brasil como culturalmente deficientes ou diferentes? Teremos estas interações como deficientes – quando estabelecidas nos moldes do ouvintismo ou como diferentes – dadas pelo reconhecimento e valorização das singularidades culturais das pessoas surdas. Fazemos esta análise considerando: (1) as recepções experimentadas pelos surdos, (2) as estratégias de comunicação adotadas pelos surdos e não surdos, (3) as percepções dos entrevistados sobre suas vivências com não surdos na localidade. À base dessas categorias, verificamos uma possível resposta.

As nove entrevistas realizadas⁵² (Apêndices E a N) somaram o tempo total de gravação de aproximadamente 780 minutos, perfazendo a média de 90 minutos de conversação com cada participante. Fizemos, geralmente, uma entrevista por dia, durante um intervalo de quinze dias. Apenas uma delas foi realizada em dois dias por conta da interrupção de conectividade. Notável foi a disposição dos participantes em fornecer as informações. Em vez de indiferentes, aceitaram com prontidão colaborar, uma vez esclarecidos as condições e os objetivos da pesquisa.

O trabalho de tradução foi exaustivo, mas gratificante. Traduzir de uma língua fonte para uma língua alvo envolve empenho e atenção do profissional tradutor/intérprete de Libras. Lidamos com um texto vivo, uma língua viva. Assim, nos esforçamos para passar a mensagem atentando para seu aspecto de naturalidade, como num diálogo, para não soar excessivamente formal. Esta atividade envolve um considerável esforço cognitivo-linguístico, pois as expressões comunicativas são apresentadas em uma língua diferente da original. Quadros (2004) explica o que se exige do profissional na execução deste exercício:

⁵² Atendendo aos princípios éticos que regem as pesquisas sociais, omitimos a idade e naturalidade individual dos participantes no corpo das entrevistas.

Ele processa a informação na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente (p. 27).

O processo de tradução seguiu os passos do modelo cognitivo proposto pela autora (p.75), a saber:

- (1) Entender a mensagem na língua fonte;
- (2) Ser capaz de internalizar o significado na língua alvo;
- (3) Ser capaz de expressar a mensagem na língua alvo sem lesar a mensagem transmitida na língua fonte.

Recorremos aos participantes quando surgiram necessidades de complementar ou verificar alguma informação. Dessa forma, demos atenção aos aspectos semânticos e pragmáticos, como as variedades linguísticas sociais e regionais e as expressões não manuais (faciais e corporais) expressas durante o ato comunicativo dos participantes surdos⁵³. Não sem motivos, o tempo dedicado para esta etapa abrangeu, em média, um dia e meio para a tradução de cada entrevista.

Sobre o perfil dos participantes, cinco foram do sexo masculino e quatro, do feminino. Seis deles se encontram na faixa etária de 20 a 29 anos, um, de 30 a 39 anos, um, de 40 a 49 anos e um, de 61 a 70 anos. Quanto à natalidade, três são portoseguenses, três são de outros interiores baianos e três são de outros Estados brasileiros. Todos juntos perfazem 120 anos como moradores na cidade, sendo o menor tempo de dois e o maior tempo 27 anos como residentes. Seis dos participantes têm família própria, dois moram com seus pais e um foi acolhido por uma família. Entretanto, a maioria deles, seis, disseram ter parentes não surdos que residem em Porto Seguro/BA.

Quanto à escolaridade e à colocação no mercado de trabalho, seis dos participantes completaram o Ensino Médio, um está no último ano de formação profissionalizante, neste nível, um concluiu a etapa do Ensino Fundamental e outro não o possui. Destes, apenas um participante tem formação de nível profissional. Este, porém, e mais um, atualmente, prestam serviço informalmente como auxiliares na construção civil. Dois outros trabalham como

⁵³ A diversidade da Libras abrange características regionais, de gênero, idade, nível escolar, classe social, entre outros (KUMADA, 2017, p. 195 apud SILVIA; KUMADA, 2013).

repositores de mercadorias em um supermercado e uma distribuidora de bebidas, respectivamente. Os cinco restantes não estão trabalhando e, dentre estes, dois disseram que recebem auxílio do INSS – Instituto Nacional do Seguro Social.

Ainda, a respeito das informações clínicas sobre a surdez, todos apresentaram laudo médico com o diagnóstico de perda bilateral, uma classificada como severa e, as demais, em grau profundo⁵⁴. Quatro dos participantes dizem ter nascido surdos. Os outros quatro afirmaram ser o motivo da surdez consequência do adoecimento por meningite⁵⁵. Um disse não saber o motivo de sua surdez.

Em relação aos tratamentos terapêuticos, sete deles tiveram algum tipo de acompanhamento profissional clínico ou educacional quando mais jovens. Cinco já utilizaram aparelho auditivo, mas não se adaptaram, queixando-se dos incômodos causados pelos ruídos produzidos. Outros três nunca fizeram uso deste dispositivo eletrônico e um o utiliza esporadicamente. Neste último caso, a pessoa revelou que, com o AASI, percebe o barulho produzido por carros, motos e aviões ou latido de um cachorro. Também disse perceber se pessoas estão conversando próximo a ele, embora não compreenda muito sobre o que estão falando. Destacou seu conhecimento da língua portuguesa, que tem como básico, limitar sua compreensão por desconhecer muitas palavras quando a comunicação ao seu redor acontece oralmente.

À base dos dados acima, apresentamos uma síntese dos perfis dos participantes, no quadro a seguir:

Quadro 05 – Perfis dos participantes da pesquisa

	Faixa etária	Naturalidade portosegurense	Tempo residindo na cidade (em anos)	Escolaridade	Inserção atual no mercado de trabalho	Classificação clínica da surdez Tipo/Grau	Uso de AASI	Terapia para desenvolver oralidade
S1	20 a 29	Não	09	EM incompleto	Não inserido	Bilateral/Profunda	Faz	Já fez
S2	20 a 29	Sim	27	EM completo	Não inserido	Bilateral/Profunda	Já fez	Já fez
S3	60 a 69	Não	07	EF incompleto	Não inserido	Bilateral/Profunda	Já fez	Nunca fez

⁵⁴ Segundo a classificação médica, indivíduos com perda auditiva severa captam sons de 71 a 90 dB (decibéis) e os com surdez profunda, acima de 90 dB. De acordo a Albernaz (2008 apud CARVALHO, 2017), pessoas do primeiro grupo podem se comunicar oralmente fazendo uso de aparelhos auditivos mesmo que haja comprometimentos na qualidade de emissão da voz. Já as pessoas no grupo seguinte, não são capazes de desenvolver por si mesmas a oralidade, para isso necessitando de intenso treinamento terapêutico, além da estimulação auditiva com uso de aparelhos e apoio em leitura orofacial.

⁵⁵ A meningite é considerada entre uma das doenças da primeira infância. É uma infecção por bactéria que provoca a inflamação da meninge, tecido que recobre o cérebro e a medula (CARVALHO, 2017).

S4	20 a 29	Não	13	EM completo	Inserido formalmente	Bilateral/ Severa	Já fez	Já fez
S5	30 a 39	Não	05	EF completo	Não inserido	Bilateral/ Profunda	Já fez	Já fez
S6	20 a 29	Sim	24	EM completo	Inserido informalmente	Bilateral/ Profunda	Nunca fez	Já fez
S7	40 a 49	Não	02	EM Profissionalizante completo	Inserido informalmente	Bilateral/ Profunda	Já fez	Nunca fez
S8	20 a 29	Sim	24	EM completo	Não inserido	Bilateral/ Profunda	Nunca fez	Já fez
S9	20 a 29	Não	10	EM completo	Inserido formalmente	Bilateral/ Profunda	Já fez	Já fez

Fonte: o próprio autor.

Com referência ao conhecimento e uso de uma língua, todos apontaram a língua de sinais, Libras, como sua língua principal de comunicação. Seis dos que foram entrevistados disseram conhecer ou estudar outras línguas de sinais como a americana, arábica, britânica e paraguaia. Alguns deles apontaram o Centro de Educação Inclusiva e Atendimento Especializado (CEAME), unidade mantida pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro/BA, como local de primeiro contato com a Libras⁵⁶. Alguns, também, passaram ali um tempo, em geral curto, fazendo terapia para desenvolvimento da oralidade com um profissional.

Em sua maioria, os participantes aprenderam a Libras no espaço educacional, sendo que, antes de aprenderem a Libras, se comunicavam predominantemente por meio de gestos e mímicas. O processo de aquisição da Libras aconteceu a partir do três anos de idade para um dos participantes. Entretanto, outros começaram a aprender esta língua bem mais tarde. Como exemplos, temos participantes que iniciaram este processo somente aos 12, 16 ou 27 anos de idade.

Com relação aos recursos para comunicação utilizados pelos participantes surdos nas suas interações com não surdos, as indicações dos entrevistados estão ilustradas no quadro abaixo:

Quadro 06 – Resultado global dos recursos para comunicação mais utilizados pelos surdos em suas interações sociais com não surdos

	Escrita em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Com familiares	2 (S2,S4)	4 (S2, S4, S8, S9)	0	2 (S1, S6)	1 (S1)

⁵⁶ O Decreto 5.626/2005 identifica os profissionais da Educação que ensinam a Língua de Sinais Brasileira como professores ou instrutores de Libras. Atuar como um ou outro depende do seu nível de formação acadêmica.

b) Com amigos	6 (S1, S2, S3, S4, S5, S7)	5 (S1, S4, S5, S6, S8)	0	1 (S6)	0
c) Com pessoas no local onde estudava/estuda	2/1 (S2, S4/S1)	5 (S2, S4, S6, S8, S9)	0	0	0
d) Com pessoas no local onde trabalha	2 (S4, S7)	5 (S1, S4, S6, S7, S9)	0	0	0
e) Com pessoas nos locais públicos ou privados na cidade	6 (S1,S2, S3, S4, S6, S7)	7 (S2, S4, S5, S6, S7, S8, S9)	1 (S5)	0	0
TOTAL	19	26	1	3	2

Fonte: o próprio autor.

Este panorama aponta que, principalmente, gestos e mímicas são os meios pelos quais o conjunto dos surdos interrogados acaba tentando estabelecer algum diálogo com não surdos nos espaços de interações sociais focados. Aqui fazemos uma ressalva com respeito aos grupos em “a” e “c”: Não consideramos as indicações nestes itens no caso daqueles que não têm familiares na cidade ou estudaram fora dela. Embora essas informações nos ajudem a compreender mais o lugar de fala dos participantes, experiências assim fogem ao objeto em estudo: as interações sociais de não surdos com surdos em Porto Seguro/BA, Brasil. Dessa forma, no item “a” diminuimos um ponto para “Gestos e mímicas”, um para “Leitura labial” e dois para “Oralidade” e no, “c”, um para “Gestos e mímicas” e dois para “Língua Brasileira de Sinais – Libras”. Ainda em “c” evidenciamos o tipo de recurso usado quando os participantes estudavam e utilizamos o número depois da “/” para indicar o apontamento do surdo ainda estudante. Em outras palavras, dois surdos sinalizaram que, quando frequentavam o local de estudo, se comunicavam com os não surdos por gestos e mímicas e um deles disse viver esta situação atualmente.

Outra observação que achamos pertinente fazer neste momento é sobre o item “b”. Levando em conta que a maior parte se declarou membro atuante de um grupo religioso onde os ouvintes sabem a Libras e com os quais afirmaram ter boa interação, inferimos que os “amigos” não surdos considerados pelos surdos quando das entrevistas equivaleriam àqueles que não estes ouvintes, como os vizinhos, por exemplo. Isso explica o porquê de apontarem os gestos, mímicas e a escrita em Língua Portuguesa como principais meios de se comunicarem com eles. Somente um dos entrevistados mencionou que se comunicava com seus amigos pela Libras. Sendo assim, os não surdos do grupo religioso, com os quais se mantêm uma relação de amizade, estariam mais ligados aos atributos dos intérpretes de Libras, formando uma subcategoria amigo-intérprete.

Curiosamente, a maior parte dos surdos entrevistados revelou fazer parte da comunidade religiosa local das Testemunhas de Jeová na cidade, onde ocorrem reuniões diretamente em Libras. Apenas dois surdos se identificaram com outra crença. Embora tenhamos apurado que, na cidade ainda não existe uma associação representativa somente de/para surdos, esta congregação parece ser uma referência no reconhecimento dos traços culturais singulares aos surdos, atrelados diretamente à língua de sinais. O trabalho voluntário de ensino bíblico através da Libras pode ser um dos fatores que contribuem para este quadro. Inclusive, dois dos surdos que foram entrevistados disseram ter iniciado o aprendizado da Libras a partir da visita de voluntários Testemunhas de Jeová às suas residências.

Feitas estas considerações, os outros dados colhidos constantes no quadro 06 sobre a comunicação serão analisados mais detalhadamente na próxima seção, junto à mostra dos dados nos relatos das interações dos surdos com não surdos nos espaços sociais selecionados.

4.1 VIVÊNCIAS SURDAS DE INTERAÇÕES SOCIAIS COM NÃO SURDOS EM PORTO SEGURO - BA, BRASIL

Nas próximas páginas, mostramos as informações alcançadas pelas entrevistas com moradores surdos da localidade sobre as suas interações sociais cotidianas com não surdos em cenários de constantes trocas no mundo social. Neste exercício, as associamos às respostas individuais registradas no bloco II do Roteiro de Perguntas, que procurou saber quais recursos para comunicação eles mais utilizam nestes contextos e trouxe mais alguns detalhes sobre estes contatos. Acima de tudo, quer respondessem completamente ou não às perguntas, respeitamos suas falas, às vezes limitantes, outras, muitíssimo reveladoras.

Preferimos mencionar as respostas agrupadas, de acordo aos quatro contextos sociais selecionados. Organizamos as expressões de cada participante combinando-as com outras delas a partir das questões em pauta. Assim, tencionamos proporcionar um estudo de caso coletivo, uma vez que o objeto de análise não são os sujeitos surdos em si, mas suas interações locais com não surdos. Também, por uma questão de correspondência com a diferença cultural surda, adotamos nas seções à frente a inicial S, seguida de um número que identifica os participantes. Iniciemos, pois.

4.1.1 No ambiente familiar

No primeiro relato que escolhemos, a pessoa surda S1⁵⁷, mora na cidade com seus pais. Os familiares do entrevistado, que aprendeu uma língua de sinais aos dezesseis anos, não sabiam Libras, por isso usavam gestos e mímicas para se comunicarem com ele. Nas palavras do participante: “A comunicação era difícil e, quando queriam me dizer alguma coisa, me assustavam”⁵⁸. Essa dificuldade comunicativa o fazia se sentir triste e sozinho, visto que os diálogos eram poucos. Quando reunidos, conversavam uns com ou outros, enquanto o surdo apenas os observava, sentado, quieto, sem participar das conversas.

Posteriormente, sua mãe e suas duas irmãs fizeram um curso básico da língua. Um primo não surdo, que o visita de vez em quando, está aprendendo muitos sinais e, em sete meses já consegue manter uma conversa simples com ele através da Libras. Com outro primo, que é surdo, conversa trocando mensagens de texto por e-mail ou, em Libras, por meio de videoconferências. Com outros membros da família usa mais a escrita pelo celular e um aplicativo que converte as palavras de português para os sinais. Perguntado sobre sua avaliação do conhecimento de seus familiares ouvintes a respeito da cultura dos surdos, mencionou que somente sua mãe e suas irmãs sabem do tema e os demais, não.

Mesmo assim, para o S1, falta mais interação com seus familiares. Para conseguí-la precisa de paciência. Com frequência, quando estão juntos, o participante fica isolado dos bate-papos. Sua mãe, que agora sabe um pouco da Libras, o explica resumidamente os assuntos em consideração. Às vezes, se isso não acontece, ele a interrompe e pergunta sobre o que estão tratando. Disse-nos: “A interação é pouca e exige paciência. Eu os procuro às vezes e eles me dão alguma atenção”.

Embora saia com seus familiares para passear, indo à praia, por exemplo, disse que já teve muitos problemas pela falta de comunicação e atenção. De frente a esta situação, nos relatou:

Procurava manter a calma. Me sentia sozinho quando conversavam só entre eles e comigo, muito pouco. Isso tem melhorado, mas continua acontecendo às vezes. Não tem problema (Trecho da entrevista com S1).

⁵⁷ S1. **Entrevista com o participante S1**. Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Set., 2020. 1 arquivo .mp4 (117 min.). A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

⁵⁸ Este “susto” se dá muitas vezes pela tentativa de chamar a atenção dos surdos gritando ou fazendo algum tipo de barulho. Outros tocam bruscamente os ombros ou braços das pessoas surdas antes de lhes dizer algo. No canal “Visurdo”, dois irmãos surdos, Andrei e Tainá Borges, dão dicas de como fazer para chamar a atenção de surdos sem dar um susto neles no vídeo “Como se comunicar com o surdo?”.

A entrevistada S2⁵⁹, é nativa, reside com seu cônjuge e progênie, mas tem familiares não surdos vizinhos, dentre eles estão sua avó, sua irmã e sua tia. Estes não sabem Libras, exceto sua cunhada. Por esta razão, usa predominantemente gestos e mímicas para conversar com eles. E acrescentou: “Depois que comecei a aprender a língua de sinais, aprendi também a escrever algumas palavras e hoje eu uso a escrita”. Sua mãe não gostava da língua de sinais e queria que ele continuasse o treinamento para desenvolver a oralidade, mas ele não quis porquê, em sua opinião, iria ficar “escravo” deste processo. Mencionou que, com o tempo, sua genitora entendeu sua preferência e fez um curso básico de Libras. Hoje, sua mãe usa esta língua em suas conversas. Seu pai não sabe a língua de sinais, pois, segundo a pessoa surda, embora deseje isso, sempre está ocupado, trabalhando. Por isso, para conversar com ele, precisa usar a escrita ou da ajuda limitada de sua mãe como “intérprete”. Sua irmã está desenvolvendo a prática da língua, mas, por enquanto, com ela, precisa arriscar a oralidade. Informou-nos:

Com a minha mãe também utilizo a escrita e, se ela ainda não entender, preciso da ajuda de alguém que faça a interpretação. É um desafio! Com minha irmã tenho mais trabalho para me comunicar e preciso chamar alguém para interpretar (Trecho da entrevista com S2).

Assim, S2 considera truncada sua comunicação com seus familiares, embora tenha mencionado que, para as coisas mais simples, acha que se comunicam bem. Atualmente, seus pais moram em outra cidade, porém, vão à Porto Seguro vez por outra. Seu cônjuge também é surdo. Entre eles a comunicação é em Libras. Um ajuda ao outro na comunicação com seus respectivos sogros. Perguntada sobre a comunicação com seu filho, um bebê não surdo, revelou-nos sua vontade de querer o ensinar a língua de sinais para que ele a ajude na comunicação com não surdos nos lugares que for. Por enquanto, é sua cunhada que a ajuda mediando as informações em Libras entre os familiares de seu cônjuge ou quando vão juntas ao médico e ao banco.

Neste interim, se recordou de que, quando era solteira e morava com sua família, seus familiares ficavam sempre irritados e nervosos com ela. Ao perguntar o porquê, daquelas reações, segundo ela, a ‘chamavam de chata e diziam que ela dava muito trabalho’. Com isso, revelou-nos que tinha uma relação tensa nesta época, que era tratada como uma “escrava” dos

⁵⁹ S2. **Entrevista com o participante S2.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (105 min.). A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

afazeres domésticos e proibida de passear ou viajar. Aliás, seus familiares achavam que, quando casada, não conseguiria administrar seu dinheiro (o auxílio fornecido pelo governo), cuidar da casa ou resolver problemas na rua, nem mesmo ter um bebê e cuidar dele. Daí, fez um desabafo, dizendo:

A pessoa surda não merece sofrer, assim como os ouvintes também não. O surdo não está numa posição rebaixada em relação aos ouvintes. Percebia que na minha família, às vezes queriam me fazer de boba por ser surda. Tinham-me como uma “coitadinha” que estava em desvantagem, perdendo (Trecho da entrevista com S2).

O outro entrevistado, S4⁶⁰, mora atualmente com seu cônjuge surdo. Seus familiares não surdos que moram na cidade são suas tias, com as quais se comunica, principalmente, com gestos, mímicas e a escrita. Quando perguntamos se elas interagem socialmente com ele, respondeu com um “Mais ou menos”. Disse-nos que nenhuma delas sabe Libras ou fez um curso para aprender a língua. Apesar disso, destacou que, com uma delas interage, se comunicam e se ajudam. Exemplificou esta interação por mencionar que esta tia manda-lhe mensagens que expressam preocupação com ou que dizem para ele ter cuidado com alguma coisa que julga coloca-lo em risco por ser surdo. Explicou: “Ela me diz pra ficar atento na rua com os perigos e ter cuidado”.

O próximo relato é do portusegurense S6⁶¹. Um surdo casado, também, com uma pessoa surda. Ele e sua família moram vizinhos a outros familiares não surdos, como seu pai, tio e irmãos. Com a maioria destes, diz se comunicar com gestos e mímicas. Com sua irmã, porém, conversa em Libras, a língua que aprendeu aos dez anos. Comentou conosco ser ajudado por eles, como quando é avisado sobre algum perigo acontecendo por perto e advertido dos lugares que deve evitar ir à noite. Além disto, se sinaliza que precisa de ajuda, usando a escrita para tentar explicar a qual, seus parentes o acompanham para tentar resolver o problema. Quando perguntamos se sentia que era acolhido ou afastado, isolado deles, respondeu que no passado era pior porque não participava das conversas em família. Agora, porém, com sua irmã sabendo a língua de sinais, ficou mais fácil interagir neste aspecto.

O participante seguinte, S7⁶², não tem familiares residentes em Porto Seguro/BA, mas mora há dois anos com uma família na cidade. Convive com outro surdo, com o qual se

⁶⁰ S4. **Entrevista com o participante S4.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (95 min.). A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

⁶¹ S6. **Entrevista com o participante S6.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (83 min.). A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

⁶² S7. **Entrevista com o participante S7.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (98 min.). A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice L desta dissertação.

comunica em Libras, e os pais dele. Diante de sua declaração de que considerava os que com ele viviam, pessoas que conhecia há mais de dez anos, como a sua família, atentamos para suas observações.

Quando perguntado se conseguia interagir com os ouvintes com quem morava, S7 afirmou que sim, pois eles tinham respeito pelo surdo. Citou que os pais do surdo estimam as pessoas surdas e buscam se relacionar com elas. Deu como exemplo, os convites para amigos irem a sua casa para uma recreação, como num churrasco. Nessas ocasiões, os surdos conversam e contam piadas. Destacou que a mãe do rapaz surdo sabe Libras, mas seu pai, não. Detalhou-nos:

Quando o filho surdo conversa com sua mãe e ela não entende, ela me chama e fala comigo oralmente. À medida que vou entendendo, interpreto a informação para seu filho surdo e interagimos assim (Trecho da entrevista com S7).

Seguindo, a próxima pessoa surda, S8⁶³ também é natural de Porto Seguro/BA. Mora com sua mãe, irmãs e sobrinho. Revelou que, em família, usa mais gestos e mímicas. Quando não consegue que sua mãe a entenda, chama a sua irmã para tentar ajudar na comunicação. Os familiares de sua mãe, que moram perto dela, não sabem Libras. Sobre a comunicação com eles, esclareceu-nos:

Tentam falar oralmente comigo, como quando querem me alertar de algum perigo na rua. Me esforço pra entender [...] É difícil. Eles conversam entre eles. Eu, como não escuto, não consigo interagir (Trecho da entrevista com S8).

Continuou comentando que, quando pergunta qual é o assunto, eles explicam pouco dele. Então, comentou: “Eu desisto de saber. Me afasto e vou sentar. Fico calada sempre”. Isso a deixa triste. Por outro lado, afirmou que, como tem permissão para sair sozinha, vai frequentemente à casa de uma amiga surda. Justificou-nos: “Como não consigo interagir com meus familiares, vou encontrar outros surdos. Gosto de estar com meus amigos surdos. Interagimos, conversamos”.

Por fim, a próxima pessoa surda, S9⁶⁴, mora com seu cônjuge surdo. Têm próximo a si sua avó, mãe e irmãs não surdas. Utiliza frequentemente gestos, mímicas e a escrita para

⁶³ S8. **Entrevista com o participante S8.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (81 min.). A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice M desta dissertação

⁶⁴ S9. **Entrevista com o participante S9.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 2 arquivos .mp4 (126 min.). A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice N desta dissertação.

conversar com estes familiares. Sua mãe, com que disse conseguir se comunicar e usar mais a Libras, usa um aplicativo para descobrir os sinais que precisa e conversar com ele. De outra forma, suas irmãs fazem uso do alfabeto manual ao se comunicarem com ele. Sobre a interação com seus familiares, nos declarou: “Hoje conseguimos interagir bem, mas no passado eu me sentia isolado deles e triste. Depois eles perceberam isso e buscaram se aproximar e interagir mais”. Quando interrogamos o porquê se sentia excluído da família, respondeu:

Por exemplo, quando a família estava reunida eles ficavam conversando e eu ficava por fora das conversas, quieto. Tinha que ter muita paciência. Eles percebiam que eu estava isolado e mudavam de atitude me chamando para ficar entre eles. Usavam gestos e mímicas para perguntar se estava tudo bem comigo. Eu gostava disso. Me deixa pra cima (Trecho da entrevista com S9).

Perguntamos também a S9 se ele achava que sua família o encarava como uma pessoa doente, deficiente, tendo pena por ele. Respondeu-nos apenas mencionando que constantemente acontecia de ficarem longe dele e que eles achavam a língua de sinais difícil. Acrescentou que precisava chamar a atenção deles de que não estava conseguindo participar das conversas e que, ao menos, poderiam tentar usar mais gestos e mímicas para tentar incluí-lo nelas. Porém, sinalizou que seus familiares não surdos estão mudando a atitude neste respeito. Arrazoou: “Acho que eles estão mudando de atitude. Antes eu não conseguia participar muito, voltava pra casa aborrecido. Ficava pensando o porquê dos ouvintes não darem importância aos surdos. Me sentia rebaixado”.

Consideramos aqui os relatos de sete participantes, pois, como dissemos, os outros dois, S3⁶⁵ e S5⁶⁶, não têm familiares residentes na cidade em questão.

4.1.2 Na instituição de ensino

Iniciamos os relatos, nesta categoria, falando de S1, concluinte do EM. Ele aprendeu a língua de sinais em 2011, aos dezesseis anos, quando mudou para a cidade de Porto Seguro/BA, ao frequentar o CEAME, onde uma professora surda o ensinou. O processo de aquisição da Libras levou, de acordo com o que disse, mais quatro anos. Do quinto ao nono

⁶⁵ S3. **Entrevista com o participante S3.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 2 arquivos .mp4 (48 min.). A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação.

⁶⁶ S5. **Entrevista com o participante S5.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (54 min.). A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice I desta dissertação.

anos do EF estudou numa escola à noite, onde era o único surdo da turma. Mais três surdos estudavam na mesma escola. Ali foi providenciado que tivesse o auxílio de dois intérpretes nas aulas.

Atualmente, S1 faz o Ensino Médio em uma instituição federal de ensino na localidade. Sobre ela, assinalou: “É uma escola que tem acessibilidade, interpretação em Libras e diferentes adaptações para mim”. Naquele ambiente, se comunica mais com os não surdos através de gestos, mímicas e a escrita, trocando mensagens por meio de um aplicativo. Alguns de seus colegas o procuram para aprender a língua de sinais. No entanto, até o momento, tem apenas uma aluna com a qual consegue se comunicar usando a língua de sinais. Mas, apontou mais uma aluna e um colega como não surdos com os quais interage. Citou-nos como exemplo desta interação ser chamado pelo seu colega para jogar bola. S1 mantém contato com estes três.

Por outro lado, destacou que, na maioria das vezes, não se sente incluído no grupo da sala. Julgou que não há ali uma boa interação e que esta é limitada. Disse-nos que, às vezes, o professor, acompanhado por um intérprete, precisou chamar a atenção de seus colegas para que interajam mais com ele, os incentivando a aprenderem a língua de sinais para se aproximarem mais dele, ao que ficavam cabisbaixos. Relatou-nos:

Eu percebo que isso acontece, e procuro ter paciência. É a vontade de cada um. Isso já aconteceu umas três vezes. Os professores procuram interagir mais comigo, do que meus colegas ouvintes. Eu não me sinto como parte do grupo. Não participo do que eles conversam (Trecho de entrevista com S1).

Acrescentou que sua conversa com os colegas é mais frequente quando precisam elaborar atividades em grupo e estes o convidam para participar dele. Mas, em outras situações, disse se sentir sozinho. Ao se lhe perguntar se acha que é tratado com preconceito por não surdos na escola, respondeu afirmativamente. Citou uma professora que o cumprimenta com um “Oi” em Libras. Outros, quando o encontram, ficam sem jeito por não saberem se expressar na língua de sinais, sinalizam um “tchau” e vão embora. Uma cena de que lembrou bem foi que, ao passar por um colega e o cumprimentar dizendo “Oi” em Libras, foi ignorado. Em suas palavras:

Eles não sabem sobre a cultura surda. Lembro que já houve um evento na escola, falando da cultura surda e a necessidade de respeito. Alguns ouvintes veem o surdo como deficiente. Outros hesitam se aproximar por que não sabem a língua de sinais, ou tem vergonha de fazer isso. Outros eu não sei o

porquê. São poucos os alunos que sabem sobre a cultura surda (Trecho de entrevista com S1).

No entanto, destacou que, depois de dois anos sem muita aproximação com os colegas da turma, três de seus colegas gostam de aprender a Libras para conversar com ele e, com isso, se sente mais animado. Daí, fez o alerta de que não é bom um surdo ficar sozinho, pois na maioria dos casos em que isso ocorre, desenvolvem depressão.

A pessoa surda seguinte, S2, nos disse que nos primeiros anos do EF, frequentava uma escola inclusiva, onde a professora ensinava a língua de sinais. No EM era a única em sua turma. Nesta escola não havia um intérprete de Libras, embora cobrasse por isso. Tinha muita dificuldade na comunicação com não surdos ali, mesmo por gestos, mímicas e a escrita. Informou:

Eu reclamava sobre isso e ficava muito irritada porque sem o intérprete era muito difícil. A presença do intérprete era muito importante. Quando tentava me comunicar fazendo gestos e libras, os ouvintes não entendiam. Me sentia sozinha, tendo sempre que esperar (Trecho de entrevista com S2).

Por fim, teve a assistência de um intérprete o qual a auxiliava nos diálogos como os não surdos. Ademais, registrou que sofria com as zombarias de seus colegas por ser surda e que estes lhe diziam “palavrões”. Depois que relatava os ocorridos, uma pessoa da Direção censurava a turma, apontando para a necessidade de respeitar sua colega que era deficiente e tinha o direito de estar ali estudando.

Recordou-se de três colegas com quem se relacionava melhor, no terceiro ano do EM. Inclusive, que os ensinava a língua de sinais. Apesar de já formados e agora distantes, mantém o contato com eles por um aplicativo e, nestas ocasiões, os ensina mais da Libras.

Já formada no EM, tentou por duas vezes ingressar numa instituição federal de ensino através do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), mas não conseguiu a pontuação necessária para o ingresso. Julgou que o profissional que fez a interpretação não foi competente e que não o entendia com clareza. Além disso, as provas tinham que ser respondidas por escrito. Dizendo-se traumatizada com esses episódios relativos a tentar uma graduação, prefere não mais estudar em uma faculdade e, sim, fazer um curso profissionalizante.

O entrevistado S4, se comunicava na escola por gestos, mímicas e escrita, inclusive com os professores. Inicialmente, mencionou que as pessoas ali o ajudavam e interagem com o mesmo. Segundo ele, surdos e ouvintes se tratavam como iguais. Comentou: “Não me

desprezavam por isso. Interagíamos por gestos e mímica. Tive bons amigos”. Dentre os amigos, estava uma colega surda com a qual cursou todo o EM. Todavia, em seguida, nos falou de experiências não tão otimista:

Tinha um ouvinte que não me tratava bem. Tentava falar com ele pra ter mais calma e não tratar mal quem era surdo. Foi difícil. Ele ria, zombava e dizia que o surdo era bobo. Eu ficava quieto. Mas era difícil (Trecho de entrevista com S4).

Nesta etapa de formação do EM, a maioria das suas aulas foi interpretada em Libras. Explicou-nos, ainda, que nas ocorrências de ausência ou atraso do intérprete, os professores continuavam suas aulas, falando e escrevendo no quadro. Pontuou, então:

Eu ficava sentado observando sem entender o que estava acontecendo. Me deixavam de lado. E os professores também não estavam preocupados com as minhas necessidades, se desapercebiam. Tinha que ter paciência (Trecho de entrevista com S4).

Certa vez, S4 procurou uma solução da Direção da escola para ter a interpretação em Libras das aulas e precisou aguardar por três meses a chegada de um intérprete. Quando perguntamos sobre os trabalhos escritos que precisava entregar aos professores, afirmou:

Isso era bem difícil. O professor queria o trabalho pronto para o outro dia, por exemplo. A escrita em português era difícil pra mim. Aí tinha ideia de pedir o caderno de algum aluno ouvinte e copiava as respostas dele. O professor dava “visto” e não falava nada (Trecho de entrevista com S4).

O participante S6 revelou que, na escola em que estudou do primeiro ao nono anos do EF, a interação com não surdos era difícil. No curso dos 1º e 2º anos do EM, ficou sem o apoio do intérprete educacional, embora solicitasse por isso à Direção Escolar. Neste ínterim, durante as aulas, alguns professores se aproximavam dele gesticulando e fazendo mímicas. Outros prosseguiam falando, enquanto ele permanecia sentado, sem participar ativamente. Recorda-se de um colega não surdo com o qual interagia. Com os demais, afirmou não ter interação. Do contrário, era alvo de chacotas. Declarou: “Eles caçoavam de mim, dizendo que eu era surdo, que não era inteligente. Me diziam palavrões. Se mostravam preconceituosos”.

Na escola em que estudou em seguida, as interações de S6 com os não surdos se caracterizaram de outra forma. Segundo ele, embora os colegas não soubessem a Libras, conversava com eles com a ajuda de um intérprete. Se este faltasse, por algum motivo, tinha

que usar gestos e mímicas e se esforçar para entender seus colegas. Acrescentou: “Eram formados grupos e eu conseguia participar das atividades. Os colegas não me deixavam de lado, ou me viam com pena. Me chamavam para participar”. Quando chegava atrasado às aulas, seus colegas não surdos o chamavam para mostrar suas anotações e tentar explicar o que estava acontecendo. Se o professor fazia a chamada para confirmar a presença em sala, eles o avisavam quando dizia o seu nome.

Seguindo, com os relatos, S8 nos contou que seus colegas na instituição onde estudava não sabiam a Libras. Em sua opinião, a comunicação com eles era truncada, difícil por ser realizada, na maior parte, por gestos e mímicas. Por isso, quando havia um intérprete educacional⁶⁷, o chamava para mediar os diálogos entre eles. A presença deste profissional se deu durante o curso do Ensino Médio.

Já no Ensino Fundamental, os professores de S8 davam suas aulas oralmente e escrevendo os conteúdos delas no quadro. Com isso, enfrentava dificuldades. Disse-nos: “Eu não conseguia acompanhar porque não estava escutando. Dependia da ajuda dos colegas para entender o que deveria fazer. Quando estava estudando, sempre dependia da contratação de um intérprete, o que demorava ou não acontecia”.

Adicionalmente, S8 comentou que tinha uma colega não surda. Com ela tinha mais aproximação e recebia sua ajuda para fazer as atividades escolares. No geral, não se relacionava muito com os ouvintes. “Ficava mais próxima ao intérprete, com quem podia conversar e interagir”. Relatou que passou por zombarias e provocações feitas pelos colegas ouvintes por ser surda. Em um dos episódios estes mordiam a gola da camisa. Foi então que perguntamos o que isso significava, ao que ela explicou que se tratava de um “palavrão” para os surdos.

Em algumas ocasiões em que se sentia ofendida, S8 buscava a Direção da escola para se queixar e os alunos eram advertidos ou punidos. Por conta destes escárnios se sentia magoada e triste. Comentou: “... tentava me concentrar nas aulas. Às vezes ficava desanimada e começava a faltar às aulas. Mas depois me incentivavam a continuar, dizendo que eu iria perder de ano. Eu mudava de ideia e voltava a frequentar a escola”.

Enfim, vamos ao participante S9. No seu caso, uma Testemunha de Jeová começou a ensiná-la a língua de sinais. Posteriormente, deu continuidade ao estudo da língua no CEAME. Ele nos relatou que as tentativas de colegas não surdos conversarem com ele eram pela oralidade, ao que sinalizava que não estava entendendo, ou pela escrita, ao que, igualmente,

⁶⁷ O intérprete educacional é o/a profissional intérprete de língua de sinais que atua na educação. (QUADROS, 2004, p. 59). É a área de interpretação ainda mais requisitada.

explicava não entender muito. Como outra opção, pediam a ajuda do professor em sala, que usava a escrita no quadro, tentando esclarecer o assunto. Desabafou:

Compreendia mais os gestos e mímicas que faziam. Quando eu tentava usar a língua de sinais eles riam de mim porque não entendiam, me chamavam de maluco. Eu percebia isso e tinha que aguentar e ficava quieto, sempre sério (Trecho da entrevista com S9).

S9 nos sinalizou que, a cada ano, se os colegas eram os mesmos em sala, a interação tendia a melhorar. Lembrou-se de um colega não surdo com o qual tinha mais afinidade. Na falta do intérprete, este o acompanhava para reclamá-la e pedir providências sobre. Porém, quando perguntado se achava que na escola os ouvintes o tratavam com preconceito, comentou:

Em turmas em que eu era novo, os colegas faziam brincadeiras comigo como quando gritavam atrás de mim para ver se eu era surdo mesmo, querendo chamar minha atenção. Alguns riam de mim, mas eu fingia que não ligava (Trecho de entrevista com S9).

Concluídas as informações referentes ao ambiente educacional, partiremos para o seguinte. Ressaltamos que os relatos de três dos participantes não foram apreciados pelo fato de terem realizado seus estudos formais fora da cidade de Porto Seguro/BA.

4.1.3 No local de trabalho

Começamos esta parte explanando o relato de S1 que, aos dezesseis anos, experimentou trabalhar com um familiar na construção civil como auxiliar de pedreiro. O diálogo entre eles era à base de gesto e mímicas. Segundo esta pessoa, essa era uma dificuldade para desenvolver suas tarefas. Compartilhou:

Acontecia o meu tio me pedir para fazer algo e eu não entendia. Era confuso. Ficava sem saber qual ferramenta deveria pegar. Meu tio ficava irritado e reclamando. Quando conseguia entender e buscar a ferramenta certa ele me dizia para andar rápido com o serviço e isso acontecia outras vezes. Sofri por isso. Ficava magoado e triste (Trecho de entrevista com S1).

Por fim, ele abandonou o serviço. Disse-nos: “Hoje estou focado nos meus estudos. O estudo é o mais principal e importante. Sofri com o trabalho no passado, mas agora estou

focado nos estudos”.

Outro participante, S4, atualmente trabalha em um supermercado. É funcionário ali há oito anos. Começou como empacotador e, agora, está repositor de mercadorias. De acordo com ele, as pessoas não surdas ali sabem um pouco da língua de sinais. Por isso, a comunicação com elas acontece, prevalentemente, por gestos, mímicas e a escrita. Afirmou-nos que assim interagem. Considera que não é tratado com descaso porque os funcionários ali sempre o estão orientando e passando informações pertinentes ao trabalho por meio de gestos e mímicas.

Questionamos para S4 como fica sabendo sobre sua escala de horário e de suas férias, ao que respondeu:

Eles escrevem o horário num papel e me amostram apontando para o relógio. Usam gestos e mímicas para dizer que já está próximo da hora. Tem um quadro de aviso onde é colocada a escala de férias. Procuo o meu nome ali para saber. Se for folgar algum dia, eles anotam num papel e me dão. Usamos gestos e mímicas. Eu consigo entender (Trecho de entrevista com S4).

O próximo trabalhador surdo é o S6. Ele já trabalhou em um lava-jato higienizando automotivos. Naquele espaço sua comunicação com não surdos era por meio de gestos e mímicas. Poucas vezes utilizou a escrita para este fim. Precisou abandonar este serviço por um problema de saúde.

Relatou-nos que, por uma vez, distribuiu currículos buscando por uma oportunidade de emprego. Chegou a fazer uma entrevista, acompanhado por um intérprete, em uma loja. Nela, foi questionado se sabia escrever bem ao que respondeu não saber tudo, mas, um pouco. Foi informado, então, de que precisaria preencher formulários, por exemplo, quando os produtos precisassem de reparo. Desabafou ao dizer:

Eu disse que um surdo era capaz de fazer esse trabalho, que eu poderia ganhar experiência e conseguir preencher os papéis também. Fiquei aguardando ser chamado. Mas isso não aconteceu. Eu entendi então que eles não tinham me selecionado (Trecho de entrevista com S6).

Hoje, por indicação de seu pai, S6 labora como auxiliar na construção civil (ajudante de pedreiro no popular). Explicou-nos como desenvolve seu trabalho como segue:

Quando alguns, que me conhecem, me chamam para trabalhar, por exemplo, na construção civil, usamos gestos e mímicas. Me descrevem o que devo

fazer ou que ferramenta preciso pegar. Mas, com outros, não trabalho. Parece que pensam que sou incapaz por ser surdo. Existe essa conversa e eu percebo, mas deixo isso para lá (Trecho de entrevista com S6).

Disse-nos, ainda, que já procurou fazer cursos profissionalizantes. Mas, ao buscar informações num dos locais da cidade onde se oferecem cursos assim, foi-lhe dito que era necessário ter mais surdos interessados em fazer o mesmo curso de modo que conseguissem contratar um intérprete de Libras para eles. Com esta resposta desistiu do projeto e resolveu permanecer na área da construção civil. Por fim, nos declarou: “Gosto da construção civil, mas também gostei de trabalhar no lava jato. Gostei dessas duas experiências. Não tenho outras, pode ser que eu trabalhe de outras formas, vou ver”.

Indo adiante, a outra pessoa surda, S7, é um morador mais recente na cidade. Antes de sua chegada, concluiu um curso profissionalizante e teve experiência no mercado de trabalho correspondentemente como soldador. Também, praticou esporte profissional jogando num time de futebol com ouvintes por um ano. Ademais, junto com seu pai e irmão, desenvolveu atividades como auxiliar na construção civil. Para ele, esta última vivência colaborou facilitando seus contatos com não surdos.

Em Porto Seguro/BA, ainda faz serviços na área de construção civil, como o de pintura. Porém, nos contou que deseja cursar Medicina e está se organizando para isso. Quisemos saber a sua opinião sobre não surdos e surdos trabalharem juntos. Ele nos comentou:

O surdo é visual. Ele percebe as coisas e pode aprender rápido. Ele é inteligente. No início, vai precisar da comunicação para aprender o que fazer. Depois, ele fixa na mente e sabe fazer tudo. É inteligente, visual. Pode trabalhar com ouvintes normalmente (Trecho de entrevista com S6).

No entanto, fez a ressalva: “O surdo precisa trabalhar com ouvintes que saibam Libras, assim o ouvinte vai ajudar”. Por outro lado, também ponderou que, no campo do trabalho, ser o surdo taxado como “deficiente”, “doente” ou “coitado” está condicionado ao ponto de vista de quem o analisa, mas também depende do esforço dele. Em suas palavras: “... se o surdo demonstrar preguiça ou desânimo, o ouvinte o verá como um coitado”. Falou-nos, então, de ocasiões em que tentaram impor a ele limites relacionados ao seu ofício quando trabalhava em outro Estado, mas não o detalhamos aqui.

Por fim, temos S9, uma pessoa surda que chegou à cidade com 14 anos de idade e ainda não sabia a Libras. Já trabalhou numa distribuidora de galões de água na cidade, quando

era adolescente. Lá aprendeu a contar dinheiro e passar o troco. Depois de uma breve experiência em outra empresa, ainda jovem, sua mãe a ajudou a obter a Carteira de Trabalho e Previdência Social, documento necessário para entrar no mercado formal. Revelou-nos como isso aconteceu: “Minha mãe me chamou para sair com ela. Não entendi e perguntei o porquê? Ela fez gestos para dizer que me ajudaria a tirar a carteira de trabalho”.

Em seguida, conseguiu uma vaga como embalador numa rede de supermercado. Ali, havia outro embalador surdo, usuário da língua de sinais que, ao notar seu desconhecimento da Libras, sinalizou a necessidade dela a aprender. Então, nesta época, sua comunicação se dava, predominantemente, por gestos, mímicas e a escrita somente. As pessoas naquele ambiente de trabalho não sabiam a língua de sinais, exceto seu colega surdo. Por isso, enfrentou dificuldades para compreender a rotina administrativa do trabalho envolvendo acompanhar as escalas de horário, folgas e férias. Quando foi necessário realizar exames de saúde, seus chefes imediatos usavam a escrita para explicá-la como os realizar. Contou-nos: “Mesmo assim, continuei persistindo. Fiquei lá por três anos até que, em 2016, pedi pra sair. Não conseguia me desenvolver”.

Seu próximo e atual emprego é numa empresa de bebidas que fica fora da cidade. Entretanto, o desenvolve na cidade de Porto Seguro/BA. Como trabalhador itinerante, segue uma escala semanal de visita aos supermercados para repor os produtos da empresa e organizá-los nas prateleiras. Referindo-se a quando sua mãe a comunicou de uma possível vaga desta feita, nos explicou: “Ficava angustiado pensando no que eu iria fazer lá. Se fosse algo no computador eu não saberia o Português. Passei aperto também na comunicação. A responsável falava comigo por gestos e mímicas”. Acrescentou: “Quando me chamaram para preencher alguns dados meus, a pessoa que me atendeu estava pensando em como se comunicaria comigo. Daí, ela pegou o celular, e usou um aplicativo em Libras. Foi um alívio!”.

Sobre o relacionamento com os funcionários e clientes nas lojas onde visita, esclareceu: “Nas lojas aonde vou, inicialmente quase não há interação. As pessoas me observam e saem. Aos poucos, os que trabalham ali vão interagindo comigo um pouco mais, me saudando com um “tchau” e eu dou um sinal de “positivo””. Quando perguntamos a sua opinião sobre a causa disso, citou o receio das pessoas de atrapalhá-lo em serviço e lhe causar algum acidente. No entanto, ponderou:

Mas, às vezes, eu estou descansando um pouco e elas também não se aproximam. Parece que algumas percebem que eu sou surdo e isso se torna

uma barreira para elas. Mas acho que podem interagir normalmente comigo. Quando acontece de virem me perguntar alguma coisa e eu indico que não ouço, elas ficam sem graça (Trecho de entrevista com S9).

Os não surdos que trabalham com S9 nas lojas, não sabem a Libras. Ele acrescentou ao seu relato: “Falam comigo sempre por gestos e mímicas. Elas me dizem para arrumar os itens na prateleira fazer a limpeza delas. Eu tenho que compreender os gestos e mímicas”. Ademais, perguntado se sentia que era vítima de desprezo ou preconceito, afirmou:

Antes, no grupo de trabalho percebia um pouco de desprezo. Os ouvintes se olhavam e faziam a expressão facial um para o outro de desprezo, como se pensassem: “Ah”...! Ele é surdo”. Mas eu não ligava. Alguns deles me cumprimentavam, mas eu permanecia sério, focado no trabalho. Me comporto assim até hoje (Trecho de entrevista com S9).

Os demais participantes nunca desenvolveram atividades no mercado de trabalho formal ou informal, por esta razão não foram citados aqui. Após estas clarificações, vamos ao último campo de suas interações com não surdos que investigamos.

4.1.4 Nos estabelecimentos locais, públicos e privados

Nesta seção contamos com os relatos do total de participantes visto que todos eles citaram algumas de suas experiências de contatos com não surdos em locais, públicos ou privados na cidade. Ela retrata o cenário que consideramos o mais fragmentado em relação aos três anteriores, por trazerem contatos ocasionais em diferentes cenários na cidade. Ao mesmo tempo, temos estes fragmentos como os mais agregadores para este estudo por trazerem riquezas de detalhes. Mais uma vez, enfatizamos que a nossa mira durante a investigação não esteve sobre todas as vivências ocorridas. Isso seria uma tarefa quase impossível! Antes, dentre estas, quisemos reunir as que mais os marcaram, as quais prevemos ser também aquelas que nos seriam expostas.

O conjunto das práticas sociais, neste cenário, significa para os participantes um olhar da sociedade portusegurense preponderantemente deficiente ou diferente sobre eles. Para este fim, a pergunta que elaboramos foi: *Em espaços públicos ou privados na região de Porto Seguro, (como os de assistência à saúde, assistência jurídica, assistência financeira, religiosos ou outros que recorde) nos encontros com pessoas não surdas ali, como são as interações entre vocês? Poderia contar uma experiência sobre isso? Vejam suas respostas.*

O participante S1 iniciou destacando suas experiências em clínicas médicas. Informou-nos que não consegue se comunicar sozinho com um médico quando vai a uma consulta. Por isso, precisa sempre da companhia de sua mãe, que tenta interpretar para ele as conversas com o profissional de saúde. Em relação à atuação de sua genitora como mediadora desses diálogos, ele pontuou:

Mas o nível de conhecimento da língua de sinais dela é básico. Ela sinaliza seguindo a estrutura frasal da língua portuguesa, por isso não entendo muito. Às vezes o médico e ela conversam entre eles e eu preciso interromper e perguntar o que ele está explicando. Me sinto oprimido pela situação, não gosto de ir ao médico com minha mãe. Gostaria de ir sozinho (Trecho da entrevista com S1).

Então, nos contou uma ocasião em que sentiu mal-estar na escola, pediu para ser liberado das aulas e foi sozinho em busca de atendimento emergencial. Desta vez, seu pai o encontrou no local da consulta, depois de ser avisado por ele por mensagem de texto. Ele nos falou o que aconteceu:

Meu pai tentava me explicar usando gestos e mímicas e eu não conseguia entender o que estava acontecendo comigo. A médica só falava e apontava para um papel onde escrevia palavras. Não consegui entender nada. Isso foi muito ruim (Trecho da entrevista com S1).

Ademais, nos disse que sofreu crises de ansiedade dos 14 aos 23 anos, mas preferiu não tentar contar para sua família e seus familiares também não se apercebiam deste seu problema de saúde. Sobre a comunicação quando precisa de ajuda médica, afirmou, ainda, que a acessibilidade é quase nenhuma. Ele nos descreveu como foi o diagnóstico dizendo:

Então fomos ao médico e ele passou um medicamento pra mim. Mas que eu queria poder conversar e saber por que ele tinha passado aquela receita pra mim. Ficava pensando que sem eu explicar corretamente, talvez o medicamento não combine com o problema. Carrego esse trauma. Agora, Deus me ajuda a ficar mais calmo. Continuo tomando a medicação (Trecho da entrevista com S1).

Além disso, nos comentou que sua mãe também o acompanhava quando ia ao mercado próximo de casa, mas ele não gostava disso. Sentia vergonha. Agora, faz sozinho as compras. Pega o que precisa e paga. Assim, segundo ele, as pessoas ali não percebem que é surdo. Caso não encontre o que deseja, pede ajuda escrevendo num papel do que necessita e a pessoa que se presta a auxiliar o acompanha para mostrar onde está o produto. Conclui: “Mas, às vezes,

esta interação não acontece. Alguns interagem pouco”. Como exemplo de falta de interação comunicacional, em certa ocasião, o entendimento equivocado de seus gestos e mímicas por um motorista de ônibus o fez desembarcar em um destino não pretendido.

Nas ruas, quando usa gesto ou mímicas para pedir informações alguns hesitam em se comunicar com ele. Além do que, quando não surdos o abordam para se informar de algo e percebem que ele é surdo, se assustam, ficam “sem graça” e vão embora. Foi o que aconteceu quando um motociclista e, de outra vez, uma mulher, buscaram se informar com ele. Desabafou: “Poderiam ter tentado usar a escrita, mas eles não sabiam disso. Parece que pensam: “Deixa pra lá”. Isso parece preconceituoso, eu não sei”. Semelhantemente, em restaurantes, ao indicar que não ouve, os atendentes reagem com espanto. Completou: “No geral, em ambientes externos assim, falta o respeito pelo surdo. É difícil. De qualquer forma, eu respeito a eles. Paciência!”.

A entrevistada S2 nos disse que, quando interpelada por um não surdo na rua, tenta explicar, apontando para o ouvido e indicando com o polegar para baixo, que é surda. Depois disso, eles vão embora. Ao ir às lojas ou aos mercados, se comunica mais por gestos, mímicas ou a escrita.

Relatou-nos que, nas ocasiões em que procura atendimento médico, por causa de sua saúde ou da de seu filho, precisa da ajuda de sua cunhada, que serve de interprete para ela. Na ausência desta, apela para a companhia de sua mãe ou irmã. Estas não sabem fluentemente a Libras. Por isso, tentam escrever para explicar o assunto a ela. Sobre sua compreensão das informações passadas nestas ocasiões, nos comentou: “... mas eu não entendo muito bem. Então, tenho que chamar alguém que interprete pra mim depois e, aí, eu entendo”. Após o nascimento, seu filho permaneceu por 14 dias na unidade hospitalar de tratamento intensivo (UTI). Durante o tratamento de saúde dele naqueles difíceis dias, somente sua cunhada conseguia esclarecer em Libras o que estava acontecendo.

Além disso, nos declarou que não vai sozinha ao banco. Justificou:

Fui uma vez sozinha. Tentei usar gestos e mímicas para explicar que meu cartão não estava funcionando. E eles não entendiam. Não consegui resolver e fiquei nervosa com isso. Voltei pra casa para pedir ajuda a minha cunhada. Preciso que ela esteja comigo para resolver as coisas do banco (Trecho da entrevista com S2).

De outra forma, por ser civilmente casada, perguntamos como foi dar entrada ao processo no cartório e se havia alguém que interpretasse as palavras do juiz no dia da cerimônia. A resposta foi que um voluntário das Testemunhas de Jeová deu suporte nas

comunicações ali. Aliás, apontou não surdos das Testemunhas de Jeová, que se comunicam em Libras, como pessoas que conhecem sobre a cultura e os costumes dos surdos.

Já a surda S3 nos comentou que, nas suas interações com pessoas em locais públicos ou privados na cidade, usa bem pouco a oralidade e mais a escrita. Recordou uma vez em que ficou extremamente preocupada por ter que auxiliar seu marido, um surdocego, a atender a uma exigência do INSS. Ele precisava renovar um documento pessoal para continuar recebendo um benefício do governo e, no local em que procurou informação sobre, não havia ninguém que se comunicasse em Libras. Sentiu-se aliviada ao encontrar depois uma Testemunha de Jeová que sabia a língua de sinais e se ofereceu para ajudar na comunicação com aqueles funcionários. Revelou-nos:

Não é fácil. Também é assim quando preciso de um advogado. Quando vamos ao médico e os nossos amigos intérpretes não podem nos acompanhar é bem difícil. Preciso usar a escrita para tentar entender ou gestos e mímicas. Alguns deles me dão atenção, outros agem com desdém. Fico muito triste quando isso acontece. Preciso de paciência (Trecho da entrevista com S3).

Reclamação similar nos fez sobre o atendimento nas lojas da cidade, onde não há pessoas que sabem a Libras, razão pela qual tenta a comunicação por meio da escrita. Comentou que, em alguns espaços experimenta menos descaso, apontando como razão para isso que os não surdos ali já a conhecem por causa de suas frequentes visitas. É assim no caso de alguns mercados, na farmácia e numa loja de eletrodomésticos no centro da cidade. Mas nem sempre é assim. Ressaltou:

Quando vou ao comércio, nas lojas do Centro, muitos me tratam com descaso. Não me dão atenção. Tento explicar do que preciso, mas é difícil. Percebo que alguns não estão interessados em saber. Pedem desculpa, dizem que estão ocupados. Não têm educação nem respeito pela pessoa surda. Com alguns tenho problemas assim (Trecho da entrevista com S3).

Lembrou que, em certa ocasião, precisou resolver uma situação, mas a pessoa não surda que a atendeu não demonstrou interesse em ajudar. Disse-nos que sozinha não conseguiu resolver o impasse e, por este motivo, ficou indignada. Precisou de coragem para persistir em busca de uma solução e resolveu pedir que um amigo intérprete a acompanhasse na vez seguinte. Como resultado, comentou: “Quando chegamos lá e o intérprete começou a fazer a interpretação do que eu estava dizendo, a pessoa ficou envergonhada”.

A pessoa entrevistada seguinte, S4, nos falou que, ao ir ao banco pagar contas, fazer parcelamentos ou bloquear/desbloquear serviços, após indicar aos não surdos naquele local

que não escuta, tem que usar gesto, mímicas e a escrita. De acordo com ela, também é assim sua comunicação nas clínicas e outros lugares que vai na localidade. Fez, entretanto, a ressalva de que, em apenas um banco, tem um funcionário que sabe a Libras.

Considerou que houve interação ao relatar um episódio em que foi a uma loja e conseguiu comprar o produto que queria usando gestos, mímica e a escrita. Disse que há interação com não surdos também quando vai ao mercado perto de onde mora, onde consegue escolher o que precisa e levar para casa. Disse-nos não notar atitudes de estranhamento ou de esquívamento por parte das pessoas não surdas ali. Pontuou que elas já a conheciam.

Já quando precisou de atendimento médico, enfrentou mais dificuldade para conseguir uma interação. Contou-nos:

Quando senti dor na coluna e procurei o atendimento médico, fiz a expressão facial para indicar que estava com dor e apontei para o local que estava doendo. Fiz um gesto com a mão como se estivesse “latejando”. A pessoa entendeu e deixou meu nome numa lista de espera. Eles chamavam por ordem dos nomes da lista. Mas eu perguntei como saberia quando seria minha vez. Um ouvinte disse que iria me ajudar. Ele ficou atento e, quando chamaram meu nome, ele me avisou e eu entrei na sala para consulta. Com o médico precisei usar gestos e mímicas para explicar o que estava sentindo [...] O médico tentava falar comigo, mas eu avisava que era surdo e não estava entendendo. Acabávamos usando a escrita como saída. Ele não sabia a Libras. O jeito era tentar fazer gestos e mímicas. Ficava pensando em uma forma de explicar o que eu queria dizer (Trecho da entrevista com S4).

Em seguida, pontou outra situação que viveu ao tentar se habilitar como motorista de automóveis. A autoescola em que fez a preparação para os exames providenciou um intérprete para acompanhá-lo nas aulas e avaliações teóricas, mas nas aulas práticas, não. Explicou-nos: “Aí ele (o instrutor) usava gestos e mímicas comigo apontando para as peças e tentando me explicar a função de cada uma”.

Ao nos dizer que frequenta praias, cinemas, e os shoppings na cidade, perguntamos novamente se notava alguma atitude de estranhamento ou de esquívamento por parte de não surdos nestes lugares. Ele comentou:

Às vezes. Se o ouvinte me reconhecer, ele se aproxima e me cumprimenta. Acontece essa interação. Alguns não me conhecem, mas tem alguns que se lembram de mim, como os colegas de escola. Quando nos encontramos, eles me cumprimentam (Trecho da entrevista com S4).

Mesmo assim, informou que estas interações não são mediadas pela língua de sinais. Salientou que, de outra forma, nas reuniões das Testemunhas de Jeová que frequenta acontece

a interação com não surdos por meio da Libras. Contou-nos que não surdos e surdos ali combinam para fazer outras atividades sociais juntos.

Também, realçou a falta de não surdos conhecerem melhor a pessoa surda, dando o seguinte exemplo do que aconteceu certa vez com ele:

[...] em junho deste ano, precisei pegar uma encomenda de minha esposa nos Correios, no centro da cidade. A pessoa que me atendeu não conseguia me entender. Tentei usar o aplicativo ICOM⁶⁸, chamando uma intérprete na central de atendimento para me ajudar na comunicação. Quando mostrei a intérprete pela tela do celular, a atendente não quis falar com ela e se recusou a olhar. Precisei combinar para ir outro dia acompanhado de um amigo intérprete tentar resolver. Chegando lá fui até a mesma atendente pedir explicações e saber por que ela tinha reagido daquela maneira. Disse a ela, com a ajuda do meu amigo que estava interpretando, que os surdos tem direitos, que ela tinha me ignorado, que iria conversar com o chefe dela e se não conseguisse resolver, iria procurar assistência jurídica. Ela ficou sem graça, me pediu desculpas e me disse pra, por favor, não fazer isso. Percebi que as pessoas presentes a nossa volta ficaram aborrecidas com o que estavam presenciando. Elas comentavam: “Mas ele é surdo. Precisa ser ajudado”. Ela faltou com a educação (Trecho da entrevista com S4).

A próxima participante, S5, destacou que tenta interagir com não surdos pela leitura labial bem como por gestos e mímicas. Dois locais de atendimento à saúde e um banco que frequenta foram citados como lugares em que consegue interagir com não surdos. Como um exemplo positivo, citou-nos: “Uma vez, quando fui à farmácia, disse que estava com dor de cabeça apontando para minha cabeça e gesticulando que estava pulsando. Ela entendeu e me deu uma medicação. Também usou a escrita”.

Ainda, ao ir a uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) tentou utilizar gestos e mímicas para fazer-se entender. Então, a pessoa que a recepcionou percebendo se tratar de uma pessoa surda, acionou um aplicativo pelo celular para tentar conversar em língua de sinais com ela.

Em outras ocorrências, o contato com não surdos não foi tão amistoso. Compartilhou:

No mercado, quando vou pagar, percebo que a pessoa fica calada, de cara fechada. Também acontece isso em lojas. Hoje precisei fazer uma xérox. Fui atendida por uma jovem. Dei a ela o papel original e indiquei que queria uma cópia, levantando apenas o dedo indicador. Ele não entendeu e me perguntou grosseiramente: “O quê? Um real?”. Eu dei a ela a moeda de vinte e cinco centavos. Ela entendeu que era apenas uma cópia. Depois que peguei os

⁶⁸ O ICOM é uma central de atendimento que usa a tecnologia para conectar intérpretes de Libras aos seus usuários, mediando a comunicação entre surdos e não surdos. O serviço acontece em tempo real. Para mais informações, consulte: < <https://icom-libras.com.br/> >.

papéis, sinalizei, em Libras, dizendo: “Obrigado”. Ela ficou calada, sem jeito. Percebi que ela não conhecia os surdos. Alguns acham o surdo chato (Trecho da entrevista com S5).

Seguindo, nos falou de uma vez em que precisou de assistência jurídica para reclamar o alto valor de sua conta de água e procurou por assessoramento no Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) da cidade. Mas ali não havia intérpretes ou quem se comunicasse em Libras. Por isso, precisou procurar por um para acompanhá-la da abertura à audiência de conciliação. Para ela, situações assim mostram que falta a acessibilidade linguística para as pessoas surdas na cidade.

Continuando a entrevista, perguntamos como ela achava que era encarada por não surdos a entrar em lojas da cidade. Daí incluiu que já desistiu de ir a alguns lugares em que as pessoas não a recebem bem por ser surda, entre os quais estão mercado, loja e farmácia. Ela nos esclareceu sobre isto ao nos citar:

Alguns agem preconceituosamente. Outros me dão atenção. Eu pergunto o valor das roupas e me abrem as mãos com os dez dedos. Eu entendo. Ou escrevem e me mostram. Outros são indiferentes. Percebo que ficam sem jeito comigo (Trecho da entrevista com S5).

De outra forma, indicou que os não surdos do grupo religioso do qual participa como pessoas com as quais interage. Detalhou: “... conversamos, visitamos uns aos outros. Isso é bom! Às vezes, me convidam para almoçar com eles, fazer algum tipo de brincadeira. Eu também os convido aqui em casa para almoçarmos juntos e conversar”. Porém, com demais ouvintes seus contatos são limitados. Relatou-nos uma ocasião na qual sentiu que foi alvo de preconceito. Clarificou:

Fui com uma amiga ao centro. Estávamos conversando em Libras e o filho de um casal que estava passeando tocou meu ombro e começou a falar comigo. Avisei que não escutava. Ele ficou com o semblante sério, levantou a mão com a palma voltada pra mim, me disse um “Desculpe!” e foi embora. Senti que ele agiu assim por preconceito. Fiquei pensando o porquê de ele ter saído abruptamente. Estranho! Alguns reagem assim, com estranheza. Alguns sorriem e acenam para mim. Isso mostra respeito. Outros agem com preconceito. Percebo que há diferentes reações (Trecho da entrevista com S5).

O entrevistado S6, apontou que, com os não surdos nos cenários considerados nesta seção, se vale de gestos e mímicas para se comunicar, visto que percebe o desconhecimento da Libras da maioria deles. Lembrou-se de uma experiência que viveu com o presidente da

Associação de Pessoas Deficientes que existe em Porto Seguro/BA. Nesta, foi incentivado a buscar, sozinho, informações com pessoas em alguns lugares da cidade. Ao fazer isso, usava a língua de sinais, ao que as pessoas não entendiam o que ele queria dizer. Depois de alguns instantes, o presidente intervia chamando a atenção daquelas pessoas de que se tratava de um surdo e alertava para a necessidade da saberem se comunicar com ele.

Em outra situação, buscou por informações no SAC sobre os procedimentos para obter a habilitação como motorista. O funcionário não surdo que o atendeu inicialmente chamou o chefe, que questionou se um surdo poderia ser motorista, pois achava isto estranho. Depois que o surdo argumentou que em outros lugares esta conquista já ocorria, o responsável pediu que aguardasse e, após realizar alguns telefonemas, o informou que ele poderia iniciar o processo. Mas não foi somente isso. Desconhecimento similar houve no dia em que foi realizar os exames clínicos exigidos. Em suas palavras:

[...] ao descobrir que eu era surdo, me disseram não poderia dirigir pelo risco de acontecer um acidente, que não conseguiria perceber o trânsito, que eu era burro. Não liguei e fiquei esperando pelo exame psicológico. Depois, do exame, me chamaram pedindo desculpas e disseram que poderia continuar o processo²²(Trecho da entrevista com S6).

Sobre as aulas teóricas na autoescola, nos revelou:

Na sala de aula do curso não era acompanhado por um intérprete. Tentava perceber o que o instrutor estava ensinando. Copiava o que ele escrevia. Ele me mostrava o papel indicando às informações. Do que eu conseguia entender, fazia notas. Os vídeos que eram exibidos não tinham legenda ou janela de Libras. Poderia ter aprendido muito mais se tivesse a acessibilidade (Trecho da entrevista com S6).

A comunicação prejudicada rendeu-lhe mais dificuldades. Na etapa da prova teórica, não lhe foi oferecido o serviço de interpretação. Precisou procurar por assistência junto à referida Associação. Esta providenciou que uma pessoa fosse até a autoescola onde fazia o curso para questionar com o responsável ali o direito de ele ter o acompanhamento de um intérprete durante as aulas. Depois deste encontro, chateado, o encarregado ainda contestou que o profissional que interpretasse poderia passar as respostas ao candidato. Sobre isso, nosso entrevistado se manifestou, dizendo:

“Mas é preciso ter intérprete. Outros surdos vão querer fazer o curso também e aprender. A autoescola precisa contratar um intérprete. Fiquei sem o apoio de um intérprete também nas aulas práticas. O instrutor fazia gestos e

escrevia pra mim tentando me explicar como deveria proceder ou em que direção deveria conduzir o carro. Alguma coisa eu entendia, mas não tinha clareza de tudo” (Trecho da entrevista com S6).

Mesmo assim, a autoescola não desembolsou o valor para o pagamento do serviço de interpretação. Foi ele que precisou procurar por um intérprete que o ajudou voluntariamente. Apesar deste acompanhamento, foi reprovado por vezes no exame teórico. Às penas conseguiu a habilitação para conduzir automóveis e motocicletas. Mas ralhou:

[...] como não tirei muito proveito das aulas, perdi quatro vezes o exame. Não conseguia entender as aulas e os vídeos. Era como se tivesse num cinema, somente assistindo o vídeo, mas sem entender. Se tivesse a ajuda de um interprete antes e pudesse tirar as minhas dúvidas antes, durante o curso, poderia lembrar mais e responder as questões (Trecho da entrevista com S6).

Sobre os serviços de saúde que precisa, nos disse que evita ir sozinho à procura destes. Constantemente sua irmã ou seu pai o acompanham para este fim. Quando isso não é possível, tenta expressar com gestos e mímicas suas necessidades ao profissional de saúde. A comunicação também foi assim quando levou seu filho recém-nascido a um posto de saúde para ser vacinado. Contou-nos também o que acontece quando vai às lojas na cidade:

Quando vou às lojas, faço gestos e mímicas para conversar com o vendedor. Se não tem o que procuro, ele faz gestos para me dizer que vai chegar depois. Assim interagimos. Em outras lojas, quando vou procurar um celular pra comprar, por exemplo, tenho que escrever o que quero e o vendedor fala comigo usando gestos e mímicas e conseguimos interagir. Teve um lugar que eu fui, onde tentei explicar o que queria escrevendo e fazendo gestos e mímicas, mas a pessoa não entendeu. Achou estranho (Trecho da entrevista com S6).

A respeito da interação social nos espaços religiosos, destacou que hoje é Testemunha de Jeová e frequenta as suas reuniões congregacionais desde os dez anos de idade. Afirmou-nos que lá há boa associação com os não surdos que, por vezes o acompanham como intérpretes nas situações em que procura por serviços públicos ou privados na cidade. Comentou: “Não me evitam, nem agem com desprezo. Demonstram amor e querem me ajudar voluntariamente”.

Para o participante S7, com as pessoas não surdas na cidade ele utiliza mais como recurso de comunicação os gestos e as mímicas, apesar de ter desenvolvido certo grau de oralidade. Quando não surdos o abordam, pedindo alguma informação, ele os avisa: “Desculpa, tenho surdez, não ouço” e eles desistem de perguntar. Mas, do contrário, quando é

ele quem precisa de informação, como quando foi à procura de emprego, necessita de persistência para obtê-la dos não surdos que interroga. Se falam muito rápido com ele, indica que não está conseguindo acompanhar o que lhe é dito e pede calma ao lembrar-lhes que é surdo. Sobretudo, acha que em Porto Seguro/BA, os não surdos interagem com os surdos, apesar de ter feito ressalvas. Informou-nos:

Por exemplo, se digo que sou surdo, eles escrevem pra mim. Nas lojas também. Ontem fui a uma loja. Procurei saber se a fila era ali para esperar. Avisei que era surdo. Ela me deu uma senha para pessoa com necessidades especiais. Isso foi legal. Demonstrou carinho. Mas também tem algumas pessoas chatas que não conseguem se comunicar com o surdo (Trecho da entrevista com S7).

Como exemplo em que não conseguiu se comunicar nos contou de uma vez em que procurava por certo produto de elétrica no comércio local. Enquanto em uma loja foi atendido com rispidez, na outra foi tratado cortesmente, pois a pessoa que o atendeu manteve a calma ao conversar com ele levando-o ao local onde os produtos estavam dispostos, na tentativa de ajudá-lo.

Quando perguntamos sobre se achava, no geral, que os não surdos demonstravam respeito ao surdo, a sua cultura e identidade, nos disse: “Muitas pessoas, no médico, na farmácia e no banco respeitam os surdos porque em Porto Seguro as pessoas conhecem a cultura do surdo e respeitam”. Enfatizou, porém, a dificuldade do mercado de trabalho local dar oportunidade de emprego aos surdos. Para nós desabafou:

Mas há o problema de as empresas não chamarem surdos para trabalharem. A Lei⁶⁹ diz que acima de 100 funcionários tem a cota, mas as empresas aqui não obedecem esta lei. Esse é um problema... Num mercado aqui perto tem mais de cem funcionários, mas se perguntar, surdos não tem. Entregam até currículos, mas não são chamados (Trecho da entrevista com S7).

Diante disso, para ele é preciso acreditar mais no potencial dos surdos e os estimular a ter um plano de carreira. Em sua opinião as pessoas em Porto Seguro/BA não fazem isso. Pensa, como um dos caminhos para unir e estimular as pessoas surdas a se desenvolverem na sociedade local, criar uma associação desportiva a que escolheu batizar de Associação Esportiva dos Surdos de Porto Seguro (AESPS). Ainda defendeu que:

⁶⁹ Contratar pessoas consideradas com deficiência se tornou obrigatório para empresas que têm 100 funcionários ou mais há 19 anos pela Lei de Cotas (nº 8.213/1991).

Os ouvintes precisam acreditar nos surdos. O surdo não é doente, não precisa de caridade, não precisa de pena. Os surdos precisam de estímulo. Se as pessoas os estimularem, vão realmente ajudar. Os surdos são como uma planta. Não vão crescer sem estímulos. É preciso acreditar neles (Trecho da entrevista com S7).

No caso da participante S8, nos contatos que faz com não surdos, tenta como estratégia de comunicação a leitura labial, mas disse que não tem muito êxito assim. Por exemplo, quando vai à padaria perto de sua casa, prefere apontar para os produtos que quer comprar. Segundo ela: “Não adianta usar a língua de sinais porque eles não a conhecem. No mercado ou farmácia, tento informar logo que não escuto. Preciso usar gestos e mímicas”.

De maneira geral, para ela, em espaços públicos ou privados na cidade não há interação social de não surdos com surdos. Comentou: “A interação é zero. Nunca acontecesse. Os ouvintes não sabem interagir com os surdos. Não se colocam em nosso lugar”. Contou-nos que, ao ir às lojas, conta com a companhia de uma amiga também surda, mas não interage com os ouvintes. Disse-nos que, simplesmente, escolhe o produto, paga por ele e se retira. Outra situação e não interação ocorreu ao ir ao banco com a sua mãe. Ali, o atendente somente conversava se dirigindo à sua genitora, sem compartilhar o assunto com ela. Algo semelhante acontece quando vai ao médico.

Entretanto, lembrou-se de uma ocasião em que tomou um susto por uma lojista ter se interessado em atendê-la. Esclareceu-nos:

Ela veio me ajudar. Indiquei que era surda, mas ela disse que estava tudo bem e pegou as roupas para me mostrar. Fiquei admirada. Não esperava. Anotou o preço das peças em um papel para mim e que gostaria de aprender a língua de sinais (Trecho da entrevista com S8).

Como espaço de interação com não surdos salientou o grupo religioso das Testemunhas de Jeová que frequenta ao nos dizer: “As reuniões eram em língua de sinais, fiquei admirada. Pedi a minha mãe para continuar a ir sozinha às reuniões seguintes. Lá, ouvintes e surdos interagem. Me tratam bem. Fico animada”.

Os relatos do surdo S9 finalizam esta parte da investigação. Ele nos apontou que, também, em locais públicos e privados na cidade, sua interação com não surdos é mediada por gestos, mímicas e a escrita. Ademais, compartilhou conosco que precisou da companhia de sua mãe ao buscar por vagas de emprego na localidade. Em suas procuras, tentou se candidatar as vagas de garçom e de auxiliar de serviços gerais, mas não teve sucesso. Comentou: “... nos pediam desculpas e diziam que não tinha vagas para surdos. Percebi que

eles achavam o surdo inferior. Tirava as minhas conclusões e ficava calado”. Procurou, também, por uma oportunidade de trabalho num lava-jato, onde as portas ficaram igualmente fechadas para ele. Em sua opinião, alguns receiam contratar um trabalhador surdo por que acham que isso vai exigir mais cuidado ou ser um perigo para a empresa. Contou-nos:

[...] achavam que eu não conseguiria entender todos os procedimentos de limpeza. Achavam que o surdo era “burro” e não saberia fazer o serviço corretamente. Quando aconteciam essas coisas e viam que estavam zombando ou falando coisas depreciativas de mim, ficava por dentro pensando o porquê disso. Será que era alguma inveja ou raiva de mim? Mas preferia não ficar pensando nisso (Trecho da entrevista com S9).

Para mais, acrescentou que, ao ir às lojas da cidade, percebe que é visto com inferioridade por ser surdos. Mas ele procura não se deixar afetar por isso. Em suas palavras: “Alguns fazem brincadeiras de mau gosto: caçoam ou mordem a camisa. Mas eu tento não ligar”.

Além disso, nos falou sobre os desafios que enfrenta ao estar em estabelecimentos, comentando:

Quando vou passar as compras no caixa do mercado, tenho que avisar que sou surdo. Não consigo me comunicar com o caixa. Se ela precisar me dizer alguma coisa, ela escreve pra mim. Eu pago com o cartão e vou embora. Na farmácia tenho que usar gestos e mímicas para tentar explicar o que estou sentindo. O atendente me apresenta o remédio dizendo que é bom, eu aceito e vou pra fila. Se quero pegar outro item, converso com gestos e mímicas ou por escrito. Mas no mercado é mais difícil porque eles não entendem o que eu escrevo. Na farmácia é mais fácil. Eles conseguem me entender (Trecho da entrevista com S9).

Dificuldades parecidas se dão quando vai ao médico, ao banco ou precisa de assistência jurídica. Deu como exemplo ocorrências quando do seu casamento civil, em 2019. Precisou dar entrada ao processo com a ajuda de sua mãe e na cerimônia contou com a ajuda de um interprete voluntário que fez a interpretação para os noivos.

Nos casos que envolvem assistência à saúde, nos revelou:

Quando vou ao médico a comunicação é difícil. Escrevem para mim, mas é difícil eu entender tudo e não consigo explicar o que eu preciso. Acabo por tentar explicar que vou voltar depois. Daí eu chamo minha mãe pra ir comigo no outro dia. Tento explicar pra ela que estou sentindo dor de cabeça ou outros sintomas. Peço pra ela perguntar ao médico qual remédio devo tomar para o estresse ou quando estou tossindo (Trecho da entrevista com S9).

No que tange a maneira como os não surdos o percebem nas ruas, mencionou um dia em que, quando trabalhava no mercado, saiu para comprar um produto de um ambulante e precisou usar gestos e mímicas para explicar o que queria comprar. Disse-nos: “Percebi que as pessoas que passavam me observavam com estranheza, comentavam entre eles fazendo referência aos meus gestos e rindo”.

Outra vez estava no ponto de ônibus e resolveu pegar outra condução. Relatou-nos:

[...] quando passava alguma lotação, me dirigia ao motorista avisando que era surdo. Ele fazia uma cara de que não estava entendendo. Ou quando tentava perguntar a alguém a se sabia que horas o próximo ônibus, me mostrava o horário no celular. Eles ficavam confusos. Também, para pegar um táxi, preciso escrever no celular. O taxista faz o sinal de positivo e me chama para entrar no carro. Tem o impasse da comunicação sempre (Trecho da entrevista com S9).

Sobre as interações de não surdos com surdos pela cidade, concluiu com as palavras: “Os surdos não estão inseridos no grupo dos ouvintes. Eles nos cumprimentam e continuam conversando entre eles e os surdos permanecem sempre calados e se afastam. Vejo isso acontecer constantemente”.

Finalizamos aqui a mostra dos principais resultados obtidos através das entrevistas semiestruturadas que realizamos. Acreditamos que eles nos dão base para seguirmos com o próximo passo: considerar, com alicerce científico, as interações de não surdos com surdos que ocorrem na localidade como culturalmente deficientes ou diferentes.

4.2 INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS EM PORTO SEGURO-BA, BRASIL: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA CULTURAL

Nesta etapa final, analisamos as respostas alcançadas nos diálogos com os participantes sob os pressupostos que localizam a surdez e as pessoas surdas em um epicentro cultural, discutidos no primeiro capítulo. Para este fim, nos baseamos nas informações mencionadas na seção anterior, e em outras, fornecidas durante as entrevistas, que aparecem somente neste momento, por ter uma relação mais direta com os tópicos que seguiremos adiante.

Dentre os relatos individuais das pessoas surdas que participaram nesta pesquisa,

procuramos identificar o que lhes é comum acontecer nas suas interações com não surdos na cidade de Porto Seguro/BA, Brasil. Em cada um deles, destacamos evidências que indicam o ponto de vista adotado pelos não surdos sobre os surdos. Ficamos atentos ao que se revelou semelhante nas ocorrências que foram conosco compartilhadas. Estes fatos apontam se as interações destes com aqueles são estabelecidas nos moldes do ouvintismo, ainda que inconscientemente, ou dadas pelo reconhecimento e valorização das singularidades culturais das pessoas surdas. São deficientes ou diferentes, de um ponto de vista cultural?

Ponderamos sobre esta questão, a partir do mosaico composto por três fragmentos interdependentes: (1) as recepções experimentadas pelos surdos, (2) as estratégias de comunicação adotadas pelos surdos e não surdos, (3) as percepções dos entrevistados sobre suas vivências com não surdos na localidade. Às vezes, o mesmo evento relatado foi analisado em mais de uma destas categorias. Examinemos juntos.

4.2.1 As recepções experimentadas pelos surdos

Nos encontros expostos, as recepções da parte de não surdos, experimentadas pelos surdos, evidenciaram que são vistos como incapazes ou com grandes limitações de se envolverem em atividades nas esferas da vida em sociedade. Este olhar se traduziu, de um lado, por ações notadamente paternalistas, assistencialistas ou caridosas e, de outro, quando tratados com descaso ou rejeição.

Os participantes presentes em ocasiões cotidianas de conversação entre familiares não surdos foram e são, muitas vezes, deixados fora dos assuntos. Constantemente, precisaram sinalizar que estão presentes e querem participar ativamente nos diálogos. Quando alguém se dispõe a passar-lhes informações, isto é feito resumidamente. Acontece o mesmo quando estão se recreando.

Ademais, familiares não surdos interveem sobre estes surdos com medidas preventivas e protetivas de cuidados incomuns aos que não vivem a surdez. Isto se dá através de advertências e de expressivos conselhos sobre o que hipoteticamente não podem ou não conseguem fazer por serem surdos. Foi o que percebemos, por exemplo, nas palavras da surda que recebeu conselhos para não casar nem engravidar porque não saberia cuidar de sua família.

Por outro lado, não observamos nos comentários dos participantes nenhum empenho dos familiares não surdos em fazerem adaptações estruturais que privilegiassem a visualidade

como canal de comunicação principal dos surdos, como uma campanha luminosa, por exemplo. Lemos esta situação como um descaso, pois vimos que as pessoas surdas mediam sua relação com o mundo principalmente pela visualidade (PERLIN; MIRANDA, 2003). Os surdos são sujeitos superlativamente visuais. Dessa premissa principal partem todos os elementos de suas expressões culturais. E, na percepção de Strobel (2018), mesmo os materiais que auxiliam a acessibilidade no dia a dia dos surdos, como a campanha luminosa e outros, são considerados bens culturais.

Outras vezes, a preocupação com as “limitações” que a surdez poderia impor incentiva alguns membros da família a acompanharem seus familiares surdos em situações em que preveem que terão dificuldades. Isto acontece nas situações que envolvem assistência financeira, jurídica, especialmente, de saúde. Geralmente, nestas ocasiões são os acompanhantes não surdos que tomam a frente para contornar as “dificuldades” de seu parente surdo. Vimos isso claramente na atitude da mãe de uma participante que foi com ela ao banco para resolver um problema seu. Foi sua mãe quem conversou com funcionário todo o tempo e não a envolveu na conversa.

Em outro caso, a mãe acompanhou seu filho surdo na busca por emprego na cidade para fazer os contatos por ele. Ademais, especificamente nesta última situação, pelos tipos de emprego que ajudou seu filho a procurar, inferimos que existe uma crença sua de que quem é surdo só pode desenvolver, no trabalho, funções que envolvam esforço físico e não o intelectual. Isso nos fez refletir no fato de que apenas um surdo dos entrevistados comentou receber incentivo de sua família para buscar formação educacional para além da etapa de estudos já concluída. Alguns deles recebem ajuda financeira do governo, provavelmente pelo seu quadro clínico e isto parece que basta à família. Todos estes fatos vão de encontro ao que afirma Perlin (2013) ao ponderar sobre o olhar sobrepujante sobre a surdez como deficiência e não como traço cultural:

Admitidos como tipo incapazes, continuam a carregar a marca de seus corpos ditos mutilados, de sua inteligência dita fracassada, arrastando-se pela sombria incoerência dos nossos dias [...] A ideia de o surdo concentrar-se facilmente em suas atividades sem a distração do barulho leva a uma imagem do surdo como produtor braçal de produtividade. A ideia de que as pessoas surdas dificilmente possam ascender em escala de coordenação ou gerencia faz com que sempre continuem sob trabalhos designados pelo poder ouvinte (p. 55).

Nas escolas que frequentaram, notadamente percebemos o despreparo das instituições de ensino locais para receber alunos surdos levando em conta suas particularidades culturais.

Embora S1 tenha pontuado que frequenta uma escola que tem acessibilidade, interpretação em Libras e diferentes adaptações para ele, no geral, não foram identificadas adaptações pedagógicas específicas para este alunado, nem ações que promovessem o conhecimento sobre os aspectos culturais e de identidade de surdos. Como comenta Silva (2003, p.96):

Nota-se que a grande maioria das pessoas, inclusive no meio educacional, faz uma imagem da pessoa surda considerando certas características intrínsecas à surdez, e não como consequência de uma falha ou um fracasso do método utilizado na sua educação.

Os docentes, salvos os raros que tinham afinidade com a Educação para surdos, demonstraram conhecer pouco as necessidades educacionais deles. Como exemplo disso destacamos o professor que exigia do seu aluno surdo a entrega de trabalhos escritos em Língua Portuguesa com o mesmo espaço de tempo dado aos alunos não surdos. Segundo o surdo S4:

Isso era bem difícil. O professor queria o trabalho pronto para o outro dia, por exemplo. A escrita em português era difícil pra mim. Aí tinha ideia de pedir o caderno de algum aluno ouvinte e copiava as respostas dele. O professor dava “visto” e não falava nada.

Isto ilustra como muito professores não adotavam estratégias de ensino correspondentes às pessoas surdas na turma. Aliás, falando em ensino para surdos, a ausência do intérprete educacional nos foi apontada por quase todos que estudaram na cidade. A chegada deste profissional, comumente tardia, foi fruto das persistentes reclamações desses estudantes surdos, em suas respectivas escolas. No que tange aos recursos metodológicos e humanos necessários para atender a este público, somente uma instituição foi considerada como adequada por um dos participantes.

Além disso, sobre os experimentados tratamentos dos seus colegas de estudos não surdos, compreendemos que eram impulsionados, em sua maior parte, por preconceitos. Tal olhar fica claramente perceptível nos relatos em que estes discentes surdos foram vítimas de *bullying*. Identificamos, por seus comentários, que sofreram zombarias e provocações de seus companheiros de turma não surdos, inclusive diretamente ofensivas, como nas vezes em que seus colegas mordiam a gola da camisa. Outros que caçoavam da surdez deles, diziam que o surdo não é inteligente, é bobo ou louco. Um dos entrevistados compartilhou que, os colegas na sala onde estudava, gritavam atrás dele para verificar se realmente era surdo. Outra forma em que se externava uma atitude preconceituosa era quando ficavam isolados das conversas

da turma mesmo presente em sala.

De outra forma, pontualmente havia aproximações solidárias e compassivas de estudantes que se ofereciam para auxiliá-los em atividades de estudo, agregá-los a grupos de trabalho e avisá-los das ocorrências acadêmicas. A estes condolentes podemos juntar os gestores citados que os defendia sob o respaldo de que os surdos na turma eram pessoas vulneráveis. Percebemos isso nas palavras do surdo S2, que nos disse: “A Direção chamava atenção da turma, dizendo que precisavam me respeitar, porque eu era deficiente, mas tinha o direito de estar ali estudando”.

Como via de escape, o profissional intérprete era a figura com quem buscavam a interação social no ambiente escolar. Como uma das razões para o distanciamento entre alunos não surdos e surdos nas instituições de ensino, um dos participantes, o S1, apontou o desconhecimento sobre a cultura dos surdos, o que inclui reconhecer sua língua.

Considerando, como estimativa, a média de 25 anos de idade para conclusão⁷⁰ do processo regular de instrução e que os entrevistados que tiveram seus relatos de interações sociais com não surdos na instituição de ensino considerados têm entre 24 e 29 anos, podemos considerar as informações apresentadas sobre este campo, aqui, recentes.

Nos locais em que trabalham, os surdos participantes também foram/são vistos por lentes não surdas culturalmente limitadas. A começar pelo fato de que, a eles, são oferecidas atividades mais ligadas ao concreto, braçais que ao abstrato, que exijam maior nível de intelecto. Já lavoraram distribuindo galões de água ou em lava-jatos. São auxiliares na construção civil ou repositores de mercadorias em redes de supermercados. Certo que estas atividades trabalhistas são dignas, mas o fato de os participantes estarem alocados nelas aponta que são tidos impossibilitados pela surdez de desenvolverem outras, de maior complexidade. Em adição um surdo ao comentar que, nas empresas da cidade, pessoas surdas encontram poucas oportunidades para emprego. Então, o mercado de trabalho para surdos na cidade não parece promissor.

Ainda falando sobre a recepção de não surdos com surdos nos locais de trabalho, um dos participantes comentou: “[...] no grupo de trabalho percebia um pouco de desprezo. Os ouvintes se olhavam e faziam a expressão facial um para o outro de desprezo, como se pensassem: “Ah”...! Ele é surdo”. No caso dele, nas lojas que visita, funcionários e clientes que passam por perto o observam trabalhando por uns instantes e logo se retiram. Com a maioria não há nenhum tipo de interação. Com o tempo, alguns poucos colegas de trabalho o

⁷⁰ Dado extraído do portal IBGEduca.

cumprimentam com acenando um “tchau”. Segundo ele, estas atitudes dos não surdos se dão por receio de atrapalhá-lo, enquanto repõe e organiza as bebidas nas prateleiras, ou de lhe causar um acidente. Mas uma vez, percebemos aqui o esquivamento persistente dos não surdos diante de surdos. Este comportamento transparece estranhamento sobre a pessoa surda com respeito as suas habilidades de estabelecer vínculos sociais. Que é assim foi revelado na observação deste participante que se seguiu: “Mas, às vezes, eu estou descansando um pouco e elas também não se aproximam. Parece que algumas percebem que eu sou surdo e isso se torna uma barreira para elas”.

E que dizer do surdo que não foi selecionado para um posto de trabalho porque disse não saber escrever bem. Tudo bem que este é um requisito importante no desenvolvimento de muitas tarefas funcionais. Entretanto, faltou o entendimento de que, como já compreendemos, a experiência dos surdos com a Língua Portuguesa é diversa da dos ouvintes (GESSER, 2009; NAKAGAWA, 2012). Saber deste detalhe poderia fazer toda a diferença! Porém, embora dissesse que era capaz de realizar aquela tarefa, por fim, não lhe foi dada a oportunidade. No ramo da construção civil, onde trabalha atualmente, a surdez sobressai às suas habilidades profissionais. Por ser surdo alguns não surdos negam-lhe chances de trabalhar.

Fica evidente nestas interações que, a ideia de que pessoas surdas não tem habilidades nem competências para desenvolverem funções nas diversas facetas do mercado de trabalho é, ainda, dominante na sociedade. A percepção de que a surdez não significa uma inferioridade em relação a não surdez é confirmada nas palavras de outro dos participantes, ao dizer: “O surdo é visual. Ele percebe as coisas e pode aprender rápido. Ele é inteligente”. Destacando que o surdo é considerado limitado e necessitado de comisseração, acrescentou: “Às vezes, não é preconceito ou desprezo, mas preocupação por causa da surdez e do perigo”.

Em outra extensão da pesquisa, nos locais públicos e privados da cidade as recepções dadas aos surdos revelaram uma atenção principal sobre para a surdez como “deficiência”. Preponderantemente, as experiências sociais relatadas aconteceram em contextos de tratamento de saúde, compras em lojas ou mercados e nos atendimentos em agências bancárias e de serviço social. Fora isso, colhemos vivências em agência de serviço postal e em autoescolas. Nestes espaços, situações de discriminação social, de maior ou menos intensidade, intencionais ou não, foram as mais perceptíveis através dos episódios mencionados pelos participantes. Destacamos a vivência que aconteceu quando um dos surdos (S4) precisou de um serviço postal e foi mal recepcionado por um agente que se negou a fazer o atendimento a ele mediado por uma ferramenta de comunicação digital.

Nos casas comerciais que frequentam mais, são encarados com menos hesitação por

parte de não surdos por ser sabido de sua surdez. Em casos como quando em estabelecimentos comerciais foram recebidos mais cortesmente, isso se deu talvez por estarem na condição de clientes e consumidores. Do contrário, ao perceberem que diante de si está alguém que não a ouve, corriqueiramente os não surdos agem com espanto e, na sequência, os destratam ou fogem dele. A participante S3 passa desconfortos semelhantes. Expôs-nos: “Quando vou ao comércio, nas lojas do Centro, muitos me tratam com descaso. Não me dão atenção. Tento explicar do que preciso, mas é difícil. Percebo que alguns não estão interessados em saber. Pedem desculpa, dizem que estão ocupados”.

Em outro contexto, em uma autoescola, tivemos dois relatos contrastantes de receptividade. De um lado, o surdo foi bem recebido. Diferente de outro que teve sua capacidade de ser um condutor no trânsito questionada. Neste último episódio, houve a necessidade de esclarecimento de que a surdez não é, por si, um impedimento para que um surdo seja habilitado para dirigir.

Estes episódios nos fizeram lembrar a denuncia de que “os ouvintes negam oportunidades intelectuais, econômicas e sociais aos surdos, e que essas negações raramente são reconhecidas; muitas até inconscientes” (WRIGLEY, 1996, p. 6 APUD SÁ, 2010, p. 23). Vale salientar, também, que não nos foi relatado, pelos participantes, a existência de quaisquer recursos visuais voltados para o atendimento ao público surdo ou mesmo a presença de um profissional intérprete de Libras em nenhum dos locais mencionados. Sublinhamos também esta ausência nos momentos em que precisaram de assistência de natureza jurídica, como nos dois casamentos civis aludidos.

Nas ruas, os surdos foram interpelados por não surdos em busca de alguma informação, visto que a surdez não é prontamente notada. Nestas circunstâncias, a maneira habitual citada para evitar constrangimento por eles é indicar que não os estão ouvindo ao apontar para o ouvido e fazer um gesto que indique negação. Na sequência, ao descobrirem se tratar de uma pessoa surda a atitude mais comum dos indagadores foi, mediante o espanto, assinalarem um pedido de absolvição pelo incômodo e se retirarem. Por outro lado, quando o demandante foi o surdo, os não surdos reagiram de forma apreensiva, mas prestaram uma tímida ajuda com recursos limitados de resposta, como, por exemplo, apontando direções de lugares.

Observamos assim, que os não surdos têm uma dificuldade maior de estabelecer e manter uma interação social positiva com pessoas surdas. Isso mostra que a representação social da pessoa surda como deficiente ainda esta fortemente incorporada à estrutura social

em Porto Seguro/Ba, Brasil. Os discursos de normalização e medicalização da surdez parecem, até o momento, prevalecer.

Falando, ainda, sobre recepções sociais para surdos, a congregação local das Testemunhas de Jeová ficou destacada aqui por agrupar não surdos que conhecem e respeitam as singularidades culturais dos surdos. Compreendemos, assim, que em suas reuniões os surdos têm oportunidades de fortalecer laços sociais entre eles próprios, bem como, com os não surdos. Em um de seus artigos, onde relaciona a temática do preconceito e os surdos, as Testemunhas e Jeová publicaram:

Se nos concentramos demais nas diferenças que existem entre nós e as outras pessoas, podemos acabar pensando que essas diferenças são defeitos. E por causa disso, podemos achar que elas são inferiores a nós. Se tivermos esse ponto de vista preconceituoso, vai ser difícil mostrar empatia, ou seja, se colocar no lugar dos outros (DESPERTAI 2010, p.6).

4.2.2 As estratégias de comunicação adotadas pelos surdos e não surdos

Como evidenciado nos relatos colhidos, há dificuldades na comunicação de surdos com os não surdos na localidade. Nas duas direções dessas interlocuções, as estratégias adotadas para os envolvidos nas situações identificadas se comunicarem demonstraram que a língua de sinais não foi uma alternativa viável. No caso dos não surdos, porque em sua maior parte não sabiam a Libras, do contrário a teriam utilizado para este fim. Por outro lado, os surdos não utilizavam esta língua por entender que os ouvintes aos quais se dirigiam a desconheciam. Mesmo o saber “sinalizar” a Libras, como dito por alguns entrevistados sobre os seus familiares e outros não surdos, não foi o suficiente para que a maioria deles utilizasse esta língua sem necessitar apelar para outros mecanismos. Sendo assim, as interações sociais estudadas foram mediadas, principalmente, através de gestos e mímicas. Como segunda opção, a escrita também foi mencionada. Já a leitura labial e a oralidade, quase não citadas, não produziram comunicação concreta. No geral, as mensagens ficaram entrecortadas para emissores e receptores, salvo quando havia intérpretes de Libras, ou alguém que a soubesse, mediando as falas.

Iniciando pelo contexto da família, identificamos que, os primeiros passos adotados pelos não surdos na tentativa de contornar as dificuldades na comunicação com familiares

surdos são dados na direção de intervenções clínico-terapêuticas. O aprendizado de uma língua de sinais esteve em segundo plano. Os três participantes nativos foram conduzidos às sessões de terapia para desenvolverem a oralidade, entre os seis e quinze anos de idade. Um deles chegou a utilizar o AASI. Os familiares dos outros dois se empenharam para obter o aparelho auditivo para eles, mas não tiveram êxito nisso. Esses fatos corroboram com o expresso por um deles: “A minha mãe não gostava da língua de sinais. Ela queria que eu continuasse treinando para desenvolver a oralidade” (Surdo S2). Possivelmente, a estes parentes não surdos faltou a percepção de que a aquisição da língua oral para alguém com a surdez num grau profundo, como a deles, não é uma via natural, conforme Duarte et. al. (2013). Evidenciamos, deste modo, o que a imagem e as representações sociais sobre a surdez e os surdos já começam a se evidenciar nas primeiras experiências dentro da família e influência dos especialistas (SÁ, 2010). Independente das motivações por detrás desses encaminhamentos, o aprendizado da língua de sinais ocorreu tardiamente para eles e não por desejo de seus tutores, mas pela imposição das circunstâncias que não favoreceram à sua oralização. Como ilustração, podemos citar a falta de recursos financeiros ou humanos para as sessões de terapias necessárias ou a resistência dos surdos em desenvolver a oralidade.

De toda a forma, poucos dentre os familiares destes surdos na localidade buscaram o aprendizado da Libras a ponto de a utilizarem com suficiência. Dois surdos mencionaram que suas mães fizeram um curso inicial da língua, o que é louvável nos termos do respeito à sua língua natural. Mas, apenas dois participantes apontaram ter um familiar ouvinte, que não suas mães, que conhecia a língua de sinais brasileira a ponto de intermediar com clareza as comunicações entre eles e os não surdos envolvidos. Infelizmente estas pessoas surdas começaram muito cedo a enfrentar as barreiras linguística e atitudinal dentro do círculo familiar. Se seus parentes não surdos não se interessaram em aprender a Libras, que dirá saberem sobre a cultura representada por ela.

Além disso, houve um relato em que a mãe de um dos surdos utiliza um aplicativo para consultar os sinais que necessita. Apesar desta atitude demonstrar seu entendimento sobre a forma de comunicar dos surdos, este recurso funciona para consultar vocabulários em Libras mas não atende plenamente às nuances da língua, a exemplo de sua estrutura. Assim, também, saber apenas o alfabeto manual em uma língua de sinais, como foi mencionado por um dos participantes, não significa saber a língua. Entendemos que estes recursos não bastam para uma interação comunicativa plena, como apontam alguns dos autores que já citamos, a exemplo de Gesser (2009). Ela pontua que “o soletrante que não for alfabetizado (escrita/leitura) na língua oral de sua comunidade de fala, por exemplo, terá as mesmas

dificuldades de um indivíduo iletrado para lançar mão deste recurso” (p. 29 e 30). Ora, a recorrente escolha dos surdos participantes neste trabalho em tentar uma conversação com não surdos não fluentes em Libras através de gestos e mímicas e não por meio da escrita, indica que têm limitações com respeito a escrita nos moldes gramaticais e estruturais da língua portuguesa. Nestes casos, soletrar manualmente ou escrever para eles não soluciona o enigma da mensagem a eles transmitidas dessas maneiras. A língua de sinais possui um caráter diferente de qualquer língua falada ou escrita, como dissemos, em consonância Sacks (2010).

Outrossim, averiguamos que quando um não surdo, dentre os familiares, chega ao ponto de sabê-la, passa a ser o “arrimo” nas comunicações entre o surdo e seus familiares. A cunhada de uma surda foi posta nesta condição. Fica claro o prestígio da língua oral em desfavor da língua visuogestual por parte destes familiares. Com isso, não saberem os da família a Libras, intencionalmente, revela uma recusa, destes não surdos, em reconhecer e aceitar a expressividade cultural surda, manifestada principalmente por meio da língua de sinais.

Diferentemente, no caso dos contatos com não surdos nos cenários extras familiares, não necessariamente houve uma preferência consciente entre modalidades linguísticas. Sabemos que são muitos os mitos em torno da pessoa surda e da língua de sinais concebidos pelos não surdos e, nos ousamos a dizer, ainda mais marcantemente pelos que não os tem no círculo da família. Então, possivelmente, nos contatos de não surdos com surdos nos locais públicos e privados da cidade trazidos à tona, os não surdos não sabiam das especificidades comunicacionais dos surdos. Suas atitudes, conforme nos foram descritas pelos participantes neste trabalho, mostraram que ignoravam a existência da Libras ou, se sabiam dela, compreendiam-na privada dos surdos. Dizemos isso, pois, embora seja comum que os surdos não usem a Libras nos primeiros instantes de contatos com não surdos, por preverem que estes não saberão a sua língua, logo passam a fazê-lo se lhe respondem com esta, o que não aconteceu em grande parte das vivências das relatadas. Mais uma vez, como a língua de sinais é parte central na constituição cultural dos surdos, os métodos comunicativos dos quais os não surdos lançaram mão, nestas ocasiões, apontam para o desconhecimento do ser culturalmente surdo. Vejamos alguns episódios específicos sobre isso.

O entrevistado S1 pontuou que, na instituição de ensino que frequenta, às vezes, o professor, acompanhado por um intérprete, chamou a atenção de seus colegas para que interagissem mais com ele. O docente os incentivou a aprenderem a língua de sinais para se aproximarem mais dele. Ainda comentou sobre algumas estratégias de comunicação *não*

praticadas, e sugeriu:

Na sala de aula, quando quiserem chamar a minha atenção, não precisam gritar, porque eu não ouço. Podem usar interruptor da luz, que eu vou conseguir perceber, porque sou visual. Também podem usar a tecnologia para ajudar os surdos, usando ferramentas de tradução quando falam ou escrevem em português.

O mesmo participante, que esta concluindo seus estudos no Ensino Médio, sugeriu adaptações para contemplar a acessibilidade comunicacional para alunos surdos, exemplificando algumas:

Nas atividades físicas, falta acessibilidade. Por exemplo, numa partida de basquete, como o surdo é visual, a tecnologia pode ser adaptada, para quando se faz pontos ou quando marca falta. O juiz da partida pode usar uma bandeira para sinalizar além do apito. Pode haver um placar luminoso para indicar a falta ou mostrar o tempo que falta para finalizar a partida. A acessibilidade é importante também na prática de um esporte (Trecho da entrevista com o participante S1).

Seguindo, o participante S4 mencionou que, sem o intérprete educacional em sala, os professores continuavam suas aulas, falando e escrevendo no quadro, enquanto ele ficava sentado, observando, sem entender, o que estava acontecendo. Similarmente, S6 nos disse que alguns professores se aproximavam dele gesticulando e fazendo mímicas. Outros deles prosseguiam falando com os alunos ouvintes, enquanto ele permanecia sentado, sem participar ativamente. Adicionalmente, S8 sinalizou que não se relacionava muito com os ouvintes. Ficava mais próxima ao intérprete, com quem podia conversar e interagir. Se o professor fazia a chamada para confirmar a sua presença em sala, os colegas tinham que avisá-lo quando se dizia o seu nome. O surdo S9 destacou que muitos tentavam falar com ele usando a oralidade, mas quando demonstrava que não estava entendendo a mensagem, tentavam a escrita, o que também não funcionava. Frisou-nos que: “Compreendia mais os gestos e mímicas que faziam. Quando eu tentava usar a língua de sinais eles riam de mim porque não entendiam, me chamavam de maluco”.

Estes foram alguns acontecimentos, no campo educacional, que assinalam os desacertos quando da aproximação dos não surdos com os surdos, frutos de desconhecerem os aspectos culturais que os cercam, especialmente concernente à sua língua natural. O amplo desuso da Libras, não obstante sua fundamental importância na comunicação entre não surdos e surdos da comunidade escolar, atesta isso. Entretanto, não podemos deixar de citar que mesmo poucos não surdos neste cenário tentaram se aproximar mais dos estudantes surdos

para conhecerem melhor a sua língua e os seus traços culturais.

Para mais, a necessidade de não surdos na localidade entenderem que os olhos possuem fundamental relevância para o ato de comunicar com os surdos, como afirma Carvalho (2017), se revelou no seguinte relato:

No mês passado eu fui a uma loja ver algumas coisas para o trabalho [...] Tentei falar com o homem sobre a bitola do fio que precisava para fazer uma ligação de tomada ou ligar um ferro. Ele não entendeu e reagiu bravo dizendo que não tinha o produto. Na loja ao lado, entrei e o homem lá me atendeu com calma. Consegui explicar que precisava comprar um fio normal, de utilizar em casa, como o para ligar ferro elétrico ou televisão. O homem me chamou e me mostrou o produto. Eu disse que era aquele sim e agradei por ele ter ficado calmo. Na outra loja o homem ficou nervoso por eu ser surdo. Nesta a pessoa manteve a calma, tentou falar comigo, me ajudou e eu comprei. Então depende de cada pessoa, mas muitas pessoas tratam o surdo com carinho e respeito (Trecho da entrevista com o participante S7).

No âmbito do trabalho, as dificuldades nas conversas com clientes e colegas não surdos ali ficaram evidentes. Destacamos, neste sentido, os obstáculos enfrentados por S4 e S9. O primeiro nos disse que depende das comunicações produzidas por gestos, mímicas e pela escrita para entender que estão próximos à hora de voltar para casa, ao dia de folga ou ao seu período de férias. De outra forma, estas informações precisam ser compreendidas a partir dos informes escritos em língua portuguesa num quadro de avisos. De fato, o local de trabalho, para eles, é mais um espaço em que há predominância ou exclusividade da língua oral e o desafio de provarem que são tão bons trabalhadores quanto os não surdos (Marin e Góes, 2006).

O outro colaborador comentou que precisa se esforçar para entender as orientações de seus supervisores ao dizer: “Falamos comigo sempre por gestos e mímicas. Elas me dizem para arrumar os itens na prateleira fazer a limpeza delas. Eu tenho que compreender os gestos e mímicas”. Mas sabemos que, de acordo com Strobel (2018), a inclusão do trabalhador surdo requer acessibilidades adaptadas às suas necessidades culturais, dentro do local de trabalho e no relacionamento com os colegas. No caso deste e dos demais surdos trabalhadores o que percebemos foi o despreparo cultural para recebê-los. O mesmo surdo, ainda acrescentou concernente às pessoas não surdas que são clientes:

Quando acontece de virem me perguntar alguma coisa e eu indico que não ouço, elas ficam sem graça. Notando isso eu indico que elas podem falar com outra pessoa (*que ouve*) e eles ficam conversando. Percebo que isso é uma barreira e elas não conseguem se aproximar de mim – *Grifo do nosso*.

A comunicação atrofiada dos não surdos com surdos é também desafiadora para o trabalhador S6. Em sua função como auxiliar da construção civil, ele precisa, assim como S1 experimentou e S7 também vivência, descobrir por gestos e mímicas, o que, como e com o que fazer no serviço. Isto comprova o que diz Gomes (2011, p. 82):

“A partir do discurso da norma, o sujeito surdo passa a ser colonizado pela maioria ouvinte, que muitas vezes impõe práticas oralistas não condizentes com os processos linguísticos de surdos, que apontam a Língua de Sinais como língua nativa”.

Ele também experimentou prejuízos por não ter acesso linguístico integral aos informes administrativos e aos conteúdos das aulas teóricas e práticas no percurso de sua capacitação como motorista. Explicitou-nos:

[...] não tirei muito proveito das aulas, perdi quatro vezes o exame. Não conseguia entender as aulas e os vídeos. Era como se tivesse num cinema, somente assistindo o vídeo, mas sem entender. Se tivesse a ajuda de um intérprete antes e pudesse tirar as minhas dúvidas antes, durante o curso, poderia lembrar mais e responder as questões.

O desconhecimento sobre as questões linguísticas afetas aos surdos entrevistados também colocou em desconfortos ao procurarem se comunicar com não surdos em supermercados, lojas, bancos, clínicas, postos de saúde e em cartórios. Nestes cenários também não identificamos que houvesse pessoas que se comunicassem em Libras com eles. Do contrário, precisaram apostar num entendimento por meio de gestos, mímicas e da escrita ou dependiam de algum voluntário, de dentro ou fora de sua família, que atuasse como intérprete nos diálogos ali. Apontamos algumas dessas ocorrências a seguir.

Numa loja, S5 foi mal interpretada ao solicitar a cópia de um documento. Em outros estabelecimentos assim, sabe dos valores das mercadorias quando a indicam com os dedos das mãos ou os escrevem em um papel, na melhor das ocorrências. Recordamos, que S7 também sofreu com o mesmo mal ao buscar comprar produtos numa das lojas que vendem material elétrico. E participante S8, nos falou sem rodeios: “Não adianta usar a língua de sinais porque eles não a conhecem. No mercado ou farmácia, tento informar logo que não escuto. Preciso usar gestos e mímicas”. Comentários sobre a dificuldade de se fazer entender ao fazer compras em mercados ou farmácias foram destacados também por S9. Foi ele que nos revelou: “Na farmácia tenho que usar gestos e mímicas para tentar explicar o que estou

sentindo. O atendente me apresenta o remédio dizendo que é bom, eu aceito e vou pra fila[...]. Mas no mercado é mais difícil porque eles não entendem o que eu escrevo”.

De outra forma, a participante S2 até tentou ir desacompanhada à procura de resolver problemas de ordem financeira num banco na cidade. Porém, frustrada pelo não entendimento por parte do atendente sobre o que precisava resolver, precisou retornar mais tarde com sua cunhada, que a auxiliou na comunicação. No caso de S8, ao tentar resolver uma situação particular numa agência bancária, foi sua mãe quem dialogou com o atendente e ele não teve “voz” ativa durante a conversa. Ressaltamos que, apenas em uma agência bancária da cidade surdos comentaram haver uma pessoa que trabalha nela com um conhecimento razoável para se comunicar em Libras.

A entrevistada S3, experimentou impasses na comunicação com não surdos servidores públicos quando tentou atualizar os dados de seu marido, um surdocego, em uma agência do INSS. Ademais, quando foram ao cartório para dar entrada ao processo do casamento civil, S2, S6 e S9 não encontraram servidores públicos que os atendessem usando a Libras. Nestes casos, foram voluntários das Testemunhas de Jeová que intermediaram as comunicações entre eles.

No âmbito médico hospitalar, S2 ainda precisou do apoio de sua cunhada para mediar a comunicação com os profissionais de saúde durante os 14 dias de internamento de seu filho recém-nascido. Obstáculos desta natureza são enfrentados pelo pai, S6, ao levar seu filho para vacinação no posto de saúde próximo de sua casa. S4 também passou por apertos na comunicação com recepcionistas e médicos, durante um atendimento emergencial. Foi difícil descrever que sentia dores na coluna, assim como, entender quais procedimentos seriam necessários para tratá-la. Em outra ocasião, foi relatado por S5 a tentativa do uso de um aplicativo para atendê-la usando a língua de sinais.

Os episódios de interação entre não surdos e surdos ocorridos nas ruas também demonstraram completo desconhecimento pelas especificidades linguísticas destes para com aqueles. As abordagens, feitas pelas pessoas surdas aos ouvintes, se deram basicamente por gestos e mímicas. As respostas vieram através de gestos para apontamento de direções e localidades, mímicas e a escrita, mas nunca em língua de sinais. Além disso, estes “auxílios” nem sempre foram acertados. Quando isso não foi possível, houve desconfortos como podemos ilustrar no ruído comunicativo entre S1 e o motorista de ônibus que o levou a um destino não intencionado.

Assim, diante da predominante barreira linguística exposta nestes relatos, tivemos as comunicações de não surdos com surdos, aqui consideradas, como incompletas e truncadas.

Estas trouxeram, e trazem, sérias limitações as interações sociais de não surdos com surdos pelo não pleno uso deste artefato cultural dos surdos, sua língua, a de sinais. Isso se harmoniza com Gesser (2009), ao declarar que:

Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua. A ausência dela tem consequências gravíssimas: tornar o indivíduo solitário, além de comprometer o desenvolvimento de suas capacidades mentais. Através da linguagem nos constituímos plenamente como seres humanos, comunicamo-nos com nossos semelhantes, construímos nossas identidades e subjetividades, adquirimos e partilhamos informações que nos possibilitam compreender o mundo que nos cerca [...] (p. 77).

Entretanto, mais uma vez, foi frisado por oito dos nove entrevistados que no grupo dos não surdos Testemunhas de Jeová, da congregação em língua de sinais na localidade, a comunicação por meio da Libras ocorre continuamente. Disso, entendemos que o serviço voluntário realizado por surdos e não surdos, desta religião, ajuda a manter viva a língua dos surdos em meio a sociedade portusegurense. A divulgação da mensagem da Bíblia em Libras feita por eles difunde esta língua na localidade, ao buscarem ensiná-la aos surdos e aos seus familiares bem como, ao promoverem reuniões realizadas diretamente nela. Frisamos que este trabalho não se mostra pautado em um ponto de vista assistencialista, mas no respeito à língua e a cultural das pessoas surdas. Os surdos contatados são estimulados, quais utentes da língua, para se qualificarem como instrutores atuantes tanto nas reuniões congregacionais, quanto nas atividades correlatas promovidas fora do local de adoração. Além disso, acompanhar as pessoas surdas em situações extras religiosas para mediar seus diálogos com não surdos é um aspecto do seu serviço, prestado gratuitamente por voluntários, que minimiza as barreiras comunicacionais em suas interações sociais locais.

4.2.3 As percepções dos entrevistados sobre suas vivências com não surdos na localidade

Ao longo das entrevistas, os participantes surdos teceram, também, comentários mais diretos acerca dos saberes e práticas de não surdos diante das singularidades culturais das pessoas surdas na cidade e como se sentem frente a elas. Estes dizeres são considerados aqui, uma vez que revelam como os surdos significam as interações sociais de não surdos com eles. Os enunciados carregam forte significância ao avaliarmos estes contatos na localidade de

Porto Seguro. Dessa forma, compõem as evidências finais para apontá-los deficientes ou diferentes culturalmente.

Percebemos que, receber uma mínima atenção dos não surdos, conseguir compartilhar pouquíssimo de seus de pensamentos com eles ou ter sua integridade física zelada (no caso dos familiares) foram fatores que levaram alguns dos surdos entrevistados a considerarem que havia alguma interação social significativa entre eles. Em contraste, a comunicação em Libras parece não ter sido um fator chave para os surdos determinarem isso. Foi o caso, por exemplo, de S4, que comentou ter uma boa interação com familiares e colegas de escola e trabalho, embora estes não se comunicassem em Libras com ele. Ademais, quando S7 falou que um surdo era respeitado por sua família, exemplificou com as ocasiões em que ela convida outros surdos a sua casa para fazer uma recreação com o surdo da família. O mesmo participante, quando perguntamos sobre se achava, no geral, que os não surdos demonstravam respeito ao surdo, a sua cultura e identidade, nos disse: “Muitas pessoas, no médico, na farmácia e no banco respeitam os surdos porque em Porto Seguro as pessoas conhecem a cultura do surdo e respeitam”. Aqui notamos uma aparente confusão entre tratar a pessoa surda com dignidade, compaixão ou mesmo profissionalmente e tratá-la levando em conta suas singularidades culturais. Mas uma atitude não, necessariamente, implica. Estas compreensões nos direcionaram para Lopes e Veiga-Neto (2006, p. 85) quando refletiram que:

Na relação com o ouvinte, o surdo foi ensinado a olhar-se e narrar-se como um deficiente auditivo. A marca da deficiência determinou, durante a história dos surdos e da surdez, a condição de submissão normal ouvinte.

Outros entrevistados não enveredaram pela perspectiva anterior, sendo mais incisivos no que consideraram ser atitudes de reconhecimento e valorização da pessoa surda e sua cultura. Podemos citar S2 ao comentar sobre o tratamento que recebeu em sua família e refletir:

O surdo não está numa posição rebaixada em relação aos ouvintes. Percebia que na minha família, às vezes queriam me fazer de boba por ser surda. [...] a minha mãe me dizia que não era pra engravidar, que eu era burra por querer me casar e mudar para minha casa. Me dizia outras coisas assim. A minha mãe ficava surpresa de ver que conseguimos fazer essas coisas- como fazer compras e cuidar do orçamento da casa. Provei que não sou boba.

No caso acima, fica claro o olhar para o surdo como incapaz de realizar plenamente atividades ligadas a sua vida particular e social. Preocupação similar, que vai ao encontro de uma olhar protecionista por causa da deficiência, captamos nas palavras de S4 ao se referir

aos alertas protetores de sua tia, quando nos falou: “Ela me diz pra ficar atento na rua com os perigos e ter cuidado”.

Ainda dentro do cenário de interações familiares, S6 ponderou, ao comentar como era sua comunicação antes de começar a aprender a Libras aos dez anos:

Por gestos e mímicas pedia água, avisava que queria ir ao banheiro [...]. Minha família percebeu que *eu ficava triste e me isolava*. Me perguntavam porque eu ficava assim. Eu dizia que não tinha problema, *percebia que eles ficavam com pena de mim*. – Grifo nosso.

Sentimentos de exclusão similares dessa natureza foram identificados em quase todos os casos locais conhecidos por esta pesquisa, mostrando que o isolamento social ocorre independente das pessoas surdas entrevistadas saberem ou não uma língua de sinais. Como exemplo disso, trazemos a fala de S8, que nos narrou:

É difícil. Eles conversam entre eles. Eu, como não escuto, não consigo interagir. Quando vou perguntar qual é o assunto, me explicam pouco. Eu desisto de saber. Me afasto e vou sentar. Fico calada sempre [...]. Quando eles estão conversando e eu não consigo participar, *me sinto triste*. Sou surda, então *a comunicação assim é bem difícil*. – Grifo nosso.

Mesmo quando há maior envolvimento com os familiares não surdos e o acolhimento afetivo afasta sentimentos de inferioridade do surdo, as interações sociais entre estes carecem de correspondência linguística. Foi o caso de S9. Em seu relato nos disse que, dentre seus parentes, apenas sua mãe está aprendendo a Libras. Mesmo assim, afirmou sobre seus familiares: “Hoje conseguimos interagir bem, mas no passado eu me sentia isolado deles e triste. Depois eles perceberam isso e buscaram se aproximar e interagir mais”. Obviamente, estas aproximações se dão mais pela afetividade que pelo reconhecimento e prática da língua cultural dos surdos. Como preconizou Longman (2007) os filhos surdos de pais ouvintes sentem-se “apátrios” ao desenvolverem um sentimento de exclusão em relação aos seus familiares de ouvintes.

Vejamos, também, alguns comentários dos entrevistados em suas percepções sobre seus contatos com não surdos na instituição de ensino. S4 nos contou que: “Na escola interagíamos. Surdos e ouvintes se tratavam igual. Não me desprezavam por isso. Interagíamos por gestos e mímica. Tive bons amigos”. Aqui, os tratos entre surdos e ouvintes na escola são vistos de forma positiva. Isto se deu, possivelmente, por este surdo ter sido tratado com respeito à sua condição de estudante deficiente e não por ser reconhecido através de seus traços culturais singulares. Dizemos isso por apurar de suas outras falas que os ali não

sabiam a língua de sinais, exceto a sua colega surda. Ademais, logo após a afirmação acima, ele nos falou sobre o que acontecia se faltasse o intérprete de Libras nas aulas, dizendo: “Me deixavam de lado. E os professores também não estavam preocupados com as minhas necessidades, se desapareciam. Tinha que ter paciência”. Frisamos aqui o concebido por Skliar (2013), ao apontar como fracasso para a educação dos surdos:

[...] as representações ouvintistas acerca do que é o sujeito surdo, quais são os seus direitos linguísticos e de cidadania, quais são as teorias de aprendizagem que refletem as condições cognitivas dos surdos, quais as epistemologias do professor ouvinte na sua aproximação com os alunos surdos, quais são os mecanismos de participação das comunidades surdas no processo educativo etc (p. 18).

O participante S8 nos diz como reagia ao perceber que era encarado por seus colegas na escola. Esta reação era provocada, por sua percepção, porque a tinham com uma anormalidade por causa da surdez. Ela nos esclareceu isso ao dizer:

Na escola, quando aconteciam essas zombarias, *ficava muito magoada*. Mas tentava me concentrar nas aulas. Às vezes *ficava desanimada e começava a faltas às aulas*. Mas depois me incentivavam a continuar dizendo que eu iria perder de ano. Eu mudava de ideia e voltava a frequentar a escola. Mas *permanecia sentada, quieta e séria em sala prestando a atenção ao que o professor ensinava embora, por dentro, me sentisse triste*.

Sobre suas concepção dos olhares de não surdos na cidade sobre as condições intelecto-laborais dos surdos, S6 foi direto, ao dizer: “Parece que pensam que sou incapaz por ser surdo”. Em consonância, S9, comentou:

Já fui com a minha mãe em alguns lugares como lojas e farmácias procurar por emprego. Mas nos pediam desculpas e diziam que não tinha vagas para surdos. Percebi que eles *achavam o surdo inferior*. Tirava as minhas conclusões e ficava calado. Outra vez fui a uma pizzaria, por que gostava do serviço de garçom, mas diziam que eu não saberia me comunicar com os clientes e anotar os pedidos. Minha mãe foi comigo a muitos lugares, mas não conseguíamos uma vaga de trabalho. Fomos ao shopping tentar uma vaga de serviços gerais, mas eles também me negaram uma oportunidade. Parece que eles *achavam o surdo não competente. Mas não é assim, o surdo tem capacidade, eles que não reconheciam isso* (Trecho da entrevista com S9).

Esses comentários indicam que estes indivíduos, ao exercerem um labor, não se veem abordados, pelos não surdos, pelos vieses de suas especificidades culturais. No primeiro caso, por ser tratado como incapaz a partir da negação de outras oportunidades buscadas de melhor

colocação no mercado de trabalho. No segundo, pelos não surdos, funcionários e clientes, evitarem a aproximação com a pessoa surda, temendo causar a ele um acidente por distraí-lo do serviço ou simplesmente por não saber como estabelecer com ele o contato. Foi o que ficou explícito em suas palavras:

Nas lojas aonde vou, inicialmente, quase não há interação. As pessoas me observam e saem. Aos poucos, os que trabalham ali vão interagindo comigo um pouco mais, me saudando com um “tchau” e eu dou um sinal “positivo”. [...] *ainda percebo esta visão de inferioridade. Alguns fazem brincadeiras de mau gosto, caçoam ou mordem a camisa. Mas eu tento não ligar* (Trechos da entrevista com S9) – Grifo nosso.

A respeito de outros locais públicos ou privados na cidade, S1 apontou que o surdo ainda é visto como dependente social por ser encarado a partir de uma deficiência, o que gera o preconceito contra ele. Isto é esboçado na forma como foi tratado, como expressou:

Alguns veem o surdo como coitado. Querem ajudar segurando sua mão para levá-lo à escola. Isso deve ser evitado. Quando estou na rua e pergunto algo por escrito, não sabem como reagir. Ficam sem jeito e começam a fazer gestos, enquanto poderiam escrever ou simplesmente apontar para a direção do lugar. Mas, as pessoas reagem assustadas e vão embora. Poderiam ter tentado usar a escrita, mas eles não sabiam disso. Parece que pensam: “Deixa pra lá”. Isso parece preconceituoso, eu não sei (Trecho da entrevista com S1).

Falando sobre a barreira linguística como fator de distanciamento social entre não surdos e surdos, e daqueles que chegam a manifestar interesse pela Libras apenas para usufruto profissional, S2 salientou:

Percebo que *a maior parte tem preconceito*. Conversam entre eles. Como não consigo ouvir, faço perguntas, mas não tenho respostas completas. Percebo que não me dão todas as informações. Por isso penso que existe o preconceito. Alguns não querem aprender Libras. Outros aprendem Libras por outros motivos. Querem se formar e ganhar melhor, mas se acham superiores aos surdos. Acho que isso nunca vai mudar (Trecho da entrevista com S2).

Além disso, em sua observação, S5 destacou que, para ela, sua presença enquanto pessoa surda, mesmo nas mais simples atividades sociais cotidianas, causa nos não surdos estranhamento e sensação de importunação, como explicitou em uma destas ocorrências:

Hoje precisei fazer uma xérox. Fui atendida por uma jovem. Dei a ela o

papel original e indiquei que queria uma cópia, levantando apenas o dedo indicador. Ele não entendeu e me perguntou grosseiramente: “O quê? Um real?”. Eu dei a ela a moeda de vinte e cinco centavos. Ela entendeu que era apenas uma cópia. Depois que peguei os papéis, sinalizei, em Libras, dizendo: “Obrigado”. Ela ficou calada, sem jeito. *Percebi que ela não conhecia os surdos. Alguns acham o surdo chato.* (Trecho da entrevista com S5).

Continuando com suas inferências, nos disse que, ao ir às lojas na localidade:

Alguns agem preconceituosamente. Outros dão atenção. Eu pergunto o valor das roupas e me abrem as mãos com os dez dedos. Eu entendo. Ou escrevem e me mostram. Outros são indiferentes. Percebo que ficam sem jeito comigo (Trecho da entrevista com S5).

E concluiu, quando quisemos saber se sentia, considerando a cidade de Porto Seguro/BA, que os não surdos reagiam com desprezo ou descaso com os surdos em seus contatos sociais, dizendo: “Não todos. Mas alguns parecem que são preconceituosos com os surdos”. E, depois, acrescentou:

Os ouvintes pensam que os surdos são doentes ou deficientes. Não é isso. O surdo tem uma cultura, como os ouvintes têm. É possível e necessário interagirmos. O surdo não é inferior ao ouvinte. Somos iguais. *Os ouvintes precisam usar de empatia e buscar entender a cultura dos surdos. Muitos ainda pensam que os surdos são deficientes ou doentes* (Trecho da entrevista com S5).

O participante S6 compreendeu que os não surdos subestimam as habilidades e competências dos surdos, desconfiando de sua capacidade de desenvolver atividades mais complexas, como a de guiar um automóvel. Foi o que transpareceu ao nos revelar: “... ao descobrir que eu era surdo, me disseram não poderia dirigir pelo risco de acontecer um acidente, que não conseguiria perceber o trânsito, que eu era burro”. Perguntado se achava que não surdos na cidade respeitavam os surdos como pessoas iguais, não os tratando pela ótica para a deficiência, ponderou:

Penso que a maioria tem respeito. Às vezes alguns caçoam do surdo. Por nos comunicarmos em uma língua de sinais, alguns *acham estranho*. Fazem gestos *nos chamando de loucos ou nos arremedam*. Às vezes *dizem coisas ofensivas*. Eu percebo que é assim desde mais novo, na escola, na rua. Alguns nos veem e começam a conversar entre eles. *Acham estranho quando fazemos sinais, dizem que temos problemas mentais*. Já outros conhecem os surdos e nos tratam normalmente.

Para o entrevistado S7, embora ache que a maioria dos não surdos respeite ao surdo como ser humano em Porto Seguro/BA, sua cultura e identidade não é reconhecida. Ele justificou seu pensamento se valendo do frequente desconhecimento da língua de sinais:

Acho que eles respeitam os surdos. Algumas são mais difíceis, impacientes, ficam nervosos, gritam. Mas a maioria respeita. Mas falta aprenderem Libras. Porto Seguro é uma cidade internacional. Tem pessoas que falam inglês, francês. Também seria bom aprenderem Libras por que no mercado, no banco, na farmácia é importante que saibam a Libras.

Já S8 nos fez o comentário que consideramos ser o mais explosivo no que tange aos seus contatos com não surdos pela cidade ao se manifestar sobre isso, afirmando que do seu ponto de vista: “A interação é zero. Nunca acontecesse. Os ouvintes não sabem interagir com os surdos. Não se colocam em nosso lugar”. E, acrescentou: “Não tenho amigos ouvintes. Não me exponho muito. Sou muito quieta”. Comentários com os delas, e sua entrevista por completa, nos revelaram que, por muitas vezes, ela foi destratada enquanto *pessoa* surda, o que é um fator possível desta sua colocação tão taxativa.

Ao fim dos nossos encontros com estes colaboradores foi perguntado a alguns deles sobre o que recomendariam ou almejavam como comportamento dos não surdos ao viverem interações sociais com surdos na cidade de Porto Seguro/BA. As expressões no quadro a seguir são parte de suas declarações, as quais revelam seus anseios para que estas relações sejam diferentes:

Quadro 07 - Recomendações e almejos dos surdos em Porto Seguro/BA, Brasil, para suas interações sociais com não surdos

S1	Diria que, quando encontrarem um surdo que precisa de uma informação, não desistam. Tentem ajudar, escrevendo talvez. É necessário que aprendam a Libras e procurem fazer contato com os surdos para terem esta experiência. Como aconteceu comigo, as pessoas se assustam e vão embora, perdendo esta oportunidade. Podem tentar a escrita ou um aplicativo de celular onde possam encontrar os sinais da Libras. Vou poder ajudar assim. Entendeu? Isso é importante, mas as pessoas perdem esta oportunidade. Isso é um problema. Fazer um curso de Libras seria uma chance. Aprender Libras é importante.
S2	Eu gostaria que as pessoas ouvintes se esforçassem para conseguir mais intérpretes. Eu fico dependendo da minha cunhada. Ela já esta cansada, tem filhos para cuidar. Essa é uma dificuldade. Poderia ter mais cursos de Libras e mais pessoas formadas nessa área. Não tem intérpretes nos postos médicos, nos supermercados, nos lugares privados. Eu percebo que faltam mais ouvintes intérpretes. Às vezes, a minha cunhada não pode me acompanhar e fico sem saída. Os outros que conheço, às vezes também estão ocupados. Por isso tenho que ter paciência e esperar, por minha cunhada.
S5	Que eles aprendam a língua de sinais. Precisamos de intérpretes para nos comunicar quando vamos ao médico, ao banco e em quaisquer outros lugares. Mas o que há é a falta dela. Às vezes, os intérpretes que conheço estão todos ocupados. Precisam aprender uma língua de sinais para que possamos interagir e nos comunicar. E difícil! Eles podem fazer um curso para aprenderem. Essa é uma necessidade. Eu não vou sozinha aos lugares por que não consigo uma comunicação.

	Às vezes, os intérpretes que chamo estão ocupados. Desejo que mais pessoas aprendam a Libras. Alguns querem. Outros não têm interesse. Outros dão como desculpa a falta de tempo.
S6	Nas lojas e nos outros lugares, seria muito bom se eles pudessem aprender a língua de sinais. Nossa comunicação por gestos e mímicas não é completa. Gostaria que eles aprendessem a Libras.
S7	Os ouvintes precisam acreditar nos surdos. O surdo não é doente, não precisa de caridade, não precisa de pena. Os surdos precisam de estímulo. Se as pessoas os estimularem, vão realmente ajudar. Os surdos são como uma planta. Não vão crescer sem estímulos. É preciso acreditar neles. Alguns ficam tristes e deprimidos por não terem oportunidades.
S8	Gostaria... que eles aprendessem a língua de sinais. Já fui convidada duas vezes por um instrutor de Libras para visitar uma turma de ouvintes que estavam fazendo um curso de Libras. Eles ficavam curiosos me perguntando os sinais para várias coisas. Havia pessoas da área de saúde, da aviação, dos supermercados.
S9	Tenho vontade de que os ouvintes façam um curso de Libras para nos comunicar em língua de sinais. Seria um alívio pra mim. Poderíamos interagir sem barreiras. Não precisaria ficar mais preocupado. Quando fosse à farmácia seria a mesma coisa. Tenho vontade que isso aconteça no futuro. Agora não é assim. Seria muito bom se fosse ao médico ou a farmácia e conseguisse e conseguisse me comunicar em língua de sinais ali. Tenho receio de ir sozinho ao médico e acontecer alguma coisa de mal comigo. Por isso, sempre vou com a minha mãe. Gostaria de ter a possibilidade, por exemplo, de ir às consultas ou marcar procedimentos cirúrgicos sozinho com a ajuda de alguém que soubesse a língua de sinais. Existem outras várias situações, mas essa não é uma possibilidade agora. Quem sabe, no futuro.

Fonte: O autor.

4.2.4 Deficientes ou diferentes?

Esta é a pergunta norteadora desta pesquisa com relação as interações sociais de não surdos com surdos na localidade de Porto Seguro/BA, Brasil, cidade conhecida como Terra do Descobrimento. Enfim, podemos as considerar culturalmente deficientes – estabelecidas nos moldes do ouvintismo? Ou diferentes – dadas pelo reconhecimento e valorização das singularidades culturais das pessoas surdas? Acreditamos que, com as evidências mostradas neste trabalho, conseguimos visualizar, neste horizonte, uma direção. Os dados colhidos dos próprios surdos que as vivenciaram ou vivenciam, junto a uma análise sob a ótica cultural para com a surdez e da pessoa surda, nos permite uma averiguação através deste estudo de caso coletivo. Assim, fizemos esta viagem tendo a bordo os surdos participantes e o mapa teórico dos estudos surdos. As três rajadas de vento sendo elas (1) a recepção experimentada pelo surdos, (2) as estratégias de comunicação adotadas pelos surdos e não surdos e (3) as percepções dos entrevistados sobre suas experiências de interação social com não surdos nos conduzem para a “terra” das deficiências ou das diferenças.

Considerando as recepções experimentadas as atitudes dos não surdos demonstraram predominante desconhecimento dos aspectos culturais singulares aos surdos. Percebemos isso nos quatro cenários que consideramos. Este ponto de vista se revela no tratamento que ouvintes lhes dão no dia a dia – quer seja adotando atitudes de rejeição destes indivíduos em

espaços sociais diversos ou pelo comportamento impulsionado pela caridade ou assistencialismo. Recordando Skliar e Quadros (2000) percebemos uma naturalização das construções discursivas “onde o outro, muitas vezes desconhecido, ser torna um repositório de todos os males e um portador das “falhas” sociais”. Vimos que a alteridade permaneceu controlada e regulada por ações explícitas e/ou subliminares, impelidas por ideias homogeneizantes e normalizadoras que estavam muito presentes na Modernidade. O ordenamento social da cidade limita, quando não veta, os sujeitos surdos das atividades sociais corriqueiras, como estudar, trabalhar, consumir produtos e serviços etc.

Ademais, a linguagem dos surdos, em sua forma mais expressiva – a língua de sinais – não foi o meio pelo qual se estabeleceram e estabelecem as interações com os surdos. A Libras é um forte marcador de seus traços culturais expressos pela visualidade (MONTEIRO, 2006, p. 297; QUADROS, 2019). Mas a maioria das estratégias de comunicação escolhidas pelos não surdos demonstra que não a sabiam ou não a reconheciam como legítima. Fica evidente a perpetuação da ótica biológica, que foca o corpo do surdo e não sua cultura – caracterizada especialmente pela experiência visual, pela língua de sinais e pelas identidades surdas, conforme Romário (2018). Visto que há uma intrínseca relação entre os traços culturais dos surdos e o aprendizado e uso da língua de sinais, ignorar ou desprestigiá-la implica que velhas concepções sobre a surdez e os surdos ainda estão bem arraigadas na sociedade portosegurense. As várias tentativas dos não surdos de dialogar utilizando gestos e mímicas, quando não por meio da oralidade ou escrita, corroboram com este argumento.

Além disso, as percepções dos surdos entrevistados sobre as interações sociais de não surdos para com eles, terceiro modo em que analisamos estes contatos, foram, de fato, reveladoras. Suas expressões demonstraram que não se sentem olhados pelo diferença e, sim, pela deficiência. Percebem isso ao conversarem em Libras, quando não surdos os olham com surpresa. Como em Oliveira (2014), por usarem uma língua que é estranha a muitos, enfrentam barreira linguística que os impede de um pleno convívio com a sociedade majoritária ouvinte.

Para mais, segundo os autores consultados o desconhecimento das questões culturais de surdos resulta em sua estigmatização e conseqüente exclusão social, mesmo velada. Descaso, preconceito e discriminação de cunhos linguístico e social foram experimentados pelos participantes, pelo que apuramos das suas falas. Acontece com eles como o afirmado por Sá (2010, p. 324) ao dizer que “as representações geram conseqüências na vida dos nominados, dos enunciados, dos representados”.

Não à toa, repetidamente estes surdos frisaram a necessidade de não surdos

aprenderem a sua língua natural, especificamente, a Libras. Concordamos e trazemos aqui as palavras de Sacks (2010) ao frisar que:

[...] é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. Se não pudermos fazer isso, ficaremos incapacitados e isolados, de um modo bizarro – sejam quais foram nossos desejos, esforços e capacidades inatas (p. 19).

Levando em conta todos os fatores considerados aqui, podemos dizer que a sociedade não surda portosegurense, prevalentemente e muitas vezes sem se dar conta, pensa e age de acordo com as representações e imaginários sociais para a surdez como uma deficiência. Sinalizamos que os percalços nos contatos cotidianos de não surdos com surdos, originados por uma visão patológica, por muito tempo predominante discursivamente a nível mundial, ainda perduram na localidade. Em sua maior parte, as ações dos não surdos frente aos encontros com não surdos nas atividades sociais cotidianas revelam a estranheza, a ignorância e a indiferença em torno da surdez e da pessoa surda. Os tratamentos que receberam ou recebem dos não surdos durante o percurso de sua vida social, em diferentes ambientes de convivência são reflexos das representações criadas e assimiladas pela sociedade.

Portanto, com base nos indícios acima, temos que, por hora, as interações sociais de não surdos com surdos em Porto Seguro/Ba, Brasil são predominantemente deficientes no sentido cultural. Podemos as considerar assim, uma vez que, em sua grande parte, estão calcadas em preconceitos disseminados pelo ouvintismo.

Entretanto, esse pode não ser um destino permanente, na medida em que uma aproximação diferente, firmada no reconhecimento e valorização das singularidades culturais e identitárias dos surdos, expostas aqui, remodelem esses contatos. Que uma abordagem diversa desta, atualmente verificada, é possível fica explícita na iniciativa dos voluntários não surdos Testemunhas de Jeová que se destacaram por conviverem com as diferenças culturais dos surdos e tratá-los à base delas. Se assim outros não surdos fizerem, empreenderão uma nova jornada, rumo a uma sociedade mais culturalmente diferente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, navegamos pelas interações sociais com não surdos que envolvem os surdos na cidade de Porto Seguro/BA, Brasil. Buscando um possível destino, serem culturalmente deficientes ou diferentes, fizemos uma parada obrigatória e ancoramos nossa expedição nas discussões teóricas mais contemporâneas sobre a surdez e as pessoas surdas (BISOL, SPERB T, 2010; GESSER, 2006, 2009; GOES, 2003; GOMES, 2011; LANE, 2002; LODI, 2005, 2006; NAKAGAWA, 2012; PERLIN, 2004, 2013; QUADROS, 1997, 2004, 2019; SÁ, 2013; SACKS, 2010; SKILIAR, 2013; STROBEL, 2007, 2018 para citar alguns).

Á base dos autores citados ao longo do texto, compreendemos que uma visão patológica sobre o não ouvir fisiológico modelou sujeitos nesta situação como “portadores” de uma tida deficiência. E tratados quais deficientes foram por muito tempo. Mais recentemente, porém, a não audição se revelou por um outro caminhar, sobre os trilhos da cultura. A visualidade e gestualidade questionam o privilégio do se expressar pela oralidade. A partir disso, com a gradual legitimação das línguas de sinais como meio de comunicação, abrem-se novos espaços para convivência antes barrados aos não auditivos. A surdez passa a ser vista como traço cultural e os surdos a terem mais oportunidade de convívio em sociedade por causa dessa diferença.

Apesar dessa mudança de foco, a forte disseminação do ouvintismo, onde os que falam e ouvem fisiologicamente são superiores ao que não fazem, especialmente em sua desenvoltura social, estabeleceu historicamente uma preferência. Embora, atualmente, o surdo venha conquistando novos espaços sociais, o estigma e a discriminação por parte de não surdos ainda prevalece, mesmo que velado, horas de forma proposital, horas inconscientemente.

Impulsionados por esta trama, o empirismo nos fez buscar os surdos moradores dessa localidade para averiguar de suas vivências se seus contatos sociais com os não surdos na localidade são influenciados pela visão sobre eles como deficientes ou diferentes. Quisemos aqui saber se essas pessoas surdas têm os seus traços culturais reconhecidos e valorizados nestas interações.

Obviamente, nossa expectativa foi a melhor diante do desafio a que nos propusemos. Cada etapa, desde o projeto, do esboço à finalização desta pesquisa como obra científica, nos causou ânsia de aprender a conhecer e a saber estas realidades locais dentro das questões da vida em sociedade. Empenhamo-nos para trazer ao leitor um panorama localizador da surdez

e das pessoas surdas na contemporaneidade e para localizar as experiências de interações sociais de não surdos com surdos na Terra do Descobrimento.

De fato, foram muitas as descobertas advindas deste esforço, iniciando por congregando os atores principais deste trabalho, os surdos residentes na cidade. Em seguida, realizadas todos os protocolos para aceite e participação dos entrevistados, fomos surpreendidos por uma pandemia do Covid-19 que nos impôs outro desafio: o isolamento e o distanciamento social. Como proceder a um estudo de caso coletivo, dado por meio de entrevistas, sem se aproximar dos indivíduos que desenham esta coletividade? Não medimos esforços para utilizar recursos tecnológicos que nos possibilitaram uma aproximação virtual com esses e colhemos suas contribuições nos encontros virtuais. Entretanto, o jogo não estava vencido. Após a coleta, traduzir, organizar e analisar as informações demandou mais energia e concentração. Mesmo assim, hora excitados, hora esgotados, mantivemos a empolgação até o fim e ao chegar a esta parte final podemos olhar para trás e dizer que todas as horas empregadas foram recompensadas.

Durante o percurso da etapa de análise percebemos que os surdos na cidade ainda sofrem de tratamentos, velados ou não, por causa do predomínio, na sociedade não surda, das representações e imaginários sociais que os moldam como deficientes. O desconhecimento ou conhecimento parcial das singularidades dos indivíduos surdos levam a serem tratados com preconceitos que, por sua vez, geram barreiras comunicacionais e atitudinais. Estas impedem uma maior aproximação dos não surdos deles para além de olhares piedosos, impulsionadas pelo reconhecimento e valorização dos traços culturais singulares dos surdos. Podemos, então, considerar que as interações sociais de não surdos com surdos nas dinâmicas locais são culturalmente deficientes.

No entanto, sinalizamos que as discussões sobre a comunidade surda cidadina não se esgotam com a conclusão deste texto. Em verdade, há espaço para outras jornadas que relevem novos horizontes sobre e para estes sujeitos. De fato, analisar as recepções dos não surdos para com os surdos, as estratégias de comunicação adotadas entre eles e as percepções dos entrevistados sobre a ótica cultural nos apontou outras questões a serem investigadas localmente. Podemos citar, por exemplo, examinar o papel da família no processo de subjetivação desses indivíduos surdos. Verificar as concepções de língua e de cultura que permeiam as práticas de ensino para surdos nas instituições de Educação. Como as práticas pedagógicas podem mitigar atitudes preconceituosas sobre os surdos estudantes? Investigar as ações nas esferas da vida em sociedade que poderiam ser implementadas para um convívio melhor destes sujeitos como cidadãos. Averiguar que oportunidades e condições de trabalho

são oferecidas a eles. Perscrutar como as agências públicas e privadas olham e atendem as precisões culturais deles. Enfim, todos os estudos que levem em consideração sua situação linguística, social, comunitária, cultural e das identidades destes sujeitos surdos.

Neste interim, não podemos deixar de ressaltar o trabalho religioso feito pelas Testemunhas de Jeová. O exemplo que os não surdos da Congregação em Língua de Sinais de Porto Seguro dão, ao suplantar as barreiras, linguística e atitudinal, para se aproximarem culturalmente das pessoas surdas merece nossos elogios e se estabelece como uma referência que pode ser observada em níveis individual, coletivo e, quiçá, institucional.

Finalmente, frisamos que as interações sociais são meio de conhecermos e interiorizarmos as culturas que nos circundam, nos constituindo cultural e identitariamente. Sem dúvida, as relações cotidianas que estabelecemos transformam a forma como enxergamos o outro diferente a partir de seus valores e costumes. Conseqüentemente, os envolvidos nela exercem confluências nos comportamentos de um para com o outro. No caso dos contatos entre não surdos e surdos, vimos que não é diferente.

Ficam aqui, portanto, nossa recomendação e incentivo para que as interações sociais entre não surdos e surdos em Porto Seguro/Ba, Brasil, e além, sejam estreitadas pelo reconhecimento e a valorização de traços culturais deles. Que respeitemos o direito dos surdos de viver culturalmente a surdez de uma forma diferente. A parte disso, que sejamos “mais tolerantes, compassivos, abertos a tratar os surdos com mais consciência, respeito e humanização” (CAMPELLO, 2019, p. 20).

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, P.L.M. **Quem ouve bem vive melhor: um livro para pessoas com problemas de audição e seus familiares**. São Paulo: MG Editores, 2008.

ALBRES, N. A. **História da Língua de Sinais em Campo Grande – MS**. Disponível em: <<https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=60>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de pesquisa**, 2006, 36.129: 637-651.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. Ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BISOL, C. A.; VALENTINI, C. B. Surdez e deficiência auditiva - Qual a diferença? **Objeto de Aprendizagem Incluir**–UCS/FAPERGS, 2011.

BISOL, C.; SPERB T. M.; Discursos sobre a Surdez: Deficiência, Diferença, Singularidade e Construção de Sentido. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jan-Mar 2010, Vol. 26 n. 1, pp. 7-13.

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação de surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/porto-seguro/pesquisa/23/23612?detalhes=true>>. Acesso em: 28 set. 2018.

BRASIL. **Conheça o Brasil – População/Educação**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

_____. **Inclusão**: mais de 79 mil trabalhadores surdos têm carteira assinada no país. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/noticias/5048-mais-de-79-mil-trabalhadores-surdos-tem-carteira-assinada-no-pais>>. Acesso em: 11 mai. 2020.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 24 abr. 2019.

_____. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 19 mai. 2020.

_____. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília, 2010.

_____. **Instrução Normativa Federal nº 5 de 30 de Agosto de 1991** - Dispõe sobre a fiscalização do trabalho das pessoas portadoras de deficiência. SNT - Secretaria Nacional do Trabalho. Disponível em: <https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-10-2001_182118.html>. Acesso: 19 mai. 2020.

BRITO, R. S. **O professor e o processo de Alfabetização do aluno surdo**. Caicó, UFRN, 2015. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1204/1/OProfessorEOProcesso_Brito_2015>. Acesso em 8 set. 2020.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Tradução de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMPELLO, A. R. Palavras Iniciais. In: QUADROS, R. **LIBRAS**. 1. Ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

CARVALHO, L. P. **Análise Discursiva de documentos oficiais sobre o sujeito surdo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – UFSCAR, São Carlos, 2012.

CARVALHO, L. R. DE LIMA. **Deficiente Auditivo: Concepções e Aspectos Fisiológicos**. Valinhos: 2017.

CASTELLS, M. O poder da identidade. In: CASTELLS, Manuel. **Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. v.2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

COSTA, M. V. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, M.V. (org). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007, p. 13-22.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36-61, 2003.

CRISTIANO, A. **Feneis**. Disponível em: <<https://www.libras.com.br/feneis>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

DANTAS, T. "Youtube"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>. Acesso em 28 de julho de 2020.

DESPERTAI. **Tente entender as pessoas**. São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Vol. 101, nº3. 2020. Disponível em: <<https://www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/despertai-no3-2020-nov-dez/preconceito-tente-entender-pessoas/>>. Acesso: 29 dez. 2020.

DOXSEY J. R.; DE RIZ, J. **Metodologia da pesquisa científica**. ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2002-2003. Apostila. Disponível em: <https://cafarufrj.files.wordpress.com/2009/05/metodologia_pesquisa_cientifica.pdf>. Acesso: 14 nov. 2019.

DUARTE, S. B. R. et al. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.- dez. 2013, p.1713-1734.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempero Brasileiro, 1995.

FISCHER, R. M. B. A análise do discurso: para além das palavras e coisas. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 18-37, jul./dez., 1995.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GESSER, A. **Um olho no professor surdo outro na caneta**: ouvintes aprendendo a língua brasileira de sinais. Tese de doutorado inédita, Campinas, UNICAMP: 2006.

_____. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GESUELI, Z. M. Língua de Sinais e Aquisição da Escrita. In: SILVA I. R.; KAUCHAKJE, S.; Z. M. GESUELI. (orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem**: Desafios e realidades. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso: 14 nov. 2019.

GÓES, M. C. R. DE. Prefácio. In: SILVA I. R.; KAUCHAKJE, S.; Z. M. GESUELI. (orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem**: Desafios e realidades. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

GOMES, A. P. G. **O imperativo da cultura surda no plano conceitual**: emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursivos. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria: CE/PPGE, 2011.

GONTIJO L. V. **A compreensão dos profissionais sobre a portaria GM/MS nº 1278/1999 que regulamenta o implante coclear**: um estudo no hospital universitário de Brasília. [monografia]. Brasília: Universidade de Brasília; 2012.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº 2, jul/dez., 1997, p.15-46.

_____. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. **Representation**: Cultural Representations and Signifying Practices. London: Sage, 1997.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais/Stuart Hall; Orgs LivSovik; Tradução Adelaide La Guardia Resende...[et all]. 1ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro (trad.). Rio de Janeiro: Lamparina. 2019.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. DE S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOHNSON, R. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVIA, T. T. (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KAUCHAKJE, S. “Comunidade Surda”: As demandas identitárias no campo dos direitos, da inclusão e da participação social. IN: In: SILVA I. R.; KAUCHAKJE, S.; Z. M. GESUELI. (orgs.). **Cidadania, surdez e**

linguagem: Desafios e realidades. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

KLEIN, M. Os discursos sobre a surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

KUMADA, K. M. O. **Libras: Aspectos Linguísticos.** Valinhos: 2017.

LABORIT. A presença do intérprete de Língua de Sinais na Mediação Social entre Surdos e Ouvintes. In: SILVA I. R.; KAUCHAKJE, S.; Z. M. GESUELI. (orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem:** Desafios e realidades. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

LACERDA, C. B. F. **Os processos dialógicos entre aluno surdo e professor ouvinte: examinando a construção de conhecimentos.** Tese, Doutorado em Psicologia da Educação. Campinas, São Paulo: Faculdade de Educação Unicamp, 1996.

LANE, H. When the Mind Hears: a History of the Deaf. New York: Random House, 1984. LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, nº 19, jan./abr., 2002, p. 20-28.

_____. **A máscara da benevolência:** a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (LIBRAS):** um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese de doutorado inédita. São Paulo: USP, 2008.

LIMA, H. & SPINK, M. Rigor e visibilidade; a explicação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. (org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano; aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

LIMA, M. C. M. P.; BOECHAT, H. A.; TEGA, M. Habilitação Fonoaudiológica da Surdez: Uma experiência no Cepr/FCM/Unicamp. In: SILVA I. R.; KAUCHAKJE, S.; Z. M. GESUELI. (orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem:** Desafios e realidades. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

LODI, A. C. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, 2005. p. 409-424.

_____. **A leitura como segunda língua:** Práticas de linguagem constitutivas da(s) subjetividade(s) de um grupo de surdos adultos. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 185-204, maio/ago. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a05v2669.pdf>> Acesso: 3 set. 2019.

LONGMAN, L. V. **Memórias de Surdos.** Recife: Massangana, 2007.

LOPES, M. C. **Surdez & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, M.; VEIGA-NETO, A. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. especial, p 81-100, jul.-dez. 2006. Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

LOURO, G. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado – Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2000. p. 5-24.

LULKIN, S. A. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

MAGNANI, J. G. Cantor. "**Vai ter música?**": para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. Disponível em < <http://pontourbe.revues.org/1239>> Acesso em 13 mai. 2020.

MARCHESI, A. Comunicação, linguagem e pensamento das crianças surdas. In: COLL, C.; PALÁCIO, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MARIN, C. R.; GÓES, M. C. R. DE. **A experiência de pessoas surdas em esferas de atividade do cotidiano**. Caderno Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 231-249, maio/ago. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso 27 mar. 2020.

MEDRADO, B. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

MENEGON & SPINK, M. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

MONTEIRO, M. S. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.295-305, jun. 2006 .

NAKAGAWA, H. E. I. **Culturas surdas: o que se vê, o que se ouve**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Comunicação) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: < https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8801/1/ulfl128697_tm.pdf>. Acesso 15 de out. 2019.

OLIVEIRA, J. A. A. Implante coclear. **Medicina**, v. 38:3/4 (p. 262-272). Ribeirão Preto: SP, jul./dez. 2005.

OLIVEIRA, S. R. N. Surdo: Um Estrangeiro em seu País. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**. v.3 n.2 maio/ago. 2014.

PADDEN, C.; HUMPHIRES, T. **Deaf in America: voice from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PEREIRA, Maria Cristina Pires Pereira. **Testes de proficiência linguística em língua de sinais: as possibilidades para os intérpretes de LIBRAS**. 2008. 181p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

PERLIN, G. O lugar da cultura surda. In: LOPES, M. C.; THOMA, A. DA S. (Org.). **A invenção da surdez:**

cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2004.

_____. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. **Revista de Educação e Processos Inclusivos**, UFSC/CED/NUP. Florianópolis, n. 5, 2003.

PERLIN, G.; QUADROS, R. M. DE. Ouvinte: o outro do ser surdo. In: **Estudos Surdos I**. QUADROS, R. M. DE (org.). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006, p. 166-185.

PORFÍRIO, F. "Alteridade". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm>. Acesso em 13 de maio de 2020.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **O tradutor e intérprete da língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria da Educação Especial – Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

_____. **LIBRAS**. 1. Ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M., & KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; PIZZO A. L.; REZENDE P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II**. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf>. Acesso: 8 set. 2020.

QUADROS, R. M.; SCHIMIEDT, M. **Ideias para Ensinar Português para alunos Surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RODRIGUES, L. DE O. "Conceito de alteridade"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm>. Acesso em 19 de junho de 2019.

ROMÁRIO, L. **Pedagogia surda**: cultura, diferença e construção de identidades. Curitiba: CRV, 2018.

S1. Entrevista com o participante S1. Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Set., 2020. 1 arquivo .mp4 (117 min.).

S2. Entrevista com o participante S2. Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (105 min.).

S3. Entrevista com o participante S3. Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 2 arquivos .mp4 (48 min.).

S4. **Entrevista com o participante S4.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (95 min.).

S5. **Entrevista com o participante S5.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (54 min.).

S6. **Entrevista com o participante S6.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (83 min.).

S7. **Entrevista com o participante S7.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (98 min.).

S8. **Entrevista com o participante S8.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 1 arquivo .mp4 (81 min.).

S9. **Entrevista com o participante S9.** Entrevistador: Roberto do Amaral Santos Júnior. Porto Seguro, BA. Out., 2020. 2 arquivos .mp4 (126 min.).

SÁ, N. R. **Cultura, poder e educação de surdos.** 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2010. _____. O discurso surdo: a escuta dos sinais. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos;** tradução Laura Teixeira Motta. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTOS JUNIOR, R. A.; ROCHEBOIS, C. B.; RABBANI, R. M. R. A condição de refugiado e ser “estrangeiro” em seu próprio país: relações sociais análogas. In: **Tessituras entre estado e sociedade.** 1 ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, v.1, p. 140-158.

SANTOS, B. DE S. **Um discurso sobre as ciências.** 7. Ed. São Paulo: Cortez: 2010.

SANTOS, M. F. C.; LIMA M. C. M. P.; ROSSI, T. R. F.; Surdez: Diagnóstico Audiológico. In: SILVA I. R.; KAUCHAKJE, S.; Z. M. GESUELI. (orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem: Desafios e realidades.** São Paulo: Plexus Editora, 2003.

SILVA, A. B. DE P. E. Surdez, Inteligência e Afetividade. In: SILVA I. R.; KAUCHAKJE, S.; Z. M. GESUELI. (orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem: Desafios e realidades.** São Paulo: Plexus Editora, 2003.

SILVA, T. T. DA. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, M. V. Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editorra, 2007, p. 117-138.

SILVA, V. Educação de Surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso

de Milão em 1880. In: QUADROS, Ronice (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 14-37.

SILVA, I. R.; KUMADA, K.M.O. Representações sobre o contexto multilíngue da surdez. **Revista Interdisciplinar**. v. 19, n. 01 - Ano VIII - jul-dez de 2013.

SILVIA, T. T. DA. O sujeito da educação: estudos foucaultianos. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SKLIAR, C. B. & QUADROS, R. **Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão**: os ouvintes no mundo dos surdos. São Paulo: Estilos da Clínica, 2000.

_____. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2013 [1998]. p. 7-32.

SODRÉ, M. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14.

SOUZA, R. M. **Parecer sobre a proposta de tese de doutorado de Nídia Regina Limeira de Sá, de 8 de outubro de 1999**. Porto Alegre, UFRGS/FACED/PP-GEDU, 1999.

STAKE. R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 2000. p. 435-454.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.

STROBEL, K. L. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007. pp. 18 – 37.

_____. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed.1. reimp. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.

TBENEDETTI, C. R. **Fundamento Histórico Cultural da Educação de Surdos**. Valinhos: 2016.

TEFILI, D.; BARRAULT G. F. G.; FERREIRA A. A.; CORDIOLI, J. A.; LETTNIN, D. V. Implantes cocleares: aspectos tecnológicos e papel socioeconômico. **Revista Brasileira de Engenharia Biomédica**, v. 29, n. 4, p. 414-433, dez. 2013.

TESKE, O. A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: o processo de formação das comunidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

THOMA, A. DA S. Surdo: esse “outro” de que fala a mídia. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

VEIGA-NETO, Paradigmas? Cuidado com eles! In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

VEIGA-NETO. **Foucault & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIANA, A. DOS S. **A inserção dos surdos no mercado de trabalho: políticas públicas, práticas organizacionais e realidades subjetivas**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração) - Universidade do Grande Rio. 2010. Disponível em <<http://tede.unigranrio.edu.br/handle/tede/88>>. Acesso 11 mai. 2020.

VISURDO: **Como se comunicar com um surdo?** Produção de Andrei e Taína Borges. Youtube. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=J1_a5aM1Vmw>. Acesso em: 9 dez. 2020.

WITCHES, P. H., LOPES, M. C. Surdez como matriz de experiência. **Revista Espaço**, nº 43, jan-jun de 2015. Rio de Janeiro: INES, 2015.

WITCHES, P. H.; LOPES, M. C. Forma de vida surda e seus marcadores culturais. **Educação em Revista**. v. 34. EDUR: Belo Horizonte, 2018.

WRIGLEY, O. **The politics of deafness**. Washington, Gallaudet University Press, 1996.


WRIGLEY, O. **The politics of deafness**. Washington, Gallaudet University Press, 1997.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira**. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2006.

YIN, R. K. **Case study research: design and methods**. London: Sage, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

	<p>SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB) COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFSB</p>
---	--

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016)

Convidamos o(a) sr.(a) para participar da pesquisa **INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS NO MUNICÍPIO DE PORTO SEGURO, BAHIA, BRASIL: DEFICIENTES OU DIFERENTES?**, sob a responsabilidade do pesquisador Roberto do Amaral Santos Júnior. Procuramos, através dela, analisar essas relações em cenários de constantes trocas no mundo social: como na família, na instituição de ensino, no local de trabalho e em estabelecimentos locais, públicos ou privados.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista filmada, na qual responderá a 15 (quinze) questões. Elas buscarão saber aspectos referentes à sua vida cotidiana, à sua comunicação com não surdos e algumas de suas experiências de interação social com eles. O tempo previsto para considerar todas as questões é de aproximadamente duas horas. Junto a este convite segue anexo o **Roteiro para Entrevista com os Participantes**, para seu conhecimento. Todas as perguntas e respostas serão elaboradas, preferencialmente em Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Devido ao quadro atual de pandemia, e acatando as orientações das autoridades sanitárias internacionais e locais, as entrevistas serão realizadas por videoconferência, de dentro de sua casa ou de outro local que preferir. Para isso, é necessário que tenha acesso à internet e algum dispositivo móvel que permita a conectividade entre o pesquisador e participante. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, se o/a Sr. tiver alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável.

Se aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para despertar reflexões sobre as interações sociais de não surdos com surdos na dinâmica local, para que sejam impulsionadas pelo reconhecimento e valorização da constituição cultural e identitária da pessoa surda.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são de desconfortos emocionais associados às informações que prestar. Caso uma dessas vivências ocorra, a prestação de serviços para tratar os danos envolvidos será prontamente providenciada, com a assistência de tratamentos de saúde necessários, de cunho clínico-terapêutico fornecido em parceria com Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, localizado na cidade de Porto Seguro. Fica assegurado o direito a indenização, caso seja devidamente justificada.

Se, depois de aceitar participar, o/a Sr.(a) desistir de continuar colaborando, tem o direito e a liberdade de solicitar ao pesquisador sua desistência, em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois das entrevistas, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

A qualquer tempo, como participante voluntário/a poderá esclarecer dúvidas relacionadas à sua participação. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. O/a Sr.(a) tem acesso livre ao material registrado de sua entrevista e aos resultados produzidos pela pesquisa. Ficam mantidos os compromissos de sigilo e privacidade dos participantes em todas as etapas da pesquisa.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Rua das Andorinhas, nº 14, Loteamento Paraíso do Descobrimento, Bairro Coroa Vermelha, CEP 45807-000, Município de Santa Cruz Cabrália, bem como pelo telefone (073) 991280531, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia – CEP/UFSB, Praça Joana Angélica, nº 250, Bairro São José, Teixeira de Freitas, Bahia, telefone – 3291-2089. O e-mail do CEP/UFSB é: cep@ufsb.edu.br. A sigla CEP significa Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos, que foi criado para defender os interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos pela RESOLUÇÃO nº 18 /2016/CONSUNI.

Este documento é emitido em duas vias, as quais serão assinadas pelo pesquisador/a e o/a participante, ficando uma via com cada um deles.

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

Eu, Roberto do Amaral Santos Júnior, pesquisador responsável pela pesquisa **INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS NO MUNICÍPIO DE PORTO SEGURO, BAHIA, BRASIL: DEFICIENTES OU DIFERENTES?**, me comprometo a seguir os procedimentos apresentados acima. Estou ciente dos deveres e responsabilidades envolvidos para a realização das entrevistas. Afirmo que as informações contidas neste TCLE foram transmitidas de forma acessível e transparente, em formas escrita, oral ou sinalizada em Libras, para que o convidado a participar de uma pesquisa de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida. O/a voluntário/a que participar receberá, obrigatoriamente, uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinada por mim e pelo participante.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

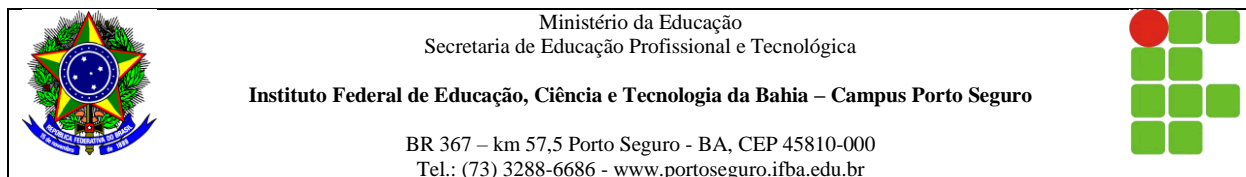
Eu, _____, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser.

Assinatura do participante

Pesquisador/a Responsável

Porto Seguro, Ba, em _____ de _____ de 20_____.

APÊNDICE B – TERMO DE ANUÊNCIA



**TERMO DE ANUÊNCIA**

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado **INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS NO MUNICÍPIO DE PORTO SEGURO, BAHIA, BRASIL: DEFICIENTES OU DIFERENTES?**, sob a coordenação e a responsabilidade do Prof. Roberto do Amaral Santos Júnior do Setor/Departamento de Coordenação de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas – CAPNE, o qual terá o apoio desta Instituição.

Porto Seguro, Bahia, _____ de 20__.

Prof. Ricardo de Almeida Cunha
Diretor Geral/IFBA-Campus Porto Seguro
(carimbar)

APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DO SERVIÇO DE PSICOLOGIA

	<p>Ministério da Educação Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica</p> <p>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – Campus Porto Seguro</p> <p>BR 367 – km 57,5 Porto Seguro - BA, CEP 45810-000 Tel.: (73) 3288-6686 - www.portoseguro.ifba.edu.br</p>	
---	---	---

DECLARAÇÃO

Eu, Kleuber Gama Barreto, Psicólogo atuante no Instituto Federal de Educação – Campus Porto Seguro/BA declaro, para os devidos fins, que o serviço de Psicologia atenderá, caso necessário, ao público externo, a saber, os participantes do projeto de pesquisa intitulado **INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS NO MUNICÍPIO DE PORTO SEGURO, BAHIA, BRASIL: DEFICIENTES OU DIFERENTES?**, sob a coordenação e a responsabilidade do Prof. Roberto do Amaral Santos Júnior do Setor/Departamento de Coordenação de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas – CAPNE.

Porto Seguro, Bahia, _____ de 20_____.

Esp. Kleuber Gama Barreto
Psicólogo/IFBA-Campus Porto Seguro
(carimbar)

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES

	<p>SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)</p>
---	---

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES

BLOCO I – DADOS PESSOAIS PONTUAIS

1. Qual é a sua idade?
2. Onde você nasceu?
3. Há quanto tempo mora na região de Porto Seguro?
4. Com quem mais você mora?
5. Qual é o grau da sua escolaridade?
6. Qual o seu trabalho/profissão?
7. Sobre sua surdez: quando e como surgiu? Como está classificada no último exame audiométrico que fez?
8. Faz uso de dispositivos de amplificação sonora (AASI)?
9. Faz algum tipo de terapia fonoaudiológica com acompanhamento de um profissional? Se sim, por quanto tempo?
10. É usuário de uma língua de sinais? Qual delas? Como a aprendeu? Quando e com quem?

BLOCO II – RECURSOS COMUNICACIONAIS NAS INTERAÇÕES SOCIAIS COM NÃO SURDOS

11. Qual dos recursos abaixo faz mais uso ao buscar se comunicar com não surdos?

	Escrita em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Com familiares					
b) Com amigos					
c) Com pessoas no local onde					

estuda					
d) Com pessoas no local onde trabalha					
e) Com pessoas nos locais públicos ou privados na cidade					

BLOCO III – EXPERIÊNCIAS DE INTERAÇÕES SOCIAIS DE NÃO SURDOS COM SURDOS

12. Caso tenha familiares não surdos que moram com ou perto de você na cidade de Porto Seguro, como vocês interagem no dia a dia? Poderia citar um exemplo disso?

13. Caso tenha estudado ou estude com pessoas não surdas em uma instituição de ensino na cidade de Porto Seguro/BA, poderia contar como vocês interagiam ou interagem ali? Poderia contar uma experiência sobre isso?

14. Caso tenha trabalhado ou trabalhe com pessoas não surdas na cidade de Porto Seguro, poderia contar como vocês ali interagiam ou interagem? Poderia contar uma experiência sobre isso?

15. Em locais públicos ou privados na região de Porto Seguro, (como os de assistência à saúde, assistência jurídica, assistência financeira, religiosos ou outros que recorde) nos encontros com pessoas não surdas ali, como são as interações entre vocês? Poderia contar uma experiência sobre isso?

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S1

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFESB)
---	--

ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S1

DATA: 25/09/2020

DURAÇÃO: 117min

- 1) (?) anos.
- 2) Eu já nasci surdo, na cidade de (?).
- 3) Em 2011, vim para Porto Seguro, onde moro até o momento. São mais ou menos nove anos.
- 4) Somos cinco pessoas na família: duas irmãs, meu pai, minha mãe e eu. Minhas duas irmãs casaram e mudaram para outra cidade. Agora, aqui em casa, somos três: meu pai, minha mãe e eu.
- 5) Vou explicar, quando eu era criança, com quatro ou cinco anos, comecei a frequentar a escola, mas lá não tinha acessibilidade. A professora não sabia Libras e não tinha intérprete. Todos os outros alunos eram ouvintes. Quando a professora falava, eu não entendia, por que não tínhamos comunicação. E, por conta disso, deixei de frequentar por um tempo a escola. Depois voltei a estudar, mesmo nessas condições e quando estava no terceiro ano primário, mudei para Porto Seguro. Comecei a frequentar o CEAME e, lá, havia acessibilidade. Estudavam ali outras pessoas deficientes. A professora surda ensinava através da visualidade, usando Libras. Eu comecei a aprender o nível básico da Libras, naquelas aulas e também interagindo em contato com os alunos ali. Naquele tempo, tinha dezesseis anos e antes disso não tive essa oportunidade. Demorei quatro anos para aprender bem esta língua porque foi a primeira vez que estudei tendo acessibilidade. Depois, mudei para outra escola privada, próximo a minha casa e ali estudei do quinto ao nono ano, à noite. Era o único surdo na escola. Tendo o surdo o direito, a pessoa responsável providenciou a chegada de dois intérpretes. Eles ajudavam os professores das disciplinas. Assim tive mais ânimo para aprender, graças a Deus, e consegui me formar, terminando o nono ano e sendo aprovado para o primeiro ano do Ensino Médio. Depois disso, tentei ingressar numa escola, uma instituição federal, participando de um concurso. Fiz a prova e fiquei na torcida, esperando a resposta. Depois recebi uma mensagem avisando que eu tinha conseguido a vaga. Escolhi fazer o curso Técnico em Informática ali. É uma escola que tem acessibilidade, interpretação em Libras e diferentes adaptações para mim. Agradeço a Deus por isso! Agora, por causa da pandemia, estou aguardando retorno às aulas, talvez para o próximo ano. Mas a escola esta se organizando para o ensino remoto a partir do mês de outubro. Eu tenho vontade de cursar uma faculdade no futuro.
- 6) Agora não estou trabalhando. Estou focado nos estudos.
- 7) No ouvido direito tenho nove, no ouvido esquerdo tenho seis. Minha surdez é profunda nos dois lados.

Entrevistador: Depois poderia me enviar a foto do seu ultimo exame. Mas como você

ficou surdo?

S1: Eu nasci surdo. A minha família não sabe bem o por quê. Mas, depois que descobriu que era surdo, a minha mãe me levou ao médico para fazer exames e o diagnóstico foi surdez profunda.

- 8) Eu tenho e faço uso do aparelho auditivo, mas só percebo com ele o barulho produzido por carro, moto e avião ou latido de um cachorro. Também consigo perceber se pessoas estão conversando perto de mim, mas não compreendo muito sobre o que estão falando. Meu conhecimento da língua portuguesa é básico. A minha mãe me ensinou a falar algumas palavras que reconheço, como “pai” e “mãe”. Mas outras, quando ouço, fico confuso, desconheço. Não ouço perfeitamente. É difícil. O aparelho agora apresentou defeito. Vamos mandá-lo a para outra cidade para conserto.
- 9) Fiz terapia por quase um ano, entre 2017 e 2018. Frequentava toda terça, usando aparelho auditivo, e a professora me ensinava a desenvolver a fala. Mas desenvolver a oralidade leva tempo. Conseguia falar corretamente algumas palavras, mas muitas não. Faltava a ela associar as palavras aos sinais. O foco era a leitura labial. Depois de pouco mais de seis meses, parei por que fiquei focado nos estudos.
- 10) Já tive curiosidade de aprender a língua americana de sinais, a ASL, começando pelo nível básico. Também a língua britânica de sinais. E tenho contato com um surdo na Arábia, que me ensina a língua de sinais de lá.

Entrevistador: Mas qual é a sua principal língua de sinais? Sua primeira língua?

S1: Minha primeira língua de sinais é a do Brasil. Depois a americana, a britânica e a arábica.

Entrevistador: Como você aprendeu a língua de sinais?

S1: Comecei a aprender aos 16 anos na escola e também interagindo com os surdos ali por quatro anos. Antes dos dezesseis anos era bem difícil.

Entrevistador: Você falou que aos dezesseis anos começou a aprender. Quem te ensinava?

S1: Uma professora surda me ensinava.

Entrevistador: Numa escola aqui em Porto? Em que ano?

S1: Em 2012 comecei a frequentar uma escola pra deficientes. Lá a professora me ensinava aprender os sinais.

Entrevistador: Você me explicou que aos dezesseis anos começou a aprender uma língua de sinais. E antes disso, como você se comunicava?

S1: Antes do dezesseis anos eu só usava mímica e gestos. A comunicação era muito pouco e não era acertada. Era truncada e difícil.

Entrevistador: Antes dos dezesseis anos, você não tinha contato com os surdos?

S1: Não. Não os encontrei, nem tive contato.

Entrevistador: Foi aqui em Porto que iniciou seu contato com os surdos?

S1: Somente em 2012 ingressei numa escola que tinha acessibilidade.

11)

	Escrita em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Com familiares				X	X
b) Com amigos	X	X			
c) Com pessoas no local onde estuda	X				
d) Com pessoas no local onde trabalha		X			
e) Com pessoas nos locais públicos ou privados na cidade	X				

- a) Antes, minha família não sabia Libras, usávamos gestos e mímicas. A comunicação era difícil e, quando queriam me dizer alguma coisa, me assustavam. Agora a minha família fez um curso básico de Libras e conseguimos nos comunicar em Libras. Também uso a oralidade. Mas eu uso mais a Libras e pouco a oralidade. A minha mãe sabe o básico de Libras e as minhas irmãs também. Meu pai não sabe Libras.

Entrevistador: Da sua família só três pessoas moram com você ou tem outros parentes que moram perto?

S1: Tenho um primo que nos visita de vez em quando. Com ele consigo conversar e interagir um pouco. Ele me pergunta sobre muitos sinais, soletrando as palavras. Em sete meses ele conseguiu se desenvolver e conversamos o básico na língua de sinais.

Entrevistador: É um homem ou uma mulher? Qual a idade?

S1: É um jovem de 18 anos. E conversamos em Libras. É legal!

- b) Três. Mas eles não sabem sinais, eu me comunico por escrita ou por gestos e mímicas, mas os três tem vontade de aprender a língua de sinais.

Entrevistador: Por que você acha que eles ainda não sabem a língua de sinais?

S1: Eles sabem um pouco. Como por exemplo, as saudações. Mas, se esquecem muito. Então, quando não consigo me comunicar em libras com eles, uso a escrita.

Entrevistador: São homens ou mulheres? Vocês costumam sair juntos para passear?

S1: Sim. Eles me chamam para tomar banho na piscina, comer. Nesses momentos aproveito pra ensinar alguns sinais, como o para refrigerante. Eles têm curiosidade para aprender, mas é um processo demorado.

- c) Na escola, com os colegas, me comunico por escrito e também por mensagens de texto através de um aplicativo. Alguns alunos me perguntam se eu posso ensinar a língua de sinais e eu digo que sim. Mas, às vezes, tenho que usar a mímica e os gestos.

Entrevistador: Você me contou que esta fazendo um curso profissionalizante. No ambiente da escola qual desses recursos você mais usa?

S1: A escrita é o que eu mais uso. E um pouco a língua de sinais. Tem apenas uma aluna com a qual consigo me comunicar usando a língua de sinais.

- d) Quando eu tinha dezesseis anos, trabalhei como ajudante na construção civil junto com uma pessoa de minha família. Nós dois nos comunicávamos por gestos e mímicas. Era difícil. Acontecia o meu tio me pedir para fazer algo e eu não entendia. Era confuso. Ficava sem saber qual ferramenta deveria pegar. Meu tio ficava irritado e reclamando. Quando conseguia entender e buscar a ferramenta certa ele me dizia para andar rápido com o serviço e isso acontecia outras vezes. Sofri por isso. Ficava magoado e triste. Depois abandonei o serviço.

Entrevistador: Seu tio não sabe língua de sinais?

S1: É, meu tio não sabe língua de sinais.

Entrevistador: Neste trabalho eram só vocês dois, ou tinha outras pessoas que trabalhavam com vocês?

S1: Somente nós dois.

- e) Usam um pouco a escrita. A comunicação não flui.

Entrevistador: Se você está na rua e precisa se comunicar com algum ouvinte, como você faz?

S1: Eu uso a escrita. Mas alguns não respeitam isso.

- 12) No passado a minha família não sabia Libras e nos comunicávamos por mímicas e gestos. Agora, meu primo esta aprendendo e conseguimos nos comunicar em Libras. Tenho outro primo surdo com o qual me comunico em Libras.

Entrevistador: Você acha que sua família interage com você enquanto surdo, ou acha que falta algo nesta interação?

S1: Com meu primo surdo consigo interagir em sinais, também trocamos e-mail e nos falamos por vídeoconferência às vezes.

Entrevistador: Entendi. Com seu primo surdo vocês interagem bem. Mas com outros familiares ouvintes, como você avalia a interação entre vocês? Pode dar um exemplo?

S1: Verdade. Com outros membros da família uso muito a escrita pelo celular e um

aplicativo que mostra os sinais. Eles veem e consegue entender, mas falta um pouco de interação.

Entrevistador: Você falou que falta um pouco de interação. Poderia dar algum exemplo que mostra isso?

S1: Antes eu não sabia Libras, não conseguia me comunicar. Era difícil, me sentia triste e sozinho. Não conseguíamos interagir. Por algum tempo faltou interação. Hoje tenho esses dois primos, um ouvinte e o outro surdo com o qual consigo interagir, mas outros da família não sabem tão bem Libras. Para conseguir interagir preciso de paciência.

Entrevistador: Você falou que a maior parte da sua família você interage pouco. Como você acha que eles veem a você? O que percebe neste sentido?

S1: Quando eu só sabia me expressar por gestos e mímicas, nosso contato era pouco. Eles conversavam, mas falando entre eles. Por exemplo, quando nós saímos juntos, eles iniciavam uma conversa falando um com os outros e eu apenas observava sentado, quieto, sem participar dos assuntos. Isso também era difícil. Hoje isso continua acontecendo. Só minha mãe que sabe um pouco da língua de sinais para me explicar sobre o que estão conversando.

Entrevistador: Com seus familiares ouvintes, se você precisa de alguma coisa e os procura, você acha que eles te dão atenção e procuram interagir com você?

S1: Por exemplo, às vezes quando estão conversando, sinalizo interrompendo a conversa e pergunto a minha mãe do que se trata e ela me explica bem resumidamente o que é. Essa é uma dificuldade. Com outros familiares é na base de gestos e mímicas. A interação é pouca e exige paciência. Eu os procuro às vezes e eles me dão alguma atenção.

Entrevistador: Você acha que em sua família os ouvintes conhecem a pessoa surda, a sua cultura e a respeitam? Você se sente incluído nela?

S1: Bom, nossa comunicação é pouca. Com alguns, ela falta. Da minha mãe é que tenho mais atenção. Mesmo assim, às vezes, quando estamos conversando, ela abruptamente interrompe a conversa e se volta para resolver outra coisa. Isso acontece. Já a minha irmã, quando pergunto a ela sobre alguma coisa que quero saber, me dá atenção e me ajuda dando mais explicações e, assim, consigo entender. Meus familiares me chamam para passear, ir à praia. Fazemos algumas recreações. Mas já tive muitos problemas pela falta de comunicação e de atenção. Procurava manter a calma. Me sentia sozinho quando conversavam só entre eles e comigo muito pouco. Isso tem melhorado, mas continua acontecendo às vezes. Não tem problema.

Entrevistador: Você acha que os ouvintes na sua família tem algum conhecimento sobre a cultura surda?

S1: Meus familiares não sabem sobre isso. Mas fomos num evento em que um tema tratado lá foi o da cultura surda.

Entrevistador: Pode dizer qual foi o evento?

S1: Em 2019, eu fui com minha família para uma cidade onde participamos de um evento, em uma Faculdade, que tinha como temática a cultura e os movimentos sociais de surdos. Também no mês de setembro assistimos a um evento na escola onde o palestrante surdo falou sobre a cultura surda e a família do surdo. Minha mãe e minhas irmãs são as

únicas que conhecem esse tema. Os outros familiares não. Converso sobre isso com o meu primo para ajudá-lo a compreender.

Entrevistador: Com o seu primo ouvinte?

S1: Sim, explico pra ele sobre as questões históricas e de existência que envolvem os surdos.

- 13) Antes na outra escola, éramos três amigos surdos. Com outros alunos interagia pouco. Agora na escola onde eu estudo, tem uma aluna com a qual consigo interagir e outro colega também.

Entrevistador: Você disse que na sua atual escola, consegue interagir com dois ouvintes. Você pode dar algum exemplo disso?

S1: Um deles tomou a iniciativa de vir conversar comigo e assim iniciamos um contato. Comecei a ensinar alguns sinais para ela e interagimos bem. Tem outra aluna e mais um colega, são três, com os quais interajo. Meu colega me chama pra jogar bola e pergunta sobre alguns sinais e eu ajudo a aprender. Mantenho contato com esses três.

Entrevistador: Você acha que a maioria na sua escola interage com você? De que forma?

S1: Na maioria das vezes sinto que não estou incluído ao grupo. Não há uma boa interação. A interação é bem limitada.

Entrevistador: Por que você acha que a interação entre vocês na escola é muito pouca ou quase nenhuma?

S1: Na sala de aula o professor é acompanhado por um intérprete e às vezes precisa chamar atenção dos meus colegas para que eles interajam mais comigo, dizendo que eles precisam estudar a língua de sinais para que eles se aproximem do surdo porque isso é importante para o surdo. Quando isso acontece os colegas ficam calados, como se estivessem sem respostas. Já percebi isso. Em outra ocasião o professor perguntou por que os alunos não se aproximavam mais de mim. Eu percebo que isso acontece, e procuro ter paciência. É a vontade de cada um. Isso já aconteceu umas três vezes. Os professores procuram interagir mais comigo, do que meus colegas ouvintes. Eu não me sinto como parte do grupo. Não participo do que eles conversam.

Entrevistador: O que você percebe da interação dos professores com você?

S1: A maioria busca interagir. Mas com os colegas, isso é às vezes, quando tem algum trabalho para fazer, como uma palestra ou em atividades em grupo. Os professores me ajudam a corrigir os exercícios. Mas com a maioria na escola a interação é pouca.

Entrevistador: Quando você precisa fazer um trabalho escolar, sendo o único surdo numa sala de ouvinte, como isso acontece?

S1: Sim, eu sou o único surdo. Então a maioria é ouvinte. Quando o professor dá alguma atividade para fazer em dupla ou em grupo, eles me convidam para participar e tenho acompanhamento de um intérprete para me explicar que atividade precisa fazer e nesse momento existe alguma interação. Mas em outras situações, me sinto sozinho. A interação é pouca.

Entrevistador: Você acha que na escola, às vezes te tratam com preconceito evitando

contato com você? Como você acha que eles veem o surdo?

S1: Sim, verdade. Por exemplo, tem professora que quando me encontra, me diz “Oi!” em Libras. Outros quando me encontram, ficam sem jeito por não saber a língua de sinais e só sinalizam timidamente um “Tchau!” e vão embora. Outros, alunos, aprenderam a cumprimentar com a saudação “Oi!” em Libras. Mas alguns têm um pouco de preconceito. Uma vez um colega passou por mim, eu o cumprimentei dizendo “Oi”, em Libras e ele simplesmente ignorou e continuou andando.

Entrevistador: Você percebe que alguns ouvintes não conhecem a cultura surda e por isso evitam contato com você? Ou eles agem com desprezo e preconceito por achar que o surdo é um deficiente?

S1: Eles não sabem sobre a cultura surda. Lembro que já houve um evento na escola, falando da cultura surda e a necessidade de respeito. Alguns ouvintes veem o surdo como deficiente. Outros hesitam se aproximar por que não sabem a língua de sinais, ou tem vergonha de fazer isso. Outros eu não sei o por quê. São poucos os alunos que sabem sobre a cultura surda.

Entrevistador: Você se sente sozinho na escola? Ou sente que está envolvido com os ouvintes numa interação?

S1: Me senti sozinho por dois anos, até que esses três alunos se aproximaram de mim e os considero meus amigos. Mas quando estava sozinho, me sentia triste, mas Deus me ajudava. Agora ensino a língua de sinais para esses três amigos e estou animado.

Entrevistador: Você teria algum conselho pra dar aos ouvintes na escola?

S1: Na rua, quando me verem, não buzinem, acenem. Também, que não é bom o surdo ficar sozinho. A maioria dos surdos desenvolve depressão por isso, embora os ouvintes nem sempre percebam isso quando os veem. Os ouvintes precisam aprender a língua de sinais para interagir com os surdos e tentar o contato com os surdos é importante. Na sala de aula, quando quiserem chamar a minha atenção, não precisam gritar, porque eu não ouço. Podem usar interruptor da luz, que eu vou conseguir perceber, porque sou visual. Também podem usar a tecnologia para ajudar os surdos, usando ferramentas de tradução quando falam ou escrevem em português. Nas atividades físicas, falta acessibilidade. Por exemplo, numa partida de basquete, como o surdo é visual, a tecnologia pode ser adaptada, para quando se faz pontos ou quando marca falta. O juiz da partida pode usar uma bandeira para sinalizar além do apito. Pode haver um placar luminoso para indicar a falta ou mostrar o tempo que falta para finalizar a partida. A acessibilidade é importante também na prática de um esporte.

Entrevistador: Na escola você acha que os ouvintes conhecem a cultura surda e o jeito de ser do surdo?

S1: A maioria não sabe, são poucos, consideram que só esses três colegas sabem sobre o ser surdo.

14) Quando eu tinha dezesseis anos eu trabalhei, mas depois abandonei o trabalho.

Entrevistador: Você só teve esse trabalho?

S1: Sim. Hoje estou focado nos meus estudos. O estudo é o mais principal e importante. Sofri com o trabalho no passado, mas agora estou focado nos estudos.

- 15) Quando vou ao médico, não consigo me comunicar sozinho. A minha mãe precisa me acompanhar para interpretar pra mim. Mas o nível de conhecimento da língua de sinais dela é básico. Ela sinaliza seguindo a estrutura frasal da língua portuguesa, por isso não entendo muito. Às vezes o médico e ela conversam entre eles e eu preciso interromper e perguntar o que ele está explicando. Me sinto oprimido pela situação, não gosto de ir ao médico com minha mãe. Gostaria de ir sozinho. Já aconteceu, na escola, me sentir mal, achei que era um problema no coração. Pedi aos professores para ir embora, pois não estava me sentindo bem. Eles avisaram aos responsáveis lá e me liberaram. Fui caminhando, pois estava sem dinheiro. Mande para meu pai uma mensagem de texto e ele foi comigo ao médico. Meu pai tentava me explicar usando gestos e mímicas e eu não conseguia entender o que estava acontecendo comigo. A médica só falava e apontava para um papel onde escrevia palavras. Não consegui entender nada. Isso foi muito ruim. Quando eu tinha quatorze anos, comecei a desenvolver ansiedade. Não contava isso pra minha família e eles também não me chamavam para saber o que era e me ajudar. A minha mãe não sabia disso e nem percebia que eu estava com ansiedade. Só aos vinte e três anos minha mãe descobriu que eu sofria com a ansiedade. Me perguntava algumas coisas e, quando eu tentava explicar, desviava de mim o olhar. Então fomos ao médico e ele passou um medicamento pra mim. Mas eu queria poder conversar e saber por que ele tinha passado aquela receita pra mim. Ficava pensando que, sem eu explicar corretamente, talvez o medicamento não combine com o problema. Carrego esse trauma. Agora, Deus me ajuda a ficar mais calmo. Continuo tomando a medicação.

Entrevistador: Essa experiência aconteceu aqui em Porto Seguro? Essa falta de comunicação acontece quando você vai em busca de ajuda médica aqui em Porto Seguro?

S1: Verdade, falta acessibilidade. A comunicação com os médicos aqui em Porto Seguro é difícil. É da mesma forma com assistência judiciária e outros serviços. A acessibilidade é quase nenhuma.

Entrevistador: Quando você vai sozinho ao mercado, ou em outros lugares, acha que consegue interagir com os ouvintes ali?

S1: Antes, eu sempre ia acompanhado de minha mãe. Mas não gostava, sentia vergonha. Agora vou sozinho ao supermercado. Sei selecionar os alimentos, como frutas. Mas as pessoas não percebem que sou surdo. Pago o que pego. Mas se falta alguma coisa e preciso de outros itens, por exemplo, para a salada, vou procurando. Se não conseguir encontrar peço a ajuda do homem, escrevendo do que preciso. Ele me acompanha e consigo encontrar. Mas, às vezes, esta interação não acontece. Alguns interagem pouco. Também vou sozinho ao banco, no centro, e ao supermercado. Alguns ouvintes ali já me conhecem e sabem que sou surdo, outros, não.

Entrevistador: Você me falou sobre o mercado e banco. E quando você vai passear ou quando caminha pelas lojas procurando roupa, por exemplo, ou em outros lugares, como restaurantes, acha que há uma interação entre ouvintes e surdos nestes espaços?

S1: Eu passeio sozinho. Vou correr ou caminhar. Nunca houve interação com ouvintes nestes casos. Nas ruas do centro da cidade, eu vou ao banco pagar a conta de energia, por exemplo, e fazer outras coisas. Minha família me chama para ir à praia. Às vezes vou sozinho e volto pra casa.

Entrevistador: Acha que os não surdos, os ouvintes em Porto Seguro, veem os surdos como coitados ou evitam contato, demonstrando algum desprezo ou preconceito? O que você tem percebido?

S1: É difícil. As pessoas na rua me veem e, por exemplo, quando sinalizo indicando que

estou procurando por um lugar, alguns hesitam. Não mostram respeito. Já aconteceu de estar caminhando na rua e um motociclista parou para me pedir uma informação. Começou a falar e falar. Eu aponte para o meu ouvido e boca, sinalizando que era surdo. Ele se assustou, sorriu sem graça e foi embora. Em outra situação, uma mulher também que se informar comigo. Começou a falar. Eu novamente indiquei que era surdo e ela se assustou e foi embora. Essa é uma dificuldade. Poderiam ter tentado usar a escrita, mas eles não sabiam disso. Parece que pensam: “Deixa pra lá”. Isso parece preconceituoso, eu não sei. Quando vou a um restaurante para me alimentar, também indico que sou surdo percebo que os atendentes também reagem com espanto. No geral, em ambientes externos assim, falta o respeito pelo surdo. É difícil. De qualquer forma, eu respeito a eles. Paciência! Alguns veem o surdo como coitado. Querem ajudar segurando sua mão para levá-lo à escola. Isso deve ser evitado. Quando estou na rua e pergunto algo por escrito, não sabem como reagir. Ficam sem jeito e começam a fazer gestos, enquanto poderiam escrever ou simplesmente apontar para a direção do lugar. Mas, as pessoas reagem assustadas e vão embora.

Entrevistador: Uma vez, você me contou sobre pegar um ônibus para ir a um local, lembra? Pode explicar mais sobre isso?

S1: Às vezes preciso me informar com os motoristas se o ônibus vai passar onde preciso. Tento fazer gestos ou mímicas e eles também. Assim, consigo chegar em casa. Mas já aconteceu de tentar me comunicar usando gestos, o motorista dar um sinal de positivo e o ônibus não chegar onde eu precisava. Depois do susto, precisei descer e pegar outro. Consegui chegar em casa. Foi um alívio. Graças a Deus.

Entrevistador: Como surdo, que sugestões você daria aos ouvintes em Porto Seguro?

S1: Diria que, quando encontrarem um surdo que precisa de uma informação, não desistam. Tentem ajudar, escrevendo talvez. É necessário que aprendam a Libras e procurem fazer contato com os surdos para terem esta experiência. Como aconteceu comigo, as pessoas se assustam e vão embora, perdendo esta oportunidade. Podem tentar a escrita ou um aplicativo de celular onde possam encontrar os sinais da Libras. Vou poder ajudar assim. Entendeu? Isso é importante, mas as pessoas perdem esta oportunidade. Isso é um problema. Fazer um curso de Libras seria uma chance. Aprender Libras é importante.

APÊNDICE F – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S2

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFESB)
---	--

ENTREVISTA COM PARTICIPANTE S2

DATA: 01/10/2020

DURAÇÃO: 102 min

- 1) (?) anos.
- 2) Na cidade de (?)/BA.
- 3) Moro aqui desde que nasci, em 1993, até hoje.
- 4) Três: eu, meu marido e meu filho.
- 5) Em 2015, completei o Ensino Médio.
- 6) Não trabalho. Recebo auxílio do governo.
- 7) Quando bebê tive meningite, mas não sei com quantos anos. Já fiz o exame, mas não sei o grau de perda.

Entrevistador: Entendi. Quanto do som você consegue perceber agora?

S2: Não ouço nada, só sinto a vibração dos sons, se forem vibrações fortes.

Entrevistador: Depois, poderia me enviar uma foto do exame?

S2: Sim, posso.

- 8) Sim, já usei aparelho auditivo há muito tempo, quando tinha cinco anos. Depois desisti de usar porque só ouvia barulhos muito altos, que me deixavam nervosa, como alguém gritando, arranhando alguma superfície ou quando um avião decolava. O guardei e até hoje não o uso mais, não gosto.

Entrevistador: Você tinha algum tipo de acompanhamento médico nesta época?

S2: Já frequentei o CEAME no passado. Uma mulher me ensinava a falar. Comecei aos nove anos de idade. Treinava, treinava. Mas, para mim, não era interessante. Preferi a língua de sinais. Mas, entre família, uso um pouco a fala. Fora não, só dentro da família. Também, aos onze anos fiz uma cirurgia no ouvido. Disso, me incorreu uma paralisia facial. Precisei fazer fisioterapia em várias sessões. Foi muito sofrido. Nesta época, fazia exercícios para desenvolver a fala. Depois, desisti de continuar os treinos e optei só pela língua de sinais. Falar pra quê?

- 9) Comecei a treinar dos onze aos quinze anos. Foi quando eu desisti de continuar a terapia para desenvolver a fala. Mas eu não ia à clínica, ia ao CEAME.
- 10) Aos nove anos de idade, comecei, quando frequentava o colégio estadual. Lá tinha uma

mulher que me ensinava o alfabeto em Libras e também os sinais, como os dos animais, de coisas da casa. Mas eram aulas bem simples. Depois, quando comecei a frequentar o CEAME, uma professora surda continuou me ensinando até quando completei quinze anos. Já estava bem desenvolvida nesta língua e parei de frequentar aquelas aulas. Gosto de assistir os vídeos no Youtube para aprender um pouco das línguas de sinais dos outros países. Também tenho uma amiga Testemunha de Jeová que me ensina a Bíblia e sabe um pouco de outras línguas de sinais e me ajuda.

Entrevistador: Mas qual é a língua de sinais que você mais utiliza, é a Libras?

S2: Sim, a língua de sinais do Brasil.

Entrevistador: Você me falou que começou a aprender a língua de sinais no colégio aos nove anos. E antes disso, como era a sua comunicação, visto que você não sabia uma língua sinais?

S2: Cresci me comunicando por gestos e mímicas com meus familiares e tentando desenvolver a fala por causa dos treinos que eu fazia. Aqui não tinha escolas especiais para surdos, só turmas inclusivas, mas sem intérpretes de Libras. Por isso, na escola, só copiava as atividades escritas no quadro. E foi assim até o quarto ano do ensino fundamental. No quinto ano a escola passou a contar com um professor que ensinava Libras. Mas o ensino de Libras era básico. Aprendia o alfabeto, palavras na língua portuguesa e sinais relacionados a temas como o da natureza. Com o tempo desenvolvi bem a língua de sinais. Eu não lembro muitos detalhes relacionados a datas ou a idade que eu tinha exatamente, porque já faz algum tempo. A minha mãe lembra mais dessas coisas. É isso.

Entrevistador: Entendo. Não tem problema. Se você lembrar de mais informações depois, pode me avisar. É importante eu saber das suas respostas. Aos nove anos você começou a aprender uma língua de sinais com um professor ouvinte numa escola pública, depois quando você mudou para o CEAME era um professor surdo que te ensinava?

S2: Depois que saí do Colégio Estadual e fui para o CEAME, convivi com um grupo de surdos ali e a professora também era surda. Eu tinha mais ou menos doze anos. Desculpa. Primeiro era um professor ouvinte e depois veio o professor surdo. Mas esse professor também mudou. Em terceiro, foi professora surda, mas também saiu. O quarto era ouvinte, mas não sabia bem a língua de sinais. E daí, desisti de continuar frequentando as aulas de Libras ali. Queria continuar aprendendo para melhorar meu conhecimento da Língua Portuguesa e ser bilíngue, porque no meu ensino médio, os professores facilitavam minha aprovação, me “empurravam” para a outra série. Queria muito ter um conhecimento mais profundo do Português, porque pensava em depois, quando precisasse me comunicar e um ouvinte usasse a escrita comigo, eu não entenderia. Mas esse tempo passou, já terminei o ensino médio.

11)

	Escrita em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Com familiares	X	X			
b) Com amigos	X				
c) Com	X	X			

peessoas no local onde estuda					
d) Com pessoas no local onde trabalha	-	-	-	-	-
e) Com pessoas nos locais públicos ou privados na cidade	X	X			

- a) Meus familiares não sabem a língua de sinais, só usam gestos e mímica. Mas minha mãe fez um curso de Libras e também eu a ensino um pouco sinais, como: “água”, “casa”, “vovó”. O meu pai, ele não sabe quase nada da língua, porque está ocupado, sempre trabalhando. Com ele uso a escrita ou chamo a minha mãe para tentar me ajudar na interpretação quando conversamos. A minha irmã sabe um pouco da língua de sinais. Eu a ensino e ela está se desenvolvendo. Com ela uso um pouco da oralidade. São esses três. A minha avó não sabe a língua de sinais. Então, com meus familiares, uso gestos, mímicas, a Libras e a oralidade de vez em quando. Quando eu não sabia escrever, usava mais os gestos e a oralidade. Depois que comecei a aprender a língua de sinais, aprendi também a escrever algumas palavras e hoje eu uso a escrita. Com a minha mãe também utilizo a escrita e, se ela ainda não entender, preciso da ajuda de alguém que faça a interpretação. É um desafio! Com minha irmã tenho mais trabalho para me comunicar e preciso chamar alguém para interpretar. A minha mãe não gostava da língua de sinais. Ela queria que eu continuasse treinando para desenvolver a oralidade. Mas eu não quis continuar. Iria ficar escrava desse processo. Com o tempo a minha mãe entendeu minha preferência e hoje usamos também a Libras para nos comunicar e interagir. Se, mesmo assim, ela não entender o que quero dizer, peço ajuda de alguém que saiba interpretar e assim conseguimos nos comunicar. Para as coisas mais simples, nos comunicamos bem. O pior pra mim é quando vou ao médico. É muito difícil. Preciso da companhia constante da minha cunhada. Ela sabe a Libras. Eu a ensino, também o meu marido a ensina.

Entrevistador: Você tem familiares que moram perto de você em Porto Seguro? E com seu marido você se comunica normalmente?

S2: Meu pai sabe pouco a língua de sinais, uso mais escrita com ele. Ele quer aprender a língua de sinais, mas não tem tempo por causa do trabalho. Ele trabalha num hotel como vigilante. A minha irmã mora perto de mim. Antes eu morava com a minha mãe. Quando eu casei, vim morar em minha casa e meus pais se mudaram para outra cidade por conta do trabalho, mas continuam vindo à Porto Seguro. Aqui, em Porto Seguro, moram próximo a mim a minha avó, minha irmã e minha tia.

Entrevistador: Com seus familiares ouvintes você disse que tem dificuldades na comunicação. E com seu marido, como é?

S2: Com meu marido me comunico bem em língua de sinais e medio a comunicação entre ele e os familiares ouvintes dele, porque eles às vezes têm dificuldade de entender o que meu marido diz em língua de sinais. Eu o compreendo melhor. Mas, às vezes, também, meu marido me ajuda quando tenho dificuldade na comunicação em língua de sinais com

os meus sogros. Assim ajudamos um ao outro a interagir com nossos familiares ouvintes. A minha cunhada sabe tudo da língua de sinais, igual a um profissional. À outra cunhada, eu não consigo ensinar tanto porque ela não para em casa.

Entrevistador: Você falou que tem um bebê. Ele também é surdo? Como você pensa que será sua comunicação à medida que ele crescer?

S2: Certo. Eu me casei e logo fiquei grávida. Quero ensinar a ele a língua de sinais. Ele é muito esperto e fica observando quando estou sinalizando. Ele mexe as mãozinhas como se estivesse fazendo sinais. Sei que ele vai aprender rápido. Já ensino alguns sinais pra ele, como “tomar banho”, “água” e percebo que ele fica observando. Uso também a oralidade para algumas palavras que eu sei. A minha cunhada me ajuda falando com ele para ensinar algumas palavras. Ela ensina a fala e eu ensino os sinais. Não vou desistir de ensinar ao meu filho a língua de sinais. Vou me esforçar pra isso. E, quando ele crescer, vai ser para mim como um intérprete nos lugares onde eu for. Aí não vou precisar mais da minha cunhada. Vou estar acompanhada do meu filho, que vai ser meu intérprete. Nem sempre os intérpretes estão à disposição quando preciso. Meu filho é inteligente e vai aprender. Agora ele tem sete meses e ouve bem.

- b) Havia uma amiga ouvinte com a qual tinha afinidade. Nos conhecíamos há muito tempo mas ela não sabia Libras. Nos comunicávamos através de gestos e mímicas. Conseguíamos interagir e eu a entendia, mas infelizmente ela faleceu. Fiquei muito triste. Depois conheci outra amiga, mas com ela conversei pela escrita quando não conseguimos nos entender por gestos e mímicas. Conversamos trocando mensagem de texto pelo WhatsApp e Facebook. Por isso utilizo com ela mais a escrita do que gestos e mímicas. Conseguimos conversar, é ótimo.
- c) Na escola não tinha intérprete de Libras. Era a única surda na turma. Conversar, mesmo através de gestos e mímicas, era muito difícil. Eu reclamava sobre isso e ficava muito irritada porque sem o intérprete era muito difícil. A presença do intérprete era muito importante. Quando tentava me comunicar fazendo gestos e Libras, os ouvintes não entendiam. Me sentia sozinha, tendo sempre que esperar. Cobrava a presença de um intérprete constantemente. Com os professores também tinha que usar gestos e mímicas. Eles tentavam me ajudar através da escrita, mas era muito difícil. Não existia comunicação. Era muito ruim. Quando passei para o segundo ano, fui para outra escola. Lá foi melhor, mas era a única surda também. Os ouvintes tentavam interagir comigo por gestos e mímicas ou por meio da escrita. Mantinha, desta forma, o contato com eles. Até que, depois, chegou o intérprete de Libras para escola. Quando não conseguia me comunicar com os meus colegas ouvintes por gestos e mímicas, chamava o intérprete para me ajudar na interação. Mas com três alunas me relacionava melhor. Elas me ajudavam. Conversávamos por meio da escrita também. Passamos juntas para o terceiro ano e continuamos interagindo também com a ajuda do intérprete. Eu ensinava a língua de sinais pra elas. Mas depois que nos formamos nos distanciamos um pouco. Mas continuamos conversando pelo WhatsApp e a ensino por vídeo alguns sinais. Com essas três tive mais afinidade e contato.

Entrevistador: Depois que você terminou os estudos, não teve nenhuma experiência no mercado de trabalho?

S2: Depois que terminei o ensino médio, tentei o Enem por duas vezes para ingressar numa instituição federal de ensino, mas perdi nos exames. Não havia intérprete de Libras qualificado. Os que tentavam interpretar não sinalizavam bem. Eu não entendia com clareza. Fazia as avaliações respondendo por escrito. Mas perdi nessas duas vezes. As pessoas me avisam novamente quando iria ter o Enem. Mas já perdi duas vezes. Foi muito desgastante, não quero mais estudar numa faculdade, mas tenho vontade de fazer

um curso pra ser cabeleireira ou algo na área da informática. Fiquei traumatizada pelas vezes que perdi e não quero passar por essa experiência novamente. Se tivesse um bom intérprete que atuasse no Enem até tentaria. Mas essa oportunidade já passou, agora tenho um filho. Teria que ser antes.

Entrevistador: Mas você não está trabalhando?

S2: Não trabalho. Só recebo benefício do governo.

Entrevistador: A próxima pergunta seria ao ambiente de trabalho, mas nesse caso vamos pular para a próxima.

- d) Não se aplica.
- e) Quando estou na rua e algum ouvinte procura saber de mim alguma informação, falando comigo e perguntando a localização de algum lugar, informo que sou surda, apontando para o ouvido e fazendo o sinal de negativo e eles vão embora. Quando entro nas lojas, me comunico com gestos e mímicas ou, pela escrita. Essas experiências acontecem mais quando vou a lojas ou mercado. Ouvintes me pararem pra pedir alguma informação nas ruas acontece menos.
- 12) Antes, quando morava com a minha mãe, era difícil. As coisas aconteciam e ninguém me informava. Depois casei com um surdo. Morávamos só nós dois. Como podíamos saber o que acontecia com nossos familiares e ao nosso redor, sendo surdos? Eles me mandavam mensagem pelo WhatsApp quando queriam me avisar alguma coisa, ou me dar alertas de algum perigo na rua, ou me chamar para ir à casa deles resolver alguma coisa. Então, quando chegava lá, eles tentavam me explicar o que estava acontecendo, mas, eu não entendia muito bem. A comunicação era truncada. Eles tentavam fazer gestos e mímicas, ou escrever. Por causa desse risco, depois eu e meu marido decidimos mudar para perto da família dele. É mais seguro. A família dele é boa e conseguimos interagir. Se acontece alguma coisa e eu não compreendo, por causa da surdez, pergunto o que é. Busco me informar com eles. Também, quando vejo alguma notícia na TV e quero saber mais, pergunto a minha cunhada. Ela me explica sobre as ações da polícia, os perigos, as guerras, a pandemia. Me avisa também quando não é seguro sair de casa. A minha sogra também tenta me passar algumas informações. Ela conversa comigo usando gestos e mímicas. Quando não entendo o que ela quer dizer, peço ajuda da minha cunhada para interpretar. Mas, com meus outros familiares, a comunicação é difícil. Eles não sabem sinais e me explicam muito pouco do que está acontecendo. Eu não ouço, então preciso que alguém me ajude, me atualizando dos acontecimentos. Meus familiares não me ajudam muito nisso. A família do meu marido busca me informar mais. Temos mais afinidade. Minha sogra me informa dos perigos e outros assuntos e também quando, por exemplo, tenho que ir ao banco resolver alguma coisa. Aí a minha cunhada vai comigo me ajudar interpretando. Quando meu filho está chorando, não está bem, a minha cunhada que vai comigo ao médico. Ela me ajuda a aprender como cuidar dele, por exemplo, o que dar para ele comer. Por isso tenho mais convívio com a família dele. É mais difícil encontrar com os meus familiares. Meu contato mais frequente agora é com a família de meu marido. Sou como uma filha adotada deles. Com a minha família é mais difícil, encontro menos com eles. Agora é bem raro. Minha família mesmo não tem cuidado comigo. Às vezes percebo desprezo e preconceito da parte deles comigo. Mas não fico preocupada com isso. Deixo pra lá.

Entrevistador: Você me explicou que percebe em seus familiares um pouco de desprezo e preconceito. Poderia me dar algum exemplo disso?

S2: Quando era solteira e morava com minha família, meus familiares ficavam sempre

irritados e nervosos comigo. Quando eu perguntava o porquê, me diziam coisas depreciativas. Por falta de informação não tomava alguns cuidados com minha saúde e, às vezes, aconteciam coisas ruins comigo, como ficar doente. Eles não me ensinavam as coisas que eu tinha que evitar para manter uma boa saúde. Quando acontecia isso, eles ficavam irritados. Me chamavam de chata e diziam que eu dava muito trabalho. Não me dava bem com minha irmã. Brigávamos sempre. Quando queria saber alguma coisa dela, me respondia com rispidez, dizendo que eu era chata. Eu ficava pensando: “Como assim, eu chata?” Se eu não tinha aprendido! Queria que nos amássemos e ajudássemos uns aos outros. Fazia muitas tarefas em casa, como uma escrava, para ajudar. Por conta dessas coisas me afastei. Não sentia vontade de estar com eles e aos poucos fui me afastando. Com meus pais ainda continuo conversando. Agora está melhor. Antes era pior. Mas eles continuam pouco preocupados. Às vezes perguntam sobre como está a minha saúde. Visitam minha casa muito pouco. A família do meu marido demonstra mais preocupação comigo. Se sinto dor, estou com febre ou não estou bem, eles querem saber, para me ajudar. Já os meus familiares não ligam muito quando digo que não estou bem. Eles dizem que não preciso me preocupar, mas eu não sou boba, não vacilo. Concluo o que acontece pelo que já conheço deles. Meu pai é o único que se preocupa mais comigo. Quando preciso, ele me ajuda. Minha mãe faz isso mais ou menos e minha irmã também. Mas tenho mais afinidade com meu pai. Eu não tenho vontade de tentar me aproximar dos demais. Tenho pouco contato. Quando perguntam pelo meu filho respondo simplesmente que ele está bem e só. Ele conhece mais meus sogros e chora quando o entrego ao colo de meus pais, porque não os conhece bem. Se meus pais viessem mais aqui e conversassem com ele e dessem mais atenção a ele como avós... Minha família perdeu isso.

Entrevistador: Você fez o sinal de “escravidão”. Poderia me explicar melhor o porquê?

S2: Disse isso no sentido que limpava e arrumava a casa. Mandavam-me ir à rua, fazer coisas pra eles. Por que não iam eles mesmos? Se aproveitavam de mim por que era surda. Também não era eu que administrava o auxílio que recebia do governo. Quando pedia algum valor pra usar, minha mãe não queria me dar e não me informava ao certo como estava sendo usado. Outros surdos me alertavam dizendo que o dinheiro era meu. Mas ela tomava isso de mim. Sofria muito com isso. Me sentia oprimida. Mas tirei lições disso. Esperei por um tempo e hoje fiquei livre disso. Antes me proibiam de passear, de viajar, só ficava em casa, limpando, arrumando, fazendo comida, enquanto minha mãe folgava e minha irmã também. Eu e minha irmã precisávamos interagir mais e dividir as tarefas. Por isso cheguei ao ponto de querer morar sozinha e até comecei a procurar por casas. Foi quando eu conheci meu marido. Tive essa sorte. Começamos a namorar e em pouco tempo nos casamos. Eu precisava sair daquela situação problemática. Hoje tenho paz. Azar da minha família que perdeu. A pessoa surda não merece sofrer, assim como os ouvintes também não. O surdo não está numa posição rebaixada em relação aos ouvintes. Percebia que na minha família, às vezes queriam me fazer de boba por ser surda. Tinham-me como uma ‘coitadinha’ que estava em desvantagem, perdendo. Mas eu estava atenta e percebia tudo. Nunca fui boba. Minha mãe ficava sem jeito quando percebia que eu sabia o que estava acontecendo. Agia com firmeza. Achavam que sozinha eu não conseguiria administrar meu dinheiro, cuidar da casa e resolver as coisas na rua. Mas agora eles viram que eu consigo. Tenho meu marido e minha cunhada que me ajudam, me ensinando e orientando o que ainda não sei. Consigo aprender e vou ganhando mais experiência. A minha irmã ficou grávida e teve dois filhos. Mas a minha mãe dizia pra mim que quando eu casasse não era pra engravidar e ter filho porque eu não saberia cuidar da criança. Dizia que eu era muito boba. Mas, eu já havia aprendido muitas coisas porque tomava conta dos meus sobrinhos. Tanto do primeiro, como do segundo. Trocava as fraldas. Sabia quando estavam com febre, que precisavam ir ao médico. Mas, a minha mãe me dizia que não era pra engravidar, que eu era “burra” por querer me casar e mudar para minha casa. Me dizia outras coisas assim. Mas eu ignorava isso porque sabia que não era

“burra”. Quando casamos e mudamos para uma casa para morar sozinhos, a família do meu marido também questionava isso. Nos diziam que éramos “burros” por termos feito essa escolha de morar sozinho. Eu conversava com meu marido pra ele deixar isso de lado. Nos casamos e “nos viramos” sozinhos. Sabíamos a língua de sinais, cuidávamos da casa, viajávamos, resolvíamos as coisas na rua, sem ajuda da minha mãe. Queríamos estar juntos e aprender a resolver as coisas juntos, como fazer compras e cuidar do orçamento da casa – meu marido sabe mais e eu sei menos isso. A minha mãe ficava surpresa de ver que conseguimos fazer essas coisas. Não queria ficar apenas no namoro até ficar mais velha, com trinta anos e as pessoas rirem de mim. Nós decidimos casar, para avançarmos juntos, lidando com os desafios da vida. Quando eu fiquei grávida, minha mãe ficou muito preocupada com as questões das vacinas, dos exames que eu precisava fazer e achava que eu não saberia resolver essas coisas e cuidar do meu filho por ser surda. Meu filho nasceu e tenho cuidado bem dele até agora. Se ele fica doente, levo ao médico. Tenho a ajuda da minha cunhada. Minha mãe fica surpresa pensando como consigo fazer isso. Mas eu cuidei de três sobrinhos, porque minha cunhada também teve um filho. Aprendi a trocar fraldas, perceber se estavam doentes, tossindo ou com alergias. Cuidava deles pensando em como seria no futuro quando ficasse grávida e tivesse meu filho. Agora minha mãe está menos preocupada. Antes nossa interação era bem pior, mas agora esta melhor. Provei que não sou boba.

- 13) Nos primeiros anos do ensino fundamental frequentava uma escola inclusiva e a professora me ensinava os sinais. Convivia com os ouvintes, mas a comunicação era bem difícil. A turma era muito bagunceira. Tinha muita briga. Não me sentia bem ali. Quando fui cursar o Ensino Médio, mudei pra outra escola. Vi que o comportamento das pessoas ali era melhor. Mas alguns zombavam de mim por ser surda. Me diziam palavrões. Procurava a Direção e reclamava dessas provocações e de que não estava gostando porque a escola é um lugar de ética e de educação. A Direção chamava atenção da turma, dizendo que precisavam me respeitar, porque eu era deficiente, mas tinha o direito de estar ali estudando. Enquanto isso, o intérprete interpretava pra mim. Depois, voltei para minha carteira e continuei bem séria. Os alunos ficaram calados, sem jeito. Depois os alunos vieram me pedir desculpas. Alguns começaram a se comunicar comigo usando a escrita e eu ensinava a língua de sinais. Às vezes o intérprete faltava ao trabalho. Aí uma colega ouvinte percebia a falta do intérprete, que estava doente ou por outro motivo não estava ali, e ela me oferecia ajuda ficando junto comigo e tentando a comunicação pela escrita. Por exemplo, usando gestos, sinalizava que no dia seguinte não haveria aula e que estaríamos de “folga”, ao mesmo tempo em que escrevia. Eu conseguia compreender que no dia seguinte estaríamos de “folga”. Também, quando intérprete faltava e, no dia seguinte tínhamos avaliação, ela me avisava disso. Interagíamos assim. Ela sempre me ajudava. Passamos juntas para o segundo ano e concluímos juntas o terceiro ano, dessa forma.

Entrevistador: Acha que quando você estudava, os ouvintes conheciam sobre o surdo, sobre a cultura surda e respeitavam você como surda?

S2: As pessoas mais amigas conheciam as minhas necessidades. Cresceram comigo, então entendiam que tinha surdez, que eu era doente. Quando eu era criança, ficava muito irritada e não gostava dos ouvintes porque me provocavam, me diziam palavrões, faziam piadas contra mim e me oprimiam. Mas, agora que já crescemos, eles mudaram de atitude e me respeitam. Quando os encontro na rua, eles falam que se lembram de mim da época da escola, de quando acontecia essas coisas.

Entrevistador: Acha que na sua escola, as pessoas ouvintes sabiam da cultura surda?

S2: Muitos desses ouvintes me viram crescer e faziam perguntas para me conhecer melhor. Perguntavam sobre a língua de sinais e também me viam andando com um grupo

de surdos, conversando em Libras. Uma vez quando fui a uma loja, encontrei com uma ex-colega e ela se lembrou de alguns sinais. Conversamos um pouco. Ela nunca se esqueceu de mim. Às vezes a encontro na rua.

Entrevistador: A pergunta quatorze é voltada ao ambiente de trabalho, mas você me disse que nunca trabalhou fora. Então vamos para a próxima pergunta.

14) Não se aplica.

15) Quando eu vou ao médico do SUS para fazer audiometria ou por causa do meu filho, minha cunhada vai comigo para interpretar. Às vezes, preciso ir com a minha mãe ou minha irmã. Quando isso acontece, elas tentam escrever para me explicar o assunto, mas eu não entendo muito bem. Então, tenho que chamar alguém que interprete pra mim depois e, aí, eu entendo. Durante a gravidez ia com minha cunhada as consultas médicas. Durante o parto, minha irmã me acompanhou. Depois que nasceu, meu filho precisou ficar na UTI por quatorze dias e precisei da minha cunhada que era a única pessoa disponível para me ajudar na interpretação. Isso foi antes da pandemia, no mês de fevereiro, quando ele nasceu. Mas, no hospital, quando estava acompanhada da minha mãe era mais difícil entender os resultados dos exames dele. Precisava chamar minha cunhada por vídeo pra que ela me explicasse em sinais o que estava acontecendo. Foi muito trabalhoso e sofrido durante esses quatorzes dias. A minha cunhada, minha mãe e eu revezávamos para ficar no hospital com ele. Ele nasceu na trigésima sétima semana, com oito meses. Por isso ficou doente. Também não vou sozinha ao banco, por que lá não tem quem intérprete em Libras. Fui uma vez sozinha. Tentei usar gestos e mímicas para explicar que meu cartão não estava funcionando. E eles não entendiam. Não consegui resolver e fiquei nervosa com isso. Voltei pra casa para pedir ajuda a minha cunhada. Preciso que ela esteja comigo para resolver as coisas do banco. Sobre questões jurídicas não tive muitas experiências. Só uma vez, com um grupo de surdos, que precisei denunciar o que acontecia na escola. É o que me lembro. Mas na maioria das vezes é minha cunhada que me ajuda quando preciso da interpretação.

Entrevistador: Quando vocês casaram civilmente, como foi? Houve a interação com os ouvintes no cartório?

S2: Quando casamos, um intérprete Testemunha de Jeová nos acompanhou durante o processo de entrada até o dia do casamento. Combinamos isso antes. Não pedi ajuda da minha cunhada e nem da minha família.

Entrevistador: Você frequenta alguma religião? Como é a interação entre vocês e os ouvintes ali?

S2: Quando era criança acompanhava minha família nas reuniões na igreja católica, mas não tinha intérprete de Libras. A comunicação era por gestos, mímica e escrita. Sentia-me por fora das atividades, por exemplo, na hora dos hinos, por que não estava ouvindo nada. Com mais idade, fui batizada numa igreja católica. Lá era a mesma situação. Não tinha intérprete e eu acabava desistindo. Tentava entender usando gestos e mímicas tentando perguntar o que acontecia, mas não tinha comunicação. Depois soube que o grupo das Testemunhas de Jeová e percebi que surdos e ouvintes se comunicavam em Libras. Fiquei admirada. Desde 2006 frequento a reunião das Testemunhas de Jeová. Abandonei a igreja católica. Agora sou batizada como Testemunha de Jeová.

Entrevistador: Você percebe que no grupo que você frequenta das Testemunhas de Jeová, os ouvintes conhecem e respeitam a cultura surda?

S2: Na época, quando minha família não me comunicava em Libras com minha mãe, eu era uma pessoa bem nervosa. Foram as Testemunhas de Jeová que visitaram minha casa e me ajudaram a aprender a língua de sinais. Quando eu fui às primeiras reuniões, não entendia muito porque não sabia a língua de sinais. Os voluntários das Testemunhas de Jeová me ajudavam na comunicação com a minha mãe quando eu precisava ir ao médico ou em outras situações que eu precisava de interpretação. Algumas pessoas desse grupo mudaram e vieram outras novas. Interagimos bem no grupo. Eles conhecem a cultura e o costume dos surdos.

Entrevistador: Percebe que em Porto Seguro os ouvintes conhecem e respeitam a cultura surda? Que sugestão você daria para eles?

S2: Eu gostaria que as pessoas ouvintes se esforçassem para conseguir mais intérpretes. Eu fico dependendo da minha cunhada. Ela já está cansada, tem filhos para cuidar. Essa é uma dificuldade. Poderia ter mais cursos de Libras e mais pessoas formadas nessa área. Não tem intérpretes nos postos médicos, nos supermercados, nos lugares privados. Eu percebo que faltam mais ouvintes intérpretes. Às vezes, a minha cunhada não pode me acompanhar e fico sem saída. Os outros que conheço, às vezes também estão ocupados. Por isso tenho que ter paciência e esperar, por minha cunhada.

Entrevistador: Você acha que a maior parte dos ouvintes em Porto Seguro veem o surdo como deficiente, doente ou que evitam o contato com eles? Ou há um respeito e interação entre eles?

S2: Percebo que a maior parte tem preconceito. Conversam entre eles. Como não consigo ouvir, faço perguntas, mas não tenho respostas completas. Percebo que não me dão todas as informações. Por isso penso que existe o preconceito. Alguns não querem aprender Libras. Outros aprendem Libras por outros motivos. Querem se formar e ganhar melhor, mas se acham superiores aos surdos. Acho que isso nunca vai mudar.

APÊNDICE G – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S3

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)
---	---

ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE 03

DATA: 02/10/2020

DURAÇÃO: 48min

- 1) (?) anos.
- 2) No Estado (?).
- 3) Há sete anos.
- 4) Somente eu e meu marido.
- 5) Estudei até a 5ª série.
- 6) Não trabalho. Nunca trabalhei fora.
- 7) Nasci surda. Não escuto nada.
- 8) Não uso. Quando tinha onze anos, meu pai levou a mim e a minha irmã surda ao fonoaudiólogo. Conseguimos um aparelho e o compartilhávamos entre nós. Mesmo assim, não conseguia ouvir. Não fazia sentido pra mim e desistir de usá-lo. Depois, aos 34 anos, fui novamente em busca e consegui gratuitamente os aparelhos para os dois ouvidos, mas, também, não consegui ouvir. Me incomodava. Os dei para minha irmã surda.

Entrevistador: Você tem uma irmã surda?

S3: Somos quatro irmãos. Dois são ouvintes. E a minha irmã fala, mas não ouve.

- 9) Nunca fiz terapia com um fonoaudiólogo. Quando era criança, aos quatro anos, a professora na escola me mandava falar algumas palavras. Aprendi algumas delas e desenvolvi bem.
- 10) Lembro que, quando entrei na escola, aos quatro anos de idade, a professora não gostava da língua de sinais. Queria que desenvolvesse a oralidade e a escrita. Ela não ensinava a língua de sinais. Mas, eu e os colegas inventávamos gestos entre nós. Quando cresci mais, fui para outra escola. Era a única surda lá. Alguns professores eram atenciosos comigo, outros não me ajudavam tanto. Até a 5ª série foi assim, não sabia sinais. Os colegas me davam as atividades e eu copiava. Até que uma Testemunha de Jeová veio a minha casa e começou a me ensinar a Libras. Quando vi muitos surdos sinalizando e se comunicando em Libras, fiquei admirada. Nunca tinha visto aquilo! Através das aulas com as Testemunhas de Jeová consegui desenvolver bem a comunicação em Libras.

Entrevistador: Por que você só estudou até a 5ª série?

S3: Não tinha muita ajuda. Também não sabia a língua de sinais. Paralelo a isso, por causa de uma doença, precisei fazer uma cirurgia e fiquei afastada por um tempo da escola. Quando retornei, estava com dezesseis anos e me colocaram numa turma com idade média de doze anos. Ficava angustiada com isso. Queria estar com os outros maiores. Chorava e pedia para mudar de turma e não deixavam. Aí desisti. Tinha outra escola onde estudavam mais surdos, mas minha mão não queria que fosse para lá.

11)

	Escrita de palavras em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Com familiares					X
b) Com amigos	X				
c) Com pessoas no local onde estuda		X			
d) Com pessoas no local onde trabalha	-	-	-	-	-
e) Com pessoas nos locais públicos ou privados na cidade	X				

- a) Meus familiares usam mais a oralidade comigo. O uso da língua de sinais é bem pouco. Usamos um pouco de gestos e mímicas também. Não usamos a escrita.

Entrevistador: Seus familiares moram em São Paulo. Aqui em Porto Seguro são somente você e seu marido, que também é surdo? Como é a comunicação entre vocês?

S3: Sim, eu e meu marido nos comunicamos muito bem em Libras. No passado ele enxergava bem, mas agora não enxerga quase nada. Para ele me entender, precisa segurar as minhas mãos enquanto faço a Libras. Mesmo assim, nos entendemos muito bem.

- b) Com os meus vizinhos, uso mais a escrita. Eles não sabem a Libras. Às vezes, consigo fazer a leitura labial, mas o que mais uso é a escrita.

Entrevistador: Tem outros amigos ouvintes?

S3: Sim, tenho muito amigos ouvintes Testemunhas de Jeová.

- c) Na escola, com os ouvintes, usava a escrita, gestos e mímicas.

- d) Nunca. Meu pai não deixava por causa do meu coração. Não podia fazer muito esforço. Também ele não gostava que os ouvintes ficassem caçoando de mim. E, até hoje, nunca trabalhei.
- e) Com a escrita. Uso bem pouco a oralidade.
- 12) Para esta pergunta, você já esclareceu que, como família aqui em Porto Seguro, você tem apenas seu marido. E já explicou que interagem bem.
- 13) Aqui em Porto Seguro nunca frequentei uma escola. Gostaria de frequentar o CEAME, quem sabe estudar lá, mas minha saúde não é boa. Também tenho meu marido que tem cegueira e preciso cuidar dele e da casa.
- 14) Não se aplica.
- 15) Quando meu marido precisou renovar a carteira de identidade para atender à solicitação do INSS, porque ele recebe o benefício do governo, fiquei preocupada por que não tinha pessoas que se comunicassem em Libras comigo lá. Pedi a ajuda de uma Testemunha de Jeová para me acompanhar. Foi um alívio. Não é fácil. Também é assim quando preciso de um advogado. Quando vamos ao médico e os nossos amigos intérpretes não podem nos acompanhar é bem difícil. Preciso usar a escrita para tentar entender ou gestos e mímicas. Alguns deles me dão atenção, outros agem com desdém. Fico muito triste quando isso acontece. Preciso de paciência. Não tem intérpretes de Libras. Nas lojas, também não tem. Preciso usar a escrita. Alguns me dão atenção, outros agem com descaso.

Entrevistador: Quando vai às lojas ou a outros lugares, como os ouvintes se comportam diante de você?

S3: Nos mercados eles me cumprimentam. Já me conhecem porque vou lá muitas vezes, é ótimo. Na farmácia do Centro também me dão atenção e buscam saber do que eu preciso. Trocamos informações por escrito. Na loja das Casas Bahia também me dão atenção, interagimos. Já estão habituados comigo por que vou sempre lá.

Entrevistador: Acha que aqui os ouvintes mostram respeito pelo surdo ou o tratam com desprezo ou preconceito por não conhecer a pessoa surda?

S3: Quando vou ao comércio, nas lojas do Centro, muitos me tratam com descaso. Não me dão atenção. Tento explicar do que preciso, mas é difícil. Percebo que alguns não estão interessados em saber. Pedem desculpa, dizem que estão ocupados. Não tem educação nem respeito pela pessoa surda. Com alguns tenho problemas assim.

Entrevistador: Se você estiver na rua, precisar de uma informação sobre como ir a algum lugar, ou outra, como faz?

S3: Indico que sou surda, tento escrever para explicar. Alguns querem ajudar e até se oferecem para me acompanhar até onde preciso ir.

Entrevistador: Por que acha que alguns reagem assim?

S3: Penso que ao perceberem que é sou uma pessoa surda, ficam comovidos, agem com piedade e amor. Ficam preocupados e querem me ajudar, cuidar. Eu busco sempre sorrir e mostrar educação. Tento me expressar com calma. Eles gostam disso.

Entrevistador: Acha que aqui em Porto Seguro os ouvintes interagem bem com os surdos ou ainda há falha?

S3: Verdade. Me lembrei de uma vez que precisava resolver uma situação e a pessoa que me atendeu não mostrou muito interesse. Não consegui resolver sozinha. Fiquei indignada. Mas tomei coragem e pedi para um amigo intérprete me acompanhar. Quando chegamos lá e o intérprete começou a fazer a interpretação do que eu estava dizendo, a pessoa ficou envergonhada.

APÊNDICE H – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S4

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)
---	---

ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S4

DATA: 04/10/2020

DURAÇÃO: 95 min

- 1) (?) anos.
- 2) Na cidade de (?).
- 3) Moro aqui há treze anos. Mudei para cá em dezembro de 2007.
- 4) Moramos minha esposa e eu.
- 5) Ensino Médio completo.

Entrevistador: Concluiu o EM numa escola aqui em Porto Seguro?

S4: Sim, aqui.

- 6) Trabalho em um supermercado. Comecei como empacotador e agora sou repositor.

Entrevistador: Há quantos anos você esta trabalhando lá?

S4: Há oito anos.

- 7) Meu pai tinha surdez, mas falava um pouco. E eu nasci surdo. É uma questão hereditária. Meu avô materno também era surdo. Sou filho único. Meu exame audiométrico marca 91.3 Hertz. Tenho surdez bilateral profunda. O ouvido esquerdo é pior que o direito.

Entrevistador: Você pode me mandar a foto do seu exame?

S4: Já faz alguns anos, vou pedir ao médico para fazer um novo.

Entrevistador: Mesmo esse mais antigo você poderia tirar uma foto e me passar?

S4: Sim.

- 8) Em Canavieiras, quando criança, utilizava o aparelho auditivo. Depois deixei de usar. Comecei aos oito anos e usei até os doze. Minha cabeça doía muito. Me sentia mais confortável sem ele.
- 9) Não. No CEAME tinha uma professora que trabalhava com o desenvolvimento da fala. Em 2014 frequentei as sessões de treinamento por seis meses, depois parei.

Entrevistador: Por que você parou?

S4: Não me sentia bem. Treinar a oralidade é pesado e dei um tempo.

- 10) Aos doze anos começaram a me ensinar a língua de sinais. Antes disso usava gestos e mímicas. Uma Testemunha de Jeová em Canavieiras me ensinava. Aos poucos fui substituindo gestos e mímicas pela língua de sinais.

Entrevistador: Você sabe a língua de sinais de outros países?

S4: Só sei a língua de sinais do Brasil. A de outros países é difícil.

11)

	Escrita de palavras em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Na família	X	X			
b) Entre amigos	X	X			
c) Na escola	X	X			
d) No trabalho	X	X			
e) Em ambientes públicos ou privados na cidade	X	X			

- a) Com minha mãe uso gestos e mímica.

Entrevistador: A sua mãe não sabe língua de sinais?

S4: Sabe um pouco, mas uso com ela mais gestos e mímica e também a escrita. Não sei fazer leitura labial e também não desenvolvi a oralidade. Prefiro a língua de sinais.

Entrevistador: E com a sua esposa? Vocês se comunicam bem em Libras?

S4: Sim, normalmente.

Entrevistador: A sua mãe mora em Porto Seguro?

S4: Não, mora em Brasília.

Entrevistador: Você tem outros familiares que moram próximo a você?

S4: Tenho três tias que moram aqui em Porto Seguro.

Entrevistador: Elas sabem a língua de sinais?

S4: Um pouco. Me comunico com elas mais por gestos, mímicas e escrita.

Entrevistador: Elas te dão atenção? Interagem com você?

S4: Mais ou menos.

Entrevistador: Acha que elas te deixam um pouco de lado por ser surdo?

S4: Me preocupo com elas e eu as ajudo.

- b) Tenho amigos ouvintes no trabalho. Nos comunicamos com gestos e mímicas. Damos risadas e fazemos brincadeiras.
- c) Com escrita e por gestos e mímica. Eles me ajudavam e interagiam assim.
- d) Também por gestos, mímica e escrita. Eles sabem só um pouco da língua sinais.
- e) Quando vou ao banco, indico que não escuto e preciso usar gestos, mímica e escrita. Também em clínicas e outros lugares faço assim. Às vezes, tem alguém que se esforça para interpretar. Mas na maioria das vezes tenho q usar gestos, mímica ou escrita. Em um banco, tenho uma pessoa que sabe língua de sinais.

12) Entrevistador: Você me contou que tem três tias que moram perto de você. Elas interagem com você, te dando atenção, te ajudando e mantendo contato?

S4: Com uma delas sim. Interagimos, nos comunicamos e nos ajudamos.

Entrevistador: E com as outras duas?

S4: Com elas não sou tão próximo. É mais difícil nos encontrar.

Entrevistador: Com essa tia que tem mais contato, você falou que há mais interação. Poderia explicar, ou dar um exemplo?

S4: Ela sempre manda mensagem pra mim dizendo que está preocupada comigo, ou me dizendo pra ter cuidado com alguma coisa.

Entrevistador: Quando ela diz pra você ter cuidado, ou te avisa de algum perigo, o que seria?

S4: Ela me diz pra ficar atento na rua com os perigos e ter cuidado.

Entrevistador: A sua tia fica preocupada por você ser surdo e com o que pode acontecer com você?

S4: Sim.

Entrevistador: Ou ela se preocupa por você ser deficiente, tem pena disso e quer sempre te ajudar?

S4: Não. Ela sabe que eu sei me virar.

Entrevistador: Esta tia já fez algum curso para aprender a língua de sinais?

S4: Não. Nunca. Ela sabe bem pouco. Nos falamos por gestos e mímica.

Entrevistador: Então você acha que sua tia te ama e cuida de você?

S4: Sim, sempre.

- 13) Na escola interagíamos. Surdos e ouvintes se tratavam igual. Não me desprezavam por isso. Interagíamos por gestos e mímica. Tive bons amigos.

Entrevistador: Recorda-se de alguma vez em que foi desprezado ou agiram preconceituosamente com você?

S4: Tinha um ouvinte que não me tratava bem. Tentava falar com ele pra ter mais calma e não tratar mal quem era surdo. Foi difícil. Ele ria, zombava e dizia que o surdo era bobo. Eu ficava quieto. Mas era difícil.

Entrevistador: E com os professores ouvintes, vocês interagiam?

S4: Pouco. Nos comunicávamos mais por gestos, mímica e escrita. Mas eles procuravam me ajudar.

Entrevistador: Você percebia que eles eram impacientes e não muito tolerantes por você ser surdo?

S4: Não. Eram bem calmos. Me cumprimentavam. Eram legais, educados.

Entrevistador: Na escola você se sentia de alguma forma triste?

S4: Não. Zero tristeza. Estava sempre animado.

Entrevistador: Você era o único surdo na escola?

S4: Não, tinha outra colega surda. Erámos amigos e interagíamos bem. Fizemos juntos por todo o Ensino Médio.

Entrevistador: E como as pessoas ouvintes na escola a viam? Agiam com algum desprezo ou maus tratos com ela?

S4: Não. Ela conversava com outras colegas ouvintes por gestos e mímicas. Eram legais com ela. Interagiam, tanto professores quanto ouvintes.

Entrevistador: Durante sua formação, você teve intérpretes na escola?

S4: Às vezes. Por um tempo ficava sem. Durante o Ensino Médio tive. Estudei dois anos à tarde e o último ano à noite.

Entrevistador: Acha que tinha diferença na atenção que os professores davam aos ouvintes e aos surdos?

S4: Sim. Quando o interprete faltava ou se atrasava para chegar, os professores continuavam suas aulas falando e escrevendo no quadro. Eu ficava sentado observando sem entender o que estava acontecendo.

Entrevistador: E os seus colegas ouvintes, faziam alguma coisa a respeito? Preocupavam-se em te ajudar?

S4: Não. Me deixavam de lado. E os professores também não estavam preocupados com as minhas necessidades, se desapercebiam. Tinha que ter paciência.

Entrevistador: Acha que os professores viam o surdo como um problema e te ignoravam?

S4: Sim. Eu procurava as pessoas na Direção para saber quando viria o intérprete, por que não conseguia participar das aulas por não ouvir. Eles ficavam sem jeito, sem resposta. Depois que fizeram algumas ligações, conseguiram providenciar o intérprete. Precisei insistir por três meses para que a Diretora providenciasse um intérprete. Por fim consegui.

Entrevistador: Quando o interprete estava presente, isso era bom. Mas e quando ele faltava?

S4: Mesmo assim ia pra escola. Os professores observavam que enquanto os alunos ouvintes faltavam, eu estava presente todos os dias e me aprovavam para passar de ano.

Entrevistador: Quando o professor pedia um trabalho escrito, como você fazia?

S4: Isso era bem difícil. O professor queria o trabalho pronto para o outro dia, por exemplo. A escrita em português era difícil pra mim. Aí tinha ideia de pedir o caderno de algum aluno ouvinte e copiava as respostas dele. O professor dava “visto” e não falava nada.

Entrevistador: O professor não tinha a preocupação de adaptar esses trabalhos pra você?

S4: Não. Apenas olhavam o caderno e me davam a pontuação

- 14) Sim, tem interação. Os ouvintes e surdos interagem. Isso é possível através da atenção, dos gestos e mímicas, por meio da escrita. Talvez um pouco de língua de sinais. Pergunto se eles conseguem me entender assim. Eles afirmam que sim Fácil!

Entrevistador: Não tem alguém que saiba interpretar?

S4: Não. Usamos gestos e mímicas para interagir.

Entrevistador: Como você fica sabendo sobre suas férias ou escala de trabalho? Como eles te explicam sem saberem a Libras?

S4: Eles escrevem o horário num papel e me amostram apontando para o relógio. Usam gestos e mímicas para dizer que já está próximo da hora. Tem um quadro de aviso onde é colocada a escala de férias. Procuro o meu nome ali para saber. Se for folgar algum dia, eles anotam num papel e me dão. Usamos gestos e mímicas. Eu consigo entender.

Entrevistador: Acha que no seu ambiente de trabalho os ouvintes olham para você com apreensão, como alguém que precisa ser suportado e te tratam com descaso?

S4: Não. Eles sempre estão me chamando para avisar alguma coisa, me passar alguma orientação, usando gestos e mímicas. Não me deixam de lado. Também, se acontece alguma coisa e querem se informar, escrevem.

Entrevistador: E as pessoas que vão ao mercado para comprar ou estão passeando pela cidade, se vão até você e percebem que é surdo, o que acontece?

S4: Então, acontece de estar conversando em sinais e alguns vêm me conhecer e conversamos um pouco. São Testemunhas de Jeová de São Paulo, Belo Horizonte, Amazonas. Estão na cidade, visitando pela primeira vez.

Entrevistador: Você é o único surdo que trabalha neste mercado?

S4: Não, tem uma surda que trabalha no Arraial e dois que trabalham em Coroa Vermelha. Aqui na loja do Centro, somos três surdos.

- 15) Então, fui a uma loja. Escolhi um produto e queria comprar. Precisei usar gestos, mímicas e também a escrita para me comunicar. Queria comprar o produto e fazer o parcelamento do valor. Estava sozinho, mas consegui finalizar a compra. Sentamos numa mesa e preenchemos o cadastro da loja. Consegui quitar a compra. Quando vou ao mercado fazer comprar, aqui perto de casa, escolho o que preciso e levo pra casa. Tem interação.

Entrevistador: Acha que as pessoas ali olham para você com estranheza ou te evitando?

S4: Não. Eu as conheço. Já tenho costume de ir lá.

Entrevistador: Quando vai ao médico, por exemplo, como é?

S4: Quando senti dor na coluna e procurei o atendimento médico, fiz a expressão facial para indicar que estava com dor e aponte para o local que estava doendo. Fiz um gesto com a mão como se estivesse “latejando”. A pessoa entendeu e deixou meu nome numa lista de espera. Eles chamavam por ordem dos nomes da lista. Mas eu perguntei como saberia quando seria minha vez. Um ouvinte disse que iria me ajudar. Ele ficou atento e, quando chamaram meu nome, ele me avisou e eu entrei na sala para consulta. Com o médico precisei usar gestos e mímicas para explicar o que estava sentindo. Mediram minha pressão. Depois, outro médico me examinou e escreveu uma receita com o nome do remédio. Ele escrevia e me mostrava o que tinha escrito no papel.

Entrevistador: Você foi sozinho ao médico?

S4: Sim, sozinho. O médico tentava falar comigo, mas eu avisava que era surdo e não estava entendendo. Acabávamos usando a escrita como saída. Ele não sabia a Libras. O jeito era tentar fazer gestos e mímicas. Ficava pensando em uma forma de explicar o que eu queria dizer.

Entrevistador: E no banco?

S4: Quando preciso de algum serviço como pagar contas, fazer parcelamentos ou desbloquear cartão, preciso usar gestos e mímicas. Geralmente ninguém me acompanha. Somente no outro banco tem uma mulher com a qual consigo me comunicar em língua de sinais. Nos demais bancos, não tenho esta escolha.

Entrevistador: Já tentou resolver algum problema no banco e não conseguiu?

S4: É difícil. Peço alguma coisa e não conseguem me entender. Tenho que ser persistente. Uma vez queria ter o cartão de crédito do banco e não conseguia. Fui várias vezes lá sozinho, até que consegui. Tenho conta aberta em três bancos e, num deles, deixo guardado meu dinheiro.

Entrevistador: No banco onde tem a pessoa que se comunica com você em língua de sinais, consegue tirar dúvidas e ter esclarecimentos?

S4: Sim, fica fácil. Nos outros bancos é difícil a comunicação. Preciso ter paciência.

Entrevistador: E quando vai a outros lugares na cidade, as pessoas olham pra você diferente, evitando contato, mostrando um pouco de desprezo? O que você acha? Eles conhecem o surdo?

S4: Nos bancos que vou as pessoas já me conhecem.

Entrevistador: E você já precisou procurar por assistência jurídica aqui?

S4: Não, nunca. Mas minha esposa, sim.

Entrevistador: Vi no seu perfil na rede social que estava dirigindo. Você já tem a habilitação?

S4: Sim, tenho. Fiz o processo aqui em Porto Seguro. Tive a ajuda de uma pessoa na interpretação. O responsável pela autoescola providenciou o intérprete. Ele me acompanhou na prova teórica. Mas perdi duas vezes o exame. Era pouco tempo para ver a interpretação e responder. Precisei pagar para tentar uma terceira vez. Outro intérprete me acompanhou. Consegui responder e passei. Foi um alívio pra mim. O instrutor era Testemunha de Jeová. Sabia me cumprimentar dizendo “Bom dia”, “Boa tarde” em Libras. Durante as aulas, tinha um intérprete comigo na sala. Mas nas aulas práticas, não. Aí ele usava gestos e mímicas comigo apontando para as peças e tentando me explicar a função de cada uma. Depois, no dia do primeiro exame prático, o “homem responsável” chegou. Chamou meu nome. Fiz a manobra errada e fui reprovado. Tirei um tempo para ficar observando como os outros faziam as manobras para conseguir passar no teste de baliza. Quando chegou o dia do segundo exame, torci para ser aprovado. Sabia que, na terceira vez, teria que pagar. Mas fui consegui passar. Quando foi a vez do teste da meia embreagem, o “professor responsável da empresa” sentou ao meu lado. Esperei 30 dias se passarem e fui buscar a habilitação. Fiquei muito feliz. Só tirei habilitação para moto por que tenho medo de sofrer uma colisão e cair de moto. De carro é mais tranquilo para o surdo. Fui a Salvador de carro na companhia de um amigo ouvinte buscar a minha esposa. A rodoviária não estava funcionando, estava fechado por causa da pandemia. Por isso tive que ir buscá-la.

Entrevistador: Você gosta de passear em Porto Seguro?

S4: Sim. Gosto muito.

Entrevistador: Onde você costuma ir quando está passeando aqui na cidade?

S4: Vou a muitos lugares, à praia, a Trancoso, a muitos lugares. Sou bem animado. Combino com surdos e ouvintes. Interagimos. Eu gosto muito.

Entrevistador: Você vai à praia, ao cinema, ao shopping?

S4: Sim. Também gosto de ir ao boliche.

Entrevistador: Acha que os ouvintes observam você com um olhar de estranheza e uma atitude de esquivamento? Ou elas buscam interagir com você?

S4: Às vezes. Se o ouvinte me reconhecer, ele se aproxima e me cumprimenta. Acontece essa interação.

Entrevistador: Você falou: “Às vezes”. Por quê?

S4: Alguns não me conhecem, mas tem alguns que se lembram de mim, como os colegas de escola. Quando nos encontramos, eles me cumprimentam.

Entrevistador: Mas eles falam com você em língua de sinais?

S4: Quase nada, mais gestos e mímicas.

Entrevistador: Acha que te desprezam ou maltratam?

S4: Não. Somos amigos.

Entrevistador: Você me disse que é Testemunha de Jeová, como é a interação com os ouvintes ali?

S4: No grupo interagimos bem. Conversamos em Libras. Alguns iniciantes usam gestos e mímicas. É legal. As reuniões acontecem em língua de sinais. Percebo que em outras religiões não há isso. Os ouvintes se mantêm distantes. Parecem esnobes.

Entrevistador: Com os ouvintes Testemunhas de Jeová você combina para passear e fazer outras atividades? Você consegue interagir com eles?

S4: Sim, muito bem.

Entrevistador: Você acha que na cidade de Porto Seguro, aonde você vai, os ouvintes olham para surdo com pena por ser um doente ou como alguém amigo que tem uma cultura surda?

S4: Acho que quando um ouvinte vê que acontece alguma coisa de ruim com o surdo, talvez um acidente ele sente pena e tenta ajudar. Não despreza. Procuram levar pro médico ou pra casa. Tentam escrever pra se comunicar.

Entrevistador: Você já deixou de frequentar um lugar por que percebeu que as pessoas ouvintes ali não te tratavam com respeito?

S4: Já. Quando eu não consigo me comunicar bem, desisto. E procuro pelo serviço que preciso em outro lugar. Mas em junho deste ano, precisei pegar uma encomenda de minha esposa nos Correios, no centro da cidade. A pessoa que me atendeu não conseguia me entender. Tentei usar o aplicativo ICOM, chamando uma intérprete na central de atendimento para me ajudar na comunicação. Quando mostrei a intérprete pela tela do celular, a atendente não quis falar com ela e se recusou a olhar. Precisei combinar para ir outro dia acompanhado de um amigo intérprete tentar resolver. Chegando lá fui até a mesma atendente pedir explicações e saber por que ela tinha reagido daquela maneira. Disse a ela, com a ajuda do meu amigo que estava interpretando, que os surdos tem direitos, que ela tinha me ignorado, que iria conversar com o chefe dela e se não conseguisse resolver, iria procurar assistência jurídica. Ela ficou sem graça, me pediu desculpas e me disse pra, por favor, não fazer isso. Percebi que as pessoas presentes a nossa volta ficaram aborrecidas com o que estavam presenciando. Elas comentavam: “Mas ele é surdo. Precisa ser ajudado”. Ela faltou com a educação.

Entrevistador: Acha que as pessoas aqui em Porto Seguro respeitam a pessoa surda?

S4: Algumas. Não todas.

Entrevistador: Acha que falta a elas conhecer melhor a pessoa surda?

S4: Sim. Por exemplo, a atendente no Correio.

Entrevistador: Acha possível que o surdo conviva entre os ouvintes?

S4: Sim. É possível essa interação. Se faltar consideração, o surdo pode chamar a atenção do ouvinte. Se ele aceitar, isso é possível.

Entrevistador: Ao receber orientação, o ouvinte pode compreender e mudar a atitude, não desprezando, mas aceitando a pessoa surda. Concorda?

S4: Sim. Pode mostrar respeito.

APÊNDICE I – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S5

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFESB)
---	--

ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE 05

DATA: 05/10/2020

DURAÇÃO: 54 min

- 1) (?) anos.
- 2) Nasci na cidade de (?), no Estado da (?).
- 3) Mudei para Porto Seguro há cinco anos e seis meses, quando casei.

Entrevistador: Porque você mudou para Porto Seguro?

S5: Meu marido já morava aqui.

- 4) Moramos eu e meu marido. Somente nós dois.
- 5) Tenho o ensino fundamental completo.
- 6) Já trabalhei numa fabrica de calçados na Paraíba.

Entrevistador: E aqui em Porto Seguro?

S5: Aqui, nunca trabalhei.

Entrevistador: Já tentou procurar um emprego aqui na cidade?

S5: Gostaria de trabalhar, mas não durante todo o dia e sim por meio turno. Mas ainda não encontrei. Paciência.

Entrevistador: Já distribui currículo pela cidade, em busca de trabalho?

S5: Ainda não. Procuo me informa ou uma Testemunha de Jeová me informa. Soube que tinha vaga num hotel, mas só para trabalhar o dia inteiro. Antes trabalhava assim e ficava muito cansada.

- 7) Meu pai brigava muito com a minha mãe quando ela estava grávida de mim. Ela ficou com muita raiva e tomou um remédio. Depois eu nasci assim. Por pouco não morri. Nasci surda.

Entrevistador: Você tem irmãs ou irmãos?

S5: Sim, tenho irmãs e irmãos. São seis e mais seis meio irmãos. A minha mãe teve seis. Depois meu pai teve outra mulher e daí veio os outros seis.

Entrevistador: Você é a única surda na família?

S5: Sim, sou a única surda. E isso aconteceu por minha mãe ter tomado remédio enquanto estava grávida de mim.

Entrevistador: Você sabe qual é o grau da sua surdez?

S5: Tenho o papel do exame aqui, que informa 90,3 Hertz.

Entrevistador: Então você não escuta quase nada?

S5: No ouvido direito é melhor que o esquerdo. Ouço um pouco com o ouvido direito.

Entrevistador: O que você consegue ouvir?

S5: O barulho dos carros, dos caminhões e também se alguém estiver gritando. Mas se eu estiver longe, não consigo ouvir.

Entrevistador: Depois você poderia me enviar foto do seu exame?

S5: Sim, posso.

- 8) Usei o aparelho auditivo dos três aos doze anos de idade. Depois desanimei.

Entrevistador: Porque você desistiu de continuar usando?

S5: Eu gostava de usar o aparelho, mas as crianças faziam maldade, gritando perto de mim. Eu sentia um barulho chato. Eu sentia muita vergonha e acabei deixando de usar. Deixei de usar aos doze anos e até hoje não uso mais.

- 9) Já. Quando eu tinha três anos, uma amiga mais velha me levava aos treinos para desenvolver a fala, mas não era constantemente. Também numa casa perto da minha, tinha uma pessoa que me ensinava a falar algumas palavras. Mas me ensinava pouco. Não era muito.

Entrevistador: Atualmente você faz alguma terapia desse tipo?

S5: Não. Parei de ter esse acompanhamento com sete ou oito anos mais ou menos. Já faz bastante tempo.

- 10) Sim, sei a língua de sinais. Principalmente a do Brasil. A de outros países sei pouco, por exemplo, a do Paraguai. Tenho uma amiga que me ensina. Quando tinha três anos, frequentei uma escola em que a professora usava a língua de sinais. Ela me ensinava e eu fui aprendendo.

Entrevistador: Na Paraíba?

S5: Sim.

Entrevistador: A professora era surda?

S5: Não, ouvinte.

Entrevistador: Era uma escola só de surdos?

S5: Não. Estudava junta com outros alunos que tinham síndrome de down ou algum comprometimento mental.

11)

	Escrita em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Com familiares		X			
b) Com amigos	X	X			
c) Com pessoas no local onde estuda				X	
d) Com pessoas no local onde trabalha	–	–	–	–	–
e) Com pessoas nos locais públicos ou privados na cidade		X	X		

- a) Não tenho familiares aqui em Porto Seguro. Eles estão na Paraíba. Aqui em casa, a comunicação em língua de sinais. Quando criança, com a minha mãe e com a irmã, usava um pouco a oralidade ou gestos e mímica. Quando cresci, com minha a minha irmã conversava em Libras. Mas a minha mãe sempre insistiu para que eu desenvolvesse a oralidade. Mas eu não conseguia entender bem. Para mim, era melhor em língua de sinais. Ensinei um pouco à minha mãe. Mas, até hoje, nos uso mais gestos e mímicas com ela.

Entrevistador: Com sua irmã você conversa bem em Libras?

S5: Sim, com ela me comunico bem em Libras.

- b) Tenho pessoas amigas na vizinhança. Uso gestos e mímicas com eles e a escrita. São três. Uma delas é tia de uma surda que tem quatorze anos. A sobrinha dela sabe pouco a língua de sinais.

Entrevistador: Você a ajuda a aprender a Libras?

S5: Sim, a ensino. A tia dela não sabe. Só faz gestos e mímicas. Mas é uma pessoa legal.

Entrevistador: Tem amigos ouvintes na cidade de Porto Seguro que saibam Libras?

S5: Alguns, eles são Testemunhas de Jeová. Com eles consigo interagir porque sabem a língua de sinais. Mas, com os meus vizinhos, interajo pouco.

- c) Entrevistador: Você me disse que não estudou aqui na cidade. Na escola que frequentou, os ouvintes interagiam com você?

S5: Quando era criança, estudávamos eu e minha irmã, juntas numa escola com ouvintes. Eu também frequentava uma escola especializada. Na primeira, tinha uma ouvinte com a qual conversava e brincava. Me comunicava com ela por gestos e mímicas e conseguíamos interagir.

Entrevistador: E até a 8ª série, como foi?

S5: Na terceira série, era difícil para mim as avaliações de Língua Portuguesa. Os cálculos de Matemática eu conseguia fazer. A diretora chamou a minha mãe e a avisou que eu estava com dificuldades na Língua Portuguesa e que era melhor que ficasse apenas na escola que tinha a Libras. Daí para frente, frequentei só esta escola. Era muito difícil o Português.

Entrevistador: Nesta outra escola em que você continuou estudava com um grupo de surdos?

S5: Sim.

- d) Não se aplica.
- e) Tem duas clínicas onde consigo interagir através da escrita e marcar consultas. Também no banco, tem uma pessoa que sabe um pouco da língua de sinais e da escrita. Consigo interagir lá também.

Entrevistador: Aqui em Porto Seguro, quando você está fora de casa, precisa de alguma informação e procura saber de um ouvinte, qual destes recursos mais utiliza para se comunicar?

S5: Uma vez falei para uma ouvinte que eu não escutava. Ela começou a falar comigo e tentei fazer a leitura labial. Entendi um pouco. Depois apontou para onde deveria ir usando gestos. Neste caso usei a leitura labial e gestos.

- 12) Não se aplica.
- 13) Não se aplica.
- 14) Não se aplica.
- 15) Uma vez, quando fui à farmácia, disse que estava com dor de cabeça apontando para minha cabeça e gesticulando que estava pulsando. Ela entendeu e me deu uma medicação. Também usou a escrita Alguns me ajudam.

Entrevistador: Em situações assim, você percebe que olham para você com um olhar de estranheza ou de preconceito?

S5: Algumas vezes, sim. Por exemplo, em clínicas médicas.

Entrevistador: Como assim? Pode explicar?

S5: Adoecei e fui a uma UPA. A mulher que me atendeu para coletar a amostra de sangue ficava falando brava comigo, fazendo gestos com a mão, me dando pressa, como que dizendo: “Vamos! Vamos!”. Fiz o sinal de “calma”. Percebi que me encarava como uma chata. Fiquei quieta, suportando aquele tratamento. No mercado quando vou pagar percebo que a pessoa fica calada, de cara fechada. Também acontece isso em lojas. Hoje precisei fazer uma xérox. Fui atendida por uma jovem. Dei a ela o papel original e indiquei que queria uma cópia, levantando apenas o dedo indicador. Ele não entendeu e me perguntou grosseiramente: “O quê? Um real?”. Eu dei a ela a moeda de vinte e cinco centavos. Ela entendeu que era apenas uma cópia. Depois que peguei os papéis, sinalizei, em Libras, dizendo: “Obrigado”. Ela ficou calada, sem jeito. Percebi que ela não conhecia os surdos. Alguns acham o surdo chato.

Entrevistador: A pessoa que te atendeu na UPA, que parecia nervosa, sabia Libras?

S5: Não. Isso aconteceu na Paraíba. Estava com minha mãe. Aqui, as pessoas na UPA são legais e me ajudam bem. Mas tem aqueles que acham o surdo chato.

Entrevistador: Chato, como?

S5: Ficam com a expressão brava. Gesticulam dizendo: “Rápido, vem sentar.” Eu não entendo nada. Parece que tem preconceito contra o surdo. Eu percebo. Alguns me dão atenção. Eu fui sozinha a UPA aqui perto de casa. Me expressei com gestos e mímicas. Me queixei de uma coceira no pé. O homem pegou o celular e procurou os sinais num aplicativo para falar em Libras comigo. Ele me deu atenção e me ajudou. Alguns me ajudam na comunicação, mas outros não. Em outra ocasião, um jovem médico falava comigo durante a consulta. Eu indicava que não estava entendendo o que ele dizia por que sou surda. Ele continuava falando e apontando para o papel. Eu tive que ter paciência. Alguns não sabem a língua de sinais e tentam se comunicar com gestos e mímicas. São reações diferentes.

Entrevistador: Já precisou de alguma assistência jurídica aqui?

S5: Sim, mas vou acompanhada de um intérprete. Só com gestos e mímica é difícil.

Entrevistador: Precisou dessa assistência por quê?

S5: Tive problema com a empresa que fornece a água aqui em casa e precisei abrir um processo. A conta estava muito alta.

Entrevistador: Foi a uma loja?

S5: Não, no SAC. Lá tem advogados. É um atendimento gratuito. Primeiro meu marido foi. Mas precisou que estivesse junto porque a conta está em meu nome. Fui lá e me disseram que tinha uma conta que precisava pagar. Paguei e retornei, desta vez, com um intérprete. Depois teve a audiência e também fui com um intérprete.

Entrevistador: Nem no SAC, nem na audiência, havia intérpretes sem ser o que você precisou procurar por um?

S5: Não tinha intérpretes lá. Precisei chamar um.

Entrevistador: Faltou a acessibilidade.

S5: Sim, falta muito. São poucos os lugares. Aqui só conheço uma pessoa no banco que sabe a língua de sinais.

Entrevistador: Aqui, vai sozinha às lojas? Como os ouvintes olham para os surdos ali? Demonstrem respeito, interagem ou são apáticos, desconsideram? O que você percebe?

S5: Alguns agem preconceituosamente. Outros dão atenção. Eu pergunto o valor das roupas e me abrem as mãos com os dez dedos. Eu entendo. Ou escrevem e me mostram. Outros são indiferentes. Percebo que ficam sem jeito comigo.

Entrevistador: Já desistiu de ir a algum lugar aqui por achar eu as pessoas ouvintes ali não gostam dos surdos ou são preconceituosas?

S5: Em já desisti de ir a mercado, loja e farmácia onde percebo que não me tratam bem.

Entrevistador: Se frequenta algum grupo religioso, interage com os ouvintes ali?

S5: Sim. Eles me ajudam, interagimos juntos, conversamos, visitamos uns aos outros. Isso é bom!

Entrevistador. Vocês passeiam juntos, interagem e fazem coisas juntos constantemente?

S5: Às vezes, me convidam para almoçar com eles, fazer algum tipo de brincadeira. Eu também os convido aqui em casa para almoçarmos juntos e conversar.

Entrevistador: Acha que as pessoas ouvintes em Porto Seguro conhecem o surdo e sua cultura?

S5: Não tenho contato com muitos ouvintes. Conheço a pessoa no banco e também a da farmácia, não são muitas. Meu contato maior com os ouvintes e no grupo das Testemunhas de Jeová. Tem outra moça na loja de tecidos. Ela respeita os surdos. Sabe um pouco de língua de sinais. Ela me cumprimenta com um "Oi!". Alguns fazem isso.

Entrevistador: Percebe que, aqui na cidade de Porto Seguro, uma maioria das pessoas ouvintes reage com preconceito, desprezo ou descaso com os surdos?

S5: Não todos. Mas alguns parecem que são preconceituosos com os surdos.

Entrevistador: Por que conclui que alguns são preconceituosos ou desprezam os surdos?

S5: Alguns surdos tentam se comunicar e não conseguem e desistem. Como na família, não há comunicação algumas vezes e o surdo desiste disso. Fui com uma amiga ao centro. Estávamos conversando em Libras e o filho de um casal que estava passeando tocou meu ombro e começou a falar comigo. Avisei que não escutava. Ele ficou com o semblante sério, levantou a mão com a palma voltada pra mim, me disse um "Desculpe!" e foi embora. Senti que ele agiu assim por preconceito. Fiquei pensando o porquê de ele ter saído abruptamente. Estranho! Alguns reagem assim, com estranheza. Alguns sorriem e

acenam para mim. Isso mostra respeito. Outros agem com preconceito. Percebo que há diferentes reações.

Entrevistador: Às vezes alguns pensam que os surdos são doentes. Aqui em Porto Seguro, acha há interação entre surdos e ouvintes? Ou parece que os ouvintes têm essa visão do surdo como doente e inferior?

S5: Não conheço muitos ouvintes. Lá na onde nasci era pior esta interação. Por exemplo, em minha família, com os mais próximos, eu conversava. Mas, com tios e primos, não havia comunicação, nem com a vizinhança. O contato era limitado a um aceno. Eu ficava em silêncio. Muitos reagiam preconceituosamente. Mas no grupo de língua de sinais, com a professora que sabia a Libras, conversávamos. Aqui em Porto Seguro, minha experiência de contatos com ouvintes é menor.

Entrevistador: Como surda, em sua opinião, que coisas faltam aos ouvintes daqui da cidade? Que sugestão lhes daria?

S5: Que eles aprendam a língua de sinais. Precisamos de intérpretes para nos comunicar quando vamos ao médico, ao banco e em quaisquer outros lugares. Mas o que há é a falta dela. Às vezes, os intérpretes que conheço estão todos ocupados. Precisam aprender uma língua de sinais para que possamos interagir e nos comunicar. E difícil! Eles podem fazer um curso para aprenderem. Essa é uma necessidade. Eu não vou sozinha aos lugares por que não consigo uma comunicação. Às vezes, os intérpretes que chamo estão ocupados. Desejo que mais pessoas aprendam a Libras. Alguns querem. Outros não têm interesse. Outros dão como desculpa a falta de tempo.

Entrevistador: Acha que uma interação melhor entre surdos e ouvintes aqui em Porto Seguro é possível? Às vezes, quando encontram pela primeira vez um surdo, os ouvintes ficam hesitantes, sem saber com agir. Ou carregam algum tipo de preconceito sobre os surdos. Que sugestão você daria para eles?

S5: Tinha uma mulher que trabalhava como cobradora no ônibus aqui na cidade. Sempre a encontrava quando pegava o ônibus para ir aos encontros religiosos. Ela conversava comigo pela escrita e eu a ensinava alguns sinais. Quando passamos em frente ao CEAME, indiquei que ela poderia ir lá para aprender mais. Ela quis saber quanto era. Pedi que ela fosse lá para saber. Ela tinha curiosidade para aprender. Depois não a encontrei mais. Acho que ela foi demitida.

Entrevistador: Aos ouvintes que acham que os surdos são doentes ou deficientes, o que você diria?

S5: Geralmente não digo nada. Fico calada.

Entrevistador: Acha que é necessário uma mudança?

S5: Os ouvintes pensam que os surdos são doentes ou deficientes. Não é isso. O surdo tem uma cultura, como os ouvintes têm. É possível e necessário interagirmos. O surdo não é inferior ao ouvinte. Somos iguais. Os ouvintes precisam usar de empatia e buscar entender a cultura dos surdos. Muitos ainda pensam que os surdos são deficientes ou doentes.

APÊNDICE J – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S6

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFESB)
---	--

ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S6

DATA: 05/10/2020

TEMPO: 83 min

- 1) (?) anos.
- 2) (?)
- 3) Sempre morei em Porto Seguro.
- 4) Três pessoas. Moro com minha esposa e meu filho que tem sete meses de vida.

Entrevistador: Seu filho é surdo também?

S6: Não, é ouvinte.

- 5) Ensino médio completo.
- 6) Não tenho uma profissão. Trabalho como ajudante de pedreiro.
- 7) Minha mãe me explicou que eu nasci ouvindo, mas depois fiquei doente. Tive meningite. Ela conta que tive varias vezes febre e por causa do tratamento fiquei surdo. Não sei com que idade isso aconteceu exatamente. Ela não me disse. Com um ano, balbuciava algumas palavras simples, como “mamãe”, dentre outros. Com o passar do tempo deixei de falar.

Entrevistador: Você ainda lembra-se do som de algumas palavras que conseguia falar?

S6: À medida que fui crescendo, esqueci. Depois de algum tempo comecei a frequentar o CEAME para treinar a oralidade. Conseguia falar palavras como “agua”, “pai”, “pão”, e aumentar a intensidade da voz para chamar atenção de alguém.

Entrevistador: Qual seu nível de surdez?

S6: Tenho surdez profunda nos dois ouvidos.

Entrevistador: Você não consegue perceber nenhum som?

S6: Muito pouco com o ouvido esquerdo. Mas se alguém me chamar, por exemplo, não ouço. Às vezes sinto o barulho de umas batidas bem fortes.

Entrevistador: Depois você pode me mandar a foto do último exame de audiometria que fez?

S6: Posso.

- 8) Nunca usei aparelho auditivo. No passado, me levaram ao médico varias vezes para

conseguir o aparelho auditivo. Mas o tempo passou e eu nunca recebi.

Entrevistador: Mas você tem vontade de experimentar usar o aparelho auditivo?

S6: Não. Quer dizer, tenho vontade, mas as pessoas me dizem que é ruim, faz muito barulho e incômoda. Então, desanimei. Prefiro a língua de sinais. Não dependo do aparelho ou de ouvir. A língua de sinais faz parte de mim. Alguém pode, por exemplo, tocar no meu ombro e vou responder. Isso é normal.

- 9) Entrevistador: Você já me falou que fez sessões para desenvolver a oralidade. Pode explicar um pouco mais?

S6: Primeiro, fizeram alguns testes para verificar o nível da minha percepção dos sons. Tocavam alguns instrumentos atrás de mim. Chegaram a conclusão que eu era mesmo surdo. Daí, começaram as sessões para treinar a oralidade. Mas algumas palavras, não conseguia falar, como “avião”. Outras eram mais fáceis, como “pai”. Quando retornava para casa, minha família continuava os exercícios comigo.

Entrevistador: Com que idade você fez essa terapia?

S6: Dos seis aos dez anos. Depois parei.

Entrevistador: Mas você ia a uma clínica ou a uma escola?

S6: Era no CEAME. Mas com dez anos, não me interessei mais. Falei com minha família que eu não queria continuar e eles aceitaram.

- 10) A língua de sinais que domino é a brasileira. Aprendi um pouco da língua de sinais do Paraguai também porque em 2019 eu estive lá a passeio. Estava hospedado em Foz do Iguaçu e um amigo me chamou para conhecer. Fiz contato com alguns surdos de lá. E até hoje conversamos por videoconferência.

Entrevistador: Com que idade aprendeu a Libras?

S6: Comecei aos dez anos, aprendendo alguns sinais. Aos doze anos, já estava me comunicando nesta língua de sinais. Estava estudando no Colégio Estadual e uma professora ouvinte começou a me ensinar os sinais.

- 11)

	Escrita de palavras em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Com familiares				X	
b) Com amigos		X		X	
c) Com pessoas no local onde estuda		X			
d) Com		X			

peessoas no local onde trabalha					
e) Com pessoas nos locais públicos ou privados na cidade	X	X			

- a) Com a maioria dos meus familiares uso mais gestos e mímica. Mas com minha irmã uso a língua de sinais. Ela sabe a língua de sinais porque eu a ensinei. Com minha mãe uso gestos e mímicas.

Entrevistador: E com a sua esposa?

S6: Ela é surda também, nos comunicamos em língua de sinais.

Entrevistador: Você tem familiares que moram perto de você?

S6: Sim. Tio, pai, irmãos.

Entrevistador: E antes dos dez anos, como você se comunicava com seus familiares?

S6: Por gestos e mímicas pedia água, avisava que queria ir ao banheiro. Para nadar ou para andar de carro.

- b) Você tem amigos ouvintes? Eles sabem Libras?

S6: Sim, tenho. Com alguns, uso gesto e mímicas, com outros, a língua de sinais.

- c) Quando fiz o 1º e o 2º ano do Ensino Médio, e conversava com a Direção da escola, precisava usar gestos e mímicas. Na sala de aula alguns professores se aproximavam de mim gesticulando e fazendo mímicas também. Outros professores prosseguiam a aula falando e eu ficava sentado quieto. Então usava mais gestos e mímicas.

- d) Entrevistador: Você sempre trabalhou como ajudante de pedreiro?

S6: Não, antes trabalhei num lava jato. Lavava carros e ônibus, mas depois meu punho começou a me incomodar e eu parei.

Entrevistador: E nesses locais, como você se comunicava?

S6: Sempre por gestos e mímicas. Poucas vezes usei a escrita.

- e) Mais gestos e mímicas e um pouco da escrita. A maioria das pessoas não sabe a língua de sinais

- 12) Interagimos. Por exemplo, eles me ajudam a saber quando esta acontecendo alguma coisa de perigoso na rua, ou lugares que devo evitar ir a noite. Se indico que preciso de ajuda e mostro o papel para explicar o que esta faltando, eles me acompanham para tentar resolver o problema.

Entrevistador: Você se sente acolhido pelos seus familiares ouvintes, ou afastado, isolado

deles?

S6: No passado era pior, ficava mais isolado. Eles conversavam entre eles e eu não participava das conversas. Agora interagimos mais, porque minha irmã sabe língua de sinais.

Entrevistador: Acha que sua família encara uma pessoa surda como um “coitadinho”, um deficiente, uma pessoa doente? Ou como uma pessoa que pode interagir normalmente?

S6: Minha família percebeu que eu ficava triste e me isolava. Me perguntavam porque eu ficava assim. Eu dizia que não tinha problema, percebia que eles ficavam com pena de mim. Comecei a mostrar que não conseguia interagir com eles e conversar. Eles reconheceram que precisavam interagir melhor comigo. Eu ficava sem saber, sem ter as informações do que estava acontecendo. Eles entenderam que eu precisava saber dessas informações para interagir com eles.

Entrevistador: Acha que a preocupação deles se dava pelo fato de associar sua surdez a uma doença e, por isso, te restringiam de ir à rua, passear?

S6: Antes este tipo de preocupação acontecia. Com o passar do tempo ganhei mais liberdade, por exemplo, para andar nas ruas etc.

- 13) Tinha um aluno com o qual conseguia interagir, mas com a maioria dos outros colegas não tinha interação. Eles caçoavam de mim, dizendo que eu era surdo, que não era inteligente. Me diziam palavrões. Se mostravam preconceituosos.

Entrevistador: Na escola você era acompanhado por um intérprete?

S6: Sim, tinha um intérprete.

Entrevistador: Se a professora pedisse pra fazer uma atividade em grupo, você conseguia se envolver com os ouvintes?

S6: Na outra escola, sim. Lá era ótimo. Interagíamos. Eram formados grupos e eu conseguia participar das atividades. Os colegas não me deixavam de lado, ou me viam com pena. Me chamavam para participar.

Entrevistador: Na escola você acha que a Direção, os professores e os alunos viam o surdo como uma pessoa doente e te evitavam?

S6: A Diretora era legal. Quando nos encontrávamos, ela tentava se comunicar comigo fazendo gestos e mímicas, por exemplo, que a turma estava liberada e que eu podia ir embora. Já entre os professores, variava. Meus colegas lá, como expliquei, interagiam. Se eu chegasse atrasado, me chamavam para sentar perto deles mostrando o caderno, tentando explicar o que estava acontecendo. Ou, se o professor estava fazendo chamada para confirmar presença dos alunos e registrasse que eu tinha faltado, eles me avisavam.

Entrevistador: Mas eles sabiam a Libras?

S6: Não. Conversava com eles com a ajuda de um intérprete. Se o intérprete faltasse, tinha que usar mímicas e gestos e me esforçar para entendê-los.

Entrevistador: E do primeiro ao nono ano, você tinha também um intérprete pra te acompanhar nas aulas?

S6: Do sexto ao nono ano estudei numa escola num bairro local. Lá a interação era difícil. A Diretora era legal. Mas em geral, com as pessoas na escola, não tinha interação.

- 14) Quando alguns, que me conhecem, me chamam para trabalhar, por exemplo, na construção civil, usamos gestos e mímicas. Me descrevem o que devo fazer ou que ferramenta preciso pegar. Mas, com outros, não trabalho. Parece que pensam que sou incapaz por ser surdo. Existe essa conversa e eu percebo, mas deixo isso para lá.

Entrevistador: Então os que conhecem você, te chamam para trabalhar e te pagam pelo serviço que você faz. Outros evitam te chamar por você ser surdo. É isso?

S6: Isso mesmo.

Entrevistador: Acha que no seu trabalho as pessoas te veem como deficiente ou te tratam com respeito?

S6: Uma vez distribuí alguns currículos, buscando um emprego. Fui chamado para entrevista em uma loja. Estava acompanhado por um intérprete. Mas eles me perguntaram se eu sabia escrever bem e eu respondi que não sabia tudo, mas um pouco. Eles disseram que eu precisava saber preencher papéis, como por exemplo, quando os produtos precisavam de reparo. Eu disse que um surdo era capaz de fazer esse trabalho, que eu poderia ganhar experiência e conseguir preencher os papéis também. Fiquei aguardando ser chamado. Mas isso não aconteceu. Eu entendi então que eles não tinham me selecionado.

Entrevistador: Você achou que eles te evitaram por você ser surdo?

S6: Sim.

Entrevistador: Você distribuiu muitos currículos pela cidade?

S6: Distribuí em alguns lugares, mas como não me chamavam, desisti de esperar. Foi quando meu pai me falou do serviço de ajudante de pedreiro e eu aceitei trabalhar.

Entrevistador: Você gosta do seu trabalho atual, ou pensa no futuro fazer outra coisa?

S6: Gosto da construção civil, mas também gostei de trabalhar no lava jato. Gostei dessas duas experiências. Não tenho outras, pode ser que eu trabalhe de outras formas, vou ver.

Entrevistador: Você já tem o Ensino Médio completo. Pensa em fazer algum curso profissionalizante mais pra frente?

S6: Alguns anos atrás pensei em fazer um curso. Na cidade temos o SENAC que oferece cursos de cabeleireiro ou gastronomia. Fiquei interessado e fui até lá buscar mais informações. Eles me disseram que precisava ter mais surdos para que eles conseguissem contratar um intérprete.

Entrevistador: Com essa resposta você desistiu de tentar fazer o curso e resolveu permanecer na área da construção civil?

S6: Exatamente

- 15) - Certa vez fui acompanhado da presidente da Associação em alguns lugares, ela me

incentivou a tentar buscar sozinho informações com as pessoas ali. Quando fazia isso, usava a língua de sinais para pedir informação. As pessoas não entendiam o que eu estava querendo dizer. Depois de alguns instantes, o presidente chamava aquela pessoa com que eu tinha conversado a atenção de que eu era surdo e que eles precisavam tomar medidas para se comunicar comigo por que as vezes não vai ser possível chamar um intérprete pra isso. Que se precisava despertar para isso. Em outra situação, quando fui ao SAC com um interprete, buscar informação sobre os procedimentos para conseguir habilitação como motorista, a pessoa que me atendeu, chamou o chefe dele. Eu disse que era surdo e gostaria de me habilitar. Ele ficou questionando se o surdo poderia fazer isso. Ele achou estranho. Perguntei se ele não sabia que surdos conseguiam se habilitar. Disse que em São Paulo, Salvador e em outros lugares isso acontecia. Pedi pra ele procurasse vídeos sobre isso no YouTube. Ele me pediu pra aguardar e conversou com alguém por telefone. Depois disso, me informou que eu poderia iniciar o processo. Dei a entrada nos processos e paguei as taxas. No dia do exame clínico, ao descobrir que eu era surdo, me disseram não poderia dirigir pelo risco de acontecer um acidente, que não conseguiria perceber o trânsito, que eu era burro. Não liguei e fiquei esperando pelo exame psicológico. Depois, do exame, me chamaram pedindo desculpas e disseram que poderia continuar o processo. Na sala de aula do curso não era acompanhado por um intérprete. Tentava perceber o que o instrutor estava ensinando. Copiava o que ele escrevia. Ele me mostrava o papel indicando às informações. Do que eu conseguia entender, fazia notas. Os vídeos que eram exibidos não tinham legenda ou janela de Libras. Poderia ter aprendido muito mais se tivesse a acessibilidade. No teste simulado, não passei por falta de um acerto. O instrutor não conseguia me explicar sobre o erro. Tentava me explicar oralmente, mas eu avisava que era surdo. A comunicação foi bem difícil. Depois, quando precisei fazer a prova teórica no Detran eles não ofereciam o serviço de interpretação. Procurei uma Associação no bairro do Baianão que defende os direitos da pessoa com deficiência. Eles providenciaram que uma pessoa fosse a autoescola conversar com o responsável para exigir que eu fosse acompanhado por um intérprete na prova. Eu não participei da conversa. O responsável da autoescola não gostou disso. Depois, com cara de bravo, ele questionou que o intérprete poderia me ajudar a passar na prova. Eu percebi isso. Mas é preciso ter intérprete. Outros surdos vão querer fazer o curso também e aprender. A autoescola precisa contratar um intérprete. Fiquei sem o apoio de um intérprete também nas aulas práticas. O instrutor fazia gestos e escrevia pra mim tentando me explicar como deveria proceder ou em que direção deveria conduzir o carro. Alguma coisa eu entendia, mas não tinha clareza de tudo.

Entrevistador: Mesmo na prova teórica você não teve intérprete?

S6: Tive, mas não foi a autoescola que pagou. Eu precisei procurar por um intérprete que me ajudou voluntariamente. Mesmo assim, como não tirei muito proveito das aulas, perdi quatro vezes o exame. Não conseguia entender as aulas e os vídeos. Era como se tivesse num cinema, somente assistindo o vídeo, mas sem entender. Se tivesse a ajuda de um interprete antes e pudesse tirar as minhas dúvidas antes, durante o curso, poderia lembrar mais e responder as questões.

Entrevistador: Quando vai a mercado, farmácia, banco e outros lugares na cidade, acha que os ouvintes interagem com você?

S6: Não vou muito frequentemente a diferentes lugares. Mas acho legal a Associação. Eles interagiram comigo lá. Me levaram a um advogado para explicar o problema com a autoescola.

Entrevistador: Quando precisa ir ao médico, como faz?

S6: Nunca vou sozinho. Constantemente a minha irmã ou meu pai me acompanham.

Sozinho não dá porque eles vão tentar escrever. Sabe o posto de saúde? Às vezes, consigo resolver alguma coisa sozinho. Me atendem usando gestos e mímicas e consigo entender. Quando não, chamo alguém pra ir comigo. Fui ao dentista particular. Precisei extrair um dente. Minha irmã precisou ir comigo.

Entrevistador: E quando precisa levar seu filho para atendimento ao médico, como faz?

S6: Quando vamos o vacinar, conheço como é. Procuo saber para que é aquela vacina. Se é pra alergia ou se é para gripe. Me dizem que se ele estiver gripado não deve ser vacinado e que é preciso a gripe passar para vacinar. Ou me dizem que é pra voltar lá depois pra tomar outra vacina e eu entendo.

Entrevistador: Por exemplo, quando vai à loja comprar roupa, o ouvinte ali interage com você?

S6: Quando vou as lojas, faço gestos e mímicas para conversar com o vendedor. Se não tem o que procuro, ele faz gestos para me dizer que vai chegar depois. Assim interagimos. Em outras lojas, quando vou procurar um celular pra comprar, por exemplo, tenho que escrever o que quero e o vendedor fala comigo usando gestos e mímicas e conseguimos interagir. Teve um lugar que eu fui, onde tentei explicar o que queria escrevendo e fazendo gestos e mímicas, mas a pessoa não entendeu. Achou estranho.

Entrevistador: Você cresceu em Porto Seguro, acha que os ouvintes da cidade respeitam a pessoa surda e buscam interagir com ela ou veem a pessoa surda como deficiente, doente, com pena e por isso evitam se aproximar dela?

S6: Penso que a maioria tem respeito. Às vezes alguns caçoam do surdo. Por nos comunicarmos em uma língua de sinais alguns acham estranho. Fazem gestos nos chamando de loucos ou nos arremedam. Às vezes dizem coisas ofensivas. Eu percebo que é assim desde mais novo, na escola, na rua. Alguns nos veem e começam a conversar entre eles. Acham estranho quando fazemos sinais, dizem que temos problemas mentais. Já outros conhecem os surdos e nos tratam normalmente.

Entrevistador: Acha que a maioria das pessoas aqui não conhece a cultura surda?

S6: Sim. Alguns nos conhecem. Outros acham estranho. Por exemplo, quando estamos conversando em língua de sinais, ou quando estamos fazendo uma vídeo chamada usando a Libras, acham estranho. Alguns nunca viram. Uma vez estava conversando com um ouvinte e ele estava ouvindo, ele me disse que tinha pessoas atrás dele comentando e rindo de nós, dizendo que era uma maluquice.

Entrevistador: Que conselho você daria para esses ouvintes?

S6: Nunca dei conselhos assim aos ouvintes, a não ser na minha família. Por exemplo, eu falo que não gosto de esperar eles conversarem de um assunto pra depois me explicarem. As vezes eles estão conversando e ficam olhando para mim. Eu fico desconfiado achando que estão falando de mim e pergunto o que seria. Meus familiares sabem disso e evitam esse comportamento, porque perceberam que quando isso acontece, acham que estão falando mal de mim.

Entrevistador: Você tem vontade de que no futuro os ouvintes interajam melhor com os surdos?

S6: Sim. Nas lojas e nos outros lugares, seria muito bom se eles pudessem aprender a língua de sinais. Nossa comunicação por gestos e mímicas não é completa. Gostaria que

eles aprendessem a Libras.

Entrevistador: Os ouvintes precisam aprender mais sobre o surdo e sua cultura para que eles possam se aproximarem e não ficarem distantes. Concorda?

S6: Alguns se aproximam, outros mantêm distância.

Entrevistador: Você frequenta alguma religião?

S6: Sim, sou Testemunha de Jeová. Já quando eu tinha dez anos, eles me ensinavam a Libras. Depois, comecei a frequentar as reuniões e participo até hoje.

Entrevistador: Neste grupo você interage bem com os ouvintes?

S6: Sim, interagimos. Eles me acompanham quando preciso ir ao médico, quando fui ao SAC ou às aulas de direção. Temos uma boa interação. Não me evitam, nem agem com desprezo. Demonstram amor e querem me ajudar voluntariamente. Sempre estamos juntos. Por exemplo, foi um intérprete Testemunha de Jeová que me acompanhou na entrevista que fiz para emprego. Foi um professor Testemunha de Jeová quem me ensinou a língua de sinais na escola.

Entrevistador: Se tiver algum detalhe sobre o que conversamos hoje que depois lembre e queira me contar, pode me procurar. Ah, e você conseguiu a habilitação?

S6: Sim. Na prova prática de rua, passei direto. Tenho habilitação para moto e carro.

APÊNDICE L – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S7

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFESB)
---	--

ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S7

DATA: 06/10/2020

DURAÇÃO: 98 min

- 1) (?) anos
- 2) (?).
- 3) Há dois anos.
- 4) Dois adultos ouvintes e um adulto surdo.
- 5) Eu abandonei a faculdade no RS porque não gostei do curso, não combinava comigo. Depois quis fazer medicina, mas passei um tempo triste, depressivo. Deixei as coisas para trás e fui embora para São Paulo para uma vida nova lá.

Entrevistador: Depois você mudou pra Porto Seguro de São Paulo? Rio Grande do Sul, São Paulo e Bahia, é isso?

S7: Não, foram RS, depois MG, SP e mudei para BA.

Entrevistador: Então você na fez faculdade e concluiu o Ensino Médio?

S7: Ainda não, isso, EM.

- 6) Soldador.

Entrevistador: Que bom! Você fez um curso?

S7: Sim, concluí e já trabalhei no passado.

- 7) Nasci ouvindo normalmente. Com dez anos fiquei doente. Tive meningite. Fiquei hospitalizado. Quase morri. O médico me disse que eu não morreria, mas minha audição diminuiria.

Entrevistador: Como está classificada no último exame audiométrico que fez?

S7: Minha surdez é profunda. Cheguei a usar aparelho auditivo e treinar para ouvir mais, mas o barulho me deixava com dor de cabeça.

Entrevistador: Como está classificada no último exame audiométrico que fez?

- 8) No passado, usei sim. Me acostumei um pouco e conseguia ouvir alguns sons como os passos de pés. Achava isso legal, bom. Também o estalo de dedos. Mas quando as pessoas falavam comigo eu não entendia. Parecia que estavam falando em outra língua, como o Inglês ou Espanhol. A comunicação ficava truncada e eu não entendia. Mas

achava bom, gostava. Mas ficou velho. Quebrava e consertava. Substituí por outro, novo, pelo SUS. Conhece? Mas tinha uma fila de espera que demorava. Por fim consegui, mas, por causa do barulho abandonei o uso, não quis mais. Passados alguns anos, quando mudei pra SP procurei por um novo. Mas lá também tinha uma fila grande de espera. Tinha muitas pessoas surdas na fila de espera em SP. Aqui em Porto não tem. Já procurei, pesquisei. Fiquei triste. Não tem.

Entrevistador: Aqui em Porto, você pesquisou pelo adquirir o aparelho auditivo?

S7: Sim, não tem. Só particular. Mas é muito caro porquê a empresa é da Europa. Ela vende pro Brasil, mas em euro. Conhece o sinal?

Entrevistador: Esse sinal eu não conheço?

S7: É o sinal de E-U-R-O, a moeda de lá. O valor é maior e fica muito caro. Eu não posso comprar. Um aparelho custa uns seis mil reais. Mas seis mil do outro são doze mil. Muito caro!

- 9) Não, por que, por exemplo, eu minha opinião, depende da pessoa que nasceu ou ficou surda. De sua relação com os ouvintes. Por exemplo, eu nasci ouvindo, mas fiquei surdo aos dez anos. Mas continuei junto com ouvintes e também me esforçava muito para ler. Pedia a Deus para me ajudar e me esforçava para ler e aprender melhor o Português. Por exemplo, naquele tempo, a TV não tinha legenda e o surdo sofria muito querendo entender o significado das palavras. EU não ficava triste. Lembro da história de Hellen Keller. Conhece? Este é o sinal dela. Fiquei admirado com o esforço daquela mulher e também me esforcei para conseguir. Continuava a fazer leituras. Por exemplo, meu amigo ouvinte às vezes se afastaram de mim porquê os surdos atrapalhavam a via deles. Por exemplo, quando encontrava um amigo ouvinte numa esquina ou na rua, entrava no grupo e comentava, oralizando, que um homem tinha matado... Mas meu amigo reclamava dizendo: “O tema da conversa é outro, esporte, e você está falando de assassinato. Não combina.”. Eu ficava sem jeito e pensando que precisava me adaptar aos temas das conversas. Precisava interagir com o mundo dos ouvintes e ficar mais junto deles. Pesquisava os acontecimentos, me informava. Depois, quando encontrava novamente o grupo, cumprimentava os amigos e perguntava qual era o assunto que estavam conversando. Por exemplo, era um assunto dum acontecimento do dia anterior, um suicídio. Eu também entendia deste assunto porque havia pesquisado antes e sabia que tinha um homem mal ou deprimido e... Assim conseguia interagir e aprender como é o mundo ouvinte. Eu não tinha amigos surdos e nem sabia Libras, somente o alfabeto porquê uma amiga me deu um papel com ele. Ela aprendeu e usava para soletrar as palavras como eram em português. Alguns anos depois, com dezessete anos, mudei para outra cidade que tinha uma escola para surdos e foi a primeira vez que vi outros surdos. Percebi uma diferença, mas não me identifiquei, olhei com estranheza. Percebi que a cultura deles não era igual à de ouvintes, era diferente. Comecei a aprender Libras e a me sintonizar com os surdos. Aprendi por meio destas duas. Tinha um surdo parecido comigo, mas diferente. Minha audição baixou aos dez anos e a dele, aos quatorze. Mas, diferente de mim, ele cresceu em contato com outros surdos, interagindo com eles. Ele só sinalizava e não oralizava. Por isso, achava que ele era “mente fechada”. Perguntava pra ele se lembrava e gostava quando ouvia música, se era bom. Mas coisas desse passado não combinavam com ele porque ele mudou de mundo, estava junto com surdos. Já eu não. Porque amo ler. O português é minha língua. Por exemplo, se alguém me chamar para uma palestra em que tem interpretação em Libras e legenda, eu prefiro a legenda. Mas eu uso a língua de sinais para me comunicar. Mas eu cresci com ouvintes. No passado, onde trabalhava tinha ouvintes e surdos. Quando estava no ônibus, indo ao trabalho encontrei uma mulher surda, que tinha nascido surda. Ele usava aparelho

auditivo e cresceu assim. Sua mãe a ensinava categoricamente. Ela não andava com surdos, ficava sob a vigia da mãe. Com o aparelho ela conseguia ouvir, mas sem eles não. Ela usava os dois: oralidade e os sinais, mais a oralização, mas não tinha uma identidade surda. Também conheço um surdo no RS que ouve, tem 15% de audição. Ele fala ao telefone. Mas tem identidade surda porque sua namorada era surda. Ela era inteligente porque a família dela, mãe, pai, irmãos, primos e tios eram surdos. Ela tinha um irmão surdo que ouvia 50%, mas ele tinha uma identidade surda porque, por exemplo, ele gostava de ouvir músicas altas. Conseguia falar ao telefone e também conversar oralmente. Ouvia bem, mas não era igual ao ouvinte. A identidade dele era surda pq adorava andar com surdos. Só tinha amigos surdos. Não andava com ouvintes, o porquê eu não sei. Essas escolhas são próprias de cada pessoa. Também o namorado de minha irmã gostava de ler muito coisas diferentes. Ele nunca andava com ouvintes, mas com surdos, surdos, surdos. A identidade dele é surda.

Entrevistador: Você já fez terapia de voz com um fonoaudiólogo?

S7: Não, nunca.

- 10) Sim. Sei mais ou menos outras línguas de sinais. Por exemplo, conheço surdos na Inglaterra, também tenho um amigo surdo nos EUA, na Alemanha, na Arábia, um pouco de cada. Fiz um curso com certificado em BSL (Língua de Sinais Britânica). Mas tenho pouco contato com eles e esqueço. Vou precisar aprender de novo. Com a língua de sinais da Arábia, me comunicava com um surdo lá. Mas parei de conversar e esqueci. A mesma coisa com a ASL (Língua de Sinais Americana) tem um amigo surdo mas esqueci porque converso pouco.

Entrevistador: Mas você usa principalmente a Libras?

S7: Sim.

Entrevistador: Como você aprendeu a Libras?

S7: Eu mudei para uma cidade grande porque precisava procurar um trabalho. Antes, não estava estudando numa escola. Estudava sozinho em casa. O vizinho me ajudava me dando leituras. Depois mudei para uma cidade grande e precisava de formação comprovada para apresentar na empresa quando ela avaliava o perfil do empregado como bom ou ruim, se sabia ler escrever. Pediam para ver o diploma e quando apresentava apenas o ensino fundamental diziam que estava fraco, ruim. Sofri muito por seis meses procurando trabalho. Depois encontrei uma mulher bondosa, que me tratava com afeição. Ela me chamou e disse: “Tiago, você é um homem bom. Confio em você. Vou te dar uma oportunidade de trabalhar aqui, mas você vai me prometer voltar a estudar agora”. Eu concordei. Ela conversou no telefone e me deu o endereço de uma escola para surdos. Chegando lá, vi que era uma escola própria para surdos. Era uma escola “especial” que tinha 200 surdos. Fiquei em choque. Eu não sabia nada de Libras. Como eu iria aprender as disciplinas. Pensei: “Desculpa, não quero. Vou mudar para uma escola de ouvintes, melhor”. Mas me diziam: “Com ouvintes? Não! Aqui tem escola para surdos e você deve ficar lá”. Percebi que este era um problema para mim. Fui para a escola de surdos. Os surdos me ensinaram os sinais de forma determinada. Aprendi rápido e desenvolvi a comunicação em língua de sinais.

Entrevistador: Com que idade você aprendeu a Libras?

S7: Com 27 anos.

Entrevistador: Na escola especial em que estudou, quem te ensinou Libras? Foi um professor surdo ou ouvinte?

S7: Foram os surdos que me ensinaram. Na escola ficávamos em carteiras dando atenção à aula. Os professores não escreviam muito no quadro, mas sinalizavam todo o tempo. Perguntava ao colega ao lado o que eles estavam dizendo. O colega pediu para ter calma. Pediam para que eu observasse o professor e me ensinavam, me ajudavam. Também professores ouvintes me ajudavam.

11)

	Escrita em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Com familiares			X		X
b) Com amigos	X				
c) Com pessoas no local onde estuda				X	
d) Com pessoas no local onde trabalha	X	X			
e) Com pessoas nos locais públicos ou privados na cidade	X	X			

- a) Leitura labial e oralidade. Se a conversa for muito longa minha família usa o alfabeto em Libras. Depende de cada pessoa. Por exemplo, minha mãe não sabe nada. Ela escreve pra mim em português. Meu irmão sabe o alfabeto em Libras e soletra rápido.

Entrevistador: Você tem um irmão?

S7: Tenho seis irmãos. Duas mulheres e quatro homens. As duas mulheres e os dois homens sabem o alfabeto em Libras. Com os outros eu uso a oralidade e leio um pouco os lábios.

Entrevistador: Então sua família não sabe a língua de sinais?

S7: Não. Ninguém.

Entrevistador: Você é o único surdo em sua família?

S7: Sim.

- b) Eu ensino a eles o alfabeto em Libras. Por exemplo, no passado, fazia isso no RS. Em SP, os ouvintes sabiam sinais por eu já sabia sinais e ensinava. Também usávamos mensagens pelo WhatsApp, se estivéssemos distantes. Aqui na Bahia tenho muitos amigos que sabem sinais. Intérpretes profissionais como você com quem eu me comunico normalmente em Libras.

Entrevistador: Mas aqui na Bahia, em Porto Seguro, você amigos ouvintes que não os intérpretes? Por exemplo, se você encontra as pessoas na rua qual dos recursos mais utiliza para se comunicar?

S7: Na rua eu uso a oralidade. Digo que sou surdo e não consigo entender. Peço para falarem mais devagar. Aponto para os lugares. Uso gestos e mímicas. Por exemplo, ontem eu fui aos Correios procurar se haviam chegado algumas coisas. O atendente começou a falar e eu disse que era surdo. Pedi um papel para escrever e pedi que ele escrevesse. Usei a escrita.

- c) Na escola de ouvinte eu estudei até o 1º ano. Depois fui para uma escola de surdos. Lá era só sinais.

Entrevistador: Foi a escola especial de que me falou?

S7: Sim, a especial.

Entrevistador: Aquela na cidade grande? Qual cidade? São Paulo?

S7: Não. Eu nasci em (?), na cidade de (?). Este é o sinal.

Entrevistador: Sim, famosa pelas uvas.

S7: É. Também muitos italianos mudaram para lá. É bonita! Legal. Com a cultura própria deles.

- d) Entrevistador: Você trabalha aqui?

S7: Trabalho junto com a mãe do surdo. Ela é arquiteta. Eu a ajudo na parte de pintura ou construção das obras.

Entrevistador: Quando trabalha com ouvintes, pintando ou construindo aqui em Porto qual recurso utiliza mais para se comunicar com eles?

S7: Fico observando para ver o que fazer. Faço perguntas, por exemplo, sobre a mistura das tintas. Se usam a oralidade e a explicação é longa, eu peço para escreverem. Assim, eu entendo melhor. Se for uma fala curta eu entendo quando oralizam, mas se for longa, peço para escreverem.

Entrevistador: Nada de sinais?

S7: Não.

- e) Depende. Se o ouvinte vem buscar informação, eu aviso: “Desculpa, tenho surdez, não ouço”. Elas pedem desculpa e me agradecem e pronto. Se for eu quem pergunta ao ouvinte, por exemplo, quando eu fui procurar por trabalho mostrava o nome da rua e perguntava sobre a localização, o ouvinte sempre usa gestos para descrever o caminho

que devo fazer. Se ele fala muito rápido, peço calma, digo que sou surdo. Memorizo os passos e agradeço. E assim vou perguntando a outras pessoas pelo caminho. Então, elas usam mímicas e gestos.

12) Entrevistador: Você tem familiares aqui em Porto Seguro?

S7: Não. Mas a família com que moro é também a minha família. Os conheço há mais de dez anos.

Entrevistador: Com a família que você mora, você consegue interagir com os ouvintes?

S7: Sim, normal. As pessoas aqui tem respeito ao surdo. A mãe sabe sinais, mas o pai não, sabe pouco. Se a conversa é longa com ele, chamo a mãe para interpretar. Entendeu? Quando o filho surdo conversa com sua mãe e ela não entende, ela me chama e fala comigo oralmente. A medida que vou entendendo, interpreto a informação para seu filho surdo e interagimos assim.

Entrevistador: A família respeita a cultura e a identidade surda?

S7: Sim. Eles adoram os surdos e busca se relacionar com eles. Por exemplo, chamam amigos surdos para comer um churrasco, conversar, contar piada e as pessoas aqui gostam.

Entrevistador: Legal! Que bom! As perguntas 13 e 14 não se aplicam no seu caso por que a pesquisa tem como foco estas interações aqui em Porto Seguro. Aliás, a 14 se aplica.

13) Entrevistador: Você me falou que trabalha aqui auxiliando uma arquiteta na parte da construção e pintura. Nesta caso, acha que o surdo consegue interagir bem ou mal com os ouvintes?

S7: Sim. Eu tenho o costume de trabalhar com os ouvintes porque trabalhei construindo casa com meu pai e meu irmão. Os ouvintes que trabalham comigo percebem que ajudo muito. Eles acham bom porque conheço o que precisa fazer (*[...] Trecho subtraído em respeito ao firmado pelo TCLE*).

Entrevistador: No trabalho, os ouvintes interagem com você?

S7: É sobre os ouvintes trabalharem com surdos?

Entrevistador: Sim.

S7: O surdo é visual. Ele percebe as coisas e pode aprender rápido. Ele é inteligente. No início, vai precisar da comunicação para aprender o que fazer. Depois, ele fixa na mente e saber fazer tudo. É inteligente, visual. Pode trabalhar com ouvintes normalmente.

Entrevistador: Acha que os ouvintes veem os surdos de uma forma preconceituosa, como deficiente, doente, incapaz de fazer coisas como trabalhar? O que você percebe dos ouvintes nos ambientes de trabalho aqui em Porto Seguro?

S7: Normal. Tenho um amigo que trabalha num supermercado. O surdo presta muita atenção. Não deixa de se comunicar. Ele usa um pouco a oralização para interagir e os

sinais. Se um cliente ouvinte pergunta alguma coisa, ele aponta que é surdo e pede pra ele falar com um ouvinte. O cliente pede desculpas. O surdo precisa trabalhar com ouvintes que saibam Libras, assim o ouvinte vai ajudar.

Entrevistador: No seu trabalho acha que os ouvintes respeitam o surdo ou penam que ele é deficiente, doente, coitado? O que você percebe?

S7: O ouvinte respeita o surdo se ele mostrar que se esforça pra trabalhar. Se for responsável, o ouvinte o admira. Mas se o surdo demonstrar preguiça ou desânimo, o ouvinte o verá como um coitado. Depende do ouvinte que analisa. Por exemplo, o surdo não é doente, mas precisa se esforçar de verdade no trabalho. Por exemplo, lá no meu Estado, eu trabalhei com surdos. Ele trabalhava, observava tudo e interagia bem. O surdo pode se esforçar cada vez mais e conquistar coisas mostrando aos ouvintes que podem.

Entrevistador: Em seu trabalho, um ouvinte já agiu com desprezo ou opressão contra você?

S7: Não lembro. Só no passado, sim. No RS, fiz uma entrevista de trabalho. Os ouvintes eram chamados, mas eu não. Conversei com a mulher. Ela não era preconceituosa, nem me oprimiu. Mas tinha a preocupação de que o trabalho fosse perigoso para mim. Me dizia: “Mas você é surdo”. E eu explicava eu sabia cuidar de mim. Que ela tivesse clama e confiasse em mim. Me chamaram depois pra trabalhar. Ela estava preocupada comigo. Também, em outra oportunidade, não deixavam que eu trabalhasse porque diziam que era perigoso porque havia pessoas que usavam. Pensavam que o surdo era bobo e distraído e podiam me matar. Falavam pra mim que não dava. Às vezes, não é preconceito ou desprezo, mas preocupação por causa da surdez e do perigo. Também quando praticava esporte profissional, consegui ficar um ano num time de futebol com ouvintes. Mas quando mudou o treinador, o novo pensava: “Ele é surdo, fora.”

- 14) Acho que aqui os ouvintes interagem com os surdos. Por exemplo, se digo que sou surdo, eles escrevem pra mim. Nas lojas também. Ontem fui a uma loja. Procurei saber se a fila era ali para esperar. Avisei que era surdo. Ela me deu uma senha para pessoa com necessidades especiais. Isso foi legal. Demonstrou carinho. Mas também tem algumas pessoas chatas que não conseguem se comunicar com o surdo. No mês passado eu fui a uma loja ver algumas coisas para o trabalho de arquiteta de dona (...). Tentei falar com o homem sobre a bitola do fio que precisava para fazer uma ligação de tomada ou ligar um ferro. Ele não entendeu e reagiu bravo dizendo que não tinha o produto. NA loja ao lado, entrei e o homem lá me atendeu com calma. Consegui explicar que precisava comprar um fio normal de utilizar em casa, como o pra ligar ferro elétrico ou televisão. O homem me chamou e me mostrou o produto. Eu disse que era aquele sim e agradeci por ele ter ficado calmo. Na outra loja o homem ficou nervoso por eu ser surdo. Nesta a pessoa manteve a calma, tentou falar comigo, me ajudou e eu comprei. Então depende de cada pessoa, mas muitas pessoas tratam o surdo com carinho e respeito.

Entrevistador: Por exemplo, quando você vai ao banco ou ao médico, você é respeitado como surdo? Sente que eles conhecem a cultura e identidade de surdos?

S7: Muitas pessoas, no médico, farmácia, banco respeitam os surdos porque em Porto Seguro as pessoas conhecem a cultura do surdo e respeitam.

Entrevistador: Próximo à sua casa, no mercado, padaria, por exemplo, você acha que os ouvintes conhecem a cultura surda e interagem bem?

S7: Sim, bem. Mas há o problema de as empresas não chamarem surdos para o trabalho. A Lei diz que acima de 100 funcionários tem a cota, mas as empresas aqui não obedecem esta lei. Esse é um problema.

Entrevistador: Você acha que, aqui em Porto Seguro, os ouvintes respeitam o surdo, conhecem sua cultura e identidade? Percebe que falta alguma coisa para uma melhor interação?

S7: Acho que eles respeitam os surdos. Algumas são mais difíceis, impacientes, ficam nervosos, gritam. Mas a maioria respeita. Mas falta aprenderem Libras. Porto Seguro é uma cidade internacional. Tem pessoas que falam inglês, francês. Também seria bom aprender Libras por que no mercado, no banco, na farmácia é importante que saibam Libras. Eu sei português mas outro surdos, não.

Entrevistador: Parece que nos lugares onde não há Libras, o surdo não tem a informação que precisa e não tem uma boa interação por falta de comunicação. O que acha?

S7: Os surdos conseguem se comunicar, o português é um pouco fraco. Mas quando vão a farmácia, comprar remédios, se o atendente escreve e vê que ele não entende, pode se esforçar apontando para os produtos e conseguindo atender. Isso é uma dificuldade.

Entrevistador: Acha que o surdo está incluído na sociedade e interage com ela ou se sentem sozinhos e em desvantagem? Os ouvintes aqui em Porto Seguro o veem como deficientes, doentes, coitados?

Entrevistador: Os surdos aqui convivem em grupos para praticar esportes, na igreja das Testemunhas de Jeová, católica e outras porque ali se comunicam e interagem melhor. Mas os surdos precisam aprender também a se desenvolverem melhor. Aqui na Bahia os surdos são diferentes dos do RS. Lá os surdos são mais livres. A escola lá é boa, ensina ao surdo. Por exemplo, na escola especial em que estudava eram estimulados a fazer faculdade. O surdo começa a estudar e continua. As pessoas perguntam se ele gosta de esporte. Se sim, treinam e os estimulam a participar de campeonatos. Recebem ajuda para as viagens de ônibus, avião e para as refeições. Os surdos ficam animados com isso. Tenho muitos amigos que já viajaram para outros países. O ajudam a perceber a importância de se esforçarem para conseguir coisas. Por exemplo, se esforçarem nos esportes para viajar, conhecer pessoas novas, namorarem, casarem, a importância de estudar, fazer faculdade, ganhar um bom salário. No RS os surdos tem carro, fazem faculdade, praticam esportes pela influência da sociedade. Mas aqui não existem projetos para ajudar e estimular os surdos. Num mercado aqui perto tem mais de cem funcionários, mas se perguntar, surdos não tem. Entregam até currículos, mas não são chamados. As pessoas aqui em Porto Seguro precisam ajudar os surdos, perguntar: “Você precisa de trabalho?” e conduzi-los ao mercado, conversar que precisa Libras e dar esta oportunidade a ele. Aqui não tem isso. Aqui tem faculdade com intérprete. Conhece sua amiga interprete na UFSB, mas não tem surdos porque falta estimulá-los na escola. Basta só ensino fundamental e pronto, vão viver de aposentadoria, nada de faculdade. Por isso eu criei uma associação aqui. Chamei surdos. Disse que estaríamos unidos e juntos para treinar esportes e participar. Disse: “Quero vocês como meus amigos e eu vou ensinar a como pensar no futuro, numa faculdade. Vocês querem só futebol e bebida. Você acha bom isso? Não. Você é solteiro, solteiro, solteiro? Vamos juntos mostrar ao sociedade que o surdo pode como apoio da prefeitura, para viajar, namorar e pensar no futuro, ganhar um salário melhor, ter um carro, viajar e conhecer o mundo”. Este estímulo é importante. Os ouvintes têm sonhos. Por exemplo, um homem chamado Tesla, ouvinte, quando jovem sonhava em trabalhar com tecnologia. Ele foi estimulado por outros. O surdo também precisam receber estímulos, mas as pessoas não confiam. Acham que o

surdo é um coitado e que devem receber ajuda financeira do governo. É preciso acreditar no potencial dos surdos e os estimular, mas as pessoas não fazem isso. No RS é diferente. Os surdos são estimulados. Lá tem uma influência europeia dos que mudaram. Onde as pessoas são mais rígidas e não tem pena, tem trabalho. Acho que aqui deveria ser igual.

Entrevistador: Aqui em Porto Seguro não tem uma associação para surdo, certo?

S7: Não tem. Estou criando. AESPS – Associação Esportiva dos Surdos de Porto Seguro. A prefeitura patrocinou a camisa (mostra uma camisa amarela com a logomarca).

Entrevistador: Esta Associação já foi criada?

S7: Sim, mas a pandemia atrapalhou as coisas e as atividades vão ser reorganizadas.

Entrevistador: Bom! Legal! Aqui em Porto Seguro, você acha que no ambiente religioso ouvintes interagem com surdos? De que forma?

S7: Eu visitei as Testemunhas de Jeová e os parablenizo. Todos ali sabem sinais. A melhor religião para os surdos em Libras são as Testemunhas de Jeová. É bom porque eles são profissionais em língua sinais. A Católica é um pouco fraca neste sentido. Tem alguns católicos que sabem a língua sinais, dentre eles, um responsável. A Adventista também, o responsável sabe língua sinais. Na minha opinião, os surdos devem estar nas igrejas como protagonistas. As igrejas praticam a caridade para deficientes, pobres, surdos e cegos. Mas não há um esforço para ajudar os surdos. Já as Testemunhas de Jeová se esforçam para interagir com os surdos. Eu admiro o trabalho deles. Visitam suas casas, os envolve em atividades esportivas, convidam para comer churrasco, vão ao restaurante. Os surdos estão juntos com os ouvintes. O que falta em outras. Elas precisam se organizar melhor.

Entrevistador: Agora uma última pergunta. Para os ouvintes em Porto Seguro, que conselho ou dicas você daria?

S7: Os ouvintes precisam acreditar nos surdos. O surdo não é doente, não precisa de caridade, não precisa de pena. Os surdos precisam de estímulo. Se as pessoas os estimularem, vão realmente ajudar. Os surdos são como uma planta. Não vão crescer sem estímulos. É preciso acreditar neles. Alguns ficam tristes e deprimidos por não terem oportunidades. Por exemplo, se você perdesse dois mil reais. Você o procuraria porque precisa comer e fazer outras coisas. Você não sabe que tem um banco porque ninguém te avisou. Você fica preocupado depois você lembra que tem um no banco onde pode guardar dois mil reais. Pode pegar o valor depois para comprar o comida. Comparo isso com o mundo surdo. O governo dá trabalho para os surdos pelas cotas que é um direito. Também no ENEM o surdo tem direito à cota. Isso é bom. Mas falta o estímulo. O governo está cansado de aposentar surdos. Já deu cota de trabalho, no ENEM. Mas os surdos desprezam isso, não ligam. No futuro o governo pode pensar o que? Que o surdo é doente e não precisa disso. É preciso cuidado com isso e estímulo. Aqui em Porto tem muitos surdos com depressão. Ficam em casa. A família não sabe sinais. Não recebem estímulo da família, que tem preguiça de aprender a língua de sinais. Por isso, não há interação, conversa em família porque ele está ocupada. Eles acabam sendo desprezados e ficando deprimidos, emagrecendo e morrendo. Falta o estímulo aos surdos. Eu conheci aqui em Porto uma moça muda. Ela ouvia normal e oralizava. Mas a família não cuida dela. Ela tem 32 anos e não sabe nada. Não lê nada em português. Só fica assistindo e ouvindo televisão. Em São Paulo conheci uma aluna do curso de Enfermagem que tinha uma filha surda. E ela não deixa a filha sair na rua e a enche de regras. Ela só fica em casa, na televisão. Depois, quando a mãe morreu, sua filha surda ficou completamente perdida. Não sabia nada, ir ao mercado, preparar comida. Faltou estímulo. Aqui em Porto

Seguro as pessoas precisam acreditar nos surdos. Notar os espaços que só tem ouvintes e faltam surdos, como nas empresas, para desenvolverem vontade de fazer faculdade, se formar, trabalhar, progredir, se envolver com ouvintes. Os ouvintes podem em ser amigos dos surdos.

Entrevista: Os ouvintes não conhecem a cultura, o jeito a identidade surda. Os veem com pena, deficientes. Mas, se aprenderem sobre sua cultura, jeito, identidade e conhecerem os surdos, podem mudar e os estimular. É isso?

S7: Certíssimo. Parabéns. Perfeito.

Entrevistador: Você concorda?

S7: Concordo. Os surdos precisam se destacar. Eles gostam de atenção. Por exemplo, nas empresas, se os surdos conseguem entrar e começam a trabalhar com você que sabe bem a Libras. Mas o surdo não sabe disso. Ele vai ficar observando para aprender o que fazer. Vai ter um susto quando ver você sinalizar, vai comemorar isso, vai fazer amizade. Você vai ter aproveitado a oportunidade para o estimular e fazer amizade com ele, explicando e estimulando.

Entrevistador: Pensando no futuro, aqui em Porto Seguro, você tem vontade e torce para que estas mudanças aconteçam entre os ouvintes?

S7: Na política do primeiro mundo, como nos EUA, se você quer estudar mas não tem dinheiro pode tentar o esporte (basquete, boxes, golfe). Se você treinar bem e conseguir desenvolver, a faculdade pode te dar uma bolsa integral de estudos. Isso é muito bom: associar a Educação aos esportes e a formação. Pode copiar isso. Lá no RS a escola tinha surdos e eles eram chamados para praticar esportes. Mas precisavam ser responsáveis nos estudos. Se abandonassem a escola, não participavam dos esportes e das viagens. Só se estivessem naquela escola. Os surdos se esforçavam para estudar e avançar nas séries. Viajavam e aproveitavam a oportunidade. Depois entravam na faculdade e finalmente se formavam porque foram estimulados. Os professores sempre faziam palestras, mostrando as diferentes profissões. Convidava outros surdos já formados. Os novos ficavam admirados. Viam que era possível ganhar um bom salário para compra uma carro e queriam fazer o mesmo. Aqui em Porto precisa fazer igual. Dar palestrar para incentivar os surdos a entrarem na faculdade. Eu criei a Associação para chamar os surdos. As vezes se envolvem com drogas ou roubo. Vou chama-los para conversar seriamente. Marcar os treinos para as terças e sextas, viajar para outras cidades. Mas eles vão ter que estar com o grupo e ter o voto de confiança. Explico que o que eles podem conquistar. Esta é uma boa estratégia.

APÊNDICE M – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S8

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)
---	---

ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S8

DATA: 08/01/2020

TEMPO: 81 min

- 1) (?) anos.
- 2) (?)
- 3) Moro aqui desde que nasci. Nunca mudei para outra cidade.
- 4) Aqui somos seis pessoas. Minha mãe, quatro irmãs e um sobrinho. Sou a única surda.
- 5) Ensino Médio completo.
- 6) Nunca trabalhei. Recebo auxílio do governo.
- 7) Não lembro exatamente, mas acho que foi meningite.

Entrevistador: Lembra com que idade mais ou menos?

S8: Não. Era criança.

Entrevistador: Já fez o exame de audiometria?

S8: Fiz. Consigo ouvir bem pouco.

- 8) Nunca utilizei.

Entrevistador: Por quê?

S8: Queria usar. Fui junto com minha mãe várias vezes ao serviço médico solicitar, mas nunca recebi. Esperei por muito tempo e acabei desistindo.

Entrevistador: Lembra aonde ia com sua mãe?

S8: No centro, em uma clínica com um profissional de fonoaudiologia.

Entrevistador: Era um serviço gratuito, público?

S8: Sim, acho que pela Prefeitura.

- 9) No passado ia ao fonoaudiólogo e fiz sessões de terapia para desenvolver a oralidade.

Entrevistador: Você continua com este acompanhamento?

S8: Não, parei de ir.

Entrevistador: Por quê?

S8: A minha mãe não me levou mais.

Entrevistador: Lembra que idade tinha quando ia às sessões de terapia?

S8: Por volta de doze anos.

- 10) Não sabia nenhuma língua de sinais. Depois fui ensinada e aprendi. Sei a Libras. A língua de sinais de outros países, não conheço.

Entrevistador: Como aprendeu a Libras?

S8: Numa escola, no bairro do Baianão. Tinha uma professora intérprete ouvinte que me ensinava. Aos poucos aprendi. Tinham outros alunos que também sabiam pouco e estavam aprendendo. Isso foi por volta de 2009, antes de mudar para a escola onde curei o Ensino Médio.

Entrevistador: E hoje, compreende bem a Libras?

S8: Sim.

- 11)

	Escrita de palavras em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Com familiares		X			
b) Com amigos		X			
c) Com pessoas no local onde estuda		X			
d) Com pessoas no local onde trabalha	-	-	-	-	-
e) Com pessoas nos locais públicos ou privados na cidade		X			

- a) Minha mãe fala algumas coisas que entendo. Quando não consigo entender, chamo minha irmã para ajudar. Usamos mais gestos e mímicas com eles.

Entrevistador: Tem outros parentes que moram perto de você? Eles sabem uma língua de sinais?

S8: Sim, os familiares de minha mãe. Não sabem a Libras. Tentam falar oralmente comigo, como quando querem me alertar de algum perigo na rua. Me esforço pra entender.

Entrevistador: Você “oraliza” bem?

S8: Não, falo pouco.

- b) Não tenho amigos ouvintes. Não me exponho muito. Sou muito quieta.

Entrevistador: Nunca teve amigos ouvintes?

S8: Sim, no passado. Agora não nos vemos mais.

Entrevistador: Como você se comunicava com eles, em Libras?

S8: Não. Era difícil. Tentava fazer a leitura labial, mas nem sempre os entendia. Era mais à base de gestos e mímicas.

Entrevistador: Atualmente você não tem mais amigos ouvintes?

S8: Eles cresceram, casaram e mudaram daqui.

- c) Na escola tinha aproximação com uma colega ouvinte. Sentávamos próximas um da outra e ela me ajudava nas atividades escolares.

Entrevistador: Nas escolas que frequentou, seus colegas se comunicavam com você por meio da Libras?

S8: Não. A comunicação era truncada. Com essa colega, conversava com ajuda da intérprete. Essa colega me chamava pra fazer com ela as atividades de avaliação e me ensinava como fazer.

Entrevistador: No Ensino Médio você conseguiu o apoio de um intérprete. Mas, e no Ensino Fundamental?

S8: Não tive sempre. Os professores falavam e escreviam no quadro. Eu não conseguia acompanhar porque não estava escutando. Dependia da ajuda dos colegas para entender o que deveria fazer. Quando estava estudando, sempre dependia da contratação de um intérprete, o que demorava ou não acontecia.

Entrevistador: Então, no geral, com os ouvintes na escola como você se comunicava?

S8: Por gestos e mímicas. A comunicação não era completa.

- d) Não se aplica.
- e) Certo, entendi. Aqui em Porto, quando vou a padaria tento ler os lábios de quem me atende. Mas não consigo muito. Fico pensando no que fazer. Aponto para o que quero

comprar. Não adianta usar a língua de sinais porque eles não a conhecem. No mercado ou farmácia, tento informar logo que não escuto. Preciso usar gestos e mímicas.

- 12) É difícil. Eles conversam entre eles. Eu, como não escuto, não consigo interagir. Quando vou perguntar qual é o assunto, me explicam pouco. Eu desisto de saber. Me afasto e vou sentar. Fico calada sempre.

Entrevistador: Eles deixam você sair sozinha, te incentivam a fazer as coisas sozinha? Sente que tem liberdade para isso?

S8: Sim, saio sozinha. Aviso que vou a casa de uma amiga surda conversar. Como não consigo interagir com meus familiares, vou encontrar outros surdos. Gosto de estar com meus amigos surdos. Interagimos, conversamos.

Entrevistador: Percebe que sua família te vê como uma pessoa doente ou deficiente por ser surda, talvez demonstrando um pouco de descaso ou preconceito com você?

S8: Quando eles estão conversando e eu não consigo participar, me sinto triste. Sou surda, então a comunicação assim é bem difícil.

- 13) Os professores gostavam de mim por que não era bagunceira como os outros no fundo da sala. Prestava atenção às aulas e à interpretação do intérprete. Quando o intérprete faltava, dependia dos ouvintes me dizerem o que acontecia. Por exemplo, se o professor faltava e ficávamos liberados para ir para casa, eles me falavam isso por gestos e mímicas.

Entrevistador: Sentia que os ouvintes te viam com estranheza, como uma deficiente ou doente?

S8: Na escola não me relacionava muito com os ouvintes. Ficava mais próxima ao intérprete, com quem podia conversar e interagir. Os alunos ouvintes não ligavam muito para os estudos. Ficava sentida com isso. Eu me comportava bem. Os professores ficavam admirados ao saberem que era surda. Se acontecesse de perceber que estavam zombando ou me provocando, como quando mordiam a camisa, eu não gostava e chamava a professora que os corrigia.

Entrevistador: Morder a camisa é um tipo de ofensa para o surdo, como um xingamento?

S8: Sim. Quando acontecia de me provocarem com insultos assim eu falava com o intérprete, que chamava o responsável. Ele aconselhava estes alunos e, às vezes, dava uma punição como uma advertência por escrito ou chamava os pais deles para relatar o que acontecia.

Entrevistador: Você falou de zombarias dos colegas na escola. Mas havia outros com os quais conseguia interagir melhor?

S8: Era difícil. Na escola, quando aconteciam essas zombarias, ficava muito magoada. Mas tentava me concentrar nas aulas. Às vezes ficava desanimada e começava a faltas às aulas. Mas depois me incentivavam a continuar dizendo que eu iria perder de ano. Eu mudava de ideia e voltava a frequentar a escola. Mas permanecia sentada, quieta e séria em sala prestando a atenção ao que o professor ensinava embora, por dentro, me sentisse triste.

- 14) Não se aplica.

- 15) Não tem interação. A interação é zero. Nunca acontecesse. Os ouvintes não sabem interagir com os surdos. Não se colocam em nosso lugar.

Entrevistador: Vai, por exemplo, a lojas de roupas ou outros estabelecimentos sozinha?

S8: Sim. Combino, por exemplo, com uma amiga surda para irmos ao centro passear. Mas não interajo com ouvintes. Lembro apenas de uma mulher que veio interagir comigo tentando me ajudar. Tomei até um susto.

Entrevistador: Uma mulher ouvinte interagiu com você? Em uma loja? Pode contar como foi?

S8: Ela veio me ajudar. Indiquei que era surda, mas ela disse que estava tudo bem e pegou as roupas para me mostrar. Fiquei admirada. Não esperava. Anotou o preço das peças em um papel para mim e que gostaria de aprender a língua de sinais.

Entrevistador: Por que acha que ainda existe pouca interação entre não surdos e surdos?

S8: Não tem. Fui com minha mãe ao banco. Lá não teve interação também. A pessoa que a atendeu conversava apenas com ela. Eu fiquei de fora do assunto.

Entrevistador: Quando precisa ir ao serviço de saúde, os ouvintes ali interagem com você?

S8: Não vou sozinha ao médico. Sempre vou com a minha mãe. Não interagem comigo. A pessoa que nos atende conversa com a minha mãe. Às vezes, consigo indicar o que estou sentindo com gestos e mímicas. Se é dor de garganta ou de cabeça. A pessoa escreve a receita e só. É assim a interação.

Entrevistador: Alguma das pessoas que te atendeu em um serviço médico sabe a Libras?

S8: Nenhuma, zero pessoas. Só falam com a minha mãe. Como pode acontecer isso?

Entrevistador: Já precisou de assistência jurídica?

S8: Não. Bem, no passado, quando estudava, eu e outros dois surdos fomos com um intérprete que nos ajudou reclamar sobre as condições difíceis que enfrentávamos na escola por não conseguir nos comunicar com os professores sem a presença de um intérprete. Primeiro fomos a um lugar onde foi feito um relato nosso explicando o que ocorria. Depois, fomos a outro lugar que tinha um juiz ou advogado, não sei. Esperamos muito um intérprete para nos acompanhar nas aulas. Mas foi um alívio quando ele chegou à escola.

Entrevistador: Onde vocês foram fazer esta reclamação?

S8: No centro da cidade, num lugar perto de uma clínica.

Entrevistador: Vou te mostrar uma foto para ver se você reconhece o lugar? (Imagem do prédio onde fica o Ministério Público em Porto Seguro, BA).

S8: Sim, acho que é este. Mudou para outro prédio de cor verde.

Entrevistador: E nos estabelecimentos perto de onde mora, como mercado ou farmácia e outros, os ouvintes interagem com você?

S8: Foi às lojas no Baianão comprar roupas. Não há interação. Simplesmente, escolho e pago o que quero e vou embora.

Entrevistador: Em alguma loja, já quis conversar alguma vez e desistiu?

S8: Não, não converso. Só compro e vou saio. A loja está cheia. Tem pessoas esperando na fila. EM uma das lojas, tem uma mulher que me dá atenção. Interagimos. Sempre vou lá, mas agora temos que ficar em casa. Parei de ir.

Entrevistador: Acha que os ouvintes na cidade de Porto Seguro desconhecem a pessoa surda e, por isso, a tratam com algum desprezo ou preconceito? Acha que eles encaram os surdos com estranheza, como uma pessoa deficiente ou doente?

S8: Certo. Uma vez fui ao centro da cidade, estava conversando em Libras com um surdo e percebi outras pessoas nos olhando. Fiquei envergonhada. Eles não conhecem a pessoa surda. De outra vez, uma estávamos conversando e uma ouvinte se aproximou e escreveu num papel que gostaria de aprender a língua de sinais. Interagimos um pouco e consegui ensiná-la alguns sinais. Parece que ela trabalha em uma loja. Mas perdemos o contato.

Entrevistador: Você frequenta uma religião aqui em Porto Seguro?

S8: Antes, quando não conhecia as Testemunhas de Jeová, ia com minha mãe a uma igreja, mas não conseguia acompanhar as considerações ali. As pessoas usavam a oralidade e eu sou surda. Parei de ir. Depois disso, recebi a visita das Testemunhas de Jeová. Elas sabiam a Libras. Não as conhecia. Tinha vergonha de falar com eles no início. Na época ainda não sabia a língua de sinais. Só fazia gestos e mímicas. Quando iam a minha casa, me escondia delas às vezes. Aos poucos, elas foram me ensinando a Libras também e consegui desenvolver a língua.

Entrevistador: No grupo religioso das Testemunhas de Jeová que frequenta, consegue interagir bem com os ouvintes?

S8: Sim. Interagimos bem. É ótimo. Gosto muito.

Entrevistador: Por que você considera que existe uma boa interação com elas?

S8: Elas vinham aqui em casa e se esforçavam para que eu aprendesse a língua de sinais. Minha mãe não deixava ir às reuniões delas sozinha. Chamei outra pessoa pra ir comigo e minha mãe deixou. As reuniões eram em língua de sinais, fiquei admirada. Pedi a minha mãe para continuar a ir sozinha às reuniões seguintes. Lá, ouvintes e surdos interagem. Me tratam bem. Fico animada.

Entrevistador: Em Porto Seguro, você se sente próxima aos ouvintes ou isolada deles?

S8: Para mim não é fácil. Se tento me aproximar. Eles estão conversando entre eles. Desisto e me afasto. É um jeito deles. Uma vez, uma ouvinte veio e se sentou ao meu lado. Tentou usar falar comigo com calma, mas algumas coisas eu não entendia. Mas, em geral, os ouvintes se afastam do surdo. Fico magoada e triste. Ela, então, usou a escrita. É diferente com os surdos a interação é completa. Me sinto incluída no grupo de surdos.

Entrevistador: Acha que, no futuro, a interação entre ouvintes e surdos será melhor?

S8: Gostaria que fosse assim, que eles aprendessem a língua de sinais. Já fui convidada duas vezes por um instrutor de Libras para visitar uma turma de ouvintes que estavam fazendo um curso de Libras. Eles ficavam curiosos me perguntando os sinais para várias coisas. Havia pessoas da área de saúde, da aviação, dos supermercados.

APÊNDICE N – ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S9

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSCB)
---	--

ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE S9

DATA: 11/10/2020

TEMPO: 126 min

- 1) (?) anos.
- 2) (?)
- 3) Mais ou menos há dez anos. Mudei para cá por volta de 2010. Nasci em Coaraci. Depois, quando ainda criança, minha mãe me levou para morarmos em SP em busca de tratamento para mim. Daí, voltamos para Coaraci e depois mudamos para Porto Seguro.
- 4) Duas. Moro com minha esposa surda. Minha mãe mora perto com minha avó. Tenho duas irmãs.

Entrevistador: Você é o único surdo na família?

S9: Sim.

- 5) - Em Coaraci, estudei até o quarto ano. Não tinha intérprete. Depois, no quinto ano, mudei para cá. Aqui tive o primeiro contato com a língua de sinais. Percebia pessoas se comunicarem assim, mas não entendia. A partir disso, fui aprendendo. No Ensino Médio, mudei para outra escola. Lá não tinha intérprete. Reclamava, tentava explicar a necessidade e pedia que providenciassem um. Isso foi em março. Tive que esperar com paciência. Enquanto isso, ficava em sala copiando o que era escrito no quadro. Os professores diziam que iriam me ajudar. Escreviam e me mostravam, mas não conseguia entender o que escreviam. Quando usavam gestos e mímicas conseguia compreender com mais facilidade. Só em junho um intérprete chegou à escola. No terceiro ano mudei para outra escola e também passei por isso. Mas, dessa vez, abandonei as aulas. Precisei esperar até meados de setembro. Quando o intérprete finalmente chegou, voltei às aulas. Fui aprovado. Teve um desencontro de informações no documento da escola anterior. Tive que retornar lá. Mas foi resolvido e concluir.

Entrevistador: Então você concluiu o Ensino Médio?

S9: Sim, o primeiro e segundo anos fiz juntos, de março a junho e de julho a novembro. E o terceiro em outra escola.

Entrevistador: No terceiro ano você só retornou às aulas quando o intérprete chegou à escola?

S9: Quando as aulas começaram procurei a Secretaria e perguntei pelo intérprete. Me diziam que ainda não tinha conseguido e que eu precisava esperar. Ficava nervoso com isso. Passaram-se três meses, março, abril e maio. Eu e mais duas surdas ficamos suportando a situação. Elas reclamavam disso e eu pedia para elas terem calma. Depois

resolvemos abandonar às aulas. Eu já estava trabalhando. Quando soube que já havia chegado um intérprete, avisei às colegas. Nos organizamos novamente e voltamos à escola entre agosto e setembro. Foi um alívio quando conseguiram um intérprete.

Entrevistador: Então vocês perderam a primeira e a segunda Unidades por não haver o intérprete, o que só aconteceu na terceira e quarta unidades, mas foram aprovados no fim do ano?

S9: Sim.

Entrevistador: Acha que a escola facilitou a aprovação para vocês?

S9: Sim. Eu queria ter acompanhado as aulas desde o início. Fiquei prejudicado por só conseguir acompanhá-las depois. Poderia ter aprendido mais. Com este atraso, aproveitei pouco.

Entrevistador: Você estudava pela manhã ou pela tarde?

S9: Pela noite. Trabalhava durante o dia.

- 6) Eu tinha muita vontade trabalhar, mas sempre ficava junto com minha família. Até que um dia vi uma distribuidora de galões de água. Fiquei pensando em trabalhar lá, mas não podia porque era menor de idade. Mesmo assim, aceitaram me ajudar. No primeiro ano tive dificuldades na comunicação. Meu conhecimento da língua de sinais ainda era pouco. Por isso, não entendia bem como funcionavam as coisas. Com o tempo, aos poucos, me desenvolvi. Aprendia a contar o dinheiro e passar o troco. Depois, ficou muito pesado para mim e pedi para sair.

Entrevistador: Isso aconteceu em ano? Foi aqui em Porto Seguro?

S9: De 2009 para 2010, aqui em Porto.

Entrevistador: E, atualmente, trabalha?

S9: Eu e outro surdo trabalhamos por uma semana na [...], mas não continuamos lá por sermos menores de idade. Voltamos pra casa.

Entrevistador: Qual era sua idade?

S9: Dezesete anos.

Entrevistador: Vocês trabalharam por uma semana na [...]

S9: Isso. O outro surdo já estava lá por mais tempo. Eu cheguei depois e só trabalhamos juntos por uma semana.

Entrevistador: E, depois disso, você conseguiu outro emprego?

S9: Minha mãe me chamou para sair com ela. Não entendi e perguntei o porquê? Ela fez gestos para dizer que me ajudaria a tirar a carteira de trabalho. Depois disso, em 2013, comecei a trabalhar numa rede de supermercado. Me sentia perdido. Lá já tinha um surdo trabalhando. Ele sabia a Libras, mas eu, não. Ele dizia que eu precisava aprender. Ficava perdido na questão da escala de trabalho, de folga e de férias. Tinha que aguentar a situação. A comunicação era com gestos e mímicas. Quando me pediram para realizar os exames de sangue e de fezes, escreviam num papel e me mostravam, mas eu não

entendia. Tinha esta barreira da comunicação. Mesmo assim, continuei persistindo. Fiquei lá por três anos até que, em 2016, pedi pra sair. Não conseguia me desenvolver.

Entrevistador: Então, quando você começou a trabalhar, não sabia a língua de sinais?

S9: Quando estava no supermercado? Não. A comunicação era por escrito e eu não conseguia entender. Eu precisava aprender a língua de sinais.

Entrevistador: Os ouvintes lá não sabiam a língua de sinais?

S9: Não. Só faziam gestos e mímicas. Para me dizer que seria minha folga no outro dia, simulavam que iria dormir e puxavam a camisa para frente e para trás, na região do tórax. Eu respondia dizendo que tinha entendido. Queria me comunicar em Libras, mas só tinha os gestos e mímicas. Precisei ter paciência e aguentar. Até que, em 2016, não tive mais vontade de ficar e resolvi sair de lá.

Entrevistador: Depois que saiu de lá, procurou por outro trabalho?

S9: Antes de sair do supermercado, minha mãe fez umas ligações e me disse que tinha outra oportunidade numa grande empresa de bebidas, em outra cidade. Fui lá para conhecer. Ficava angustiado pensando no que eu iria fazer lá. Se fosse algo no computador eu não saberia o Português. Passei aperto também na comunicação. A responsável falava comigo por gestos e mímicas. Voltamos para casa e fiquei aguardando. Quando me chamaram para começar a trabalhar, pedi para sair do emprego em que estava. No primeiro dia que cheguei, fiquei aguardando. O chefe passou por mim e o cumprimentei com “tchau” para dizer um “Olá!”. Enquanto aguardava, a recepcionista mexia no computador e fazia telefonemas. Ficava apreensivo, sem saber o que aconteceria. Quando me chamaram para preencher alguns dados meus, a pessoa que me atendeu estava pensando em como se comunicaria comigo. Daí, ela pegou o celular, e usou um aplicativo em Libras. Foi um alívio! No fim do preenchimento do formulário fui informado pelo intérprete do aplicativo, que estava intermediando a conversa, de que tinha sido selecionado. Voltei para casa e depois de uma semana comecei a trabalhar. A pessoa que me recebeu também usou este recurso para me apresentar a em presa, explicar o serviço que iria fazer e passar para mim a normas de segurança e de uso dos EPI. Me deram os uniforme e me levaram para uma loja, onde iniciei o serviço. Este é o meu trabalho até agora.

Entrevistador: Você é funcionário da [...], mas presta serviço repondo mercadorias da marca nas lojas aqui em Porto Seguro?

S9: Sim, eles me mandam para o centro no [...]. Também vou às lojas de [...]. Recentemente fui, a primeira vez, para a nova loja do [...] aqui em Porto Seguro.

Entrevistador: Faz visitas a cada loja durante a semana?

S9: Sim.

- 7) Antes eu não sabia porque tinha problemas na comunicação com minha mãe. Depois que uma Testemunha de Jeová passou a me ensinar a língua de sinais, fui entender. O meu pai morava em São Paulo e a minha mãe em Coaraci. Ela foi o visitar e ficou grávida de mim. Eles eram primos. Isso já não combinava por causa do DNA. Depois tive meningite.

Entrevistador: Você teve meningite e, por isso, ficou surdo?

S9: Era um dia de sol forte. Estava brincando e correndo. Depois tive uma forte febre. A minha cabeça começou a doer muito. Aí perdi a audição. Antes, falava e ouvia bem. Isso aconteceu quando tinha um ano de idade. A minha mãe falou que foi o sol forte.

Entrevistador: Então com um ano você ficou surdo por causa da meningite?

S9: Sim, isso.

Entrevistador: Sabe o grau de sua surdez? Você tem o exame de audiometria? Já fez um?

S9: Meu pai continuou em São Paulo e trabalhou para juntar dinheiro. Depois me levaram para o médico. Fizeram uma lavagem nos meus ouvidos. Depois comecei a usar aparelhos auditivos. Se batiam palma, chamavam a minha atenção. O barulho do motor de carros e motos me incomodava. Eu preferia não usar e os guardava. Minha cabeça doía muito, todo dia era assim. Fiz um exame em que me colocaram deitado num túnel de um equipamento. Depois me avisaram que não conseguiria ouvir e que teria que usar sinais ou gestos e mímicas. Meu pai não sabe sinais, mas minha mãe está se desenvolvendo na língua. Ela tem afinidade com a língua de sinais. Ela aceitou porque sou surdo. É difícil para ela, mas ela se esforça. Minha mãe abandonou o trabalho pra cuidar de mim, me ensinar e me orientar.

Entrevistador: Sua mãe gosta de aprender a língua de sinais?

S9: Quando trabalhava ela não tinha muito tempo para aprender. Mas depois que deixou de trabalhar, teve mais tempo para se dedicar. Está aprendendo. Ela utiliza o aplicativo quando quer me explicar alguma coisa. Ela fala e o aplicativo mostra como é na língua de sinais. Interagimos assim. Eu utilizo também o aplicativo escrevendo para mostrar como é o sinal de uma palavra. Meu irmão sabe um pouco da língua de sinais ou usa o alfabeto para soletrar as palavras para mim.

Entrevistador: Depois você me manda a foto do seu exame.

- 8) Entre dois e três anos comecei a usar em São Paulo, mas eu não gostava, sentia muito incômodo. Minha cabeça doía. Não consegui me adaptar, mesmo com os treinos. Depois de mais ou menos um ano, não quis mais usar até hoje. Prefiro língua de sinais, sou muito visual. Aprendi a falar algumas palavras, como “pai”, “mãe”, “café”, “amanhã” e entendo quando as pessoas as falam. Entendo também algumas frases curtas quando falam comigo.
- 9) Enquanto estava em São Paulo sim. Aqui em Porto Seguro em 2018 cheguei a ir a uma clínica por um mês, mas não gostei do atendimento e desisti. Fiquei sem tempo por causa do trabalho.
- 10) Quando eu tinha quatorze anos, aqui em Porto Seguro, uma Testemunha de Jeová começou a me ensinar a língua de sinais. Estava aprendendo quando ela foi embora. Senti muito por isso. Depois fui a primeira vez ao CEAME e lá tinha um casal de instrutores de Libras: o marido ouvinte e a esposa surda. Eles ensinavam bem. Depois eles foram embora e os profissionais que o substituíram não eram tão bons. Eu ficava confuso. Por causa disso deixei de frequentar as aulas. Depois soube que havia chegado um novo profissional. Gostei da aula. Com o tempo os surdos que tinham ali saíram e eu também precisei trabalhar.

Entrevistador: Você sabe bem a Libras?

S9: Completamente não, mas sei um pouco.

11)

	Escrita de palavras em Língua Portuguesa	Gestos e mímicas	Leitura labial	Língua Brasileira de Sinais – Libras	Oralidade
a) Com familiares		X			
b) Com amigos	-	-	-	-	-
c) Com pessoas no local onde estuda		X			
d) Com pessoas no local onde trabalha		X			
e) Com pessoas nos locais públicos ou privados na cidade		X			

a) Mais com a escrita, gestos e mímicas.

Entrevistador: E sua mãe, sabe língua de sinais?

S9: Um pouco, ela usa mais gestos e mímicas. Mas se ela não consegue me explicar, usa o aplicativo para falar comigo. Minhas irmãs usam também gestos e mímicas e o alfabeto manual. Com minha mãe me comunico mais.

b) Não tenho muitos amigos ouvintes porque eles zombam do surdo, caçoam (mordem a camisa). No trabalho também acontece isso. Eu suporto essa situação, volto pra casa e fico quieto. A minha mãe às vezes percebia que não ficava bem com isso e me perguntava por que eu estava com o semblante triste. Eu explicava que era porque caçoavam de mim por ser surdo. Teve uma vez que ela precisou conversar com os policiais para me defender. Eles pediram desculpa. Disseram que não entendiam que eu era surdo. Que pensavam que eu estava roubando e que quase atiraram em mim. Isso aconteceu quando eu era mais jovem em Coaraci.

Entrevistador: E aqui em Porto Seguro?

S9: Aqui tenho mais afinidade com os colegas ouvintes do trabalho. Eles já estão acostumados comigo. Conseguimos interagir. Fora isso, não tenho amigos ouvintes. Tenho mais contato com os colegas de trabalho. Converso com eles usando gesto ou mímica.

c) Na escola muitos tentavam falar comigo usando a oralidade, mas eu avisava que não estava entendendo. Eles então tentavam escrever pra mim, mas também não entendia muito. Eles pediam ajuda do professor que escrevia no quadro pra tentar me explicar.

Compreendia mais os gestos e mímicas que faziam. Quando eu tentava usar a língua de sinais eles riam de mim porque não entendiam, me chamavam de maluco. Eu percebia isso e tinha que aguentar e ficava quieto, sempre sério.

- d) Com meu chefe na empresa, usamos gestos e mímicas. Ele também escreve para mim indicando as lojas que tenho que ir.

Entrevistador: E nas lojas que você vai, quando você chega, como se comunica com as pessoas ali?

S9: Não consigo me comunicar com elas. Apenas me apresento ao responsável e uso gestos e mímicas para dizer que fui arrumar as prateleiras. Ele diz que tudo bem. Também me pede para limpar ou arrumar uma cessaõ. Depois que termino o serviço, o chamo para ver e ele me diz que está bom. Nossa comunicação é bem simplista.

Entrevistador: E a farda te ajuda na identificação?

S9: Sim. Os responsáveis me veem fardado e entende que vou fazer o serviço ali. Às vezes se aproximam de mim falando oralmente. Daí, aviso que sou surdo. Eles ficam sem graça. Tentam escrever no celular e me mostrar. Mas, às vezes não funciona. Então me chamam e tentam me mostrar com gestos e mímicas o que é pra eu fazer. Por exemplo, abanam o nariz para me mostrar que algo está sujo ou mal cheiroso e precisa ser limpo.

- e) Com gestos e mímicas. Em alguns lugares que eu vou também tento a escrita, mas é mais por gestos e mímicas.

- 12) Meus familiares me recebem bem quando eu os visito. Me chamam para comer alguma coisa, mas eles são muito ocupados. Hoje conseguimos interagir bem, mas no passado eu me sentia isolado deles e triste. Depois eles perceberam isso e buscaram se aproximar e interagir mais.

Entrevistador: Por que você se sentia excluído da família?

S9: Por exemplo, quando a família estava reunida eles ficavam conversando e eu ficava por fora das conversas, quieto. Tinha que ter muita paciência. Eles percebiam que eu estava isolado e mudavam de atitude me chamando para ficar entre eles. Usavam gestos e mímicas para perguntar se estava tudo bem comigo. Eu gostava disso. Me deixa pra cima.

Entrevistador: Você percebe que sua família te vê como uma pessoa doente, deficiente ou com pena de você por ser surdo, evitando se aproximar?

S9: Sim, porque constantemente acontecia de ficarem longe de mim. Eles acham a língua de sinais difícil. Eu precisava avisar que não estava participando da conversa e que eles poderiam tentar usar gestos e mímicas. Eles refletiam nisso e concluía que tinham que mudar e me incluir mais nessas ocasiões. Com isso se esforçaram para me incluir mais nas conversas. Agora me sinto melhor.

Entrevistador: Você acha que agora sua família te respeita mais?

S9: Acho que eles estão mudando de atitude. Antes eu não conseguia participar muito, voltava pra casa aborrecido. Ficava pensando o porquê dos ouvintes não darem importância aos surdos. Me sentia rebaixado.

- 13) Na escola se os colegas eram os mesmos a cada ano a interação era melhor. Tinha um

colega ouvinte que tinha mais afinidade. Quando o intérprete faltava, ele ia comigo até a Direção reclamar e pedir que a escola tomasse providências. Nos comunicávamos pela escrita. Se o intérprete faltava por algum motivo ele tentava me ajudar.

Entrevistador: Você acha que na escola os ouvintes te tratavam com preconceito?

S9: Em turmas em que eu era novo, os colegas faziam brincadeiras comigo como quando gritavam atrás de mim para ver se eu era surdo mesmo, querendo chamar minha atenção. Alguns riam de mim, mas eu fingia que não ligava.

- 14) Nas lojas aonde vou, inicialmente quase não há interação. As pessoas me observam e saem. Aos poucos, os que trabalham ali vão interagindo comigo um pouco mais, me saudando com um "tchau" e eu dou um sinal "positivo".

Entrevistador: Por que você acha que eles não interagem mais com você?

S9: Acho que algumas ficam receosas de me atrapalhar em serviço. Mas, às vezes, eu estou descansando um pouco e elas também não se aproximam. Parece que algumas percebem que eu sou surdo e isso se torna uma barreira para elas. Mas acho que podem interagir normalmente comigo. Quando acontece de virem me perguntar alguma coisa e eu indico que não ouço, elas ficam sem graça. Notando isso eu indico que elas podem falar com outra pessoa e eles ficam conversando. Percebo que isso é uma barreira e elas não conseguem se aproximar de mim.

Entrevistador: Acha que a interação entre ouvintes no seu trabalho é mais constante enquanto a que há com surdos demora mais a acontecer por que os ouvintes tem mais dificuldade em se aproximar?

S9: Sim, os ouvintes estão sempre conversando entre eles. Com os surdos a interação é mais devagar.

Entrevistador: Você acha que eles evitam aproximação por não conhecer a pessoa surda?

S9: Quando eles veem uma pessoa surda e não a conhecem, parece que eles têm receio de se aproximar, tirar atenção do surdo e provocar algum acidente. Com o tempo eles podem se acostumar com o trabalhador surdo e interagir mais com ele. Mas de modo geral, nas lojas em que trabalho, percebo que existe uma barreira por parte dos ouvintes. Eu e o meu chefe na empresa interagimos melhor. Mas com os demais não existe muita interação por que há essa barreira, e eles não conseguem.

Entrevistador: Nas lojas aonde você vai, algum ouvinte que trabalha ali sabe a língua de sinais?

S9: Nenhuma. Falam comigo sempre por gestos e mímicas. Elas me dizem para arrumar os itens na prateleira fazer a limpeza delas. Eu tenho que compreender os gestos e mímicas.

Entrevistador: Acha que os ouvintes ali tratam você com um pouco de desprezo ou preconceito?

S9: Antes, no grupo de trabalho percebia um pouco de desprezo. Os ouvintes se olhavam e faziam a expressão facial um para o outro de desprezo, como se pensassem: "Ah...! Ele é surdo". Mas eu não ligava. Alguns deles me cumprimentavam, mas eu permanecia sério, focado no trabalho. Me comporto assim até hoje.

- 15) Já fui com a minha mãe em alguns lugares como lojas e farmácias procurar por emprego. Mas nos pediam desculpas e diziam que não tinha vagas para surdos. Percebi que eles achavam o surdo inferior. Tirava as minhas conclusões e ficava calado. Outra vez fui a uma pizzaria, por que gostava do serviço de garçom, mas diziam que eu não saberia me comunicar com os clientes e anotar os pedidos. Minha mãe foi comigo a muitos lugares, mas não conseguíamos uma vaga de trabalho. Fomos ao shopping tentar uma vaga de serviços gerais, mas eles também me negaram uma oportunidade. Parece que eles achavam o surdo não competente. Mas não é assim, o surdo tem capacidade, eles que não reconheciam isso. Um pouco depois, um amigo surdo me chamou para trabalhar no mercado, como eu já expliquei. E em 2016, meu chefe, de coração aberto e de boa vontade, me chamou para trabalhar na empresa de bebidas. Minha mãe ficou aliviada. Admiro essa postura da empresa por que nos outros lugares eles me trataram como inferior. Lá, mesmo tendo a barreira da comunicação, conseguimos interagir com gestos e mímicas. Mas encaro isso com normalidade e tenho paciência. Eles tentam se comunicar comigo e eu vou entendendo. Nas lojas aonde eu vou, ainda percebo esta visão de inferioridade. Alguns fazem brincadeiras de mau gosto, caçoam ou mordem a camisa. Mas eu tento não ligar.

Entrevistador: Você então tentou uma vaga de trabalho em uma pizzaria, no shopping, e em mais algum lugar?

S9: Sim, também procuramos em um lava jato. Mas achavam que eu não conseguiria entender todos os procedimentos de limpeza. Achavam que o surdo era burro e não saberia fazer o serviço corretamente. Eu pensava: "não tem problema".

Entrevistador: Você achava que te viam como inferior por associar o surdo a uma pessoa deficiente, doente ou incapaz?

S9: Quando aconteciam essas coisas e viam que estavam zombando ou falando coisas depreciativas de mim, ficava por dentro pensando o porquê disso. Será que era alguma inveja ou raiva de mim? Mas preferia não ficar pensando nisso.

Entrevistador: Sabemos que o surdo assim como ouvinte pode desenvolver um bom trabalho, mas muitas pessoas desconhecem isso. Acham que o surdo é inferior, menos inteligente, o encarando como um deficiente ou doente. Você concorda?

S9: Minha mãe me explicava que sabia que eu sou inteligente e capaz de desenvolver o trabalho, mas que a maioria das pessoas não conhecia e não confiava no surdo, achando que eram menos capazes. Alguns receiam contratar o surdo por que acham que isso vai exigir mais cuidado ou ser um perigo. Mas os surdos conseguem ser profissionais e prestar muita atenção. Minha mãe sabia disso, mas os outros não conhecem a pessoa surda.

Entrevistador: Você vai a mercado, farmácia ou padarias?

S9: Quando vou passar as compras no caixa do mercado, tenho que avisar que sou surdo. Não consigo me comunicar com o caixa. Se ela precisar me dizer alguma coisa, ela escreve pra mim. Eu pago com o cartão e vou embora. Na farmácia tenho que usar gestos e mímicas para tentar explicar o que estou sentindo. O atendente me apresenta o remédio dizendo que é bom, eu aceito e vou pra fila. Se quero pegar outro item, converso com gestos e mímicas ou por escrito. Mas no mercado é mais difícil porque eles não entendem o que eu escrevo. Na farmácia é mais fácil. Eles conseguem me entender.

Entrevistador: E quando vai ao banco, médico ou precisa de assistência jurídica? Você consegue interagir?

S9: É muito difícil a comunicação. Preciso ir com a minha mãe para ela tentar me ajudar. Quando fui casar civilmente não havia intérprete. Eu precisei procurar por um intérprete que tivesse certificação. Isso foi em 2019. Quando vou ao médico a comunicação é difícil. Escreve para mim, mas é difícil eu entender tudo e não consigo explicar o que eu preciso. Acabo por tentar explicar que vou voltar depois. Daí eu chamo minha mãe pra ir comigo no outro dia. Tento explicar pra ela que estou sentindo dor de cabeça ou outros sintomas. Peço pra ela perguntar ao médico qual remédio devo tomar para o estresse ou quando estou tossindo.

Entrevistador: Acha que, na cidade, surdos e ouvintes interagem bem ou mal?

S9: Os surdos não estão inseridos no grupo dos ouvintes. Eles nos cumprimentam e continuam conversando entre eles e os surdos permanecem sempre calados e se afastam. Vejo isso acontecer constantemente.

Entrevistador: Entende esta atitude como sinal de que os surdos são considerados inferiores pelos ouvintes, uma demonstração de preconceito?

S9: Quando trabalhava no mercado, um dia sai para comprar um produto de um ambulante. Precisei fazer gestos e mímicas para explicar o que queria comprar. Percebi que as pessoas que passavam me observavam com estranheza, comentavam entre eles fazendo referência aos meus gestos e rindo. Deixei pra lá. Paciência. Pensei: “A vida era minha”. Também, no ponto, quando passava alguma lotação, me dirigia ao motorista avisando que era surdo. Ele fazia uma cara de que não estava entendendo. Ou quando tentava perguntar a alguém a se sabia que horas o próximo ônibus, me mostrava o horário no celular. Eles ficavam confusos. Também, para pegar um táxi, preciso escrever no celular. O taxista faz o sinal de positivo e me chama para entrar no carro. Tem o impasse da comunicação sempre.

Entrevistador: Tem vontade de que um dia isso mude?

S9: Tenho vontade de que os ouvintes façam um curso de Libras e para nos comunicar em língua de sinais. Seria um alívio pra mim. Poderíamos interagir sem barreiras. Não precisaria ficar mais preocupado. Quando fosse à farmácia seria a mesma coisa. Tenho vontade que isso aconteça no futuro. Agora não é assim.

Entrevistador: Acha que é possível uma mudança de visão dos ouvintes para com os surdos, no sentido de não os encararem como deficientes, doentes e incapazes, mas como iguais e capazes, tendo uma interação melhor entre eles?

S9: Seria muito bom se fosse ao médico ou a farmácia e conseguisse e conseguisse me comunicar em língua de sinais ali. Tenho receio de ir sozinho ao médico e acontecer alguma coisa de mal comigo. Por isso, sempre vou com a minha mãe. Gostaria de ter a possibilidade, por exemplo, de ir às consultas ou marcar procedimentos cirúrgicos sozinho com a ajuda de alguém que soubesse a língua de sinais. Existem outras várias situações, mas essa não é uma possibilidade agora. Quem sabe, no futuro.

Entrevistador: Você frequenta alguma religião?

S9: Em 2012, fui a uma religião. Lá colocaram a mão na minha cabeça e os dedos nos meus ouvidos. Mas não adiantou nada. Também, os ouvintes ficavam conversando e eu sentado, calado. Parei de frequentar. Depois encontrei o grupo das Testemunhas de Jeová. Fui a uma reunião e gostei. Vi que as pessoas se comunicavam em Libras ali. Gostei

muito. Quando era menor de idade, minha mãe me levava. Não sabia pegar ônibus. Depois que peguei a prática, minha mãe deixou de me acompanhar. Eu tinha passe livre e minha mãe não tinha dinheiro para gastar com passagens. Um voluntário das Testemunhas de Jeová me acompanhava ao ir e voltar das reuniões. Depois comecei a ir sozinho. Deixei de frequentar por um tempo. Mas depois que comecei a trabalhar, em 2015, passei a frequentar regularmente. Os ouvintes e surdos ali interagem bastante.